

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
INFORMAÇÃO

O COMENTÁRIO ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO NO RÁDIO DE PORTO
ALEGRE: UMA ANÁLISE DAS NOVAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS
NA FASE DE CONVERGÊNCIA

Carlos Gustavo Soeiro Guimarães

PORTO ALEGRE

2018

Carlos Gustavo Soeiro Guimarães

**O COMENTÁRIO ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO NO RÁDIO DE PORTO
ALEGRE: UMA ANÁLISE DAS NOVAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS
NA FASE DE CONVERGÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação

Linha de pesquisa: Jornalismo e Processos Editoriais

Orientador: professor doutor Luiz Artur Ferraretto

Porto Alegre
Fevereiro 2018

Carlos Gustavo Soeiro Guimarães

**O COMENTÁRIO ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO NO RÁDIO DE PORTO
ALEGRE: UMA ANÁLISE DAS NOVAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS
NA FASE DE CONVERGÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação

Aprovado em: ____ de ____ 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto (orientador)
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Dóris Fagundes Haussen
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Wanderlei de Brito
FSG - Faculdade da Serra Gaúcha

Quando eu via meu avô, Lúcio, falando sozinho e xingando os comentaristas numa transmissão esportiva, achava que ele falava sozinho. Hoje, eu sei que não. Para ele e para todos os milhares de comentaristas espalhados por aí. Para ele e para todos os apaixonados pela magia do rádio.

AGRADECIMENTOS

Não sou muito bom com nomes, sempre esqueço alguém. Por isso, meus sinceros agradecimentos aos que entenderam a importância desse trabalho. Aos que entenderam a importância desse trabalho para mim. Do meu orientador, Luiz Artur Ferraretto, ao meu ouvinte que se interessou pela pesquisa, muito obrigado!

Em especial, à minha mãe, Mara. Sem ela, nada disso seria possível. Mesmo.

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar novas práticas dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre dentro da chamada fase de convergência do rádio brasileiro (FERRARETTO, 2012). Considera-se como parâmetro teórico a economia política da comunicação, dando conta do predomínio, no Rio Grande do Sul, do rádio como empresa em busca de lucro, cuja programação interfere na sociedade gaúcha (FERRARETTO, 2007). Parte-se da hipótese de que há uma transformação nos modos de produção de conteúdo dos comentaristas esportivos. Com isso, analisa-se estas práticas a partir do campo do radiojornalismo esportivo (ALCOBA LÓPEZ, 2005) e do futebol (DAMATTA, 1982), dentro de um cenário de convergência (JENKINS, 2008) e da vigência de uma fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, jul.-dez.2002). Com o pressuposto de que o rádio se transfigura também pela influência de outras mídias (FIDLER, 1998), entende-se que os comentaristas esportivos atuam, em sua contemporaneidade, sob o prisma de novas práticas profissionais, provocadas pela convergência. Com isso, propõe-se o problema fundamental: como este novo modelo opera no rádio esportivo de Porto Alegre? O objetivo do trabalho é analisar esta nova configuração no modelo das práticas profissionais dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre, visto que este tipo de conteúdo ocupa boa parte da programação das emissoras analisadas: Bandeirantes, Gaúcha, Grenal e Guaíba, as quatro rádios que realizam a cobertura sistemática de futebol. Utilizando a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) como metodologia principal, o foco se dá em quatro eixos, propostos em artigo que serve como embrião deste estudo, produzido por Guimarães e Ferrareto (2016). Tratam-se das características propostas como fundamentais para o comentário contemporâneo: audiência criativa, utilização de dados para a análise, aproximação com o campo do desporto e pluralidade de gêneros jornalísticos no conteúdo do comentário. Faz-se, a partir desta análise de conteúdo, um cruzamento com entrevistas realizadas com os profissionais, através da metodologia da história oral. O resultado aponta para a existência destas novas práticas e a presença das características em boa parte dos profissionais que servem como *corpus* da pesquisa. Entretanto, ainda não é um modelo que se possa considerar amplamente hegemônico.

Palavras-chave: Rádio esportivo; Comentário esportivo; Jornalismo esportivo; Economia política da Comunicação; Convergência.

ABSTRACT

This research intends to analyze new practices of the sports commentators in the radio of Porto Alegre within the so called phase of convergence of the Brazilian radio (FERRARETTO, 2012). It is considered as a theoretical parameter the political economy of communication, accounting for the predominance, in Rio Grande do Sul, of the radio as a company in search of profit, whose programming interferes in the society of Rio Grande do Sul (FERRARETTO, 2007). It starts from the hypothesis that there is a transformation in the modes of content production of sports commentators. Thereby, these practices are analyzed from the field of sports radiojournalism (ALCOBA LÓPEZ, 2005) and football (DAMATTA, 1982), within a convergence scenario (JENKINS, 2008) and the validity of a Multiplicity of Supply phase (BRITTOS, jul-dec.2002). With the assumption that radio is also transfigured by the influence of other media (FIDLER, 1998), it is understood that sports commentators act, in their contemporaneity, under the prism of new professional practices, caused by convergence. With this, the fundamental problem is proposed: how does this new model operate in Porto Alegre sports radio? The objective of this work is to analyze this new configuration in the model of the professional practices of sports commentators in Porto Alegre radio, since this type of content occupies a good part of the programming of the analyzed stations: Bandeirantes, Gaúcha, Grenal and Guaíba, the four radios that have systematic coverage of football. Using the content analysis (BARDIN, 2016) as the main methodology, the focus is on four axes, proposed in an article that serves as the embryo of this study, produced by Guimarães and Ferraretto (2016). These are the characteristics proposed as fundamental for the contemporary commentary: creative audience, use of data for analysis, approximation with the field of sports and plurality of journalistic genres in the content of the commentary. From this analysis of content, a cross-examination with interviews with the professionals, through the methodology of oral history, is made. The result points to the existence of these new practices and the presence of the characteristics in most of the professionals that serve as *corpus* of research. However, it is not yet a model that can be considered widely hegemonic.

Keywords: Sports radio; Sports comment; Sports journalism; Political economy of communication; Convergence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Adaptação do modelo de François Jost ao conteúdo radiojornalístico.	48
Figura 2: Modelo de narração em diagonal utilizada nas primeiras irradiações.	55
Figura 3: Modelo de planilha utilizado pelo comentarista esportivo	94
Figura 4: Disposição em campo da equipe do Grêmio conforme modelo apresentado pelo software Tacticalpad.	102
Figura 5: Estatísticas detalhadas das campanhas de Grêmio e Club Atlético Lanús na Copa Libertadores da América de 2017.	103
Figura 6: Mapa de calor do jogador Arthur, do Grêmio, no confronto contra o Fluminense, pelo Campeonato Brasileiro de 2017.	104
Figura 7: Mapa de calor do jogador Arthur, do Grêmio, no confronto contra o Fluminense, pelo Campeonato Brasileiro de 2017.	104
Figura 8: Publicação de Luiz Carlos Reche no Twitter.	128
Figura 9: Mapa de desarmes do time do Atlético Mineiro publicado no blog Esquemão (2016).	139
Figura 10: Publicação do analista Gustavo Fogaça no Twitter.	140
Figura 11: Interação do analista Gustavo Fogaça com a audiência pelo Twitter.	141
Figura 12: Publicação de Alex Bagé no Twitter.	151
Figura 13: Publicação de Nando Gross no Twitter.	160
Figura 14: Publicação de Cristiano Oliveira no Twitter.	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Esporte preferencial de residentes no Brasil com 15 anos ou mais que praticaram alguma modalidade, no período de referência de 365 dias (2015).	30
Tabela 2: Porcentagem da programação dedicada ao esporte nas quatro emissoras que produzem radiojornalismo esportivo em Porto Alegre.	52
Tabela 3: Lista das rádios inseridas no segmento de jornalismo em Porto Alegre.	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Proposta de periodização da história do rádio no Brasil .	50
Quadro 2: Funções na jornada esportiva.	56
Quadro 3: Mecânica na cobertura da jornada esportiva.	57
Quadro 4: Lista dos valores-notícia proposta por Traquina.	63
Quadro 5: Detalhamento dos períodos do comentário esportivo em Porto Alegre na proposta de periodização.	85
Quadro 6: Glossário de novos termos utilizados para a análise de futebol.	99
Quadro 7: Lista de sites, aplicativos e perfis em redes sociais que abordam os assuntos de análise tática, análise de desempenho e dados coletivos e individuais dos atletas.	105
Quadro 8: Análise do comentário de Luiz Carlos Reche, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2016.	120
Quadro 9: Análise do comentário de Ribeiro Neto e Luiz Carlos Reche, no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.	123
Quadro 10: Análise do comentário de Adroaldo Guerra Filho, do jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2016.	132
Quadro 11: Análise de Wianey Carlet, em Grêmio c Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.	134
Quadro 12: Análise de Alex Bagé, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2017.	143
Quadro 13: Análise de Alex Bagé, no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.	146
Quadro 14: Análise de Nando Gross, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2016.	153
Quadro 15: Análise de Nando Gross, no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.	155

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Dinâmica da fusão dos campos do jornalismo e do esporte.....	23
Gráfico 2: Formação do processo de opinião pelo jornalista (modelo do autor).	65
Gráfico 3: Formação do processo de opinião do comentarista esportivo na jornada (modelo proposto pelo autor).	74
Gráfico 4: Esquema com as características da fase do jornalismo esportivo convergente (modelo do autor).	87
Gráfico 5: Esboço do esquema de emissão do comentarista contemporâneo e a coexistência dos gêneros jornalísticos.	109
Gráfico 6: Esquema resumido da análise.	119

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O CAMPO DO RÁDIO ESPORTIVO NA CONTEMPORANEIDADE	21
2.1 O campo do esporte	23
2.1.1 <i>Esporte das massas: o futebol como modalidade mais popular do planeta</i>	26
2.1.2 <i>O futebol no Brasil: do “esporte bretão” ao “país do futebol”</i>	29
2.1.3 <i>O futebol em Porto Alegre: a formação da rivalidade Grenal</i>	33
2.2 O campo do jornalismo esportivo.....	37
2.2.1 <i>Futebol: entretenimento ou jornalismo?</i>	39
2.2.2 <i>O jornalismo esportivo: editoria especializada</i>	42
2.3 O rádio esportivo: entre o imaginário e o jornalístico	45
2.3.1 <i>O rádio como indústria cultural e o rádio esportivo como negócio</i>	49
2.3.2 <i>A jornada esportiva e o radiojornalismo de futebol</i>	54
3 O COMENTÁRIO ESPORTIVO	60
3.1 Os âmbitos da opinião: a empresa, o público e o jornalista	60
3.2 A opinião do jornalista: a questão técnica e a objetividade.....	63
3.3 Gêneros jornalísticos no rádio	68
3.4 Entre a crônica e a análise: situando conceitualmente o comentário esportivo.....	72
4 O COMENTARISTA CONTEMPORÂNEO	75
4.1 Proposta de periodização do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre.....	76
4.2 O comentarista contemporâneo no rádio de Porto Alegre: características fundamentais ..	86
4.2.1 <i>O ambiente da convergência</i>	87
4.2.2 <i>A audiência criativa</i>	90
4.2.3 <i>Os dados como fonte de recurso para a opinião</i>	93
4.2.4 <i>O campo do esporte agindo sobre o comentário</i>	97
4.2.5 <i>A coexistência de gêneros jornalísticos: o opinativo e o interpretativo</i>	107
5 IDENTIFICANDO O COMENTARISTA ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO	111
5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa	112
5.1.1 <i>Pesquisa bibliográfica</i>	112
5.1.2 <i>Pesquisa em mídia sonora</i>	112
5.1.3 <i>História oral</i>	113
5.1.4 <i>Análise de conteúdo</i>	114
5.2 Aplicação metodológica e esquema da análise.....	116
5.2.1 <i>Rádio Bandeirantes</i>	119
5.2.1.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro	120
5.2.1.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro	123
5.2.1.3 Resultados da análise	127
5.2.2 <i>Rádio Gaúcha</i>	131
5.2.2.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro	131
5.2.2.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro	134
5.2.2.4 Resultados da análise	137
5.2.3 <i>Rádio Grenal</i>	143
5.2.3.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro	143
5.2.3.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro	146
5.2.3.3 Resultados da análise	150
5.2.4 <i>Rádio Guaíba</i>	152
5.2.4.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro	153

5.2.4.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro	155
5.4.2.3 Resultados da análise	158
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
7 REFERÊNCIAS	170
8 APÊNDICES	177
8.1. Entrevista: Luiz Carlos Reche	177
8.2. Entrevista: Ribeiro Neto	179
8.3. Entrevista: Maurício Saraiva	181
8.4. Entrevista: Adroaldo Guerra Filho (Guerrinha)	183
8.5. Entrevista: Gustavo Fogaça	185
8.6. Entrevista: Alex Bagé	187
8.7. Entrevista: Nando Gross	189
8.8. Entrevista: Cristiano Oliveira	193

1 INTRODUÇÃO

O modelo tradicional das jornadas esportivas¹ no rádio apresenta ao público os seguintes profissionais: o narrador, responsável pela descrição dos lances; o comentarista, que tem como função principal a análise dos acontecimentos da partida; o repórter, que fornece as informações através de entrevistas e depoimentos sobre os fatos da partida e o plantão esportivo, que é o encarregado de abastecer a transmissão com dados sobre o jogo em si e informar sobre outros acontecimentos paralelos à partida principal, como resultados de outros jogos, tabela de classificação e número de gols dos jogadores. Identifica-se este padrão nas quatro emissoras de rádio que operam por ondas hertzianas em Porto Alegre e que fazem transmissões esportivas²: Rádio Bandeirantes, Rádio Gaúcha, Rádio Grenal e Rádio Guaíba.

Hoje, o noticiário esportivo³ ocupa um percentual considerável na programação das rádios que realizam a cobertura de, especialmente, futebol. As quatro emissoras que serão objetos de estudo nesta pesquisa pertencem ao mesmo segmento, o jornalístico, que tem, entre suas características, a cobertura intensiva de acontecimentos culturais, econômicos, políticos e sociais, não raro do seu palco de ação, sem descuidar dos grandes eventos esportivos (FERRARETTO, 2014, p. 50). A partir desta categorização, chega-se ao percentual dedicado ao esporte de cada emissora, com uma particularidade significativa. A Rádio Grenal apresenta conteúdo integralmente voltado para o esporte. De acordo com Guimarães e Ferraretto (2017), a Gaúcha, em 2017, dedicou oito horas e meia de média diária em atrações com conteúdo voltado especialmente para o esporte na grade de segunda a sexta. Em números percentuais, pouco mais de um terço da grade de programação da emissora – 35,4% – é composto essencialmente por programas de radiojornalismo esportivo. Na Guaíba, o conteúdo esportivo representou cinco horas e quarenta minutos do espaço utilizado na grade, com percentual de 22,5% de ocupação diária. Já na Rádio Bandeirantes, o esporte ocupou 25%. A Grenal, por ser voltada exclusivamente para esta temática, possui 100% de programação esportiva que é irradiada ao vivo. Com isso, a

¹ A transmissão da partida em si.

² A Rádio Grêmio Umbro transmite partidas, mas não se enquadra no perfil das demais elencadas por duas razões: (1) não possui uma cobertura sistemática de radiojornalismo esportivo, reduzindo sua operação apenas às transmissões; (2) opera no dial 90,3 FM, que é sublocado pela Rádio Felicidade FM LTDA, cuja razão social é da cidade de Novo Hamburgo (RS), e não de Porto Alegre, distanciando-se, portanto, do objeto proposto para análise.

³ Embora as quatro rádios contemplem pautas e programas específicos para diversas modalidades esportivas, como automobilismo, lutas, esportes radicais e esportes olímpicos, as jornadas esportivas, exceto em período de Olimpíada ou de decisões, são voltadas para o futebol. O apelo popular do esporte e a paixão pelo clube fazem com que o direcionamento de conteúdo seja voltado para o acompanhamento dos jogos. As emissoras que fazem cobertura sistemática de jornalismo esportivo, ou seja, possuem um departamento específico voltado para a área, aderem a uma rotina de produção que pretende alcançar os detalhes do cotidiano dos dois maiores clubes de Porto Alegre, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional. A ocupação do futebol na grade esportiva, por ter esta abrangência, é considerável o suficiente para que se tenha a restrição no objeto de pesquisa. Trata-se, neste estudo, portanto, de comentarista esportivo aquele que foca sua análise no futebol.

inclusão do noticiário esportivo para o público, anunciantes e profissionais é bastante relevante.

A entrada da internet e a disseminação das redes sociais impactaram nas práticas profissionais e de estratégias das emissoras radiofônicas. O processo de produção de conteúdo afetou métodos e formatos que eram tradicionais nas práticas dos profissionais que trabalham com esporte. Quando se trata do rádio, há uma considerável gama de estudiosos que se aplicam em verificar as novas relações de produção nas emissoras comerciais. Com estes parâmetros de emissão e de recepção, é evidente a ruptura em arquiteturas até então hegemônicas. Os modelos globais, assim como seus conteúdos, vêm se incorporando em programações e práticas, gerando um novo modelo nas práticas profissionais dos jornalistas esportivos.

O comentarista é uma peça fundamental neste processo. Cabe a este profissional identificar as situações técnicas e táticas da partida, apontar problemas, sugerir soluções e mapear os dados relevantes do acontecimento para repassar ao público da jornada esportiva. No rádio brasileiro, o comentário esportivo existe desde a década de 1940 (GUERRA, 2002, p.21). No rádio de Porto Alegre, a figura do comentarista apareceu com esta nomenclatura somente em meados dos anos 1950 (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). Com o passar dos anos, sua presença se solidificou na transmissão esportiva. O crescimento aconteceu conforme a evolução e o aumento de importância e relevância das jornadas. As transformações sociais, tecnológicas e organizacionais impactaram sobre suas práticas profissionais.

Um estudo inicial, chamado *O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica* (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016), abordou a trajetória do comentarista esportivo no rádio de Porto Alegre. A partir do marco inicial, o início dos anos 1950 até os tempos atuais, estabeleceu-se uma linha do tempo que demarcou pontos de corte que ilustraram as diferenças de características entre cada período. Considera-se este artigo⁴ uma primeira abordagem sobre o tema da pesquisa presente. Neste estudo, verificou-se que há alterações no enfoque que parte dos comentaristas, demarcando os já mencionados pontos de corte. São eles:

a) *fase da crônica esportiva*, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970, marcada por uma estrutura narrativa mais próxima da crônica;

b) *fase do jornalismo esportivo*, de meados dos anos 1960 até o início do século 21, em que começa a se destacar o tratamento jornalístico do comentário;

c) *fase do jornalismo esportivo convergente*, da segunda metade da década de 1990 até

⁴ Artigo apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora dentro do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2016.

a atualidade, objeto de estudo da pesquisa, na qual passam a ser usadas novas referências técnicas na análise.

O trabalho presente tem a intenção de analisar a última fase do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre. Entretanto, para realizar esta delimitação no tema, é imperativo que se faça uma recuperação histórica de como se conformou o modelo dominante existente no rádio de Porto Alegre a partir da segunda metade do século 20. A base referencial principal é o estudo de Luiz Artur Ferraretto apresentado em *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de formação na segunda metade do século 20* (2007). Para Ferraretto, “se analisa o rádio do Rio Grande do Sul como empresa em busca de lucro, cuja programação interfere culturalmente na sociedade gaúcha” (FERRARETTO, 2007, p.22). Com este pressuposto, investigado a partir de exames acerca de como se estruturaram as significativas alterações sociais e do próprio meio, verifica-se a manifestação de que esta relação pode ser considerada bilateral, com igual influência da sociedade sobre o meio, deflagrando as alterações apontadas na perspectiva histórica da radiodifusão.

Schudson (In: JANKOWSKI; JENSEN, 1993) chama de história das instituições esta linha que questiona as maneiras com que se desenvolvem as instituições de comunicação de massa. No entanto, por ser uma pesquisa que analisa não propriamente um modelo institucional, embora haja uma ligação direta das relações entre poder – linha editorial – com os atores que representam este processo – os comentaristas esportivos –, há a necessidade de um aporte no que Schudson classifica como a história propriamente dita, que “considera a reação dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social e aborda a pergunta: de que modo influenciam as mudanças na comunicação e como se veem influenciados por outros aspectos de mudança social?” (SCHUDSON in JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 214).

Busca-se, logo, na economia política da comunicação o amparo necessário para compreender estas alterações que caracterizam o momento do comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre, compreendendo que as transformações na história das emissoras comerciais seguem uma lógica capitalista, seguindo a linha de Ferraretto (2007, p.15), na qual as opções teórica e metodológica adotadas consideram o rádio como um ramo particular de investimento e reprodução do capital, admitindo uma transição ao plural da ideia frankfurtiana de *indústria cultural*. Para Mattelart e Mattelart (2014, p.113), a economia política da comunicação se encaminha para uma reflexão que não versa mais sobre *a indústria cultural*⁵, mas sobre

⁵ Adota-se nesta pesquisa o conceito de indústria cultural de Ramón Zallo: “Um conjunto de ramificações, segmentos e atividades industriais produtoras e distribuidoras de mercadorias com conteúdos simbólicos, concebidas

as indústrias culturais, tratando-se de penetrar na complexidade dessas diversas vertentes industriais para tentar compreender o processo crescente de valorização das atividades culturais pelo capital, atrelando suas mudanças a finalidades mercadológicas e com uma organização comercial capitalista. Mosco (1996, p.27-38) destaca as características básicas da economia política da comunicação:

a) a priorização da *mudança social* e da *transformação histórica*, que, para os teóricos marxistas, passa, necessariamente, por um exame da dinâmica do sistema capitalista;

b) a tentativa de compreender a *totalidade social*, ou seja, a identificação de elos dos campos econômico e político com o amplo entorno cultural e social, sendo, portanto, básica a ideia da observação do objeto de estudo em um contexto mais abrangente;

c) a inclusão de uma perspectiva em que se destaca uma espécie de *filosofia moral*, objetivando explicitar posições éticas a respeito de práticas econômicas e políticas, muitas vezes mascaradas pelos interesses envolvidos nestas;

d) a abordagem considerando a *questão da práxis*, ou seja, a relação que se estabelece entre o ser humano e seu entorno, produzindo e transformando o mundo e a si mesmo.

Entretanto, verifica-se que nem todas as características listadas incidem sobre a pesquisa, notando-se uma relevância maior no item (a), a *priorização da mudança social e da transformação histórica*. A partir, essencialmente, desta abordagem, este objeto será analisado tomando como base autores que contribuíram no sentido de traçar o panorama atual dos processos comunicacionais contemporâneos. O primeiro referencial é o conceito de *multiplicidade da oferta*, de Brittos (2002). A partir do autor, busca-se entender as relações do rádio – meio tratado aqui como foco primordial da pesquisa – e dos outros meios, fundamentando a ideia de que a tecnologia e a evolução de outros sistemas consideravelmente transformam e influenciam os enfoques dados pelos jornalistas. Este conceito se fortalece através do crescimento das possibilidades de consumo das notícias especialmente através da tecnologia, que serviu como grande catalisadora destas mudanças, em algo que Brittos (2002, p.52) chama de movimento estruturante. Com isso, vai-se ao encontro do que Ferraretto e Kischinhevsky (2010) relatam como uma mudança gerada pelas possibilidades de integração do rádio com as plataformas digitais, em um cenário de crescente convergência, que reconfiguram a lógica do meio. Tais comportamentos são manifestados no sentido da convergência dos meios (JENKINS, 2008), gerando uma demanda que acontece de fora para dentro, através da internet e o consequente aparecimento de um novo tipo de audiência, chamada por Castells (2015) de audiência criativa.

por um trabalho criativo, organizadas por um capital que se valoriza e destinadas, finalmente, aos mercados de consumo, com uma função de reprodução ideológica e social”. (ZALLO, 1988, p.26).

Estas são as causas principais que desenham o cenário predominante para o comentarista esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre. O presente trabalho busca relacionar estes produtores de efeitos (as causas) com os produtos dos efeitos (as consequências). Estes resultados são gerados, essencialmente, através do impacto da tecnologia sobre o meio e das alterações na sociedade capitalista sobre os processos produtivos de meios, veículos e profissionais. Estas consequências reproduzem diversas características, abordadas de forma embrionária por Guimarães e Ferraretto (2016). São elas: (a) **relação com a audiência criativa**: análise das redes sociais e de que forma se dá este comportamento (se há interação entre comentarista e audiência) e se há uma interação com o ouvinte na veiculação da opinião pelas ondas sonoras; (b) **análise do jogo baseada em dados**: se o comentarista utiliza aplicativos e ferramentas que auxiliam no comentário; (c) **aproximação com o campo do esporte**: se há apropriação de termos específicos e se a análise transcende o simples campo da observação técnica (como, por exemplo, análise tática da partida); (d) **utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo**, se o comentarista presta algum tipo de informação ou de elementos interpretativos na emissão do comentário. Assim, chega-se à hipótese de que o comentarista contemporâneo no rádio de Porto Alegre atua sob tais parâmetros anteriormente esboçados.

No primeiro capítulo, a abordagem se dá em torno da fusão dos campos do esporte e do jornalismo esportivo, de acordo com os conceitos de campo de Bourdieu (2011). O pensamento de Bourdieu é necessário para estabelecer as correntes que ligam duas áreas de conhecimento distintas – o jornalismo e o esporte. A partir desta conexão, a pesquisa debruça-se sobre o futebol, que é o esporte mais popular no Brasil e detentor da maior parcela de cobertura jornalística nas emissoras analisadas. O elo entre estes dois parâmetros é feito através de DaMatta (1982), que aponta o futebol como algo que caminha com a sociedade, ou seja, impossível de ser dissolvido das transformações sociais, e de Traquina (2013), que identifica o campo do jornalismo. A partir da união entre estes dois eixos, forma-se, a partir da especialização (Alcoba López, 2005), o jornalismo esportivo, que muitas vezes é confundido com entretenimento. A partir desta intersecção e destas diferenciações, o capítulo abordará os caminhos que foram percorridos pela evolução do futebol, sua popularização e a sua consagração como evento midiático, além da formação da rivalidade entre o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional, os dois clubes gaúchos que produzem os acontecimentos cobertos pelas emissoras de rádio de Porto Alegre. A partir disto, o rádio surge como veículo companheiro das partidas, popularizando-se e sistematizando um modo de produção que assume o jornalismo esportivo como um de seus principais produtos, com base teórica em Ferraretto (2007), Guerra (2002), Ortriwano (1985) e Soares (1994). O capítulo busca suporte, portanto, através de como

foram construídas simultaneamente as culturas do futebol em Porto Alegre e do radiojornalismo esportivo na capital.

No segundo capítulo, o enfoque será em torno da figura do comentarista de futebol, que é o objeto principal de estudo. Enfoca o processo de formação da opinião, em três âmbitos propostos por Beltrão (1980): a opinião do editor, a opinião do leitor (ouvinte) e a opinião do jornalista. No percurso, aborda-se a constituição da opinião jornalística e, particularmente, a formatação de um comentário esportivo. Entre os parâmetros colocados, toma-se como base a conceituação de Marques de Melo (2003) a respeito dos gêneros jornalísticos. Por fim, chega-se a uma proposta conceitual do que é o comentarista esportivo, com referências em Ferraretto (2014), Guerra (2002) e Barbeiro e Rangel (2015).

O terceiro capítulo é o detalhamento da fase que é objeto fundamental do estudo, justamente a última fase, abordada de forma inicial no artigo mencionado. Chamada de *fase do jornalismo esportivo convergente*, este capítulo busca analisar as características essenciais deste período, com um processo analítico mais desenvolvido do que foi colocado no enfoque inicial. A partir de seu surgimento, no início dos anos 1940 (Guerra, 2002; Soares, 1994), para sua implantação no Rio Grande do Sul (Dalpiaz, 2002; Guimarães e Ferraretto, 2016), passando pelos períodos da *fase da crônica esportiva* e da *fase do jornalismo esportivo*, o trabalho passa a desenvolver estes períodos para referenciar o momento atual, entendendo que o processo para construção de um novo modelo é dinâmico e caminha simultaneamente com as alterações tecnológicas, sociais e econômicas globais. Além das referências já utilizadas que servem como causa (produtor de efeito) da fase atual, outros autores são agregados para encorpar o estudo e relacionar as consequências (produtos do efeito). Busca-se em Meyer (1973) a intenção de relacionar jornalismo e ciência, com técnicas que consistem em navegação e busca na internet, utilização de planilhas de cálculo e bancos de dados, que servem para colher e processar informação. Ao encontro do conceito de Meyer, uma característica fundamental do comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre é a abordagem através do embasamento obtido por dados que são gerados através dos acontecimentos do jogo. Tais dados são buscados através de análises geradas por analistas que pertencem a um campo distinto da comunicação, o campo do esporte. Com isso, surgem elementos que se incorporam aos métodos tradicionais do comentário, auxiliando para a compreensão dos detalhes da partida de futebol. Tais aplicações, oriundas do campo do esporte, têm como base os estudos de Wilson (2015) e Garganta (1997), que servem de referência para analisar a aproximação dos jornalistas com o campo desportivo, estimulados pelas possibilidades que novos aplicativos e pelo acesso a cursos de especialização e específicos, além do acesso a uma bibliografia sobre tais dispositivos que cresceu nos últimos

tempos. Com isso, o comentário, uma seção predominantemente opinativa, ganha contornos de interpretação pelo ouvinte. A base referencial no que diz respeito aos estudos de gêneros jornalísticos se concentra nos apontamentos levantados por Beltrão (1980), Melo (1985) e Melo e Assis (2010) e estes conceitos aplicados ao rádio (LUCHT In: MELO; ASSIS, 2010). Trabalha-se, portanto, com a reconfiguração do conceito de que o jornalista é o responsável pelo segmento de opinião, uma vez que, entre as características da fase do jornalismo esportivo convergente, é o gênero interpretativo ganhar força.

Na quarta parte do trabalho, há a aplicação do principal processo metodológico para realização do estudo: a análise de conteúdo. Ao longo da pesquisa, outros métodos, como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa em mídia sonora e a história oral também serão utilizados, a fim de cruzar os dados para a efetivação de um resultado mais preciso. Estas demais técnicas já aparecem ao longo da dissertação. Nesta parte, a aplicação da análise de conteúdo toma como recomendações Bardin (2016), a partir das etapas propostas por ela e que serão explicadas neste capítulo, bem como os demais procedimentos metodológicos utilizados ao longo do trabalho.

Por fim, chega-se à conclusão do estudo, que corresponde a alcançar o objetivo central de analisar esta nova configuração no modelo das práticas profissionais dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre. Desta forma, pretende-se dar corpo a esta pesquisa, considerando características da *fase do jornalismo esportivo convergente* ou *comentário esportivo contemporâneo*, nomenclaturas pelas quais este novo modelo será denominado neste trabalho. Assim, busca-se como resultado verificar as semelhanças e diferenças entre as fases, se o objeto pende mais para qual gênero, se há a utilização dos dispositivos e interações explicadas na hipótese e de que forma estas características se manifestam atualmente no radiojornalismo esportivo hertziano de Porto Alegre, a partir dos profissionais atuantes nas quatro emissoras analisadas - Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba⁶.

⁶ O autor da pesquisa atua também como comentarista esportivo na Rádio Guaíba.

2 O CAMPO DO RÁDIO ESPORTIVO NA CONTEMPORANEIDADE

Este trabalho parte do princípio da existência de dois eixos: o esporte e o jornalismo. O rádio, objeto desta pesquisa, é um dos meios em que estes polos são operados em conjunto, não em oposição. A análise ocorre quando as duas pontas se encaixam, interseccionando-se para que se estabeleça um ponto de encontro destas duas áreas de conhecimento. Ressalta-se que esta convergência também pode habitar em outros ambientes no campo do jornalismo, como a televisão, a internet e o jornal. No campo do esporte, aparece nos serviços de assessoria de imprensa, comunicação institucional ou mesmo no treinamento de atletas de alto rendimento. O jornalismo esportivo é a derivação desta união. Contudo, pela ampla atribuição dada ao esporte como elemento lúdico e de lazer, há correntes que classificam o jornalismo esportivo como um organismo de entretenimento. Existem diferentes ramos de atuação para o jornalismo esportivo, com diversas nomenclaturas designadas para classificar a cobertura esportiva no âmbito da imprensa. Centra-se, aqui, nestes dois campos com particularidades, operações e desenvolvimentos separados que, quando se fundem, geram um subcampo, chamado aqui de jornalismo esportivo⁷.

Para ilustrar estes dois ambientes aparentemente descontraídos e explicar como funciona a intersecção destas duas áreas para a formação do jornalista esportivo, é necessário um breve histórico acerca dos conceitos de Pierre Bourdieu de *habitus* e *campo* na sociologia. Resumidamente, o *habitus* é um conhecimento adquirido, mas também um agente em ação. Eles operam ambientes sociais, com regras, normatizações e padrões determinantes, com ações individuais ou coletivas que visam a alteração ou manutenção de sua dinâmica social. Bourdieu chama este conjunto de normas de *habitus*:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU In: ORTIZ, 1983, p.61).

O conceito de campo social se relaciona com o de *habitus*. No caso, o *habitus* é o sistema em que agentes produzem, combinam, reproduzem, criam, interferem e provocam ações oriundas através de padrões sociais específicos. O universo onde estas ações são realizadas é chamado por Bourdieu de *campo*:

[...] um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. [...] É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta [...] suas

⁷ Alguns autores classificam esta fusão como *mídia esportiva*, *entretenimento esportivo* ou *esporte na mídia*.

tomadas de posição. (BOURDIEU, 2004, p.23).

Sinteticamente, *campo* é o local onde há a produção de conhecimento específico. Inicialmente, Bourdieu teve a intenção de indicar uma direção à pesquisa, como forma de atribuir sentidos para autonomias diferentes de áreas específicas.

Assim, para construir realmente a noção de *campo*, foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do campo intelectual como universo relativamente autônomo de relações específicas: com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual – sobretudo as interações entre os autores ou entre os autores e editores – tinham disfarçado as relações objetivas entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais interações. (BOURDIEU, 2011, p.66)

Entretanto, restringir um ambiente de conhecimento específico ao ponto de sua autonomia se transformar em isolamento é não reconhecer outras possibilidades de subcampos que possam se abrir a partir do diálogo de ambientes aparentemente opostos. As conversas entre estes eixos distantes criam subáreas onde também há especificidades, normatizações e *habitus*. Na sociedade, existem vários campos, como o religioso, o político, o econômico, o cultural etc. Para cada universo particular, há “um mundo social como outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004, p.20). Embora haja uma demarcação clara que atua para exercer a distinção de cada polo, como um microcosmo particular, há uma dinâmica entre as fronteiras destes espaços. Tais limites são flexíveis, entre o que é intransponível (a autonomia e isolamento de um campo) e o que é possível de interagir com campos distintos, similares ou até mesmo opostos.

Segundo Traquina (2013, p.19), pode-se definir a modernidade como sendo a emergência de diferentes “campos”. O autor sintetiza estas noções, dando ao campo a noção de “universo relativamente autônomo de relação social”, implicando na existência de um prêmio que é disputado por agentes sociais diversos e na existência de um grupo especializado que afirma possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados. Bourdieu (apud TRAQUINA, 2013, p.20) amplia a argumentação para os *ethos* das profissões, estruturando o campo como “espaço social estruturado, um campo de forças, num campo de força”:

A aparição de um grupo de “profissionais” implica a aparição de um campo específico e diferenciado de relações competitivas. À medida que o tempo passa, o grupo especializa-se e os seus membros tornam-se verdadeiros “profissionais que têm que dominar uma linguagem específica. A sua competência implica a incompetência de “não profissionais”, A constituição de uma categoria socialmente distinta de “profissionais” significa autonomia porque a especialização significa autoridade. (TRAQUINA, 2013, p.20).

A autonomia do campo e suas especializações determinam a constituição da profissão, do senso de autoridade através do domínio da técnica e a produção do conhecimento particular que rege as ações dos agentes (*habitus*) deste campo. Fundamentalmente, busca-se este aporte na sociologia para definir, sobretudo, o alicerce estrutural do jornalismo esportivo. Ele surge da dinâmica de fusão entre dois campos autônomos: (a) o campo do jornalismo e o seu entendimento como área de conhecimento e (b) o campo do esporte e, em especial, o universo do futebol. Da fusão destes dois campos, surge o subcampo do jornalismo esportivo, que servirá como moderador das operações dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre. O rádio é o meio ou instrumento de atuação dos agentes deste subcampo. O gráfico ilustra a dinâmica desta intersecção:

Gráfico 1: Dinâmica da fusão dos campos do jornalismo e do esporte.



2.1 O campo do esporte

O que é esporte?

Esporte (es.por.te) *s.m.* ou **desporto** **1.** Atividade física regular que envolve tratamento metódico e respeito a certas regras **2** essa atividade **3** cada um dos jogos que têm regras específicas (futebol, tênis, natação etc.) ou o conjunto deles. **4** *fig.* Atividade lúdica; passatempo **5** vestimenta não formal, porém fina, elegante (diz-se de traje para sair). (HOUAISS, 2015, p.412-413).

O conceito de esporte relaciona-se, logo, com diversas áreas possíveis. Pode ser uma atividade física, recreativa, competitiva ou lúdica. Entretanto, é possível, defrontando-se com

uma pluralidade de finalidades para onde o termo conduz, estabelecer um conceito simples e único de esporte? Como aplicar uma definição conceitual a algo tão largo e amplo como o seu significado no senso comum? De acordo com Barbanti (2006, p.54), há três condições gerais para considerar o desenvolvimento de uma definição de esporte: (a) tipos específicos de atividade; (b) o esporte depende das condições sob as quais as atividades acontecem; e (c) depende da orientação subjetiva dos participantes envolvidos na atividade.

Como o objetivo é estabelecer a conexão com a mídia e o jornalismo, ainda que não estabelecido um conceito pleno de esporte, é necessário salientar o que do campo esportivo interessa à imprensa. Os meios de comunicação fazem as coberturas das grandes competições. Em geral, os aspectos mais lúdicos e até mesmo físicos do esporte não recebem tratamento midiático. O esporte é, em suma, considerado pela mídia e pelo público como uma competição. Através desta definição, alguns sociólogos do esporte afirmam que o esporte é caracterizado por alguma forma de competição que ocorre sob condições formais e organizadas:

Em outras palavras, o fenômeno esporte envolve uma atividade física competitiva que é institucionalizada. **Competição** [grifo nosso] neste caso é definida como um processo através do qual o sucesso é medido diretamente pela comparação das realizações daqueles que estão executando a mesma atividade física, com regras e condições padronizadas. **Institucionalização** [grifo nosso] é um conceito sociológico que se refere a um conjunto de comportamentos normalizados ou padronizados durante um certo tempo e de uma situação para outra. Quando dizemos que o esporte é uma atividade física institucionalizada, competitiva, os elementos da institucionalização geralmente incluem o seguinte: 1 – As regras da atividade são padronizadas. No esporte, as regras do jogo definem um conjunto de procedimentos com guias e restrições. 2 – O cumprimento das regras é feita por entidades oficiais. 3 – Os aspectos técnicos e organizacionais da atividade se tornam importantes. A competição combinada com a exigência de regras externas conduz a atividade para se tornar cada vez mais racionalizada. 4 – A aprendizagem das habilidades esportivas se torna mais formalizada. Com a organização e as regras da atividade se tornam mais complexas elas devem ser aprendidas sistematicamente. Em outras palavras, a atividade se torna padronizada e regularizada. Em termos sociológicos, ela passa por um processo de institucionalização. (BARBANTI, 2006, p.56).

Considera-se, portanto, para efeito de pesquisa, o campo do esporte como uma atividade física institucionalizada e competitiva e foca-se no conceito de que esporte “é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” (BARBANTI, 2006, p.57). Este processo de institucionalização e os parâmetros de organização da prática esportiva que imediatamente produzem o efeito competitivo tornam possíveis a compreensão de uma determinada prática e seus conjuntos de regras. O *campo* do esporte, portanto, bifurca-se em diversos subcampos, que são as

especificidades das práticas esportivas em si. Cada modalidade reúne suas particularidades. Segundo Tubino, Garrido e Tubino (apud TUBINO, 2010, p.20), a história do esporte se divide em: (a) *Esporte Antigo*, da antiguidade até a primeira metade do século XIX; (b) *Esporte Moderno*, que institucionalizou as práticas esportivas existentes, codificando-as por meio de regras e entidades; e (c) *Esporte Contemporâneo*, existente a partir do final da década de 1980.

As civilizações mais antigas já faziam uso de práticas desportivas, a maioria com características utilitárias⁸. As primeiras demonstrações contundentes de esporte como elementos competitivos em alto nível aconteceram na Grécia, em 776 a.c. Mesmo na pré-história, com os registros de competições de lançamento de pedra, a importância do esporte se relaciona com o próprio desenvolvimento humano, com a transformação de homem para *homo erectus* (HARRYS apud ALCOBA, 2005, p.13). Com o passar do tempo, os desenvolvimentos tecnológicos, as alterações sociais e as dinâmicas de produção e sistemas da humanidade atribuíram ao esporte uma condição completamente diferente de sua origem. A partir do século 20, o Olimpismo⁹ moderou as práticas esportivas competitivas no mesmo período. Até hoje, embora, de acordo com a periodização de Tubino (2010), há a vigência de uma nova era, a do Esporte Contemporâneo, as bases de operação das atividades esportivas de competição encontram-se reguladas pelo Olimpismo. Este conjunto de atividades institucionalizadas, organizadas e específicas, compreendendo as particularidades de cada modalidade, é chamado de *esporte de alto rendimento*.

A compreensão da história do esporte ajuda a demarcar a sua relevância como campo independente. Não obstante, o esporte é um dos campos que mais produziu reflexões em Pierre Bourdieu. O sociólogo expõe as razões para diagnosticar o esporte como um campo claramente autônomo, mas compreendido a partir de como sua história se relaciona com outros campos:

Uma das tarefas da história social do esporte poderia ser, portanto, a de fundar realmente a legitimidade de uma ciência social do esporte como objeto científico separado (o que, evidentemente, não é uma coisa tão óbvia), estabelecendo a partir de quando, ou melhor, a partir de que conjunto de condições sociais se pode verdadeiramente falar de esporte (em oposição ao simples jogo – sentido ainda presente na palavra inglesa esporte, mas não no uso que tem

⁸ Práticas desportivas sem o intuito de competição.

⁹ A partir de 1897, quando se realizou o Primeiro Congresso Olímpico, em Le Havre (França), a longa tradição filosófica-pedagógica europeia passou a dividir espaços com conhecimentos científicos, ora por disputa ora por associação, tendência até hoje presente nas versões do esporte como meio educacional. Neste evento do final do século XIX, destacou-se Pierre de Coubertin, recriador dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, que procurou manter a utopia do universalismo dos exercícios físicos, propondo nominalmente uma “pedagogia esportiva” com base nos legados histórico-culturais gregos, mas, já agora, pretendendo alçá-la a um estatuto mundial. Coubertin apresentou o conceito de Olimpismo no Princípio Fundamental n. 2 enquanto uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando esporte com cultura e educação. O Olimpismo visa criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais (Comitê Olímpico Internacional, 1997, p.8).

esta palavra fora dos países anglo-saxões, onde ela foi introduzida juntamente com a prática social, radicalmente nova, por ela designada). Como se constituiu este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história. (BOURDIEU In: ORTIZ, 1983, p.139).

A autonomia relativa do campo das práticas esportivas transparece com mais evidência quando se reconhece aos grupos esportivos a possibilidade do autogerenciamento: há uma organização paralela ao já instituído, com regras, poder disciplinar, títulos específicos e premiações independentes. Sobretudo, é um campo de lutas.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc. (BOURDIEU In: ORTIZ, p.143).

Destes tensionamentos, marcados pela aparição de polos que se constroem e defrontam no mesmo ambiente, o *esporte de alto rendimento* se sobressai como um componente social relevante para a sociedade no século 20. Com o início do Esporte Moderno – supõe-se que, a partir de 1820 (TUBINO, 2010) -, algumas modalidades passaram a ganhar contornos populares na Europa. A principal delas é o futebol, que hoje movimenta multidões em torno da realização de um evento.

2.1.1 *Esporte das massas: o futebol como modalidade mais popular do planeta*

A Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil, obteve, a marca de 3,2 bilhões de espectadores pela televisão e por outros meios (FIFA, 2015). De acordo com a entidade máxima do futebol mundial, 280 milhões de pessoas assistiram aos 64 jogos pela Internet. A final entre Alemanha e Argentina, disputada no Maracanã no dia 13 de julho de 2014 alcançou a marca de 1 bilhão na audiência, sendo que 695 milhões de espectadores assistiram ao jogo pela televisão. Houve um acréscimo de 12% em comparação com o índice da final da Copa de 2010, entre Espanha e Holanda. Para que se dimensione a relevância dos números, a FIFA disponibilizou alguns dados, obtidos pelo *Kantar Media*¹⁰ e publicados pelo *Television Audience Report* (2015). Neste

¹⁰ A Kantar Media é uma das principais empresas especializadas em pesquisa de esportes e entretenimento, fornecendo há 20 anos informações para mais de 250 federações esportivas, detentores de direitos, clubes/equipes, radiodifusores e patrocinadores pelo planeta. A Kantar Media trabalha diretamente com a FIFA em suas coberturas globais e relatórios de audiência desde junho de 2009. (2014 FIFA World Cup Brazil, Television Audience Report, tradução nossa).

relatório, há um completo mapeamento do público que assistiu ao Mundial. São mais de 70 páginas com separações específicas, indicando onde houve mais audiência e as tendências dos espectadores que assistiram aos jogos. País mais populoso do planeta, a China foi o local onde mais pessoas assistiram às partidas. O Brasil, país-sede, apareceu em segundo lugar, de acordo com o relatório.

O Brasil também sediou os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. No relatório divulgado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI, 2016), estima-se que a audiência das competições teve um alcance de 3,5 bilhões de espectadores em seus 15 dias de atividades. De acordo com dados do Kantar Ibope, 63,4 milhões de pessoas ligaram seus aparelhos televisores em algum momento de disputa das modalidades. A maior audiência foi a cerimônia de abertura, com 28 milhões de lares ligados no evento. A segunda maior foi a final da disputa do futebol masculino, entre Brasil e Alemanha, com público estimado em 35,7 milhões de espectadores.

A Olimpíada conta com 42 modalidades em disputa. O esporte com maior audiência na televisão foi o futebol. Os números de espectadores que assistiram a Copa do Mundo de Futebol – portanto, uma única modalidade envolvida – são quase parecidos, considerando um universo que chega à casa do bilhão, aos divulgados oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional relativos ao número de pessoas que acompanharam os Jogos do Rio de Janeiro. O índice do Super Bowl de 2017, a final da NFL (*National Football League*), a liga profissional de futebol americano nos Estados Unidos, entre *New England Patriots* e *Atlanta Falcons*, teve cerca de 111,3 milhões de espectadores (UOL, 2017). O evento é considerado o maior acontecimento esportivo para os estadunidenses, com altos índices de audiência na televisão. No intervalo, esta edição contou com um show da cantora Lady Gaga¹¹. Historicamente, o Super Bowl é um evento de televisão, com um aparato voltado para o espectador. Os dados asseguram que, proporcionalmente, o evento esportivo mais assistido da história foi a final da Copa do Mundo de 2014.

A televisão é reguladora da popularidade dos acontecimentos. Os dados mostrados ilustram que, entre todas as modalidades esportivas, o futebol é o mais popular do mundo. Mas de onde vem esta popularidade? A facilidade de compreensão do jogo e de suas regras, o aparato relativamente barato, o processo de integração entre elite e povo, a democratização do esporte e sua institucionalização como elemento social a partir do Século XX são pistas relevantes para a disseminação do futebol como um esporte das massas. Proni (2000) credita esta popularidade a uma série de fatores:

¹¹ É tradição no Super Bowl a apresentação de artistas famosos no intervalo da partida.

Por ser praticado tanto na modalidade escolar como de alto rendimento; por dar origem a clubes de elite e times de várzea; por ser dividido em prática amadora e profissional e por veicular ora a ideologia do Estado ora a do patrocinador; por ter sido terreno exclusivo dos homens e agora se abrir à participação feminina; por ser expressão da cultura de um povo e, recentemente, ter-se tornado um campo de investimentos. Mas apesar, da multiplicidade de conotações e formas que o futebol tem assumido, acreditamos ser possível identificar uma noção dominante, historicamente construída, que se explicita na organização de competições oficiais supervisionadas e que os meios de comunicação de massa ajudaram a disseminar. (PRONI, 2000, p.19-20).

Há registros de disputas semelhantes a uma partida de futebol na pré-história e em diversas civilizações da Antiguidade. Na China Antiga, militares formavam times para chutar as cabeças dos soldados inimigos, levando-as para uma meta formada por duas estacas. No Japão Antigo, surgiu o *Kemari*, com bola e traves. Na Itália Medieval, aparecia o *gioco del calcio*, praticado em praças, com 27 jogadores de cada equipe, que deveriam levar a bola até os dois postes que ficavam nos dois cantos extremos da praça. Embora estas modalidades sejam o embrião do que consideramos hoje por futebol moderno, a organização do esporte como conhecemos hoje data de meados do século XIX.

O futebol tradicional data de sua fundação como esporte institucionalizado, quando em 1848, H.C. Malden convocou um encontro em suas salas em Cambridge para estabelecer aquelas que podemos chamar de primeiras “leis do jogo”. Estas novas regras foram chamadas de “As Regras de Cambridge”. Um mês depois, a Associação de Futebol da Inglaterra (*Football Association – FA*), que existe até hoje, foi criada, e “imediatamente se dedicou a determinar o conjunto definitivo das regras do jogo, ainda tentando combinar os melhores elementos a respeito da condução da bola e do uso das mãos” (WILSON, 2016, p.27). Em 24 de outubro de 1857, surge a primeira agremiação de futebol, o Sheffield Club. A primeira partida foi realizada no *Boxing Day*¹² daquele ano, quando o Sheffield venceu o Hallam FC por 2 a 0 (WILSON, 2016, p.29).

O futebol moderno, a partir do final do século XIX, com um novo conjunto de regras, expandiu-se para fora do continente europeu. Deu-se, especialmente, a partir da formação das ligas. O profissionalismo no futebol foi iniciado em 1885. No ano seguinte, cria-se, na Inglaterra, a *International Board*, cujo objetivo fundamental era criar e organizar um sistema normativo para a prática do esporte em âmbito competitivo. Da *Board*, surge a FIFA, a Federação Internacional de Futebol Association, até hoje, a entidade máxima do futebol. A popularização

¹² Denomina-se *Boxing Day* o dia 26 de dezembro, data em que as caixas de presentes são abertas na Inglaterra. É uma tradição até os dias de hoje que competições de origem britânica, como o futebol, o críquete e o rugby, tenham rodadas de seus campeonatos neste dia.

do futebol também se dá neste período:

O futebol na Inglaterra, praticado inicialmente por estudantes ou membros da média e alta burguesia, transformou-se já no final do século XIX, num esporte predileto da classe operária, quando adotou a linguagem popular de sua cultura. Pivato aponta alguns exemplos ilustrativos: o *Manchester United* foi fundado em 1885 por ferroviários, o *Conventry*, em 1883, por operários de uma fábrica de bicicleta; há ainda o *West Ham United*, *Irish Club Distillery* e o *Arsenal*, que foram criados por trabalhadores do setor industrial. No entanto, este fato não foi comum no continente europeu, pois no início do século XX, em muitos de seus países, o esporte era uma prática exclusiva de classes elevadas. Mesmo assim, o futebol expandiu-se pelo mundo através dos portos marítimos, e foi nas margens do mediterrâneo que se começou a praticá-lo, imitando os comerciantes ingleses que desembarcavam e ocupavam o tempo livre com o jogo. (DALPIAZ, 2002, p.32).

A pós-modernidade do futebol tem seu início a partir do momento em que se assume o esporte como um evento midiático, alimentador de negócios e esporte das massas. Tais elementos são primordiais para entender o futebol como instrumento social, ainda em seus primórdios, quando inserido na sociedade brasileira.

2.1.2 O futebol no Brasil: do “esporte bretão” ao “país do futebol”

As relações sociais do futebol são os pontos essenciais para compreender como o esporte surgiu como um exemplo de modalidade elitista e, posteriormente, transformou-se numa prática difundida por todas as classes sociais. DaMatta (1982) propõe-se a “analisar o futebol junto com a sociedade”. Ele percorre pela gênese de como se compreende o futebol no país e sobre sua integração na sociedade. Sua intenção fundamental, com a qual esta pesquisa se revela em consonância, é “estudar o futebol não em contraste com a sociedade, mas junto com a sociedade”.

[O futebol é] uma atividade **da sociedade** [grifo nosso] e não como uma atividade **em oposição ou competição com a sociedade** [grifo nosso]. Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo. E assim, suponho, que uma produtiva sociologia do esporte pode ser praticada, sem os riscos das reificações e projeções rotineiras, quando o esporte é tratado como um epifenômeno ou atividade dispensável e secundária e a sociedade como uma realidade individualizada e monolítica. (DAMATTA, 1982, p.24).

Diz-se, vulgarmente, que futebol é o “esporte bretão”¹³. O senso comum também adota que o Brasil é o país do futebol, possivelmente pelas cinco conquistas mundiais da seleção brasileira, em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. Trata-se, evidentemente, de um esporte com

¹³ Antigamente os comentaristas e os locutores esportivos costumavam chamar o futebol de “esporte bretão”, visto que o futebol organizado e suas regras foram criados na Grã-Bretanha.

altíssimo desenvolvimento de adeptos, torcedores e praticantes no país. De acordo com dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2015¹⁴, 15,3 milhões de pessoas praticaram futebol como principal modalidade esportiva, e este número representou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no país. A tabela abaixo ilustra os índices apresentados pelo IBGE:

Tabela 1: Esporte preferencial de residentes no Brasil com 15 anos ou mais que praticaram alguma modalidade, no período de referência de 365 dias (2015).

Principal esporte praticado	Porcentagem (sobre 100%)
Futebol	39,3
Caminhada	24,6
Voleibol, basquetebol e handebol	2,9
<i>Fitness</i>	9,0
Ciclismo	3,2
Lutas e artes marciais	3,1
Ginástica rítmica e artística	3,2
Outros Esportes ¹⁵	14,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

O futebol foi introduzido no Brasil em 1894, pelo brasileiro, filho de imigrantes ingleses, Charles Miller, que passou uma temporada na Europa e voltou com uma bola e com a técnica do jogo a fim de difundir sua prática em território nacional. Todavia, em seus primórdios, o futebol foi classificado como um esporte elitista, em consonância com o caráter original de sua criação, na Inglaterra.

Em seu primeiro momento, o futebol era definitivamente um entretenimento para as elites. Inclusive pelos altos custos, já que todo o material era importado (com o tempo, o brasileiro aprendeu que praticamente qualquer coisa, seja uma meia, uma latinha, poderia substituir a bola...). De qualquer forma, logo se tornou uma importante diversão para as elites e, em pouco tempo, já era praticado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde foi introduzido por Oscar Cox, que, como Miller, trouxe o futebol “na mala” em seu retorno da Europa. Porém, isso não era suficiente para consolidar o esporte no país. Nesse aspecto, foi Cox quem percebeu que o papel dos clubes era fundamental. (MAGALHÃES, 2010, p.14-15).

¹⁴ Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Acessado em 03.set.2017.

¹⁵ Natação, musculação, atletismo, esporte de aventura, aquático, paradesporto, com pequenas bolas e raquetes, skate e patins, dança e *ballet*, com motor, com animais, com tabuleiros e cartas.

Em 19 de julho de 1900, foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade portuária do Rio Grande do Sul. Entretanto, a prática inicial do esporte no Brasil se dá através das elites. O futebol era vinculado como um instrumento de recreação pelas classes altas. Mascarenhas (In: BARTHE-DELOIZY; SERPA, 2012, p.68) argumenta que inicialmente era uma “prática circunscrita a empregados de firmas britânicas e a certos jovens de elite, desejosos de adotar aspectos civilizadores do modo de vida europeu. Para as elites, não servia a democratização do esporte. Em 1903, o *The Bangu Athletic Club* estimulou a prática do esporte para seus funcionários. Para completar o time, operários eram escolhidos para o jogo. Surgia o “operário-jogador” (CALDAS apud DALPIAZ, 2002, p.35), a primeira manifestação de inclusão popular no esporte, que era até então aristocrático no país. Na Europa, já apareciam as primeiras ligas profissionais. No entanto, não era um objetivo das elites a formação de um calendário competitivo, a fim de evitar a proliferação do esporte para outras partes da sociedade:

Os anos 1910, 1920 e os primeiros da década de 1930 no futebol brasileiro foram marcados por duas disputas: a do elitismo versus a democratização e a do amadorismo versus a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira “séria”, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda. Tais conflitos nada mais eram do que o reflexo de importantes questões sociais e políticas que emergiam no país e que acabariam sepultando a República Velha. (MAGALHÃES, 2010, p.16)

A partir dos anos 1930, o futebol se popularizou no Brasil. Diversas agremiações, entretanto, já disputavam os campeonatos locais. A maior parte dos grandes clubes brasileiros surgiu antes deste período, para disputar as competições em seus estados. A *era do amadorismo* durou por três décadas. Os torneios, jogadores e regulamentos não estipulavam o profissionalismo na modalidade. O primeiro jogo de futebol registrado no país aconteceu em 14 de abril de 1895. O São Paulo *Railway*, time de Charles Miller, venceu a Companhia de Gás por 4 a 2 (ROSENFELD apud CALDAS, 1990, p.22). Eram duas empresas paulistanas: o time dos ferroviários contra o time dos operários da companhia de gás. Embora se tenham alguns registros de práticas semelhantes ao futebol nos colégios jesuítas (GOULART, 2014), o *marco zero* do futebol brasileiro é este jogo de 1895. Caldas classifica a fase amadora como *primeira era do futebol brasileiro*:

A primeira (1894-1932), claro, fortemente marcada pela presença dos ingleses. Uma época em que futebol e *smoking* caminhavam lado a lado. Nos mais

requintados ambientes da elite brasileira falava-se muito familiarmente sobre o “esporte bretão”. Foi nosso período de amadorismo no futebol. Entre outras coisas, esta foi uma época onde prevaleceram a visão romântica do futebol, a voluntariedade dos jogadores, a desorganização e, é claro, a paixão e a injustiça para com os atletas. (CALDAS, 1990, p.37).

Outra alteração marcante nesta transição do futebol amador para o futebol profissional foi o desenvolvimento dos sistemas táticos. Wilson (2016, p.25) classifica os primórdios organizacionais do esporte como um “sistema caótico”. Aos poucos, por influência inicialmente dos ingleses, a distribuição dos jogadores em campo passou a levar em consideração os objetivos e as fases do jogo. A formação hegemônica na abertura do futebol profissional no Brasil era o chamado WM: dois defensores, três médios e cinco atacantes, configurando de forma rudimentar as duas letras. Desta forma, o Brasil atuou nos mundiais até 1950. Somente em 1954, com a revolução causada pela Hungria (WILSON, 2016, p.157), houve uma troca de sistema tático¹⁶ hegemônico, o Brasil organizou sua equipe de uma forma diferente.

Para a disputa da primeira Copa do Mundo de Futebol, em 1930, a seleção brasileira convocou uma equipe amadora para a disputa. À época, surge o primeiro herói do futebol brasileiro, Arthur Friedenreich. Em 1933, surge o profissionalismo, para Caldas (1990, p.37), a inauguração da segunda fase do futebol brasileiro. Com o profissionalismo e o sucesso da primeira edição da Copa do Mundo, começa a se desenhar um modelo mais próximo do que conhecemos hoje. As competições começaram a ter regulamentos organizados. Surgia o primeiro *star system*¹⁷ do futebol brasileiro: Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Zezé Procópio, Romeu Pelliciani, Tim e Sylvio Pirillo foram os primeiros craques do futebol brasileiro profissional. A Copa de 1938 marcou, pela primeira vez, uma ideia de unidade nacional, de reconhecer o futebol como um elemento relevante para a identidade do país. O brasileiro pôde, pela primeira vez, ainda que com poucos recursos, acompanhar os resultados que levaram a seleção brasileira ao terceiro lugar daquele mundial.

Embora com esta primeira manifestação mais ampla em termos territoriais, as partidas e as rivalidades eram, até então, essencialmente locais. Mesmo assim, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) já regulava as normas de todos os esportes brasileiros desde 1916. Somente em 1979, o Brasil passou a ter uma entidade para cuidar especificamente do futebol, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Contudo, ainda na era amadora (primeira fase), as

¹⁶ Embora algumas equipes tenham variado seus sistemas – o exemplo clássico é o “ferrolho suíço de 1938” –, apenas no final dos anos 1940 a formatação tática hegemônica sofreu alterações consideráveis a partir da criação do WM – o primeiro sistema organizado para competições.

¹⁷ Criação de estrelas, ídolos, heróis e mitos pela audiência. Termo apropriado do cinema estadunidense dos anos 1930.

disputas locais acirravam os embates entre as equipes. Nasceram os “clássicos locais”. O primeiro jogo da era profissional, por sinal, foi um clássico: no dia 12 de março de 1933, o São Paulo da Floresta (antigo Paulistano e futuro São Paulo Futebol Clube) derrotou o Santos Futebol Clube por 5 a 1. O primeiro ídolo, Friedenreich, em final de carreira, com 41 anos, fez o primeiro gol do São Paulo e da era profissional. No Rio, o primeiro jogo, no novo regime, foi entre Vasco e América, em 21 de abril do mesmo ano (ASPIS, 2007, p. 95). Entre estes dois jogos, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional entravam em campo para se enfrentarem pela quadragésima vez. No primeiro jogo da era profissional, em 9 de abril de 1933, aconteceu a vitória gremista por 5 a 3 (COIMBRA; NORONHA, 1994, p.216), com todos os elementos que marcam a história do jogo até hoje: rivalidade, ídolos (Lara, Laci, Luís Carvalho e Foguinho pelo Grêmio; Risada, Alfredo e Tupã pelo Internacional), torcida e bom futebol. Uma história que nascera, de fato, 24 anos antes, ainda de forma amadora.

2.1.3 O futebol em Porto Alegre: a formação da rivalidade Grenal

O jogo de futebol é uma batalha simbólica entre duas agremiações, posicionadas em lados opostos, que possuem o mesmo objetivo. Um grupo de indivíduos entra nesta disputa para atingir uma meta, que, no caso, é o gol. Ao alcançar este feito, a tentativa é de repeti-lo, a fim de realizá-lo mais vezes que o oponente. Em suma, é a distinção de dois grupos rivais que possuem o mesmo objetivo:

A proposição do jogo é a de um combate: penetrar no campo do adversário para atingi-lo em seu último reduto – a meta. Tudo deve ser feito conduzindo ou propulsando uma bola de couro com os pés. O resultado da partida se mede em gols. Gol é cada vez que a bola ultrapassa o espaço da meta adversária. Este é o momento supremo do futebol. A maior emoção. A partida de futebol é uma disputa, um confronto entre adversários. O interesse do jogo está nessa competição. Quanto mais decisiva a partida, quanto mais elevado o **status** dos oponentes e, portanto, a sua **rivalidade** [grifo nosso], tanto mais fortes serão as expectativas, a torcida e as emoções na jornada. Isto vale para o futebol tanto quanto para as brigas de galo. (DAMATTA, 1982, p.80).

Embora a explicação sobre o que é o jogo de futebol seja simples, busca-se em apontamentos da sociologia explicações sobre como se forma uma rivalidade. A partir da batalha simbólica que é a partida, constroem-se elementos de identidade e empatia relacionados aos clubes de futebol. Assim, a rivalidade entre os torcedores de futebol funda-se basicamente no modo como a diferença entre as identidades dos clubes é percebida pelas torcidas. É na identificação com um clube que uma pessoa se torna torcedor e, ao fazer a escolha por um clube, se predispõe a se opor aos diferentes. Formam-se “tribos” com crenças e tradições particulares. A rivalidade é, sobretudo, o estranhamento do outro. Este sentimento de pertencimento a uma identidade e

a consequente repulsa a outra tem sua origem no início do século 20.

No Brasil do início do século XX prevalecia efetivamente a herança do sistema colonial, no qual as diferentes regiões mantinham-se praticamente isoladas no plano interno. No âmbito do futebol, tal situação propiciou o surgimento de rivalidades locais (os chamados “clássicos”). Ao mesmo tempo, as principais cidades seguiam mantendo relativo isolamento entre si, de forma que os principais confrontos futebolísticos se davam no nível intra-urbano, e não interurbano, como se pode notar comumente no caso europeu. Desta forma, as identidades clubísticas se construíram no contexto das rivalidades intralocais, e não entre cidades ou regiões. No Brasil, em suma, o território ainda não integrado determinou um processo de adoção do futebol multipolarizado e de forte base local, de forma que transcorreram muitas décadas até que fosse possível a realização de um campeonato de alcance nacional. (MASCARENHAS In: BARTHE-DELOIZY; SERPA, 2012, p.73).

A questão da identidade regional passou a tomar o futebol como uma espécie de instrumento para que tal sentimento fosse construído e alicerçado. O mais antigo clube do país é o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900. (ABIB In: MAZO; REPPOLD FILHO, 2005, p.26). Desde então, alguns atributos passaram a ser considerados para revelar uma “identidade do futebol gaúcho”, como virilidade e valorização de um estilo mais próximo ao adotado nos países vizinhos ao estado, como o Uruguai e a Argentina. A identidade do futebol gaúcho foi assumida pelo estado e a prática competitiva de futebol não demoraria a chegar à capital. Entretanto, a dicotomia entre Grêmio e Internacional se dá, principalmente, através da antítese que se mostra a partir de como as duas equipes se originaram.

No início do século 20, o futebol vinha aos poucos se tornando conhecido no país. O paulista Cândido Dias da Silva foi quem apresentou a primeira bola de futebol a Porto Alegre. A novidade logo despertou curiosidade e uma turma de amigos se formou em sua volta. Poucos conheciam o novo esporte. A bola de futebol foi o objeto apresentado para que surgisse uma nova paixão:

Em 1903, com exceção dos estrangeiros, pouca gente da cidade ouvira falar do novo esporte, e muito menos tivera oportunidade de ver uma bola de couro. Sem campo e com poucos sócios, o Grêmio tinha, entretanto, um patrimônio inestimável: a bola de futebol. Era o que Cândido Dias da Silva tinha debaixo do braço em 1903, quando apareceu diante dos seus amigos. Mas não era um grupo de garotos e o futebol não era ainda a grande paixão dos brasileiros, e estava tão longe disso que Cândido Dias da Silva precisou fazer muita propaganda do jogo que ele conhecera em São Paulo e das façanhas de Charles Miller ganhando campeonatos ingleses de futebol em 1883, até convencê-los a aprender as regras do jogo. Entusiasmados com a experiência, 20 rapazes reuniram-se na noite de terça-feira, dia 15 de setembro de 1903, e fundaram um clube de futebol, o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense, como consta da ata de fundação. Imediatamente, mais 12 sócios, que não haviam participado da reunião de fundação, associaram-se ao clube, sendo considerados fundadores. O objetivo era 'dedicar-se ao jogo de foot-ball'. Carlos Luiz Bohrer foi eleito o primeiro presidente do Grêmio, ficando o cargo de guarda-esportes

para Cândido Dias, o comprador da bola. (CORREIO DO POVO, 15.set.2008).

O Grêmio era o primeiro clube de proporções consideráveis a dedicar sua finalidade para a prática do futebol em Porto Alegre. Seis anos depois, nascia o Sport Club Internacional. A origem do clube está associada a três irmãos da família Poppe: Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe. Eles chegaram a Porto Alegre em 1908. A ideia era formar um *clube de foot-ball*, esporte que era praticado por eles em São Paulo. Tentaram ingressar numa sociedade dedicada a este esporte, mas não obtiveram sucesso em sua tentativa de associação ao Grêmio. Assim deu-se a fundação do Internacional, a partir do fracasso dos Poppe em ingressar no Grêmio:

Um grupo de jovens empregados no comércio, e residentes do 2º distrito, acaba de fundar uma sociedade cujos fins são o cultivo do bello sport bretão. A novel sociedade, que conta já com uma matrícula de quarenta sócios, ainda não escolheu o seu nome. Sabemos que, por toda a semana, será eleita a sua diretoria, sendo então deliberado como se denominará a nova agremiação. (CORREIO DO POVO, 6.abr.1909).

Nos dias seguintes, a notícia do batizado do clube: “A nóvel agremiação, que conta já com regular numero de sócios, denomina-se SPORT CLUB INTERNACIONAL. (...) Ao SPORT CLUB INTERNACIONAL almejamos vida longa e de perennes felicidades.” (CORREIO DO POVO, 14.abr.1909).

O primeiro adversário do recém fundado Sport Club Internacional foi o Grêmio Football Porto Alegrense, existente há seis anos e com experiência e plantel de jogadores já comprovados. Todavia, o Grêmio já admitia uma rivalidade com uma outra equipe da capital. O seu grande adversário era o Fuss-Ball Porto Alegre¹⁸, com quem disputava o chamado *Wanderpreiss*¹⁹. De 15 partidas disputadas entre as equipes, o Grêmio venceu dez, empatou duas e perdeu três (COIMBRA; NORONHA, 1994, p.15). Ou seja, o Grêmio era um clube já estabilizado e notavelmente acostumado aos embates. Seu adversário naquela tarde de 18 de julho de 1909 era o Sport Club Internacional, um clube novato, fundado há pouco mais de três meses. A partida foi realizada no estádio da Baixada, sede do Grêmio, no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. A imprensa já acompanhava o *match* e assim o jornal Correio do Povo noticiava em suas páginas o embate, aconselhando o público leitor:

Somos obrigados, afim de evitar factos desagradáveis, a aconselhar aos espectadores a que não se pronunciem, por ocasião do jogo, em favor de um ou de outro team. Ainda domingo ultimo, durante o torneio, deu-se, entre um dos

¹⁸ Clube de futebol existente em Porto Alegre entre 1903 e 1944, vencedor de três troféus *Wanderpreiss*: em 1904, 1908 e 1909. Conquistou também o Campeonato Citadino de Porto Alegre em 1923.

¹⁹ Do alemão troféu móvel, campeonato citadino disputado no início do século 20.

juizes e um grupo de assistentes, lamentável incidente, tendo os espectadores imprudentes ouvido phrases pouco gentis. Achamos justo que se formem partidos sympathicos aos teams combatentes, porém que o entusiasmo seja sempre moderado, para honra dos jogadores. Como se sabe, em todos os matchs numerosa é a assistência nos grounds, notando-se, entre ella, grande numero de senhoras e senhoritas, às quaes não se deve dar o desgosto de testemunhar discussões inconvenientes. Si fazemos esta pequena observação é porque desejamos ver o progresso do sport bretão, que está caindo no agrado da mocidade porto-alegrense. (CORREIO DO POVO, 18.jul.1909).

A partida terminou com um massacre imposto pelos já experientes gremistas: 10 a 0 no rival. No mesmo dia, houve uma confraternização na sede dos Atiradores Alemães, ao lado da Baixada, com gremistas, colorados, juizes e dirigentes brindando e aproveitando a festa (COIMBRA; NORONHA, 1994, p.14). Entre um brinde e outro, curiosamente, nascia a rivalidade entre as duas agremiações. Uma humilhante derrota em um esporte que passava a crescer em importância nos anos 1910. Em 1919, foi disputado o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol, ainda na era do amadorismo. Em consonância com o desenvolvimento do esporte em âmbito nacional, as duas equipes cresceram e passaram a disputar a hegemonia em Porto Alegre. Domínio que foi, com o passar do tempo, marcando as duas equipes como tradicionais adversários:

Qualquer que seja sua origem e sua trajetória, a rivalidade futebolística acaba por criar certo ressentimento de um grupo em relação a outro. Cada lado pode alegar muitos eventos, reais ou imaginários, que justificam sua mágoa: uma **goleada histórica** [grifo nosso], uma grande briga de torcida, um apelido ofensivo, uma vitória “roubada”, um ídolo contratado ao rival. Pouco importam as razões. O essencial é que, uma vez instalado, o ressentimento é sempre passível de ser reativado. E o futebol é pródigo em oferecer oportunidades para tanto. (FRANCO JÚNIOR, 2017, p.215).

De acordo com Franco Júnior (2017), as rivalidades podem existir por diversos fatores. A goleada histórica e a trajetória de fundação dos dois clubes são, indubitavelmente, fatores que amplificam o sentimento da oposição entre duas agremiações. Construções e trajetórias distintas revelam identidades que se opõem. O pertencimento a uma bandeira implica, imediatamente, em rejeição ao que se considera rival. O exemplo dos dois clubes de Porto Alegre é ilustrativo neste sentido:

Fundados na primeira década do século XX, Grêmio e Internacional apresentam uma trajetória plena de construção de identidades e alteridades, densamente relacionadas a lugares e grupos sociais. Enquanto entidades rivais e de ampla penetração social, convergem para si praticamente todas as tensões e identidades que permeiam a evolução da sociedade gaúcha no transcorrer do século, forças que se expressam no simbolismo da paisagem produzida. (MASCARENHAS, 2005, p.62).

Da rivalidade, originou-se o termo Grenal. Esta expressão foi cunhada por Ivo dos Santos Martins, redator e repórter do jornal Correio do Povo. Ivo dizia estar cansado de escrever

na íntegra os nomes Grêmio Foot-Ball Portoalegrense e Sport Club Internacional. A cada jogo entre ambos, ele pensava em uma forma de abreviar isso.

Inicialmente, Martins propôs *Inter-Gre*, mas como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu-se, então, por *Grenal*. Escreveu a palavra várias vezes na mesa de mármore do café [Café Colombo, em Porto Alegre] e pediu aos amigos que ajudassem a divulgá-la. Não publicou a nova expressão no Correio por temer que um secretário de redação colorado a proibisse. Mas ele e os amigos saíram pelas ruas a chamar o clássico de Grenal. Aos poucos, a população foi usando o termo. Até que um dia, em 1933, quando Martins já abandonara o jornalismo, viu a palavra Grenal impressa na página de esporte do Correio do Povo. Pronto, tornara-se oficial. (COIMBRA; NORONHA, 1994, p.32).

Desde o início da trajetória do clássico, difundindo a rivalidade, criando costumes e sistematicamente acompanhando os passos de Grêmio e Internacional, esteve a imprensa. Inicialmente, apenas os jornais faziam esta cobertura diária. Com o passar do tempo, a televisão, a internet e, especialmente o rádio, passaram a repassar para os espectadores os detalhes públicos e de bastidores a respeito dos dois grandes clubes de Porto Alegre. A imprensa desenvolve, portanto, papel preponderante para a implantação, difusão e manutenção desta rivalidade. Em especial, o rádio assume uma função única, pois é o único meio por onde, nos tempos modernos, todos os jogos da Dupla Grenal são transmitidos ao vivo. Ou seja, a construção de uma cobertura esportiva passa, necessariamente, pela consolidação de um campo que se abre com a popularização do futebol no Brasil.

2.2 O campo do jornalismo esportivo

O que é jornalismo?

Jornalismo [jor.na.lis.mo] *s.m.* **1** atividade profissional que coleta, investiga, analisa e transmite informações da atualidade, através de jornal, revista, rádio, televisão etc. **2** conjunto dos jornais ou dos jornalistas; imprensa ~ **jornalístico** *adj.* (HOUAISS, 2015, p.568).

A definição, retirada de um dicionário amplo, remete ao que o senso comum pensa a respeito da atividade. Entretanto, há a necessidade de estreitar o conceito para que se chegue à formação do campo do jornalismo e seus desdobramentos. De acordo com Rabaça e Barbosa (1897, p.346-347), “a informação jornalística difere da informação publicitária e de relações públicas por seu conteúdo, pela finalidade de sua *transmissão* e pela exigência de *periodicidade*. Ou seja, há uma definição além do que promove o senso comum, de que jornalismo é uma atividade difusora de notícias. Argumenta-se, portanto, que é uma técnica pertencente a uma determinada comunidade que compõe o fazer jornalístico. Esta atribuição denota a existência de um *habitus*, ou seja, um agente em ação através de um conhecimento adquirido. Desta

forma, o campo do jornalismo se mostra existente através de práticas específicas, obtidas através de técnicas particulares realizadas por componentes de um grupo. Traquina (2013) define o campo jornalístico a partir dos pressupostos colocados por Bourdieu (2011). O “campo jornalístico”, ou seja, a profissionalização da atividade, passa a se tornar concreta a partir do século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo. Neste processo, surgem os parâmetros que determinam a constituição de identidades e ideologias. Também aceleraram estas condições o estabelecimento dos *mass media* (TRAQUINA, 2013, p.20) e da crescente industrialização, urbanização, educação em massa e desenvolvimento tecnológico.

O sociólogo Howard L. Wilensky (1964:12) defende a posição de que existe uma sequência típica de eventos no processo de profissionalização: (1) trabalho em tempo integral, em que os praticantes demarcam sua própria posição; (2) o estabelecimento de procedimentos de treino e seleção; (3) a formação de associações profissionais; (4) o esforço na busca de reconhecimento público e apoio legal ao seu controle sobre a entrada na profissão e os modos da prática; e (5) a elaboração de um código de ética. (TRAQUINA, 2013, p.21).

A criação do *ethos*²⁰ jornalístico é concomitante à formação ideológica da profissão e, especialmente, à ligação com uma identidade profissional. Bourdieu (apud TRAQUINA, 2013, p.22) afirma que “cada profissão produz uma ideologia profissional, uma representação mais ou menos idealista e mítica de si mesma”. A constituição de uma ideologia representativa e de uma consequente identidade que assuma o jornalista como um membro de um campo específico remete ao conceito de *fordismo*, implicado aqui como um marco na construção das identidades profissionais. Harvey (1998, p.122) argumenta que a data inicial simbólica do fordismo deve por certo ser 1914, quando Henry Ford introduziu seu dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para trabalhadores da linha automática de montagem de carros que ele estabeleceu no ano anterior em Dearborn, Michigan.

O que havia de especial em Ford era sua visão de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, estética e psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática racionalizada, modernista e populista. A depressão e o quase colapso do capitalismo na década de 30, fizeram com que as sociedades chegassem a uma nova concepção da forma e do uso dos poderes do Estado, cujo problema de configuração só foi resolvido depois de 1945. Contudo, levou o fordismo à maturidade, formando a base de um longo período de expansão pós-guerra, que se manteve intacto até o início dos anos 70. Porém, a recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo, colocou em movimento um conjunto de processos que deram fim ao compromisso do fordismo. As décadas de 70 e 80 foram marcadas por um período de reestruturação econômica, social e política. A transformação da

²⁰ Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

estrutura do mercado de trabalho teve como paralelo mudanças de igual importância na organização industrial, abrindo-se para um regime de *acumulação flexível* (produção *just-in-time*). (DALPIAZ, 2002, f.18).

Em suma, a atividade jornalística é essencialmente *industrial*. O campo jornalístico se conforma através destes parâmetros de como o capitalismo se consolidou como sistema hegemônico no século XX. Os meios de comunicação, incluindo os que possuem a intenção de significar-se como difusores de notícia, atuam como mercadoria pública, “oferecendo um conteúdo que é constituído pela informação ou pelo entretenimento” (FERRARETTO, 2007, p.23). Desta forma, desenha-se o que Traquina (2013) chama de “tribo jornalística²¹”.

A organização da tribo jornalística e a formação do campo jornalístico determinam os processos ativos e institucionais da comunidade jornalística. São, igualmente, estruturas que provocam a constituição de um *modus operandi*, ordenados por procedimentos comuns aos seus integrantes. Considera-se, logo, que há uma atribuição essencialmente *técnica* ao jornalista. Como a produção de notícias aborda assuntos variáveis, como o factual²² e o especial, além de levar em conta as diferentes esferas sociais relevantes para o público e os temas que despertam interesse do mesmo, como política, economia, cidades, noticiário policial e de interesse social, os jornalistas segmentaram as edições de jornais. Os temas são dispostos separadamente, a fim de organizar a audiência e dirigi-la para o consumo específico de um assunto de maior ou menor interesse. Para cada setor, uma editoria específica assume o papel de levar ao público conteúdos que possuem diferentes gradações de abordagem, linguagem e particularidades. “O jornalista não deve somente conhecer a técnica de pesquisar, escrever, diagramar, ilustrar e outras atividades complementares. Por mais competente e inteligente que seja, não consegue bons resultados ao redigir sobre um assunto que ignora” (ERBOLATO, 1981, p.13). A especialização do jornalista, que é uma orientação do mesmo para a cobertura sistemática de assunto específico, gera novos *subcampos* de conhecimento, que operam como desdobramentos do campo fundamental, abordado neste capítulo.

2.2.1 Futebol: entretenimento ou jornalismo?

O esporte é, via de regra, um instrumento de produção de entretenimento. Todavia, em capítulo já destacado, toma-se aqui o futebol como a modalidade principal de cobertura da mídia. Justamente pelo apelo popular do esporte, que tem uma repercussão considerável sobre a

²¹ Apropria-se do conceito de tribo criado por Maffesoli (1987), referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios.

²² Jargão jornalístico que determina a cobertura cotidiana dos fatos, os acontecimentos do momento.

sociedade brasileira (DAMATTA, 1982, p.5), a cobertura dos jogos de futebol é responsável por boa parte do conteúdo desportivo gerado pela imprensa nacional. Por conta da sua relevância social, os acontecimentos esportivos recebem em redações tratamento jornalístico. Entretanto, alguns autores argumentam que a chamada “cobertura esportiva da mídia” ressalta aspectos que possuem mais abordagens de difusão de entretenimento em vez do revestimento jornalístico que pretende se trabalhar nesta pesquisa. José Marques de Melo (2003) utiliza a expressão *esporte midiático*:

Quando mídia e esporte se entrecruzam? Essa convergência ocorre no momento em que o segundo se converte em conteúdo da primeira. Ou melhor, quando o esporte supera o âmbito de lazer individual ou grupal e se torna uma atividade coletiva, perfilando o universo do lazer de massas. A esse fenômeno híbrido poderíamos denominar esporte midiático, embora ele seja mais conhecido pelo rótulo de comunicação esportiva. Para melhor compreendê-lo, torna-se indispensável situar as dimensões da “cultura desportiva”. [...] Por um lado, teríamos a “cultura dos praticantes”, caracterizada pelo desenvolvimento de atividades esportivas enquanto exercícios físicos. Por outro lado, teríamos a “cultura dos espectadores”, determinada pela participação vicária nas atividades esportivas como admiradores, como aficionados. (MELO, 2003, p.112).

Lasswell e Wright (apud MELO, 2003, p.112) categorizam em quatro eixos a comunicação de massa: informação, persuasão, instrução e diversão. Melo (2003, p.113) considera que o conteúdo hegemônico nas transmissões de certames desportivos se relaciona com a diversão.

Sem sair de casa, os aficionados podem acompanhar todos os lances de uma partida de futebol, contemplar o desempenho dos seus ídolos preferidos numa corrida de carro ou numa luta de box, bem como desfrutar o prazer estético, contemplando os movimentos de patinadores, nadadores ou cavalgadores. Tais espetáculos geram também fontes de divisas para as instituições esportivas, que cobram direitos de transmissão às redes televisivas ou aos seus patrocinadores. (MELO, 2003, p.113).

Outro termo utilizado por Melo (2003, p.115) é o de esporte espetáculo. Ao lidar diretamente com a paixão das pessoas, o futebol é um meio pródigo para disseminar o sensacionalismo, no sentido de despertar sensações dos espectadores. Com a introdução da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) na indústria cultural, entende-se que a mídia esportiva incorpora características da espetacularização, operando como o prolongamento de um show (OSSELAME, 2012, f.81). A condição do esporte como lazer contribui neste sentido. Isto se materializou historicamente nas editorias esportivas. Amaral (1969, p.98) defende que, pela natureza e finalidade do jogo, “esporte é, sobretudo, entretenimento e, por isto, editorias especializadas no assunto gozam com bom grau de independência”. Por conta do caráter lúdico e passional do jogo de futebol, retira-se o enfoque de *hard-news* de suas coberturas. Porém, o processo de

produção, organização e distribuição de uma notícia esportiva obedece rigorosamente a parâmetros habituais das operações jornalísticas tradicionais, com hierarquias, organizações e processos produtivos que não diferem em nada de outras editorias. De acordo com Beltrão (1980, p.13), as três funções essenciais do jornalismo são:

Informação, ou seja, o relato puro e simples de fatos, ideias e situações do presente imediato, do passado ou do vir-a-ser possível/provável, que estejam, no momento, atuando na consciência coletiva; a orientação, ou seja, o esforço de interpretar a ocorrência, tirando conclusões e emitindo juízos com o objetivo de provocar a ação por parte daqueles aos quais a mensagem é dirigida; e a **diversão** [grifo nosso], isto é, um meio de fuga às preocupações do cotidiano ou costumeiro, uma pausa no ramerrão, um preenchimento dos lazeres como algo reparador do dispêndio de energias reclamado pela própria atividade vital de informar-se, sem a qual nenhum ser vivo pode evoluir e aperfeiçoar-se, nem o ser humano, especificamente, manter suas relações sociais.

O conceito de entretenimento, por sua vez, é revestido de certo preconceito pela comunidade jornalística. Entreter vem do espanhol *entretenir* e significa manter no mesmo estado, que faz permanecer, durar; modernamente – e aqui, o conceito mais apropriado para a questão -, é sinônimo de divertimento, de distração (MARCONDES FILHO, 2014). O entretenimento caminha junto com o jornalismo e com os ativos da indústria cultural, como no caso, os meios de comunicação. Embora colocado vulgarmente em um polo oposto ao jornalismo em si, verifica-se que é, na verdade, um eixo que dialoga intensamente com a prática jornalística, cuja relação é intrínseca à indústria cultural.

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias [...] A indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria. A diversão é o prolongamento do trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.111-112).

Esta polarização, necessária para uma espécie de categorização ou classificação, não revela de fato, que o esporte na mídia pode ser tratado como jornalismo, como entretenimento ou, como costuma ser, como os dois. A própria oposição conceitual não se faz correta. Em suma, embora sejam vertentes diferentes, jornalismo e entretenimento se fundem, uma vez que também cabe ao jornalismo divertir e ao entretenimento associar-se a determinadas práticas da profissão para, justamente, atingir a esta finalidade ressaltada por Beltrão (1980). Estas distinções provocam divergências e distorções. Há, de fato, correntes de pensamento divergentes

sobre o tema. Entretanto, toma-se aqui o caminho de analisar o jornalismo esportivo como uma especialização ordinária do campo jornalístico, tal qual o político, o econômico, o cultural etc., porém, sem desprezar sua função diversional, lúdica e, especialmente no esporte, também de entretenimento.

2.2.2 O jornalismo esportivo: editoria especializada

É possível dizer que o jornalismo esportivo possui uma ‘comunicação própria’, visto que há especialidades técnicas, jargões específicos e temas singulares que exigem ao comunicador saber sobre o que se fala. O pesquisador Antonio Alcoba López (2005), que entende o esporte como uma área específica de conhecimento, provocando o que chama de *comunicação especializada* para a mídia desportiva.

Finalmente, nas redações de jornais e logo nos meios audiovisuais, surgiram jornalistas que, ao notar a lacuna existente para o tratamento do esporte e o interesse que ele provocava aos leitores, decidiram passar para o gênero esportivo [...], pois se acreditava que a informação esportiva era vulgar, com expressões inadequadas, distante da literatura e destinada, por fim, a um público escassamente culto. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p. 50, tradução nossa).

Alcoba López concentrou sua pesquisa no jornalismo espanhol. Suas publicações sobre jornalismo esportivo e sua defesa de uma editoria específica e da especialização dos profissionais vão ao encontro do que se mostra atualmente em redações. Uma questão chave para ilustrar seu pensamento é a diferença de espaço que o assunto tem quando há um grande evento, como a Olimpíada e a Copa do Mundo. Quando uma destas competições é realizadas, em geral os noticiários impressos, radiofônicos e televisivos, bem como as capas de portais de notícias na internet “invertem a pauta” e ampliam o espaço desportivo ao ponto de, naquele momento, se tornar o principal assunto do dia – salvo quando há algo que se sobreponha. Após uma conquista ou uma vitória relevante de uma equipe cujo interesse é alvo do veículo, o procedimento se repete. Outro ponto é a própria estruturação no modo de produção de uma editoria de esportes. Ela segue à risca o desenvolvimento de outras editorias, seja em sua distribuição hierárquica ou operacional. Qualquer editoria de esportes preserva características essenciais do jornalismo, como transmissão da notícia partindo de um *lide*²³, com apuração de notícias, técnicas de entrevista e o repasse, ao espectador, da notícia desportiva com texto idêntico ao de qualquer outra

²³ Abertura da notícia, reportagem etc., onde se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o clímax da história. Resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico. O lide torna possível, ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também “fiscar” o interesse do leitor e persuadi-lo a ler tudo até o final. Na construção do lide, o redator deve responder às

notícia. Ou seja, quando há o fato em si, embora o futebol tenha um âmbito que se alarga, introduzindo em seu acompanhamento aspectos emocionais, a editoria de esportes assume a mesma importância de qualquer outra.

Contudo, é preciso salientar que dois itens auxiliam para que este impasse pelo qual passa a cobertura esportiva. São eles: (a) a criação de um imaginário em torno do jogo de futebol, que conta com aspectos que fogem do essencialmente real; (b) historicamente, o jornalismo esportivo brasileiro teve, em seu conteúdo, aproximações com o gênero literário – não obstante, de ficção. Neste contexto, DaMatta (1982) argumenta que nos estádios e nos ginásios, as multidões urbanas se emocionam com um cenário onde atores e espectadores estão separados, mas no qual se estabelece entre eles elos simbólicos fundamentais, devidamente ligados através da paixão. A paixão produz percepções que transcendem o que é real. Juremir Machado da Silva (2017, p.24) considera que o imaginário é aquilo que excede do real:

O imaginário é um excesso, algo que se acrescenta ao real. [...] uma atmosfera, um “plus”, um excedente, uma interpretação, uma significação, um sentido relevante individual ou socialmente atribuído a um acontecimento. O imaginário é o fato que passou a ter sentido para alguém. A consagração do imaginário é sempre uma operação sentimental. (SILVA, 2017, p.24-25).

Dois exemplos ilustram estas relações. O primeiro mostra como Nelson Rodrigues descreveu da seguinte forma a derrota por 2 a 1 para os uruguaios e a perda do título mundial em pleno Maracanã:

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dirse-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraíu" de nós o título como se fosse um dente. [...] A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: - "O que vem a ser isso?". Eu explico. Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-

questões básicas da informação: *o quê, quem, quando, onde, como e por quê*. (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.360-361).

latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender (RODRIGUES, 1993, p.52).

Este texto foi publicado na revista *Manchete Esportiva* do dia 31 de maio de 1958 e editado no livro *À sombra das chuteiras imortais* (1993). Trata-se da última crônica antes da estreia do Brasil na Copa de 1958. O certame foi vendido pela Seleção Brasileira. Nelson maninha, nesta publicação, uma coluna chamada "Personagem da semana". O cronista temia que na Suécia se repetisse o que aconteceu na Copa de 1950. O título do texto era "Complexo de vira-latas²⁴". Ou seja, a previsão de como o Brasil poderia atuar no Mundial de 1958 era uma alegoria produzida por Rodrigues, um texto que evocava o "complexo de vira-latas". Não era uma análise que previa prever ações e imaginava as chances reais, concretas, factíveis. Foi utilizado no texto o elemento literário, com exageros, figuras de linguagem e aspectos ficcionais. Há um relato que produz o sentido do imaginário. Silva (2017, p.32) argumenta que "todo imaginário é comunicação" e que ele pode ser visto como uma complementação ou ampliação ao real. Na crônica, há o fato – a estreia brasileira em 1958 e uma previsão do que seria o Mundial para a seleção brasileira – e sua ampliação utilizando o imaginário – o tal do "complexo de vira-latas". Esta crônica poderia ser política, econômica, cultural ou de cotidiano. Entretanto, não há lugar tão fértil quando o campo do esporte, que apreende a paixão do torcedor, para estimular os sentidos e a imaginação.

O segundo exemplo serve para introduzir o rádio como componente ativo da cobertura esportiva e, a partir disto, concentrar-se no que é o objeto de estudo deste trabalho. Entende-se que o universo do futebol é um ambiente repleto de mitologias. Motta (apud GUERRA, 2002, p.42) define o esporte como uma forma do homem reencontrar no jogo em si diversas oportunidades perdidas na vida, com a propagação da batalha simbólica, entre o ideal da vitória, o surgimento de heróis e as dicotomias entre o bem – seu time – e o mal – o time adversário.

O homem quer ser o vencedor, quer ser o melhor, o bem-sucedido, alcançar o sucesso. O jogador se apresenta na forma de um ideal humano, o que precisa provar, para que o público o aceite como tal. A torcida se coloca no lugar do jogador e muitas vezes usa o veículo de comunicação como instrumento de aproximação. Nesse caso, nada parece mais próximo do que a linguagem utilizada pelo rádio desportivo. (GUERRA, 2002, p.43).

O rádio esportivo, portanto, é um despertador do imaginário. O torcedor se projeta para

²⁴ O termo passou a ser difundido popularmente para descrever, perante determinadas situações, um suposto sentimento de inferioridade do brasileiro.

o campo de jogo ao ouvir as descrições e as figuras narrativas feitas pelos profissionais. Entretanto, atende a uma demanda essencialmente jornalística, conforme será apresentado no capítulo abaixo.

2.3 O rádio esportivo: entre o imaginário e o jornalístico

Crianças jogam bola em um campinho improvisado no meio da rua. A bola não está totalmente cheia. As duas traves são pedras que foram colocadas a fim de delimitar, em uma linha reta, o que são as metas defendidas pelos goleiros. Não há travessão. Não há linha lateral. Apenas uma diferença na tonalidade do piso separa o que é campo ou área fora de atuação. Não há linha de meio de campo, tampouco identificações que possam designar o que são as pequenas áreas, grandes áreas, meia-lua ou linha de fundo. Enquanto dois times se enfrentam, três outras crianças, do lado de fora do campo, assumem papéis que interagem com a disputa em si. Uma delas representa um narrador esportivo. Com velocidade na fala, descreve os lances do acirrado combate que se enxerga. Outra, é um atento repórter, informando a complementação dos lances de jogo. Por fim, a terceira criança faz o papel de um comentarista esportivo, com análises de quem está jogando bem, quais jogadores se destacam e o que precisa fazer para solucionar um determinado problema em campo. A representação descrita é, evidentemente, uma alegoria a respeito da importância do rádio para o imaginário do torcedor de futebol. A cena pode ser perfeitamente reproduzida em algum campo de futebol pelo país. Ali, além da bola, dos jogadores e dos objetivos de uma equipe no gramado, há a presença que funciona desde a primeira metade do século 20 como a trilha sonora das arquibancadas: uma transmissão radiofônica.

A presença do rádio no futebol existe desde 19 de julho de 1931, quando Nicolau Tuma, através do microfone da Rádio Educadora Paulista, irradiou a partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, no campo da Chácara da Floresta, em São Paulo (SOARES, 1994, p.17-22). Tuma foi o primeiro locutor a irradiar continuamente uma partida de futebol durante os 90 minutos, criando o “estilo de narração parte da programação esportiva do rádio” (SOARES, 1994, p.18)²⁵. Ou seja, antes do profissionalismo chegar ao futebol brasileiro, já havia a radio-difusão de uma partida de futebol.

²⁵ Outros autores apontam para experiências anteriores de narração de futebol. Na *Cronologia do Rádio Paulistano* (Volume I/Anos 20 e 30), lançada em novembro de 1993 pelo Centro Cultural São Paulo, é citado um texto do *Correio Paulista* (de 1º de maio de 1949) que aponta Leopoldo Sant’Anna como autor de uma narração entre paulistas e cariocas, em 1924. O mesmo texto afirma que “em fins de 1927, começa o interesse pelo futebol. Embora a narração futebolística não seja propriamente uma novidade, já que desde 1924 é comum a transmissão de jogos por telefone, através de alto-falantes, o fato é que a primeira notícia de irradiação de jogo data de novembro de 1927 (SOARES, 1994, p.18). Já Maria Elvira Bonavita Federico (1982) sustenta que Amador Santos, na Rádio Clube do Brasil (RJ) foi o primeiro a irradiar futebol (FEDERICO, 1982, p.58). Entretanto, a experiência

A evolução tecnológica permitiu ao ouvinte que acompanhasse a partida através de outros dispositivos. A primeira revolução aconteceu quando ele passou a frequentar o estádio com o seu radinho de pilha, a partir da popularização dos rádios transistorizados. Posteriormente, a televisão passou a transmitir jogos de futebol ao vivo, em tempo real. A última alteração se dá pela disseminação da internet e das redes sociais e as múltiplas formas de acompanhar uma partida. Estas divisões são essenciais para a compreensão de como o radiojornalismo esportivo se conformou a partir das primeiras experiências nos anos 1930, algo que será abordado em capítulo posterior. Embora com algumas diferenças no modo de consumo do rádio esportivo, ele sempre foi um companheiro do torcedor, indo ao encontro do que Ferraretto (2014, p.26-29) coloca:

Há uma particularidade do rádio a marcar o meio em relação aos demais e a garantir a sua sobrevivência em um processo que ganhou força com a transistorização, tecnologia responsável pela consolidação da portabilidade dos aparelhos receptores. Trata-se de sua caracterização como uma espécie de companheiro do ouvinte, algo que está próximo no dia a dia e quebra a solidão, seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. (FERRARETTO, 2014, p.26).

Mesmo na partida de futebol das crianças, onde havia um rádio imaginário, a transmissão esportiva funciona como uma extensão da imagem que o torcedor tem da partida. Às suas percepções individuais, somam-se outros fatores: se ele concorda ou não com a opinião do comentarista; a possibilidade de identificar os jogadores em campo através da descrição do narrador; saber antes mesmo de acontecer uma substituição quem está preparado para entrar; ter conhecimento de quantos torcedores estão no jogo; ouvir entrevistas que podem elucidar dúvidas; informar-se a respeito dos jogos paralelos que podem interferir na classificação do seu time preferido etc. O rádio serve, neste contexto, como um suporte para ampliar seu leque de informações contidas a respeito do jogo de futebol. É, também, um companheiro. E, por fim, opera como uma expansão do seu próprio imaginário, especialmente quando não há imagem do jogo.

François Jost (2011) apontou categorias existentes para os modos de emissão da mensagem televisiva. Ele concentrou sua análise na oposição entre real e ficcional na imagem. Ferraretto (In: ROSÁRIO; SILVA, 2016, p.150-151), considerando que o assinalado em relação à imagem vale também para a fala, expôs desta forma os modos de emissão apontados por Jost:

(a) *Autenticante*: o modo autenticante reúne programas com verdadeiras informações (asserções) sobre o nosso mundo e que passam, em última instância, pelo teste da prova. Em

de irradiação contínua, isto é, de 90 minutos de partida, teve em seu pioneirismo, a transmissão realizada por Nicolau Tuma.

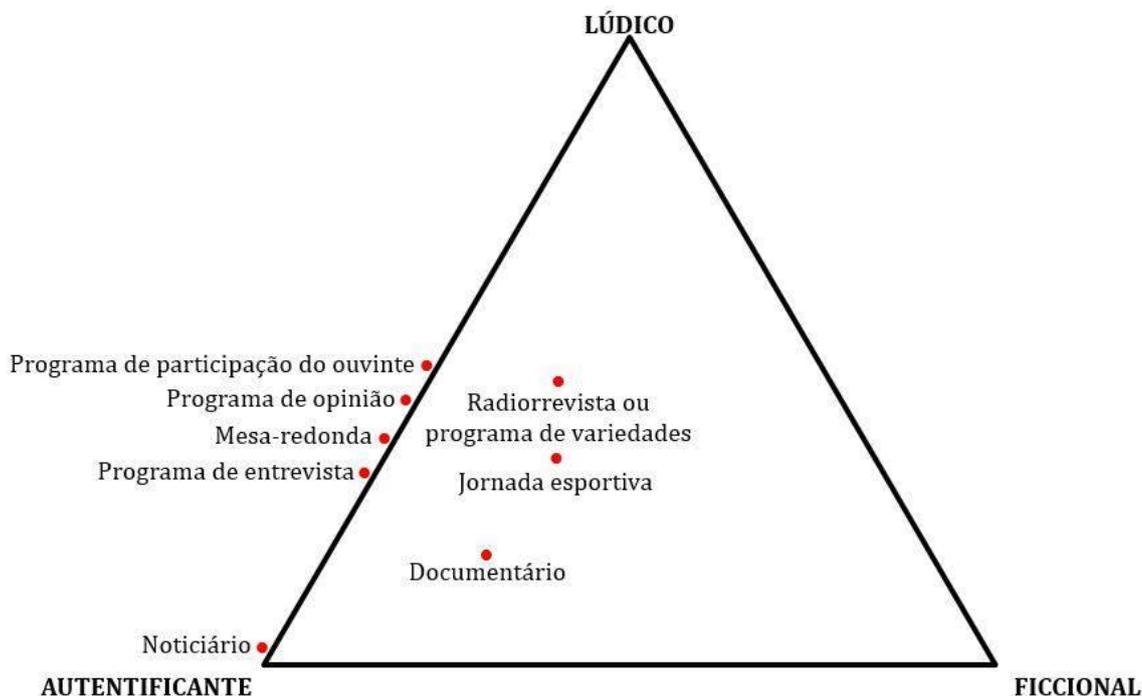
primeiro lugar, pensamos nos programas informativos (telejornal, reportagens). Mas é preciso acrescentar as transmissões ao vivo. Uma das maneiras de a televisão (assim como o rádio) atestar a verdade do que está dizendo é captar as imagens ao mesmo tempo que as transmite (JOST, 2001, p.19).

(b) *Ficcional*: posicionado no polo oposto ao do real, mas sem se relacionar diretamente com a falta de veracidade ou a mentira. O autor é livre para inventar e reconhecemos essa liberdade (JOST, 2001, p.20-21). Situam-se nesta categoria as novelas, filmes e *sitcoms*.

(c) *Lúdico*: Assim como o modo autenticante, ele pressupõe discursos de verdade mesmo que parciais e reduzidos a um simples jogo de pergunta-resposta. Ele se apoia em seres de carne e osso que autenticam (certificam) e garantem o bom desenrolar da asserção. Mas, assim como o mundo fictício, ele possui um sistema de regras autônomas, às vezes distantes das do nosso dia a dia; como a ficção também a sua coerência tem a ver com o respeito às regras do jogo, que foram dadas ao telespectador. Uma das características desse modo é que ele admite facilmente deslizamentos rápidos do autêntico ao fingimento continuando a ser quem se é, ou seja, uma personalidade de verdade, o animador, pode se transformar repentinamente em outra, personagem sério ou cômico, para a satisfação do público. Trata-se, portanto, de um modo de emissão que inclui a possibilidade de fingir algo em relação à audiência (JOST, 2001, p.21-22).

Jost (2001, p.22) organizou uma figura onde situa cada programa de televisão em um diagrama que posiciona a atração de acordo com sua categoria respectiva. Ferraretto (2016, p.153) adaptou o modelo de Jost ao conteúdo do radiojornalismo, conforme mostra a figura 1:

Figura 1: Adaptação do modelo de François Jost ao conteúdo radiojornalístico (FERRARETTO In: ROSÁRIO; SILVA, 2016, p.153).



A jornada esportiva, portanto, flutua entre as três categorias:

As jornadas esportivas têm, na descrição lance a lance de um jogo de futebol, uma característica autenticante. É o lúdico, no entanto, que faz o ouvinte sintonizar a transmissão. Na voz do narrador, uma partida ganha emoção e o caráter quase ficcional de uma contenda, na qual o gramado transforma-se, hipoteticamente, em campo de batalha e um gol ou uma defesa habilidosa em momento de heroísmo extremo. (FERRARETTO In: ROSÁRIO; SILVA, 2016, p.154).

A transmissão de uma partida de futebol tensiona estes três elementos, equilibrando-se entre fatores que autenticam, ludificam e ficcionam o jogo. Como exemplo, pode-se ilustrar o registro de uma falta violenta. No mesmo lance, o narrador pode chamar o jogador de “criminoso” e o atingido de “vítima”. Pode, também, recorrer a hipérboles, amplificando a dramaticidade de um lance banal. O repórter, por sua vez, relata precisamente o que foi a jogada. No mesmo lance do jogo, os três elementos podem estar presentes. Enquanto o narrador estende o campo da realidade, o repórter noticia a precisão do fato. O comentarista tem a função principal de opinar sobre o acontecimento.

Naturalmente, a história do rádio esportivo foi conformando estes elementos que, a grosso modo, parecem se opor: a informação *versus* a imaginação; o jornalístico *versus* o imaginário; o real *versus* o ficcional; a competição *versus* o lúdico; o fato *versus* o romance. O

rádio esportivo se consolidou, portanto, como um reflexo do que foi a imprensa esportiva brasileira desde seus primórdios. O modelo habitual de descrever os acontecimentos relativos a uma partida de futebol era próximo ao da crônica, à literatura, mais distante do jornalismo. Uma visão romântica, que funcionava de forma hegemônica nos primórdios da imprensa nacional (COELHO, 2017, p.18). Com o rádio, não foi diferente. Entretanto, com a multiplicação de possibilidades que a audiência passou a ter para acompanhar os eventos, o aumento do espaço dedicado ao esporte e a popularização do rádio como um instrumento informativo, as emissoras de radiodifusão passaram a estruturar suas equipes esportivas da mesma forma que os jornais acompanhavam o esporte. Ou seja, o *jornalismo esportivo* chegava ao rádio, em um movimento que, segundo Alcoba, passa por uma influência natural dos meios impressos:

[...] o jornalismo esportivo radiofônico está lotado de nomes que surgiram no meio impresso. Esta circunstância influenciou em dar novos ares à informação desportiva radiofônica, ao ponto de empregar linhas editoriais e opinativas não utilizadas até então. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.170, tradução nossa).

Outro fator que se impôs para a formação de emissoras dedicadas ao futebol e com editorias estruturadas com o intuito de tratar o conteúdo desportivo como um produto jornalístico foi a compreensão do rádio como elemento da indústria cultural. Ou seja, o rádio funciona, sobretudo, como negócio.

2.3.1 *O rádio como indústria cultural e o rádio esportivo como negócio*

O termo indústria cultural foi criado pelos alemães da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer para designar os sistemas de arte e comunicação inseridos na sociedade capitalista. As manifestações artísticas e os meios de comunicação eram facilmente incorporados pela lógica capitalista. A análise da produção industrial dos bens culturais é feita levando em consideração a produção da cultura como mercadoria, onde se incluem “os filmes, os programas radiofônicos e as revistas ilustrando a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou projetos de urbanismo” (MATTELART; MATTELART, 2014, p.77). Ferraretto (2007, p.15) admite o rádio como um ramo particular de investimento e reprodução do capital, como uma transição ao plural da ideia de indústria cultural. Em sua origem, Adorno e Horkheimer ponderam:

O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um **negócio** [grifo nosso], eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtores. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.99-100).

Para entender o rádio como um elemento da indústria cultural, faz-se necessário, logo, contextualizar a história da radiodifusão no Rio Grande do Sul. Entende-se, logo, que o rádio é negócio. Adorno e Horkheimer apontam que “o terreno em que a técnica adquire seu poder como a sociedade é o terreno dos que a dominam economicamente” (ADORNO; HORKHEIMER apud MATTELART; MATTELART, 2014, p.78). Compreende-se que a dinâmica capitalista gera movimentos tecnológicos que interferem nos modos de produção das indústrias. Os *frankfurtianos* alegam que a orientação do conteúdo gerado pelas emissoras é essencialmente voltado para o lucro e acompanha o desenvolvimento tecnológico e as alterações sociais. Ferraretto (2007, p.25) entende que no Rio Grande do Sul, até os anos 1940, não havia esta lógica, por conta de um mercado publicitário ainda embrionário. Embora o quadro atual se apresenta demasiadamente comercial, ou seja, os movimentos feitos pelas emissoras vão ao encontro do que as necessidades capitalistas geram, é necessário contextualizar a evolução deste processo.

Ferraretto (2012) apresentou uma proposta de periodização do rádio brasileiro. Ele demarcou períodos históricos para se entender a consolidação do rádio como indústria de radiodifusão a partir do século passado, que são as fases de (1) implantação, (2) difusão, (3) segmentação e (4) convergência. Esta pesquisa propõe uma consonância com este estudo, considerando algumas sensíveis rupturas que denotam a especificidade do tema proposto neste projeto, com abordagens peculiares que merecem um aprofundamento mais exclusivo, tomando como base teórica tais estudos. Considera-se, portanto, o quadro 1, que define as características de cada fase:

Quadro 1: Proposta de periodização da história do rádio no Brasil (FERRARETTO, 2012).

Fase	Características
Fase de implantação	<ol style="list-style-type: none"> (1) Pelo lado da indústria eletroeletrônica internacional, o Brasil é visto como um novo mercado para a comercialização de equipamentos; (2) O rádio começa quase como um <i>hobby</i> de integrantes da burguesia, que se articulavam em clubes e sociedades mantidas pelos pagamentos de mensalidades; (3) O conteúdo expressa uma ideia de difusão cultural e educativa dentro dos valores burgueses de então; (4) A cultura popular encontra resistência em sua veiculação nos clubes e sociedades de rádio; (5) Predomínio do associativismo idealista de elite.
Fase da difusão	<ol style="list-style-type: none"> (1) Estruturação e início do predomínio do rádio comercial, embora a realidade do período impeça a ascensão do meio ao patamar de indústria cultural; (2) Definição legal do caráter da radiodifusão no Brasil: outorga governamental com possibilidade de exploração comercial; (3) Profissionalização das emissoras com a contratação de um quadro de pessoal próprio para o qual são definidas funções específicas e estruturadas rotinas de trabalho; (4) Programação baseada, de modo majoritário, no espetáculo dos humorísticos, novelas e programas de auditório, mas com espaços reduzidos à cobertura esportiva, à música gravada e aos noticiários; (5) Público, em geral, tomado como um todo ao qual se destina à programação, uma série de conteúdos trabalhados segundo uma média de gosto; (6) Predomínio da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro; (7) Emissoras comerciais atuam em um mercado caracterizado pela vigência do capitalismo competitivo ou liberal; (8) Predomínio na gestão dos chamados <i>capitães de indústria</i>
Fase da segmentação	<ol style="list-style-type: none"> (1) A radiodifusão sonora constitui-se como um ramo particular da indústria cultural; (2) De 1960 a 1970, a televisão passa a liderar o mercado de comunicação, tanto em termos de audiência quanto no que diz respeito às verbas publicitárias; (3) A transistorização permite, de um lado, a portabilidade do receptor (radinho de pilha e autorrádio) e, de outro, a mobilidade na transmissão com a presença da emissora no palco de ação dos acontecimentos; (4) Empresas começam a operar, além das ondas médias, também em estações de frequência modulada, faixa que, gradativamente, se torna hegemônica; (5) Criam-se condições para a segmentação: de 1960 a 1970, a população urbana ultrapassa a rural; no mesmo período, o jovem constitui-se como categoria social passível de ser trabalhada como consumidor; e, a partir dos anos 1980, acontece a redemocratização no país; (6) Comunicador se torna figura central nas irradiações, que ganham, assim, coloquialidade; (7) Ascensão de <i>homens de empresa</i> sob a vigência do capitalismo monopólico; (8) Predomínio dos conglomerados operando sob a propriedade cruzada; (9) Formação de redes via satélite; (10) Desenvolvimento de outras modalidades de radiodifusão sonora além da comercial: comunitária, educativa, estatal e pública.
Fase da convergência	<ol style="list-style-type: none"> (1) Redefinição das transmissões radiofônicas para além das ondas herztianas; (2) Reposicionamento conceitual com o meio sendo tomado por sua linguagem específica e não apenas pela tecnologia envolvida; (3) Valorização da participação do ouvinte; (4) Coincide com a hegemonia do sistema capitalista e com um perfil de gestor, crescentemente, voltado à integração, sob a acumulação flexível, dos empreendimentos regionais às tendências de globalização; (5) Busca por novas formas de comercialização; (6) Indefinição, no âmbito do negócio, sobre o futuro das transmissões <i>on-line</i> e de suas possibilidades de comercialização;

	(7) Necessidade de repensar o modelo de financiamento das emissoras comunitárias, educativas, estatais e públicas;
	(8) Repensar os marcos regulatórios como imperativo provocado pela nova realidade a partir da convergência.

Os períodos ilustrados por Ferraretto levam em conta as diversas alterações que a sociedade em si passou no Século XX. Os modelos de negócio, os modos de produção, as dinâmicas sociais e as tensões no campo econômico foram fatores considerados para que se entenda como o rádio brasileiro se conformou no século passado.

O rádio esportivo opera como uma derivação dentro do universo radiofônico nacional. O espaço dedicado ao esporte, especialmente o futebol, deu-se através de demandas da audiência e de alterações na sociedade em si, como as dinâmicas de produção, evoluções tecnológicas e mudanças nos padrões sociais, da mesma forma que a periodização mencionada na tabela acima apontou. No rádio esportivo de Porto Alegre, uma emissora dedica seu tempo integral para veicular exclusivamente notícias esportivas ao longo de sua programação, 24 horas por dia e ao vivo. Em média, conforme consulta, no mês de setembro de 2017, aos sites das demais rádios aqui analisadas, um quarto das transmissões diárias das demais é ocupado por informações dessa temática (BAND, 25 set. 2017/ GAÚCHA, 25 set. 2017/ GUAÍBA, 25 set. 2017). A tabela 2 ilustra o tempo dedicado ao esporte nas quatro emissoras que produzem o tema com tratamento jornalístico:

Tabela 2: Porcentagem da programação dedicada ao esporte nas quatro emissoras que produzem radiojornalismo esportivo em Porto Alegre.

Emissora	Segunda-sexta²⁶	Sábado²⁷	Domingo
Bandeirantes	25%	25%	50%
Gaúcha	35,4%	25% ²⁸	56,2%
Grenal	100%	100%	100%
Guaíba	22,5%	25%	52%

O alto índice de ocupação de espaço do esporte nas programações e o crescimento deste percentual, com espaços outrora ociosos, como o horário da madrugada, antes tradicionalmente direcionado a assuntos de cotidiano e participação dos ouvintes, ilustram a importância que o

²⁶ Entende-se como programação-base. Não computa eventual transmissão esportiva em dia de semana.

²⁷ Em dia sem transmissão de jornada esportiva.

²⁸ Não contabiliza o programa *Show de Bola*, que tem conteúdo mesclado entre jornalismo esportivo e entretenimento.

esporte possui nas emissoras de radiojornalismo em Porto Alegre. De acordo com dados do Kantar Ibope Media²⁹, a maior média de audiência por faixa horária entre as quatro emissoras no ano de 2016, contabilizando toda a grade de programação e incluindo os programas de jornalismo geral, foi da Rádio Gaúcha, aos domingos, entre 16h e 17h, com 128.683,87 ouvintes por minuto. O horário é tradicionalmente dedicado às jornadas esportivas.

Estes números ilustram a importância que a cobertura esportiva tem na programação das emissoras no segmento jornalístico na capital gaúcha. Tem-se, aqui, o conceito de segmento, muito confundido com o de formato. O segmento e o formato determinarão o conteúdo dos programas e a continuidade dos mesmos forma uma grade de programação. O segmento leva em consideração aspectos geográficos, demográficos e socioeconômicos e, de acordo com o conceito de Richers (apud FERRARETTO, 2014, p.49), baseia-se em dados específicos de público alvo, com aplicações primordialmente a serviços e, sobretudo, a bens de consumo.

Define-se segmentação como um processo em que, a partir da conciliação entre os anseios, interesses, necessidades e/ou objetivos do emissor e do receptor, além da identidade construída pelo primeiro, foca-se o rádio, em qualquer uma de suas manifestações comunicacionais, em dada parcela do público. Obviamente, ao ir das características mais genéricas para as mais específicas, agrupando ouvintes por suas particularidades na conformação do público-alvo, vai se definindo uma abordagem inicial e mais genérica do conteúdo. O segmento, portanto, é o resultado desse processo. (FERRARETTO, 2014, p.49-50).

A ideia é, portanto, de estabelecer o rádio esportivo como um **negócio dentro do negócio**: inserido no segmento de jornalismo, como uma editoria específica, mas que possui particularidades. É impraticável, para efeitos de estudo, considerar que tais demandas sejam idênticas ao funcionamento, por exemplo, de uma rádio musical. Também não é prudente avaliar o esporte como um ramo estanque, sem concessões do jornalismo. É uma editoria específica, especializada, que, no rádio, funciona também como um estímulo ao imaginário e com vertentes que se afastam do jornalismo tradicional, como a idealização do jogo, a narrativa da batalha simbólica e o conteúdo que evoca, entre outras coisas, o lado passional do ouvinte. Como mencionado antes, é um misto entre o autenticante (o fato em si), o lúdico (a idealização) e o ficcional (o exagero, por exemplo). Mas também é um ramo do jornalismo, por conta de seu modo de produção, da sua característica editorial e do seu apelo diante do interesse público e do público, onde, volta e meia, fatos que acontecem nesta esfera editorial se sobrepõem a acon-

²⁹ Fonte: números Kantar Ibope a partir de cálculo feito sobre a medição de audiência mensal de 2016 nas quatro emissoras (Bandeirantes, Gaúcha, Grernal e Guaíba). Relatório anual.

tecimentos de outras editorias. Insere-se no segmento jornalístico, mas há uma série de particularidades que orientam a uma diferenciação a outros ramos dentro deste próprio segmento. É, portanto, um nicho específico do segmento jornalístico e que, pelo apelo existente nestas coberturas, se torna independente por motivos já elencados: a força deste negócio, a audiência massiva, as operações que se particularizam e os elementos que são agregados em torno de si.

2.3.2 A jornada esportiva e o radiojornalismo de futebol

A jornada esportiva é a transmissão do jogo em si. Ela funciona como fio condutor de toda cobertura esportiva. O evento máximo – a partida de futebol – é o ponto alto de uma editoria de esportes.

A transmissão esportiva não é nada mais do que um programa que sai do estúdio e vai para o estádio. Os jornalistas são os mesmos e a intenção é a mesma, ou seja, fazer jornalismo esportivo. A transmissão esportiva é um programa como outro qualquer e, por isso, precisa de um apresentador. No passado era identificado como locutor ou narrador, geralmente identificado como um *showman*. Toda a equipe girava em torno de sua popularidade ou carisma. [...] A transmissão esportiva que se consagrou no Brasil foi a irradiação do futebol. Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios. O tom do trabalho era “bola rolando”: o locutor perseguia a ação de forma incansável. (BARBEIRO; RANGEL, 2016, p.64-65).

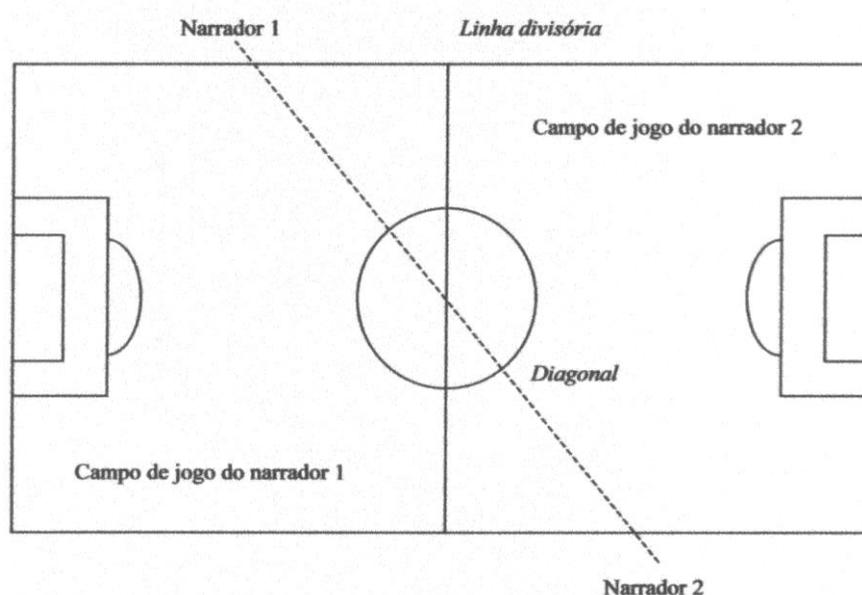
Conforme já mencionado, toma-se como base a primeira transmissão de um jogo de futebol, a irradiação de Nicolau Tuma em 1931. A partir deste marco, as jornadas esportivas passaram a sofrer adaptações, alterações e significações que concedem à transmissão de um evento futebolístico um ritual único entre as múltiplas atrações que o rádio oferece. As primeiras transmissões esportivas eram marcadas pela precariedade. Além das dificuldades técnicas, as estruturas dos estádios de futebol eram rudimentares. Quando a jornada esportiva foi instituída no rádio brasileiro e, por assim dizer, popularizada e sistematizada, os estádios não possuíam cabines de transmissão. As narrações eram lineares e, em muitas vezes, com o locutor limitando-se apenas a descrever quem estava com a bola. A primeira Copa do Mundo transmitida pelo rádio brasileiro foi a de 1938. No entanto, em 1950, na final da Copa do mundo conhecida por *Maracanazo*³⁰, o rádio passou a se tornar um elemento quase adjacente ao fã de futebol.

Na mesma época, ainda sob o impacto do *maior do mundo*, alcunha pela qual o Maracanã ficou conhecido, outros estádios foram construídos. Algumas praças esportivas mais antigas foram reformadas. Os radialistas começaram a ter espaços para transmitir as partidas com

³⁰ Derrota do Brasil para o Uruguai por 2 a 1 na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã.

uma visão integral do campo, algo que não era predominante até então. Outras figuras passaram a se integrar à cobertura, que inicialmente era território quase que de exclusividade dos narradores. Uma prática usual no período era a narração em diagonal, que consistia em posicionar dois narradores nas duas metades opostas do gramado, em diagonal. Cabe a cada um irradiar os lances que se desenvolvem na sua metade do campo. A figura abaixo ilustra como funcionava:

Figura 2: Modelo de narração em diagonal utilizada nas primeiras irradiações (FERRARETTO, 2007, p.479).



Em meados dos anos 1950, o narrador “subiu para a cabine”. O comentarista passou a ser uma figura cotidiana nas transmissões. Os repórteres desenvolveram suas práticas, que perduram até hoje. E, por fim, introduziu-se a função de plantão esportivo. Em algumas emissoras, há outros papéis, como o de repórter de torcida, plantão auxiliar ou repórter de jornalismo geral. As novas atribuições e a incorporação de novos profissionais deram às transmissões uma forma que é hegemônica até hoje. Outro ponto importante é quanto ao formato adotado numa jornada, que atende a um roteiro prévio por onde se desenha o campo de atuação dos profissionais envolvidos. Um outro aspecto a ser ressaltado é quanto ao planejamento de uma transmissão, que envolve um aparato diferenciado em relação a uma cobertura ordinária dos fatos cotidianos. Por fim, a necessidade de uma especialização, ou seja, do profissional envolvido ter conhecimento a respeito do seu objeto de análise, no caso, a partida em si. Sobre isto, Erbolato desenvolve:

O jornalista tem, nesse campo, uma atuação ampla. Pode mostrar os preparativos para as grandes partidas, descrever o que se passa nas concentrações, os treinos (individuais ou coletivos), os atletas que deverão passar (passaram ou

foram barrados) pelos exames médicos e as possíveis substituições ou modificações nos quadros. Há ainda a abordagem das contratações ou vendas, declarações dos técnicos, eleições das diretorias e a missão dos olheiros ou emissários, que pretendem comprar passes de jogadores de outros clubes. (ERBOLATO, 1981, p.16).

Sob este parâmetro de especialização, ou seja, de que, em tese, o profissional que está inserido numa jornada esportiva tem conhecimento sobre o assunto a ser irradiado, categoriza-se a transmissão de futebol sob três prismas, dimensionando a complexidade que é o evento: (a) quanto às funções dos profissionais; (b) quanto à mecânica de cobertura; (c) quanto aos seus procedimentos-padrão.

Quanto às funções dos profissionais, o quadro 2 ilustra as atribuições dos integrantes de uma transmissão de acordo com definições propostas por Ferraretto (2014, p.216):

Quadro 2: Funções na jornada esportiva (FERRARETTO, 2014, p.216).

FUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Narrador	Misturando informação e emoção, o narrador segura a transmissão de um evento esportivo, descrevendo-o em detalhes, mexendo com a sensorialidade do ouvinte e fornecendo a ele uma visão do que acontece.
Comentarista	Representa um elemento de opinião. No dia a dia, possui geralmente um espaço fixo na programação. Durante a transmissão de um evento esportivo, analisa, considera, sugere, opina e critica o que está ocorrendo.
Repórter	Do repórter esportivo, exige-se boa dose de especialização. Na cobertura cotidiana, assume a figura do setorista, aquele que acompanha um clube, entidade ou esporte específico. Na transmissão ao vivo de uma partida de futebol, pode assumir a função de repórter de campo, constituindo-se no integrante da equipe mais próximos dos lances, ou fazer o acompanhamento das manifestações da torcida nas arquibancadas.
Plantão esportivo	Profissional que, escudado em um arquivo atualizado e no trabalho de radioescutas e de produtores, dá informações adicionais a respeito do que acontece durante uma transmissão esportiva. Assim, a ele cabe situar o ouvinte, fornecendo detalhes a respeito da campanha de uma agremiação ou de um atleta, além de noticiar resultados paralelos ao evento narrado. No entanto, nem todas as emissoras que transmitem futebol incluem plantões em suas equipes ³¹ .

Quanto à mecânica de cobertura, toma-se, novamente, o padrão proposto por Ferraretto (2014, p.218-220) para roteirizar uma transmissão esportiva:

³¹ As quatro emissoras analisadas neste estudo possuem a figura do plantão esportivo em todas as suas transmissões.

Quadro 3: Mecânica na cobertura da jornada esportiva (FERRARETTO, 2014, p.218-220).

FASE	CARACTERÍSTICAS
Abertura	O trabalho jornalístico inicia-se com base em um esquema previamente elaborado e demarcado pela citação de patrocinadores. O narrador comanda. Os repórteres trazem as informações atuais, complementadas por dados de arquivo fornecidos pelo plantão. O comentarista analisa tudo, situando ainda mais o ouvinte. Um exemplo de abertura pode conter: um ambiental do jogo apresentado pelo narrador; repórteres dando escalação dos dois times, trio de arbitragem e outras informações da partida; o comentarista analisando a situação dos dois clubes que vão se enfrentar; o plantão com informações adicionais e as reportagens, que são liberadas.
O jogo em si	Com a bola em jogo, há um apelo constante à sensorialidade do ouvinte, em uma descrição lance a lance do que ocorre no estádio. A análise do jogo cabe ao comentarista. Já o plantão traz informações complementares. Tudo gira em torno da necessidade de fornecer ao ouvinte uma visão imaginária da partida.
Intervalo	O apito do árbitro encerrando o primeiro tempo serve de sinal para que os repórteres entrem no gramado, entrevistando jogadores. Em seguida, o plantão esportivo fornece informações sobre outros jogos. Hoje, ainda há a participação dos ouvintes. O comentarista aprofunda sua análise do primeiro tempo e faz uma previsão do que pode ser a etapa complementar.
Encerramento	Ao final da partida, repete-se a situação do intervalo. Correria de repórteres em torno dos jogadores, entrevistas, o plantão informando a situação dos clubes após a partida e o comentarista analisando o jogo e, se houve, os gols. Novamente, há a participação dos torcedores.

Quanto aos procedimentos-padrão para a execução de uma transmissão, fatores técnicos e editoriais são considerados. Com relação à parte técnica, o primeiro ponto a se pensar é viabilizar um meio de transmissão. Hoje, as emissoras de rádio operam com uma conexão de banda larga para a difusão das partidas, algo que é possibilitado graças à contratação de um serviço de internet instalada nos estádios. Há, também, a distribuição de operadores técnicos que realizam a assistência para que a transmissão seja realizada. Contudo, é na parte editorial que jornada esportiva mais se parece com qualquer programa de rádio. Conforme já abordado, há um roteiro de abertura, com uma organização padronizada sobre aquilo que será destaque no jogo. Outras operações feitas para que uma jornada esportiva seja bem-sucedida são relacionadas ao *modus operandi* de uma redação comum: há a pauta – acontecimento que centra o jogo, como estreia de um atleta ou treinador, o duelo de um jogador contra sua ex-equipe, a volta de um artilheiro depois de um longo tempo machucado, a partida que vale a liderança do campeonato etc. Ou seja, sempre há um fato que se sobrepõe aos outros e, além do evento em si, ele norteará a transmissão em termos de relevância. Há a distribuição de funções e tarefas, que designa e mapeia a área de atuação de cada profissional envolvido na transmissão. Por fim, há uma equipe de retaguarda, responsável pela produção e organização do conteúdo.

Considera-se, portanto, que, mesmo com o alto índice de fatores que se relacionam com o imaginário do ouvinte, há uma operação *jornalística* que conduz a jornada esportiva. Ferraretto (2014, p.213) afirma que o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários. Heron Domingues criou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1948, o pioneiro entre os departamentos de notícias da radiodifusão brasileira. Soares (1994, p.59) destaca que em 1947, a Rádio Panamericana já havia implantado o Departamento de Esportes, com uma equipe formada por locutores, comentaristas e repórteres para a cobertura diária dos eventos esportivos. O radiojornalismo esportivo nasce, portanto, sob “a ameaça do imaginário”:

O rádio esportivo sempre foi muito participante, muito vibrante, gerando polêmicas, um dos setores mais opinativos de toda a programação. As transmissões esportivas desde o início se caracterizavam por apresentar um jornalismo de natureza “substantiva” em seu grau máximo, com a “recriação” do fato para o ouvinte com toda a emocionalidade que as palavras podem conseguir. A criação de “imagens mentais” é tão poderosa, a ponto de ser muito mais emocionante ouvir uma partida pelo rádio do que assisti-la no próprio estádio. A presença do “repórter de campo”, acompanhando todos os movimentos – e, até, pretensamente, os “pensamentos” – das equipes durante a disputa, é também uma conquista do rádio esportivo, informando e prestando serviço. (ORTRIWANO, 1985, p.27).

Na programação diária, juntam-se, além dos profissionais envolvidos na jornada esportiva, o apresentador de programa, que conduz as atrações dedicadas ao esporte, o produtor, que gerencia os programas, o coordenador de esportes, que organiza as questões logísticas, operacionais e editoriais e o chefe de esportes, ou editor-chefe, que comanda o departamento. Neste cotidiano, a pauta é organizada de uma forma diferente, geralmente direcionando os repórteres para a cobertura sistemática dos times. São os chamados setoristas. Por fim, existe uma natural orientação dos programas buscarem pautas cada vez mais relacionadas ao jornalismo esportivo ao invés do “entretenimento”³² em si, algo que começou a se desenhar a partir dos anos 1970, quando surgiu a expressão *cronista esportivo*, embora mais alicerçada em impressões pessoais do que em informação:

O trabalho do repórter esportivo até meados dos anos 1970 caracterizava-se por uma mistura, nem sempre bem dosada, de informação e opinião. Dessa realidade, surgiu a expressão *cronista esportivo*, identificando um profissional que calca o seu trabalho na impressão pessoal. Gradativamente, a esse setor da atividade radiofônica foram se estendendo os princípios básicos do jornalismo. A busca pela notícia ganhou mais espaço e, no cotidiano do repórter, a opinião deu lugar à interpretação. (FERRARETTO, 2014, p.217).

³² Há algumas experiências de programas esportivos voltados para o entretenimento. No entanto, nas quatro rádios analisadas, verificou-se que a programação basicamente é composta por conteúdo jornalístico.

Paulo Vinícius Coelho (2017) afirma que em seus primórdios, a opinião esportiva era baseada em palpite. A afirmação veio com o tempo, com a definição que hoje define uma editoria específica e técnica.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas do jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas gradas – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2017, p.7-8).

A partir dos anos 1960, os departamentos esportivos das emissoras brasileiras começaram a se estruturar como uma editoria independente (SOARES, 1994, p.45) e jornalística. As transmissões de rádio, por consequência, passaram por estas alterações, transformando o evento em espetáculo e agregando elementos que configurariam fortemente o radiojornalismo esportivo nas emissoras de Porto Alegre. Em especial, estas transformações geraram significantes mudanças nas práticas dos profissionais que atuam na jornada esportiva. Entre eles, o comentarista esportivo.

3 O COMENTÁRIO ESPORTIVO

O comentarista esportivo é, em gênese, vinculado ao segmento de opinião. É o responsável por traduzir os acontecimentos por uma partida de acordo com uma determinada construção, que será vista a seguir. No entanto, antes de qualquer posicionamento conceitual a respeito do papel do comentarista, sua atividade e suas práticas, há a necessidade de situar o que significa a opinião e como se dá a formação da opinião para o público. O primeiro ponto é estabelecer que a opinião é uma manifestação pessoal do emissor sobre um determinado acontecimento e interpretada pelo sujeito através de seus filtros de crenças e valores próprios, expressada a outrem com seus próprios significados. Etimologicamente, tem-se opinião como modo de pensar, julgar, pensamento, avaliação, julgamento (HOUAISS, 2015, p.685). Coletivamente, chega-se ao conceito de opinião pública que, embora com uma ramificação de nomenclaturas e definições, não é uma unanimidade nas próprias Ciências Sociais (BOURDIEU apud THOLLENT, 2005). A rigor, tem-se opinião pública como:

Agregado das opiniões predominantes em uma comunidade. Juízo de valor (subjetivo) que advém de uma situação objetiva (fato concreto) e se manifesta objetivamente. A opinião pública manifesta-se e se modifica coletivamente sem ser necessidade condicionada pela aproximação física dos indivíduos, e não implica o conhecimento do assunto sobre o qual se opina. Nela interferem fatores psicológicos, sociológicos e históricos. (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.429).

A opinião é, portanto, uma manifestação pessoal do emissor sobre um determinado acontecimento e interpretado por ele através de seus filtros de crenças e valores próprios, expressada ao público através de seus próprios significados. É um elemento pessoal, ou, conforme Walter Lippmann, em sua obra *The Public Opinion*, de 1922, **toda opinião é somente a opinião de alguma pessoa**. Evidentemente, há um processo para que uma opinião seja construída nos meios de comunicação de massa, que se apropria do conceito geral de opinião – como visto, essencialmente pessoal –, mas que possui suas próprias singularidades. A dinâmica do funcionamento da opinião no nível jornalístico atinge determinadas estruturas e categorizações, por exemplo. Sua funcionalidade recorre em distinguir-se da opinião comum, do próprio senso comum, às vezes confundido com palpite ou somente uma ideia.

3.1 Os âmbitos da opinião: a empresa, o público e o jornalista

Nas práticas jornalísticas, Beltrão (1980) propõe trabalhar com três polos. Além da opinião (objeto pessoal) e da opinião pública (objeto coletivo, mediante contexto), ele propõe um terceiro ponto, que é a opinião institucional, que reflete o valor empresarial. Ou seja, o posici-

onamento levado ao público através de editoriais, representando o viés de quem regula o mercado, que são as empresas. Os três eixos se encontram para determinar como acontece este fluxo. Beltrão (1980, p.14) parte do princípio que opinião, em âmbito jornalístico, é a função psicológica, pela qual o ser humano, informado de ideias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito de seu juízo:

Na base do juízo individual está a informação do sujeito (opinante) sobre o objeto (ocorrência). Ora, informação significa o conhecimento de certos dados fundamentais, de certos aspetos pertinentes ao objeto sobre o qual se é convidado a opinar. Informação, para o homem, é a percepção do real, captada pelos sentimentos e registrada em sua mente, seja pela observação direta, seja pela recepção de mensagens emitidas por outrem. (BELTRÃO, 1980, p.14-15).

Beltrão (1980, p.19-22) propõe uma categorização para a opinião no âmbito jornalístico:

(a) *A opinião do editor*, definida como o julgamento que faz sobre determinado problema ou questão o grupo de elite que mantém o veículo, *que é a dita política editorial*. Leva-se em conta elementos como as convicções filosóficas do grupo, as informações e relações que envolvem o tema proposto, sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo, a experiência jornalística dos chefes de redação e os interesses econômicos da empresa. É o chamado *editorial*, um texto não assinado e que representa a opinião do veículo (LUCHT In: MELO; ASSIS, 2010, p.76). Melo (1985, p.86) refere-se justamente a isto: o editorial tem um caráter instrumental, funcionando como um monopólio opinativo:

Esse monopólio era consequência da unidade ideológica que possui o jornalismo pré-industrial. Mas, quando as instituições jornalísticas tomam caráter mercantil, seus dirigentes deparam-se com a inevitabilidade das concessões sociais. Concessões ao Estado, que mantém sua espada legal permanentemente afiada; concessões aos grupos econômicos, que controlam o fluxo financeiro através da compra de espaço/tempo para os anúncios; concessões à audiência, da qual dependem para justificar os próprios investimentos publicitários. Por isso, tornou-se incômodo manter o monopólio opinativo que expressava, através do editorial, o ponto de vista das forças diretamente responsáveis pelo funcionamento da empresa jornalística.

b) *A opinião do leitor*. Aqui, no caso, emprega-se a **opinião do ouvinte**, uma vez que o meio em questão é o rádio³³ algo que ocorre em uma escala muito maior do que quando Beltrão propôs a categoria. O cenário de convergência amplifica sua importância e relevância. Como Tobio Fernandez (apud BELTRÃO, 1980, p.21-22) coloca, “todo ser humano, naturalmente, se inclina a criticar dentro da atividade mental elaborada de juízos”. A opinião do público se dá

³³ Pode ser, igualmente, a opinião do internauta ou do telespectador. Salienta-se que o estudo feito por Beltrão data de 1980, em cenário distante do atual, que é uma fase de convergência. Há, neste sentido, uma ampliação da importância do público neste contexto. Porém, não se dimensiona aqui a gradação de cada significado, relevância ou mesmo participação, já que esta abordagem é, por agora, conceitual.

em qualquer situação coletiva ou individual, traduzindo um processo coletivo ou individual através de seu prisma individual. Esse grau de coletividade dá origem àquilo que se expressa por opinião pública, termo que se ramifica em diversos conceitos pelos estudiosos.

Entretanto, explorando mais a questão da opinião pública, de acordo com Figueiredo e Cervellini (1996, p.5-6), existe uma dificuldade em conceituar a opinião pública. A primeira é que a expressão faz parte do campo da **teoria política** e não da Comunicação. Conforme os autores, este setor não tem uma aceitação generalizada, algo que dificulta as pesquisas. Eles citam, por exemplo, que um especialista neste assunto, Harwood L. Childs (apud FIGUEIREDO; CERVellini, 1995, p.174), listou nove conceitos do que é opinião pública. Ou seja, não existe um tipo de opinião pública, existem vários. A segunda característica diz respeito à necessidade de haver expressão pública de opinião: “se existirem cinquenta milhões de brasileiros firmemente convencidos de que é preciso usar cinto de segurança, mas ninguém disser nada e ninguém fizer nada, não podemos falar que existe um fenômeno de opinião pública a este respeito”, exemplificam os autores (1995, p.8). Já o terceiro ponto abordado é a predisposição de que o tema gera uma **produção de opinião** relevante para gerar uma **discussão pública**. Resume-se, portanto, a opinião pública em sendo a expressão dos modos de pensar de determinados grupos sociais ou da sociedade como um todo a respeito de assuntos de interesse comum em dado momento.

Neste sentido, cabe diferenciar o que é opinião pública e opinião do público. A opinião pública se refere aos valores coletivos empregados na emissão. A opinião do público é relacionada aos valores individuais de cada um que se somam em maior ou menor grau (uma questão quantitativa, portanto). Este cenário marca, por exemplo, no caso da emissão primária, a figura do formador de opinião, definido por Figueiredo e Cervellini (1995, p.18) como pessoas que expressam seus pontos de vista e/ou análises sobre os acontecimentos de forma pública, como pais, professores, padres, líderes de grupos de amigos, líderes de classes, **jornalistas**, etc., sobre filhos, alunos, fieis, amigos e **leitores/ouvintes/telespectadores/internautas**.

c) *A opinião do jornalista*, isto é, o juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta, simultaneamente, em secções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas. Leva-se em consideração sua condição social, econômica e intelectual e sua experiência profissional. Melo (1985, p.86) argumenta que a opinião pessoal é um contraponto que quebra o monopólio da opinião institucional do órgão, com uma apreciação valorativa dos fatos e com uma ótica que não é necessariamente a da empresa. Este primeiro ponto relaciona os itens (c) e (a), no sentido de que, em tese, o caráter opinativo dos colunistas, comentaristas, analistas, cronistas etc. não são submetidas ao controle editorial da instituição, gozando de um certo grau de independência. Esta questão é relativa, uma vez que pode gerar uma distorção

sobre este nível de autonomia, despertando o necessário debate sobre outras questões importantes no jornalismo, como neutralidade, objetividade e, *a priori*, entendendo que o processo de formulação de uma opinião é, também, uma questão técnica.

3.2 A opinião do jornalista: a questão técnica e a objetividade

Dentro da regulação causada pela opinião pública, ele é capaz de se flexibilizar entre as determinações de gêneros jornalísticos, algo que será visto posteriormente. É preciso, antes, entender como funciona um processo de emissão de opinião de um jornalista, de acordo com o que propõe Beltrão (1980, p.43-44):

Para elaborar e manifestar a opinião, o jornalista terá, então, de manipular a informação em três tempos: *dominar a informação*, ou seja, calcular toda sua extensão e alcance, a força daquilo que chegou ao seu conhecimento, inteirando-se amplamente de suas causas, seus aspectos significativos e sua sequência lógica; *reger a informação*, isto é, leva-la ao conhecimento público quando conveniente e oportuno, observando as normas práticas e éticas da divulgação ou da supressão das matérias; e *assistir à informação*, mediante o consciencioso acompanhamento de seus efeitos imediatos e mediatos. A notícia não deve ser abandonada à sua sorte, cabendo ao jornalista procurar extrair dela para oferecer ao público todo o sumo, com vistas sempre ao bem-estar e maior proveito à comunidade.

A estes processos, são aplicados os critérios de noticiabilidade, conforme a classificação apontada por Wolf:

Os critérios de noticiabilidade correspondem ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícia. Sendo assim, a noticiabilidade está estreitamente ligada aos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção: ela equivale a introduzir práticas de produção estáveis numa “matéria-prima” (os acontecimentos do mundo), por sua natureza extremamente variável e imprevisível. (WOLF, 2008, p. 196).

Ou seja, um conjunto de valores-notícia guiarão o caminho da opinião, de acordo com critérios apontados por Traquina (2015, p.75-98). Estes valores notícia são categorizados como de seleção, com critérios substantivos e contextuais e de construção. O quadro 4 ilustra os valores-notícia, de acordo com a tipificação de Traquina:

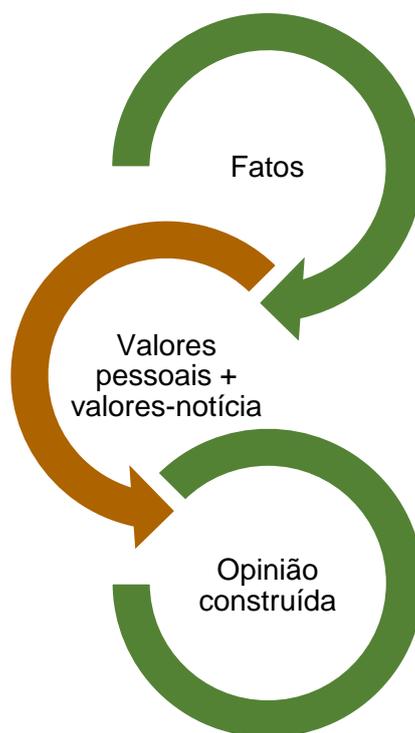
Quadro 4: Lista dos valores-notícia proposta por Traquina (2015).

Critérios	Valor-notícia
Critérios substantivos (valores de seleção)	Impacto/morte Notoriedade

	Proximidade Relevância Novidade Tempo Escândalo Inesperado Conflito Notabilidade (erro, excesso, escassez)
Crítérios contextuais (valores de seleção)	Disponibilidade Equilíbrio Visualidade Concorrência “Dia noticioso”
Valores de construção	Simplificação Amplificação Relevância Personalização Dramatização Consonância

A construção da opinião se dá, portanto, através de um conjunto de crenças, valores e julgamentos pessoais que são decodificados através de técnicas, que levam em consideração os critérios de noticiabilidade, determinados por valores-notícia, processados e repassados ao público. Em suma, a construção opinativa no jornalismo proposta por Beltrão (1980) – dominar, reger e assistir – pode se aplicar, em sua contemporaneidade, da seguinte forma, conforme o gráfico 2:

Gráfico 2: Formação do processo de opinião pelo jornalista (modelo do autor).



É possível inferir, portanto, que a opinião construída pelo jornalista tem, em sua origem, seus valores pessoais, mas que seu processamento se dá através dos valores-notícia. É impossível divorciar a carga de valores individuais do sujeito que está opinando. Como afirma Bourdieu (apud TRAQUINA, 2015, p.75), “jornalistas operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado, através de óculos particulares”. Ou seja, a carga pessoal é dominante. A operação jornalística é uma técnica. A opinião é constituída desta forma no jornalismo. Entretanto, resulta em uma problemática, que é a questão da objetividade. Os debates sobre objetividade e imparcialidade são constantes no jornalismo. Há uma espécie de mito quando se discutem os valores de neutralidade, objetividade e imparcialidade, como se houvesse uma verdade absoluta sobre os fatos e o jornalista fosse, de certa maneira, capaz de suspender todos os seus conjuntos de princípios para relatar uma notícia.

Para Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2001, p.75-76), o debate sobre objetividade se transformou numa verdadeira armadilha. Seu significado ficou perdido em meio a regras que muitas vezes são repassadas pelas redações como dogmas insofismáveis, dando a entender que uma obrigação do profissional é relatar o fato sem “tomar partido de algo”. Entretanto, este conceito se perdeu ao longo do tempo.

[...] a voz imparcial utilizada por muitas organizações jornalísticas, esse estilo

familiar e supostamente neutro de redigir notícias, não é um princípio fundamental do jornalismo. Pelo contrário, é um recurso muitas vezes útil que as organizações jornalísticas utilizam para destacar a sua tentativa de produzir algo obtido através de métodos objectivos. [...] Esta voz neutra, sem uma disciplina de verificação, cria um verniz que cobre algo oco. Os jornalistas que seleccionam fontes para exprimir aquele que é, de facto, o seu ponto de vista pessoal e depois utilizam a voz neutra para lhe conferir uma sensação de objectividade estão, de alguma forma, a criar um embuste. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001. p.77).

Walter Lipmann (apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p.77) define a objectividade como um método e não um objetivo, defendendo que os jornalistas deveriam adquirir espírito científico. A chave estaria no método e não no objetivo. A essência do jornalismo estaria justamente na disciplina deste método e não como uma meta a ser alcançada. Uma notícia pode ser permeada de aspectos altamente subjetivos, inexatos. Com isso, o jornalista trabalharia com fragmentos desta verdade, imputando ao relato juízos de valor que ficam implícitos nesta transmissão. Existem diversas maneiras de repassar os acontecimentos. A confusão – ou armadilha – está justamente em como isso foi tratado pela comunidade jornalística. Ao contrário das ciências exatas, onde não há variáveis e o resultado final é geralmente imutável, no campo da comunicação, o lado subjetivo ganha fortes contornos. O conceito de imparcialidade não remete ao que muitas vezes a própria mídia repassa aos espectadores. Os princípios de “ouvir os lados da notícia”, “não se envolver emocionalmente com os fatos” ou, ainda, “relatar o acontecimento com o máximo de verdade possível” não tratam de levar ao público a verdade final, o objetivo conquistado ou de cravar o relato como algo que forme esta verdade absoluta. A imparcialidade está no método, com as implicações do conjunto de crenças e valores do jornalista em cima deste relato, mas, sobretudo, dando à audiência a capacidade de interpretar.

Para Daniel Cornu (1999, p.332), o jornalista seria um intérprete da realidade. A discussão sobre verdade e objectividade deve indicar sobre três ordens da informação: a observação, a interpretação e a narração (p.337). A observação relaciona-se com o acontecimento, com os fatos, acreditando que a especialização minimizaria os generalismos cometidos pelos jornalistas. A narração é o modo com que a notícia será transmitida, que para Cornu, relaciona-se com honestidade e veracidade, que seria, basicamente, não inventar os fatos. O terceiro ponto, a interpretação, que para Cornu (p.355), domina e condiciona o conjunto do processo jornalístico. Com isso, chega-se, em consonância com Lipmann, Kovach e Rosenstiel, em apreender a imparcialidade como *método*:

A imparcialidade não é mera neutralidade, que consistiria em expor pontos de vista opostos, sem nunca decidir. A imparcialidade não obriga a nunca tomar partido. Obriga a julgar sem preconceitos. Deve exprimir, tal como a objectividade na ordem da observação, uma forma de exigência: à exactidão que se

situa no horizonte de toda a procura de facto responde a expectativa de justeza com objetivo de toda a interpretação. [...] a imparcialidade não é mais garantida ao jornalista que comenta, explica ou julga os acontecimentos que a objectividade o é ao jornalista que observa a realidade. É por isso que conviria mais falar em *intenção* de imparcialidade. Em ambos os casos, esta intenção traduz-se nos *métodos*. (CORNU, 1999, p.354)

Trazendo tais conceituações para o ambiente da opinião, busca-se suporte em Gaye Tuchman (In: TRAQUINA, 1993, p.85), que considera a objetividade um ritual estratégico do jornalista, a diferenciação de notícia objetiva e notícia de análise, considerando que “a notícia de análise implica juízos de valor. A notícia objetiva não pressupõe juízos de valor, sejam eles quais forem”. Para os comentaristas, por exemplo (subjugados às “notícias de análise”, portanto, impregnados de juízos de valor), cria-se um dilema entre “a razão para o seu procedimento e a interpretação que o leitor faz dessa actuação” (TUCHMAN In: TRAQUINA, 1993, p.85). Com isso, o profissional invoca o chamado *news judgment* profissional – entendido como sua experiência e o senso comum que lhe permitam atribuir aos fatos o valor de importantes e interessantes. O dilema é ainda mais amplificado quando o comentarista se obriga a omitir alguns de seus valores ou crenças para transmitir a sua análise. No caso do jornalismo esportivo, tem-se o evento mais cristalino: boa parte dos profissionais não revela o seu time de coração, algo que é profundamente enraizado e levantado como tabu, especialmente no cotidiano dos comentaristas esportivos do rádio de Porto Alegre.

Considera-se aqui, portanto, a imparcialidade como um mito existente entre os comentaristas que, em geral, adotam a prática de não revelar suas preferências. Porém, adota-se como método e não como objetivo. Evidentemente, a questão da neutralidade relaciona-se mais com o conteúdo *informativo* do que com o conteúdo *opinativo*. Entretanto, no rádio esportivo de Porto Alegre há esta ideia cultural, histórica e social de que é necessário ser imparcial e que esta definição passa, principalmente, por esconder a simpatia por um clube A ou B. É mais um caso clássico de definição jornalística apreendida pelo imaginário do público e dos próprios jornalistas. Entendido como uma espécie de dogma, o mito da imparcialidade se refere basicamente a tornar-se uma proteção acerca dos problemas existentes na prática jornalística. É uma produção, um mito.

A formação da opinião se dá, portanto, através de questões essencialmente técnicas, a partir de uma rede de significações que os próprios profissionais criaram, onde o juízo de valor – anteriormente desprezado pelas redações – incide sobre todas as atividades. Com isso, também se chega a uma outra produção criada pela profissão, que é a de que a informação permeia a profissão. A própria definição de Beltrão (1980) estabelece que é a informação (horizontal)

que sedimenta as outras duas funções básicas do jornalismo, a opinião (vertical) e a diversão (diagonal), na formação de um triângulo. Estas relações formam uma diversidade de gêneros jornalísticos, onde a categoria comentário se insere no gênero opinativo. Esta categorização, entretanto, necessita de ser repassada com mais ênfase, uma vez que há a hipótese de haver uma flutuação, ou mesmo uma alteração de categoria com o jornalismo na fase de convergência.

3.3 Gêneros jornalísticos no rádio

O jornalismo esportivo no rádio é um braço do radiojornalismo. Já mencionado neste trabalho, funciona como um ramo especializado, com características próprias e particularidades necessárias para que se tenha uma distinção entre as editorias. Em Porto Alegre, as seguintes emissoras trabalham com radiojornalismo:

Tabela 3: Lista das rádios inseridas no segmento de jornalismo em Porto Alegre.

Emissora	Frequência
Rádio CBN	1340 KHz
Rádio Bandeirantes	640 KHz e 94,9 MHz
Rádio BandNews FM	99,3 MHz
Rádio Gaúcha	600 KHz e 93,7 MHz
Rádio Grenal	95,9 MHz
Rádio Guaíba	720 KHz e 101,3 MHz
Rádio Pampa	970 KHz e 97,5 MHz
Rádio Rural	1120 KHz

A tabela apresentada demonstra algumas particularidades. Em primeiro lugar, é necessário definir o que é segmento. Ferraretto (2014, p.39) define o segmento como um dos quatro níveis estratégicos para definir os percursos de uma emissora. Os outros três são o formato, a programação e os conteúdos em si, geralmente manifestados na forma de programas. Segundo o autor (2014, p.76), é comum a confusão entre segmento e formato no Brasil. Segmento pode ser descrito como “parcela tipificada do público ao qual a programação ou programa se destina”. Já formato é a filosofia de atuação, a forma como o segmento é abordado.

Explorado pelas emissoras que se dedicam a uma programação em que predomina o jornalismo, podendo este incluir a cobertura esportiva, com a transmissão de competições ou apenas o noticiário deste setor da atividade humana. Há, na exploração mínima deste segmento, a presença de âncoras, noticiando os principais fatos do momento e as mais significativas opiniões das fontes, além de explicarem estas e se posicionarem a respeito delas. Na forma mais

próxima da ideal, engloba os mais variados tipos de programas jornalísticos; a presença de uma equipe estruturada de profissionais, com destaque para a reportagem; e a cobertura intensiva de acontecimentos culturais, econômicos, políticos e sociais, não raro do seu palco de ação, sem descuidar dos grandes eventos esportivos. (FERRARETTO, 2014, p. 50).

Das emissoras citadas na tabela anterior, desprendem-se vários formatos diferentes. As emissoras CBN e BandNews FM, por exemplo, categorizam-se no formato *all news*. A Rádio Pampa se enquadra no formato *talk and news* (com noticiários, daí o *news*, e comentários, debates e entrevistas, daí o *talk*). O mesmo se aplica às emissoras Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. A diferença destas três para a Pampa é que esta última não realiza mais transmissões esportivas, tendo feito até meados dos anos 2000. A Rádio Grenal, falando de futebol 24 horas por dia, assume uma peculiaridade: é a única dedicada exclusivamente ao futebol aproximando-se do formato *all sports*, tendência deste século no rádio dos Estados Unidos (KEITH, 2010, p.82).

Pode-se dizer que as quatro emissoras que são o objeto deste estudo estão segmentadas sob a classificação jornalística por adotar os seguintes padrões: (a) distribuição de tarefas entre os profissionais, estabelecendo hierarquias e divisão de trabalho conforme as práticas jornalísticas – possuem, predominantemente, um organograma que estabelece chefia, apresentação, produção e reportagem, por exemplo; (b) a divisão de departamentos, em geral com a especialização da área esportiva. Aqui, evidentemente, deixa-se a Rádio Grenal de fora, por ser totalmente de esportes e (c) orientam-se através de técnicas jornalísticas, como a formatação de um programa com narrativa jornalística, prioridade a acontecimentos com maior relevância e seguindo critérios relacionados aos valores-notícia e à noticiabilidade.

Uma consequência nítida é quanto a esta divisão de tarefas relacionadas aos gêneros jornalísticos. No radiojornalismo esportivo de Porto Alegre – escopo onde se encontram as quatro emissoras analisadas -, utilizam-se, predominantemente, quatro tipos de programas, usando ainda como referência as categorizações apresentadas por Ferraretto (2014): (a) informativos especializados, as chamadas resenhas esportivas, noticiários com duração média de uma hora e compostas por notas curtas, entrevistas reduzidas e participação de repórteres – setoristas ou não de determinado clube; (b) programas de entrevistas, dedicados a conversas mais detalhadas, aprofundadas e extensas com convidados no estúdio ou por telefone e indo além da cobertura diária; (c) mesa-redonda: programas com a participação de integrantes da equipe da emissora, com convidados previamente agendados e mesmo com intervenções de ouvintes; e (d) jornada esportiva: a transmissão em si do jogo de futebol, evento a ser coberto como assunto principal.

As quatro categorias entram como elementos para que sejam empregados os gêneros

jornalísticos propostos por José Marques de Melo (2010): o informativo, o opinativo, o interpretativo, o diversional e o utilitário. Assim, usando como base, ainda, considerações a respeito destes gêneros no âmbito do radiofônico (FERRARETTO, 2014, p. 95-98), têm-se:

a) o informativo, que se limita a narrar o assunto a ser noticiado com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão, sendo dominante no noticiário radiofônico em geral;

b) o interpretativo, representando uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público e procurando, deste modo, situar o ouvinte ao contextualizar a narrativa, aparecendo na formulação de algumas notas e reportagens ou em participações de âncora e de comentaristas, além de programas de entrevistas e mesas-redondas;

c) o opinativo, englobando um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão) a respeito de um determinado assunto, presente em comentários, editoriais e, não raro, em intervenções dos âncoras e dos próprios ouvintes;

d) o utilitário, no qual se incluem informações sobre aeroportos, indicadores do mercado financeiro, pagamento de impostos, previsão do tempo, recebimento de aposentadorias e pensões, roteiro cultural, trânsito etc.;

e) o diversional, correspondendo à incorporação de técnicas de narrativa ficcional na descrição de fatos reais, manifestando-se, de forma assistemática, na abordagem adotada em crônicas e em alguns documentários.

Lucht (In: MELO; ASSIS, 2010) propôs uma relação dos gêneros jornalísticos com outro conceito de formato, classificando como “os tipos de emissões que caracterizam determinado gênero jornalístico, obedecendo aos critérios de estilo, conteúdo e estrutura”. O comentário está relacionado ao gênero opinativo. Outros dois formatos por onde o comentarista atua, a resenha e a crônica, igualmente se relacionam a este gênero. O comentarista esportivo, em seu início, também era um cronista. Em alguns setores de cobertura, como, por exemplo, as artes, ganha ares de resenhista. Com a introdução do jornalismo ao rádio esportivo e a consolidação de uma editoria específica, ele passou a ganhar contornos de analista. Na classificação dos gêneros jornalísticos, o comentarista é vinculado à opinião, ou seja, ao juízo de valor. Lucht (In: MELO; ASSIS, 2010, p.277-278) situa desta forma as diferenças entre crônica, resenha e comentário:

Comentário: enquanto gênero opinativo, o comentário serve para trazer ângulos obscuros não mostrados na reportagem, por exemplo. O comentarista difere-se do articulista por sua regularidade de participação dentro de determinado veículo. Na maioria das vezes, os comentaristas integram a folha de pagamento da emissora. Além disso, devem estar aptos a avaliar fatos novos, a partir de sua bagagem anterior e emitir julgamentos rápidos e prever possíveis desdobramentos. [...] De acordo com a classificação de Marques de Melo

(2003, p.115), a resenha “corresponde a uma apreciação de obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores”. [...] A crônica é, em geral, uma composição breve, relacionada com cenas do cotidiano e, muitas vezes, faz crítica social, ou seja, ir a fundo para conhecer os sentimentos do homem. No Brasil, ganhou feição de “relato poético do real”, segundo Marques de Melo (2003, p.149). Situa-se na fronteira entre a informação de atualidade e narração literária. Embora mais corriqueira nos meios impressos, no rádio a crônica ganha espaço especialmente durante as **transmissões de futebol** [grifo nosso], quando experientes apresentadores/narradores são convidados a falar (muitas vezes de improviso) sobre os fatos marcantes ocorridos durante a partida. Grandes nomes do jornalismo esportivo gaúcho integram o time de “cronistas esportivos”, como Ruy Carlos Ostermann.

A definição descrita acima parte do princípio que norteou a imprensa brasileira quando apareceram os primeiros comentaristas de fato. A partir da introdução da Copa do Mundo de Futebol, em 1930 e das rivalidades estaduais, houve um gradativo aumento de espaço a ser ocupado nas páginas dos jornais. Entretanto, a formatação de uma análise se aproximava mais da crônica literária do que do registro jornalístico. Contribuíram, sobretudo, para trazer a paixão popular para o dia a dia das redações, os textos de Armando Nogueira, Mário Filho e Nelson Rodrigues.

No mesmo período, atribuía-se aos comentaristas a tarefa de explicar as questões táticas e técnicas do jogo, mas a partir do seu ponto de vista, predominando os seus critérios, juízos de valor e observações. Havia, sobretudo, uma influência dos cronistas cariocas, que, como Nelson Rodrigues, enfatizavam o lado romântico do esporte, criavam alegorias e conjecturas, extrapolavam o campo da análise objetiva e descreviam o evento muitas vezes à luz da subjetividade, com artifícios que estimulavam o imaginário do leitor. A influência desse estilo se manifestou muito mais em analisar subjetivamente o jogo do que de fato em romantizar os aspectos da partida – este ponto é bem mais enfatizado no jornalismo impresso.

Com a difusão do esporte enquanto editoria específica, com operação própria e a defesa da especialização e do tratamento jornalístico, este enfoque se alterou. Com isso, houve a própria transformação do comentarista, que hoje possui um âmbito mais plural, com o jornalista em si trabalhando como analista, mas ainda com resquícios dos antigos cronistas e ainda a presença de convidados nas jornadas esportivas (como artistas, ex-atletas, políticos e personalidades da mídia) e a criação de debatedores sazonais que participam das mesas redondas. Além da pluralidade de estilos, o espaço de opinião no rádio brasileiro cresceu conforme a evolução e o aumento de importância das jornadas esportivas. As transformações sociais, tecnológicas e organizacionais impactaram sobre as práticas profissionais dos chamados “homens de opinião”

das jornadas esportivas, necessitando-se ampliar o leque do que é o conceito do que é o comentarista esportivo.

3.4 Entre a crônica e a análise: situando conceitualmente o comentário esportivo

Tomando-se como base, inicialmente, um conceito mais amplo, é possível aferir que o comentarista esportivo é, em sua essência, um mediador entre o que ocorre no campo de jogo e, através de sua interpretação, juízos de valor e pontos de vista pessoais, o repasse de uma análise para o espectador.

O comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de uma forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer. (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p.78-79).

Aos longos dos tempos, atribuiu-se ao comentarista o lado da opinião no jogo de futebol. Ferraretto (2014, p.216), por exemplo, define o profissional no rádio como um representante do elemento de opinião, com espaço fixo na programação e, cuja função na transmissão é analisar, considerar, sugerir, opinar e criticar o que está ocorrendo. Já Guerra (2002, p.34) coloca que no rádio o comentarista explica um fato que o ouvinte não viu e que lhe foi contado em tom emocionado, aproximando-se de uma característica fundamental ao rádio esportivo, que é a emoção. Peroni (apud GUEDES, 2009, f.33) define o comentário como algo que prende o ouvinte ao rádio durante, no intervalo e após o término da partida. O comentarista sustenta a narração dando consistência aos lances, apontando falhas e acertos e esclarecendo o que o torcedor não compreende.

Em geral, os conceitos apresentados dão conta de que o comentarista esportivo é o responsável pela opinião. Mas ele é apenas isto? José Marques de Melo (1985, p.87) define o comentário como um elemento que possui sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Ou seja, é um ponto de vista, alicerçado por uma dose considerável de juízo de valor, a respeito de um determinado fato do cotidiano. No caso do jornalismo esportivo, é um ponto de vista sobre o jogo, que exige um grau de especialização, conhecimento e técnica. Entretanto, conforme visto, ao longo dos tempos, as dinâmicas do futebol, do jornalismo, do rádio e os seus enquadramentos nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e tecnológicos, determinaram mudanças

que amplificaram o conceito tradicional. É possível dizer que, assim como no início da função o comentarista esportivo passeava pelo formato da crônica, ele assume hoje outros contornos que o sintonizam com as demandas provocadas por estas transformações.

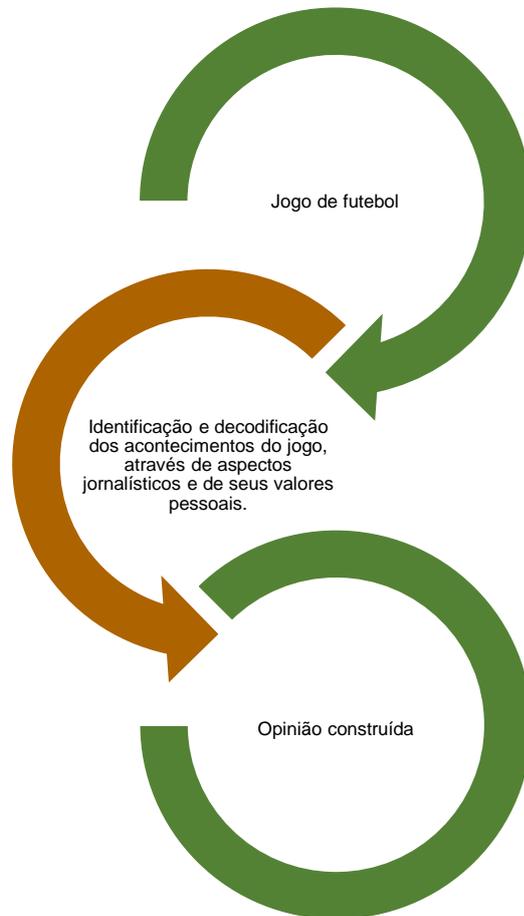
Uma das consequências é a aproximação com o gênero interpretativo:

A consequência direta [destas transformações] é buscar a especialização e o aprimoramento técnico para explicar os detalhes da partida. Trata-se de um processo que aproxima seu resultado – o conteúdo – do que, décadas atrás, Alberto Dines (apud RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.346) reivindicava como gênero interpretativo: a possibilidade de ampliação ao serem incluídos elementos como a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro. Neste sentido, cabe destacar que o conjunto de informações qualificadas faz o gênero interpretativo. (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.11).

Desta forma, com diferentes formatos adotados ao longo dos tempos, alterações de predominância de gênero jornalístico adotado em forma e conteúdo e diversidade de estilos, é possível conceituar o comentarista esportivo, diante de uma transmissão, é o responsável pela tradução dos acontecimentos do jogo por diferentes aspectos, com filtro jornalístico que serve como base para sua análise, levando em conta, por fim, seus juízos de valores pessoais (sua opinião).

O gráfico abaixo é uma adaptação da já mencionada formação de opinião do jornalista. Entendendo que há uma pluralidade no comentário esportivo, como, por exemplo, assumir que nem todos que desempenham a função possuem as mesmas características, desenha-se este processo conforme o gráfico 3:

Gráfico 3: Formação do processo de opinião do comentarista esportivo na jornada (modelo proposto pelo autor).



Com isso, este conceito inicial serve como ponto de partida para identificar como os comentaristas esportivos atuam no rádio de Porto Alegre em sua contemporaneidade.

4 O COMENTARISTA CONTEMPORÂNEO

Exatos quatro meses depois da experiência inaugural de Nicolau Tuma na Rádio Panamericana, em São Paulo, uma transmissão de futebol lance a lance ininterrupta era realizada em Porto Alegre. Nos anos 1930, a estrutura para a irradiação de uma partida na íntegra era precária. Não havia outro sistema de tecnologia para a transmissão senão a comunicação telefônica, ainda embrionário no país. Os equipamentos eram pesados e caros. O futebol já tinha um apelo popular considerável nos anos 1930. Neste período de transição do esporte no Brasil, a passagem do período amador para o profissional reivindicava uma cobertura mais intensa.

O cenário descrito acima contextualiza o momento em que Ernani Ruschel, na quinta-feira, dia 19 de novembro de 1931, empunhou o microfone da Rádio Sociedade Gaúcha para, pela primeira vez, transmitir uma partida de futebol na íntegra em território gaúcho. A partida, que aconteceu no Estádio da Baixada, no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, foi entre o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e a Seleção do Paraná.

Nessa data, a cidade mobilizou-se para o embate, marcado para às 18h, com direito a partidas preliminares, a partir das 15h30. Conforme registrou o jornal *Correio do Povo*, fez-se ponto facultativo do meio-dia em diante daquela quinta-feira, tanto nas repartições municipais quanto nas do estado. O palco do espetáculo foi o antigo Estádio da Baixada, inaugurado em 1904, onde o Grêmio permaneceu até a inauguração do Olímpico, em 1954. As entradas custavam 5\$000 para as gerais e 3\$000 para “senhoras, senhoritas e menores”. O placar da partida foi 3 a 1 para o time gaúcho. (DALPIAZ, 2002, f.57).

Flávio Alcaraz Gomes (apud DALPIAZ, 2002, f.57) descreveu na edição do *Correio do Povo* de 27 de junho de 2001 o evento da seguinte forma:

Foi a 19 de novembro de 1931, dia útil à tarde, no famoso estádio da Baixada, onde hoje é o Parcão. Defrontaram-se o selecionado do Paraná e o Grêmio. Ernani Ruschel, *speaker* da Rádio Sociedade Gaúcha, PRC-2, pouco conhecedor das regras de futebol e de quase nenhum dos jogadores pelo nome, foi escalado para narrador. Socorreu-se do desportista Ary Lund, que se sentou a seu lado 'soprando' os nomes. Às vezes tão alto que eram captados pelo microfone. A casa Victor (Andradas, 1212, 'onde o conforto custa menos', de propriedade de Chico Garcia de Garcia) reproduziu o jogo, através de altofalantes. Foi tão grande o público que ali se aglomerou que os clubes de Porto Alegre proibiram novas transmissões para não esvaziar os estádios.

Conforme a cobertura esportiva foi tomando corpo e os jogos passaram a ser, em seu cotidiano, transmitidos ao vivo, havia a necessidade de incorporar às transmissões outras figuras, além do locutor principal. Ferraretto (2007, p.478) destaca que, até meados dos anos 1950, o narrador constitui-se em figura não só predominante como na atualidade, mas, na época, praticamente exclusiva na transmissão dos jogos de futebol. Os repórteres de campo e os comentaristas foram incorporados apenas nos anos 1950, quando os estádios passaram a se estruturar

com cabines de transmissão. A inauguração do Estádio Olímpico, no Bairro da Azenha, em Porto Alegre, o primeiro na cidade a contar com tal estrutura, auxiliou para que as equipes esportivas fossem aumentadas. Foi nesta época que surgiram os primeiros comentaristas, como Aurélio Reis, um dos pioneiros na função, Manoel Godoy de Bezerra, Samuel Madureira Coelho e Enio Melo (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.6).

Da época do surgimento dos especialistas na função (anos 1950) para os tempos atuais, as práticas se alteraram. Para entender o que é o comentarista esportivo contemporâneo, é necessário que se contextualize historicamente o que gerou esta definição. É preciso que se faça um resgate a fim de apresentar as características que marcam este período. A história do comentarista esportivo no rádio de Porto Alegre nasce, portanto, nos anos 1950, conforme indicará a periodização proposta a seguir.

4.1 Proposta de periodização do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre

A proposta de periodização do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre foi desenvolvida por Guimarães e Ferraretto em 2016, separando os períodos do comentário esportivo de Porto Alegre por pontos de corte demarcados com base em processos tecnológicos que alteraram a configuração das práticas profissionais, algo já mencionado anteriormente. São eles: (a) a popularização dos receptores transistorizados; (b) o televisionamento dos jogos; e (c) a internet e, entre outras consequências desta, as redes sociais. Estas rupturas foram feitas baseadas em “algo decisivo que transformou outro acontecimento ou uma série deles em *passados* e produziu outros *futuros*” (HELLER, 1997, p. 130). Partiu-se de uma linha que foi desenhada a partir de 1931, quando foi realizada a primeira transmissão esportiva em Porto Alegre. Cria-se uma linha do tempo, com separações caracterizadas através de pontos de corte marcantes, com ideia de “compreender a descontinuidade na continuidade”, que, de acordo com Heller (1997, p.133), “é o princípio organizativo de toda obra historiográfica e, portanto, uma ideia universalmente constitutiva da historiografia”. Assim, sem deixar de considerar um momento anterior, no qual surgem as irradiações de jogos, mas sem a presença perfeitamente delineada do comentarista, a periodização proposta inclui três fases:

- (a) da **crônica esportiva**, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970;
- (b) do **jornalismo esportivo**, de meados dos anos 1960 até o início do século 21;
- (c) do **jornalismo esportivo convergente**, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade.

Como já mencionado, a figura do comentarista começa a aparecer nas jornadas esportivas

a partir dos anos 1950. No rádio brasileiro, credita-se à Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo, que em 1940 passou a contar com Geraldo Bretas, por iniciativa de Blota Júnior, como o primeiro profissional a realizar uma análise do jogo em uma transmissão de futebol:

O locutor começou, no intervalo do primeiro para o segundo tempo, a passar o microfone para colegas da mídia impressa, com quem fazia rápidas entrevistas sobre o andamento da partida. Essas entrevistas evoluíram para uma apresentação de dados técnicos por um segundo locutor, que não comentava. Terminada as informações técnicas, o som voltava para o estúdio e a rádio tocava música até o início do segundo tempo. Havia poucos comerciais, um ou dois [...]. Nesse intervalo, o ouvinte podia desinteressar-se da irradiação, desligar o rádio ou mudar de estação e não ouvir o segundo tempo do jogo. Preocupado com essa possibilidade, quando passou a locutor titular da Cruzeiro do Sul, em 1940, Blota Júnior levou seu redator de esportes, Geraldo Bretas, ao estádio. “Para não devolvermos o som para o estúdio, ele passou então a fazer esse tipo de comentário”. Foi uma ousadia, avalia Blota porque “o Bretas tinha mil virtudes, mas entre essas não se incluía a da sua voz. No entanto, conhecia muito futebol”. (SOARES, 1994, p.53-54).

O chamado comentarista da época tinha uma função que não era prioritariamente de analisar os procedimentos táticos e o desenvolvimento técnico de uma equipe.

A participação do comentarista era insignificante. Fazia uma análise emocional, não existia o comentarista técnico. O comentarista falava como se fosse um torcedor do espetáculo, fazendo observações sobre as circunstâncias da partida e não sobre a técnica do jogo. (MARTINS, 1991, p.12)

A Copa de 1950, o desenvolvimento tecnológico que possibilitou um volume mais significativo de informações e o apelo popular que o futebol passou a ter, especialmente após o chamado *Maracanazo* estimularam a criação de novos componentes em uma jornada esportiva. A estrutura dos estádios também começou a se alterar, impulsionada pela construção do Maracanã para a Copa de 1950. O “maior do mundo” era um estádio moderno e que fornecia aos profissionais do rádio uma estrutura que não havia em outras praças esportivas, principalmente com a possibilidade de se enxergar a uma partida de futebol com uma visão mais ampla, aérea, cobrindo todos os setores do gramado, propiciando que se pudesse fazer análises com uma visão desobstruída:

O fracasso do futebol brasileiro em 1950 gerou uma ânsia de reabilitação. E é neste ponto que eu não sei dizer se foi o rádio que fez a grandeza do futebol ou o futebol fez a grandeza do rádio. A medida que o rádio divulgava, o futebol tomava conta do povo e estimulava políticos, empresários e as emissoras de rádio. O futebol começou a receber dinheiro e apoio de pessoas desejosas de fazer carreira sobre a alavanca de popularidade de um esporte que surgia. (MELO apud DALPIAZ, 2002, p.76)

De acordo com esta lógica, as emissoras do eixo Rio-São Paulo já contavam com comentaristas em seus quadros, como Pillar Drummond, na Nacional; José Maria Scassa, na Tupi;

Benjamin Wright, na Globo; e Mário Moraes, na Bandeirantes (RIBEIRO, 2007, p.133). À época, também apareciam os grandes cronistas da imprensa escrita, como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha, que iriam conformar uma ideia de *crônica esportiva*, a ser reproduzida através das ondas do rádio e caracterizar sobremaneira o segundo período. No período, havia na análise esportiva a influência da mídia impressa. Com isso, conforme classificam Guimarães e Ferraretto (2016, f.7), o comentário esportivo em Porto Alegre nos anos 1950 inclina-se para a crônica, procurando, sem o rigor formal do texto jornalístico mais contemporâneo, explicar as questões táticas e técnicas do jogo, predominando uma visão extremamente pessoal.

Essa influência do meio impresso era, segundo Coelho (2017, p.17-18), o modelo predominante na época. Por isso, havia uma confusão entre o que era romance e o que era o fato em si.

Os cronistas cuidavam mais do personagem e suas histórias, eventualmente romaneando-as. Importava menos a informação precisa. Também não eram exatamente jornalismo as crônicas que Nelson Rodrigues escrevia depois de virar-se para Armando Nogueira, no Maracanã dos anos 1950 e perguntar-lhe: “O que foi que nós vimos, Armando?”. [...] O fato é que há espaço para tudo e todos.

Como já mencionado, era um estilo predominante na fase da crônica esportiva. O nome principal era Nelson Rodrigues. Baseava-se em um relato que romantizava o jogo, aproximando-se mais de uma peça literária do que de uma opinião construída a partir de aspectos jornalísticos e analíticos. Não havia uma hierarquização na forma de expressar o conteúdo, com a ausência de *lides* ou valores-notícias. Marques de Melo (1985, p.111) pondera, entretanto, sobre o uso da palavra crônica, afirmando que, se no Brasil a crônica é tomada como uma feição de relato poético, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, o mesmo já não ocorre em outros países.

A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30, tendo em Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos seus principais cultores, representa uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar haviam sedimentado em nosso jornalismo. [...] a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária. (MELO, 1985, p.111).

No rádio, foi um gênero mais utilizado nas transmissões do eixo Rio-São Paulo até o final da década de 1960. Um bom exemplo, além do já citado Nelson Rodrigues e sua famosa concepção do “complexo de vira-latas”, oriunda de uma crônica que tinha como intenção fazer

uma previsão da participação brasileira na Copa de 1954, é o relato feito por Armando Nogueira depois do tricampeonato mundial do Brasil do México, em 1970:

Orgulha-me ver que o futebol, nossa vida, é o mais vibrante universo de paz que o homem é capaz de iluminar com uma bola, seu brinquedo fascinante. Trinta e duas batalhas, nenhuma baixa. Dezesesseis países em luta ardente, durante vinte e um dias — ninguém morreu. Não há bandeiras de luto no mastro dos heróis do futebol. Por isso, recebam, amanhã, os heróis do Mundial de 70 com a ternura que acolhe em casa os meninos que voltam do pátio, onde brincavam. Perdoem-me o arrebatamento que me faz sonegar-lhes a análise fria do jogo. Mas final é assim mesmo: as táticas cedem vez aos rasgos do coração. Tenho uma vida profissional cheia de finais e, em nenhuma delas, falou-se de estratégias. Final é sublimação, final é pirâmide humana atrás do gol a delirar com a cabeçada de Pelé, com o chute de Gérson e com o gesto bravo de Jairzinho, levando nas pernas a bola do terceiro gol. Final é antes do jogo, depois do jogo — nunca durante o jogo. Que humanidade, senão a do esporte, seria capaz de construir, sobre a abstração de um gol, a cerimônia a que assisto, neste instante, querendo chorar, querendo gritar? Os campeões mundiais em volta olímpica, a beijar a tacinha, filha adotiva de todos nós, brasileiros? Ternamente, o capitão Carlos Alberto cola o corpinho dela no seu rosto fatigado: conquistou-a para sempre, conquistou-a por ti, adorável peladeiro do Aterro do Flamengo. A tacinha, agora, é tua, amiguinho, que mataste tantas aulas de junho para baixar, em espírito, no Jalisco de Guadalajara. (NOGUEIRA, 21.jun.1970).

A crônica, portanto, serviu para a consolidação do comentarista esportivo. É mais aplicada no jornalismo impresso, mas não desprezada enquanto uma tipificação existente no jornalismo radiofônico. Ela não tem intenções jornalísticas ou analíticas. É uma peça literária, que romantiza o fato. Tem uma proximidade com o *gênero diversional*, embora esteja classificada como *gênero opinativo*. Graças a este período, reforçou-se o termo cronista esportivo, abordagem dada, em senso comum, a todos os jornalistas que militam no jornalismo esportivo.

De fato, é a partir de 1952 que surgem os primeiros comentaristas do rádio de Porto Alegre. Os pioneiros foram Aurélio Reis, na Rádio Difusora, e Enio Melo, na Rádio Farroupilha. Além deles, Manoel Godoy Bezerra e Samuel Madureira Coelho eram contemporâneos na época como comentaristas esportivos (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). Enio Melo foi a primeira grande referência para o comentário esportivo no rádio de Porto Alegre.

Nas edições de 1955 e 1956 do concurso Melhores do Rádio, organizado pela *Revista TV*, a principal premiação existente na época no estado, Enio Melo aparece como o principal comentarista esportivo gaúcho. Não se limitando a isto, quando se transfere para a PRH-2 – Rádio Farroupilha, contribui, também, para a introdução do repórter na transmissão dos jogos de futebol. Esta prática vai tornar obsoleta a chamada narração em diagonal. Para tal, auxilia também o aprimoramento da estrutura física dos estádios, cujo fator principal é a introdução das cabinas de transmissão. (FERRARETTO, 2007, p.479).

Nos anos 1960, surgia um elemento que se incorporaria de maneira altamente relevante ao cotidiano do torcedor de futebol. Com a popularização do rádio transistorizado, o *radinho de pilha* alterou a maneira com a qual o torcedor se relaciona com a partida. A partir daquele momento, era possível acompanhar o jogo e ouvir os relatos da transmissão esportiva. Outro ponto foi o surgimento das cabines de transmissão, a partir de 1954, em Porto Alegre, com a construção do Estádio Olímpico (DALPIAZ, 2002, p.80). Com isso, o comportamento da audiência foi devidamente alterado, configurando um novo modelo de acompanhar uma partida de futebol, podendo assistir ao jogo *in loco* e ao mesmo tempo escutar os detalhes da partida através de narradores, repórteres e com a nova figura que se incorporava à transmissão: o comentarista de futebol, que era o responsável pela opinião na jornada esportiva.

Com a estruturação de departamentos específicos de radiojornalismo, passaram a se incorporar ao rádio nomes que eram oriundos da mídia impressa. O principal deles foi Ruy Carlos Ostermann, que chegou à Rádio Guaíba no início dos anos 1960. Outro exemplo foi o fortalecimento das equipes, com a presença cada vez maior de profissionais exclusivos da editoria.

O processo de produção foi ficando mais ágil, diminuindo a perda de tempo no preparo de uma transmissão; da mesma forma a especialização das tarefas dos profissionais, que faziam o rádio esportivo, foi necessária na estruturação dos departamentos dentro das emissoras. Se no início, um único profissional realizava diversas atividades, a nova organização passou a exigir mais especificidade e, assim, foram se formando equipes, com uma divisão espacial mais definida dentro das emissoras. O *narrador* deixa de ser aquele que era, também, o locutor comercial, e passa a ser o narrador principal. E assim, os postos de trabalho se segmentam, conforme a própria estrutura do mercado. Os profissionais ganharam espaço e valorização na programação, cada vez mais elaborada e também comercializada. (DALPIAZ, 2002, f.87).

Com isso, chegava ao fim a fase da crônica esportiva e práticas jornalísticas passaram a ganhar força, a partir dos anos 1960. Começava a fase do jornalismo esportivo. O comentarista, neste processo, passou a organizar seu comentário, adotando um *lide*, um relato informático e um desfecho coerente. É o clássico comentário vinculado ao *gênero opinativo*. Marques de Melo (1985, p.88-89) propõe uma organização para orientar este estilo:

A angulação do comentário é o imediato. Ver e perceber o que transcende a aparência constitui seu maior desafio. Exige uma permanente sintonização do jornalista que pratica esse gênero com suas fontes de informação [ou, no caso específico, com o objeto em si, que é o jogo de futebol]. Sua técnica de realização é mais livre que o editorial. Estrutura-se em duas partes: a) síntese do fato e enunciação do seu significado e b) argumentação, que sugere o seu julgamento.

No rádio de Porto Alegre, este estilo não era identificado com Grêmio ou com Internacional. Residia sob a égide da imparcialidade, que, como já abordado, servia como uma espécie

de proteção para suas práticas. Lauro Quadros, um dos representantes desta categoria, resumia a importância que se tinha em não assumir uma preferência clubista: “Considero-me um obsessivo-compulsivo em matéria de imparcialidade, isenção”. (QUADROS apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2017, f.13). Alguns profissionais, como Cláudio Cabral e Adroaldo Guerra Filho, identificados com um clube, pertencem a esta categoria pelo fato de que, no microfone, suas abordagens não eram associadas pelo viés do torcedor.

Um exemplo a ser trazido no rádio de Porto Alegre é a cobertura de um clássico Grenal. Em geral, o enfoque dado por um comentarista que se encaixa nesta tipificação é sua participação orientada a discorrer sobre o time local. Quando acontece um jogo do Grêmio ou do Internacional contra uma equipe de fora do estado, ele já é condicionado a revelar seus pontos de vista a partir de um enquadramento natural direcionado para a equipe da capital gaúcha. Entretanto, por não se manifestar simpatizante de nenhuma das duas equipes, quando acontece o embate entre elas, a situação muda. O enfoque passa a se dar para os dois lados, apontando os problemas e sugerindo soluções, em esquema proposto por Castelli (apud MELO, 1985, p.89). O exemplo a seguir é do Grenal disputado em 15 de junho de 1999, no qual o Grêmio venceu por 1 a 0, gol marcado por Ronaldinho Gaúcho, conquistando o Campeonato Gaúcho daquela temporada. O comentarista é Ruy Carlos Ostermann, que desta forma prestou sua análise após a realização do gol:

Um jogo equilibrado, um jogo sem definição, um jogo de bola na trave. Mas aí, o lance. O lance do capitão com Ronaldinho. Ele ingressou marcado, abriu e de perna esquerda, chutou atravessado. Um grande gol, uma grande diferença. A vitória é do Grêmio até agora. (RÁDIO GAÚCHA, 15.jun.1999)

No depoimento de gol, algo tradicional nas jornadas esportivas do rádio de Porto Alegre, o comentarista é acionado após a participação do repórter. Há a narração do lance, a descrição detalhada do repórter, a análise do lance e o complemento do plantão esportivo. Geralmente, este comentário é curto, devido ao jogo ainda estar acontecendo. Ostermann, em poucas palavras, situou o ouvinte sobre o lance, acrescentou descrições, resumiu o que estava sendo o jogo até então, estabeleceu as consequências do gol e, no fechamento de sua participação, reafirmou o ponto mais importante, de que àquela altura, o título era do Grêmio.

Este modelo conformou o comentário esportivo no rádio de Porto Alegre. Em especial, Ruy Carlos Ostermann foi fundamental para que uma mudança fosse incorporada às práticas vigentes na época. Esta alteração era essencialmente jornalística. Ostermann trabalhava na *Folha da Tarde Esportiva*, um jornal que pertencia ao grupo de Breno Caldas. Era professor de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e jogador de basquete. Começou na

Guaíba em 1962 como comentarista esportivo e passou a ter grande destaque a partir de 1963, quando Pedro Carneiro Pereira assumiu a chefia de esportes da emissora (MARTINS, 1991, f.51). A principal contribuição de Ostermann para o período foi dar um tratamento jornalístico ao espaço de opinião na jornada, com a coleta de dados em uma planilha do jogo para organizar a sua análise.

É na Inglaterra [...] que Ruy Carlos Ostermann, ponderando prós e contras, sem deixar de reconhecer os méritos dos adversários, consolida-se [...], apresentando explicações para a péssima campanha da Seleção Brasileira – uma vitória por 2 a 0 na estreia contra a Bulgária e duas derrotas, frente à Hungria e a Portugal, pelo mesmo marcador de 3 a 1. No trabalho que realiza desde então, embasa seus argumentos, analisando a partida pelo número de arremates a gol, de chutes – fracos, com certa pretensão a exigir a intervenção do goleiro, ou muito fortes e bem-colocados, a obrigar grandes defesas –, de jogadas bem ou mal finalizadas, de escanteios cobrados ou cedidos, de faltas etc. Enfim, uma série de detalhes cuidadosamente planilhados que podem ser resumidos em uma única palavra: informação. Bacharel em Filosofia, leva bagagem cultural ao ambiente esportivo, sem deixar de conferir caráter jornalístico a suas opiniões [...]. (FERRARETTO, 2007, p. 492).

A planilha revolucionou os comentários esportivos a partir dos anos de 1960. Com base em uma estrutura criada por Ostermann, as informações precisas do jogo eram repassadas para o papel e tomadas como base para retransmitir ao ouvinte os números relevantes para a interpretação dos fatos do jogo.

Testei um pouquinho e depois adotei mecanicamente. Com base nisto que está à minha frente, e que eu vou preenchendo, tenho todas as informações do jogo em duas folhas. Então meu comentário, por força disso, ficou completamente diferente dos outros, eu não tinha que fazer uma frase de efeito. Eu partia do seguinte: o Grêmio foi superior ao Internacional por uma razão bem simples. O Grêmio chutou 22 vezes e o Internacional quatro. Vocês querem uma comprovação mais clara de uma diferença entre um e outro, que esta? [...] Tinha que dizer: o Grêmio domina, é insistente, tem mais volume. Tudo isso é verdade, só que o que faltava era dizer como que era isso. Então o comentário ficou revestido de veracidade. [...] Acrescento os números para comprovação material de tudo. (OSTERMANN apud DALPIAZ, 2002, f.107)

Com a chegada de Ostermann, que tinha sua origem no meio impresso, observava-se, pela primeira vez, através da captura de informações para embasar as opiniões, um comentarista relacionar a informação com a opinião no comentário esportivo no rádio de Porto Alegre. O sistema foi imediatamente incorporado à prática dos analistas da época. Lauro Quadros (27 jun.2016), que passou a atuar na função no final dos anos 1960, destaca o papel do colega na emissora: “foi uma revolução no comentário, que se divide entre antes e depois de Ruy Carlos Ostermann”.

Cabe observar, que, mesmo adotando a prática de planilhar dados, há diferenças de estilo nos principais comentaristas deste período no rádio de Porto Alegre. Se Ruy Carlos Ostermann tem um tom quase professoral – ora contextualizando e pendendo para o interpretativo, ora fazendo uma crônica e tendendo ao diversional –, Lauro Quadros acrescenta “descontração a uma atividade em que o ouvinte ainda é chamado, com cerimônia, de senhor” e “consagra expressões como ‘esse conhece o rengo sentado e o cego dormindo’ ou ‘ele sabe a cabeça que tem piolho’, para definir profissionais ou elogiar um lances de brilhantismo; ‘ali é o caminho da roça’, indicando uma área do campo de marcação deficiente do adversário, por onde um time pode chegar ao gol; ou ‘é isto aí mais meio quilo de farofa’, forma de encerrar um raciocínio” (FERRARETTO, 2007, p. 493). Cria-se, no imaginário do ouvinte, uma rivalidade entre os dois profissionais de estilos opostos: de um lado, o correto e quase acadêmico Ruy Carlos Ostermann e, de outro, o popular e descontraído Lauro Quadros.

Se Ruy atacava com um vocabulário refinado, Lauro contra-atacava com o idioma do povo. Se Ruy queria servir um prato rebuscado de escargot, Lauro apresentava um arroz com feijão bem temperadinho, parecido com almoço de avó, cheio de amor, carinho e sabor. O que Lauro propôs ao grande público era simples, mas não era básico ou chulo, era algo muito mais próximo do que é o comentário esportivo nos dias de hoje. [...] Era simples, direto e objetivo, passava uma mensagem clara, com boa dose de humor ou fantasia, capaz de cativar qualquer fã de futebol, não por acaso. (GRABAUSKA; MAICÁ, 2016, p.148-149).

Diante deste cenário, o comentarista, que na *fase da crônica esportiva* trabalhava predominantemente com o gênero opinativo, passou a usar a informação e, por vezes, a se inclinar, sem abandonar a opinião em si, para o interpretativo. O processo coincide com as transmissões de jogos de futebol pela televisão, que reconfigura o comentário esportivo a partir dos anos 1970. A primeira partida televisionada ao vivo aconteceu em 15 de outubro de 1950. O jogo era entre Palmeiras e Santos no Pacaembu (RIBEIRO, 2007, p. 135). Contudo, a prática vai atravessar as décadas seguintes restrita às partidas decisivas dos principais eventos, ganhando força a partir da Copa do Mundo do México, em 1970, a primeira transmitida ao vivo para o Brasil, e da Taça da Independência, o evento cuja difusão pela TV em 1972 foi incentivada pelo governo militar durante os festejos do Sesquicentenário da Independência brasileira (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p.9). No Rio Grande do Sul, a iniciativa pioneira foi da TV Piratini, canal 5, que em caráter experimental, transmitiu pela primeira vez, em 20 de novembro de 1959, imagens do jogo entre Internacional e Cruzeiro, ao vivo do Estádio dos Eucaliptos, com a narração de Guilherme Sibemberg e o comentário de Ênio Melo. Estas imagens chegaram

aos poucos aparelhos receptores espalhados por Porto Alegre através de uma antena instalada no morro Santa Tereza (DALPIAZ, 2002, f.114-115).

Tal prática [*televisionamento ao vivo*], no entanto, começa a se alterar com a ida de Luciano do Valle, então o principal narrador da Rede Globo de Televisão, para a Rede Bandeirantes em 1983 (VEJA, 9 nov. 1983, p. 140). As estações do grupo da família Saad passam a abrir espaços crescentes para o esporte, em especial para o futebol. Neste processo, gradativamente, a transmissão televisiva determina sensíveis alterações. O que antes passava apenas pelo imaginário do torcedor – muitas vezes, como uma mera corroboração da opinião do comentarista por uma simples ausência de elementos que pudessem dar ao público a sua visão do acontecimento – dá lugar à imagem em si na tela do aparelho de TV. (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.8-9).

Ruy Carlos Ostermann e Lauro Quadros praticamente dominavam o comentário esportivo no rádio de Porto Alegre nos anos 1970 e 1980. Na época, surgiram outros profissionais que se dedicavam à função. Boa parte deles era repórter. Tornavam-se comentaristas como se fosse um “plano de carreira”, ou seja uma promoção. Não pesavam quesitos técnicos para essas escolhas, exceto quando os profissionais eram oriundos, por exemplo, dos gramados, como ex-jogadores (Paulo Roberto Falcão), ex-dirigentes (Cláudio Cabral, Ibsen Pinheiro ou Hugo Amorim) ou especialistas em arbitragem (Renato Marsiglia e Leonardo Gaciba). A introdução, por exemplo, de debatedores identificados com seus clubes de preferência, foi uma das marcas de um programa fundamental para o rádio esportivo de Porto Alegre.

No dia 14 de junho de 1971, às 11h da manhã, entrava no ar o *Sala de Redação*, um programa que, apesar de começar de forma modesta, iria modificar a história da Rádio Gaúcha e, por que não dizer, do rádio gaúcho. A Gaúcha ainda vivia um período de vacas magras. Não havia estrutura de correspondentes ou repórteres, nem mesmo uma equipe de jornalismo. O que havia era a Central Gaúcha de Notícias (CGN), um departamento de jornalismo que servia aos três veículos da empresa: rádio, TV e jornal. E, por isso, a ideia de Cândido Norberto de sair do estúdio e ir para a redação de *Zero Hora* foi providencial. (GRABAUSKA; MAICÁ, 2016, p.70).

O radialista Cândido Norberto propôs um espaço para o jornalismo que mesclasse notícias, comentários, reportagens e entrevistas com informalidade (GRABAUSKA; MAICÁ, 2016, p.79). Assim, nascia o mais importante programa de debates da história do radiojornalismo gaúcho. O *Sala de Redação* contou, em sua história, com diversos integrantes e com algumas alterações de conteúdo, mas a base, formada em 1971, perdura até os tempos atuais.

[O Sala de Redação] começava às onze e meia da manhã e ia até as duas da tarde. O Cândido ancorava o programa dentro de um estúdio que estava na redação da *Zero Hora*. Ele sentava e dizia que estava na redação e conversava com os editores e convidados que ele trazia. Às 12h45min ele interrompia para a entrada do *Correspondente* e, à uma hora da tarde, no horário do *Correspondente Renner* da Rádio Guaíba, nós entrávamos com o esporte. A equipe de

esportes da Rádio Gaúcha deve muito ao *Sala*, pois é ele que vai trazer o esporte de volta. [...] Aí as coisas foram se ampliando. (BRITO apud DALPIAZ, 2002, f.121).

No início dos anos 1990, com a inclusão de outros veículos na cobertura esportiva, proliferaram-se os estilos e os nomes que desempenham o papel de comentarista esportivo. Também nesta década, a popularização da internet redesenha de certa forma as práticas profissionais dos jornalistas. Aparecem os analistas, que passam a abordar outras questões do jogo, como a análise tática e a análise de desempenho, alicerçados por novas demandas exigidas por uma audiência que dispõe dos mesmos meios para decodificar os pormenores da partida. É o chamado ambiente da convergência. Este ambiente determina uma série de características e particularidades que serão exploradas posteriormente. É a fase do jornalismo esportivo convergente. Alguns fatores – como característica, causa ou consequência – foram primordiais para a determinação destes rompimentos. O quadro 5 procura identificar estes outros pontos, indicando as principais distinções entre as fases ao delimitar princípios normativos, comportamentos da audiência e gêneros jornalísticos predominantes.

Quadro 5: Detalhamento dos períodos do comentário esportivo em Porto Alegre na proposta de periodização (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016).

Fase	Características	Audiência	Gênero
Fase da crônica esportiva	Opinião baseada em mera observação, sem o tratamento do conteúdo; Estrutura do comentário semelhante ao de uma crônica.	Trabalha com a versão do comentarista; graças ao radinho de pilha, pode escutar a irradiação e assistir ao jogo no campo simultaneamente.	Opinativo.
Fase do jornalismo esportivo	Dados planilhados; tratamento jornalístico; questões técnicas prioritárias.	Pode, além da escuta no estádio, receber o áudio da emissora de rádio enquanto assiste ao jogo pela televisão. Pode ter, graças à imagem da TV, seu próprio juízo de valor a respeito da partida em si.	Opinativo com incursões pelo interpretativo.
Fase do jornalismo esportivo convergente	Influência, via redes sociais, de uma parcela da audiência mais informada; questões técnicas não são as únicas a pesar nos comentários; questões táticas e de desempenho ganham espaço.	Emite opinião embasada ou não pelas redes sociais. Múltiplas possibilidades: ouvir o jogo e ver ao vivo no campo, na televisão ou em suportes móveis; acompanhar dados; interagir e influenciar. É, em tese, mais colaborativa, exigente e informada.	Opinativo com interpretativo tendendo a ganhar mais força.

Considera-se que, para chegar à ruptura que corta cada período, há uma dinâmica iniciada na fase anterior. Este tensionamento, entre o modelo hegemônico vigente e uma nova prática, gera um processo. Com isto, julga-se incorreto afirmar que as características de uma fase desaparecem totalmente na seguinte. Supõe-se uma coexistência de modelos até a gradativa superação de uns por outros. No entanto, vale uma ressalva. Embora aqui não se tenha adentrado o terreno das alterações verificadas ao longo do tempo no próprio sistema capitalista com reflexos no mercado de rádio, cabe observar que se tem consciência de que as transformações verificadas no comentário esportivo ocorrem sob a necessidade de adaptação do meio, como negócio, ao surgimento de concorrentes como a televisão ou a internet e seus correlatos.

4.2 O comentarista contemporâneo no rádio de Porto Alegre: características fundamentais

A fase do jornalismo esportivo convergente, de acordo com a proposta de periodização de Guimarães e Ferraretto (2016) leva em consideração a fase de convergência do rádio brasileiro em outro modelo publicado por Ferraretto (2012). É possível dizer que este período do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre é uma repercussão da fase de convergência. Ferraretto (2012, f.17) lista alguns itens que se referem a estes âmbitos, como no tecnológico (transmissões para além das ondas hertzianas; rádio como linguagem específica e não mais de acordo com tecnologia envolvida) e no empresarial (perfil de gestor sob a acumulação flexível, empreendimentos regionais e tendências à globalização; busca por novas formas de comercialização; repensar modelos de rádios não comerciais³⁴ e indefinição sobre possibilidades de comercialização da plataforma on-line.

Este período se relaciona com estes parâmetros nas dimensões propostas. Entretanto, como a análise é das práticas profissionais (e sua relação com os conteúdos), é possível dizer que estes parâmetros indicados por Ferraretto servem como causas que geram consequências. As consequências são as características da fase sob os âmbitos profissionais e de conteúdos. Estas características, incorporadas aos comentaristas esportivos neste período, foram designadas por Guimarães e Ferraretto (2016) como:

a) **modo de emissão** – segue modelo tradicional de opinião, mas há novas bases de dados para embasá-la, como aplicativos, ilustrações e redes sociais, além dos múltiplos meios (além do rádio hertziano, perfil da emissora ou perfil pessoal nas redes sociais);

b) **modo de recepção** - Múltiplas possibilidades: ouvir o jogo e ver ao vivo no campo,

³⁴ Incluem as rádios comunitárias, educativas, estatais e públicas.

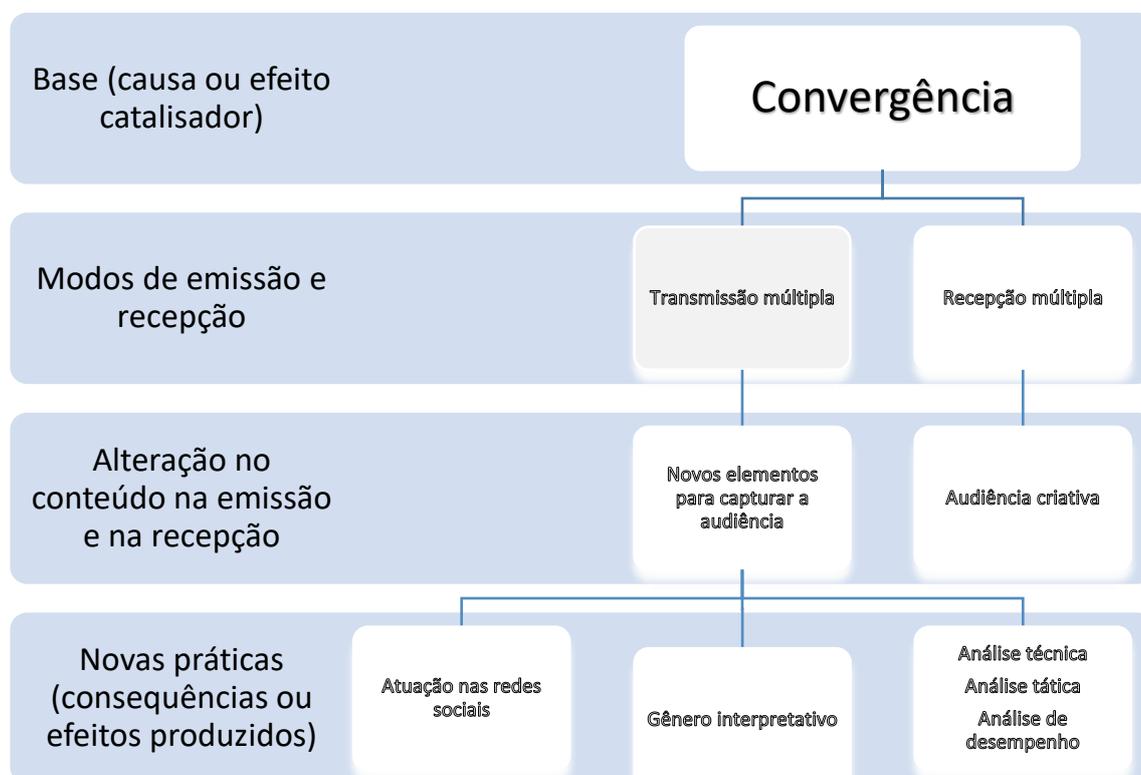
na televisão ou em suportes móveis; acompanhar dados; interagir e influenciar;

c) **a atuação da audiência (audiência criativa)** - parcela do público, em tese, é mais participativo, colaborativo e influente;

d) **alteração no conteúdo (novos elementos para capturar a audiência)** – analisa o jogo levando em consideração não apenas as questões técnicas da partida, mas também questões táticas, de desempenho e de índices, fornecidos por aplicativos especializados;

e) **gênero predominante** - Opinativo com interpretativo tendendo a ganhar mais força. Com isso, tem-se uma esquematização de como opera o profissional nesta fase:

Gráfico 4: Esquema com as características da fase do jornalismo esportivo convergente (modelo do autor).



4.2.1 O ambiente da convergência

A cultura da convergência pode ser entendida por diversas dimensões. Trata-se de um conceito explorado por Henry Jenkins (2008), onde há integrações que redesenham os princípios comunicacionais na contemporaneidade. Jenkins (2008, p.29) relaciona três conceitos-chave que englobam o sentido de convergência: dos meios de comunicação, a cultura participativa e inteligência coletiva:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plata-

formas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas. [...] A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. [...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas transformações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (JENKINS, 2008. P.29-30).

Este terreno baseia toda a engrenagem que orienta o comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre. O fluxo de conteúdos desenvolvidos por diversas plataformas tensiona formatos até então estabelecidos. Ferraretto (2012, p.21) lista como características da fase de convergência no rádio o “reposicionamento conceitual com o meio sendo tomado por sua linguagem específica e não mais apenas pela tecnologia envolvida”. Há, então, a chamada fase da multiplicidade da oferta, buscando entender as relações do rádio com os outros meios, fundamentando a ideia de que a tecnologia e a evolução de outros sistemas consideravelmente transformam e influenciam os enfoques dados pelos jornalistas, de acordo com seu conceito:

Trata-se de uma variedade de produtos disponíveis enfaticamente desde variáveis mercadológicas, não da consubstanciação de um novo tempo de valorização do sujeito, de ampliação do espaço público ou da incorporação de atores comprometidos com estéticas não industriais (BRITTOS, 2002, p.41).

Este conceito se fortalece através do crescimento das possibilidades de consumo das notícias especialmente através da tecnologia, que serviu como grande catalisadora destas mudanças, em algo que BRITTOS (2002, p.52) chama de movimento estruturante, “que consiste na dinâmica desenvolvida por uma mídia, em regra hegemônica, como a televisão, de influenciar a estruturação de outras, a partir de seus macroprocessos”. É o que defende, por exemplo, Cebrián Herreros (2001, p.15):

Cada meio tem seu próprio processo e implantação. A presença de novos meios obriga a replanejamento dos anteriores, a um ajuste de funções e a um aprofundamento que o possa projetar como algo distinto daquilo que os demais [meios] oferecem. (CEBRIÁN HERREROS, 2001, p.15, tradução nossa).

Dois conceitos são estabelecidos a partir destes pontos. Um deles é o de rádio *expandido*, que é quando o rádio transborda para “microblogs, pelos sites de relacionamento e pelas

mídias sociais de base radiofônica” (KISCHINHEVSKY, 2011b, p. 10). O outro é o rádio *hipermidiático*, que atua em consonância com o conceito de rádio expandido e que:

[...] Vai além da transmissão em antena, ampliando sua produção através da internet e dos dispositivos de rádio digital, mas que ainda mantém sua raiz no conteúdo sonoro. [...] O conteúdo multiplataforma, embora importante, não se apresenta como fundamental para a compreensão da mensagem. Trata-se de uma produção complementar, de aprofundamento, detalhamento, memória ou utilidade pública (LOPEZ, 2010, p. 140).

Logo, no que diz respeito à comunicação, a década de 2000 teve uma evidente transfiguração nos métodos de produção, distribuição e consumo. Desta forma, o rádio obedece à lógica da *midiamorfose*, processo apontado por Roger Fidler (1998), no qual os meios de comunicação são influenciados por outros meios e por contextos econômicos, tecnológicos e sociais:

A midiamorfose não é tanto uma teoria, mas um modo de pensar a respeito da evolução tecnológica dos meios de comunicação como um todo. Ao invés de estudar cada modalidade separadamente, leva-nos a ver todas elas como integrantes de um sistema interdependente e a reparar nas semelhanças e relações existentes entre as formas do passado, do presente e as emergentes. Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando. (FIDLER, 1998, p. 57).

Situar o rádio esportivo de Porto Alegre no contexto da convergência se desdobra, por fim, a partir da análise dos âmbitos descritos por Salaverría e Negrodo (2008) a respeito da convergência jornalística: o tecnológico, o empresarial, o profissional e dos conteúdos. Kischinhevsky e Ferraretto (2010a, p.176) transpõem os quatro níveis para uma análise aplicada ao rádio:

a) *Tecnológico* – Engloba a infraestrutura de produção, distribuição e recepção de conteúdos em suportes digitais, tais como computadores, gravadores, *softwares* de edição e gestão de conteúdos, bases de dados, redes de fibra óptica etc.

b) *Empresarial* – Compreende a origem e a composição dos capitais que controlam os grupos de comunicação, suas alianças, fusões e aquisições, participações societárias cruzadas etc.

c) *Profissional* – A integração de estruturas para produção de conteúdos a serem distribuídos em múltiplos suportes, as mudanças nas rotinas e nas relações de trabalho e as questões relacionadas à formação e à qualificação de mão-de-obra em ambiente multimídia.

d) *Dos conteúdos* – A produção dos conteúdos, com a exploração de novas linguagens e formatos possibilitados pela hibridização de novas formas simbólicas desenvolvidas pela difusão em multiplataforma.

Em suma, o rádio se altera de acordo com demandas também produzidas por outros meios. Ainda no sentido de convergência, os outros dois eixos propostos por Jenkins se relacionam à audiência. Se a convergência das mídias estipula uma reorganização das práticas comunicacionais neste ambiente, a lógica de consumo também se altera. Dois pontos trazidos pelo autor são expressivos: a cultura participativa e a inteligência coletiva:

A expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considera-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras. (JENKINS, 2008, p.30)

Neste sentido, Jenkins alega que a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada consumidor constrói sua própria mitologia pessoal, formando um “processo coletivo gerado a partir de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p.30). Nisto, entra o sentido de inteligência coletiva, expressão cunhada por Pierre Lévy (2003, p.28): “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Ela visa ao reconhecimento das habilidades que se distribuem nos indivíduos, a fim de coordená-las para serem usadas em prol da coletividade. A coordenação desses sujeitos ocorre com a utilização das tecnologias da informação e comunicação (BEMBEM; SANTOS, 2013, p.141). Jenkins traz o conceito de Lévy para o sentido da convergência, onde a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático, com um poder do consumidor dentro da cultura da convergência. Ou seja, a audiência tem um fator fundamental nessa construção e no impacto sobre novas práticas profissionais.

4.2.2 A audiência criativa

Uma característica importante, relativa aos novos modos de recepção é com relação a uma nova audiência que surge através das redes sociais, no sentido da cultura da convergência. Um dos sintomas deste processo são as ações do global sobre o local. Determinadas situações são postas em jogo a partir de conteúdos que são absorvidos naturalmente através da distribuição dos mesmos em nível mundial, via internet. Com isso, cria-se um fluxo de distribuição, enfoque, transmissão e realimentação do mesmo. As redes sociais aparecem como um fator preponderante para o diagnóstico dos modos de produção midiáticos neste período, caracterizado pela comunicação multidimensional entre emissores e receptores. Castells chama isso de *autocomunicação de massa*, com o surgimento de uma nova audiência, chamada de *audiência*

criativa:

O potencial para que a audiência controle suas práticas comunicativas aumentou substancialmente com os desenvolvimentos da cultura de autonomia e o surgimento da autocomunicação de massa. [...] As redes horizontais de comunicação baseadas na internet são ativadas por sujeitos comunicativos que determinam tanto o conteúdo quanto o destino da mensagem e são simultaneamente emissores e receptores dos fluxos multidirecionais da mensagem. (CASTELLS, 2015, p.183).

Para o pesquisador espanhol, audiência criativa é a fonte da cultura da remixagem que caracteriza o mundo da *autocomunicação de massa* (CASTELLS, 2015, p.186). Através de novos hábitos, gerados pela convergência de modos, se tem uma audiência criativa e participativa, empática e ativa, em uma estrutura que é multicanal e multimodal, numa clara influência do global sobre o local. O receptor resignifica e redistribui a mensagem. Jenkins (2008, p.37) explica melhor o que é a convergência de modos:

Um processo chamado “convergência de modos” está tornando imprecisas as fronteiras entre os meios de comunicação, mesmo entre as comunicações ponto a ponto, tais como o correio, o telefone e o telégrafo, e as comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se correndo. (JENKINS, 2008, p.37).

Com isso, vai-se ao encontro do que Ferraretto e Kischinhevsky (2010, f.6) relatam como uma mudança gerada pelas possibilidades de integração do rádio com as plataformas digitais, em um cenário de crescente convergência, que reconfiguram a lógica do meio. Tais comportamentos são manifestados no sentido da convergência dos meios, ou seja, é uma demanda que acontece de fora para dentro, advinda das redes sociais e das exigências do público. Como exemplo, no rádio, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, f.4) relacionam novas experiências proporcionadas por esta audiência, como, por exemplo, “ouvintes que emulam serviços de reportagem ao se comunicarem com emissoras para informar, por exemplo, sobre o trânsito” (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010, f.3).

Não apenas no trânsito, é possível também relacionar esta interação com a cobertura esportiva e, conseqüentemente, com o comentário. Um exemplo disto é o aumento da participação do torcedor nos programas esportivos, via WhatsApp ou mesmo nas transmissões, com o microfone captando o sentimento do torcedor durante os jogos. Hoje, as quatro rádios analisadas no trabalho possuem um repórter especializado em ouvir a torcida, com via de regra, patrocínios específicos para esta função. Os canais de interatividade são disponibilizados para

opiniões, perguntas aos comentaristas, sugestões e até mesmo informações úteis para a transmissão, como o trânsito nas imediações dos estádios, dificuldades em acessar a praça desportiva ou sinalizações de lances que passaram despercebidos pelos jornalistas.

Barros et al (2010) caracterizam este público como o novo consumidor de notícias, aquele que “filtra, acessa, reage, divulga e até participa do processo produtivo da notícia através de redes sócio-virtuais” (BARROS et al, 2010, f. 01). O consumidor, com isso, muda a sua forma de absorver informação, uma vez que ele já não espera mais passivamente que a notícia chegue até ele (BARROS et al, 2010). Com a popularização da internet, os ouvintes vêm contribuindo na construção e na participação. No que diz respeito ao comentário esportivo, o que se busca é uma manifestação dos torcedores com o objetivo de seu pensamento ser transmitido ao vivo no rádio, com sua opinião confrontando, corroborando ou complementando aquela que foi repassada pelo comentarista.

Neste sentido, salienta-se que há dois tipos de interação: a do ouvinte com os perfis oficiais das emissoras e a do ouvinte com os perfis pessoais dos comentaristas. A ligação com a audiência coexiste com todos estes itens, em maior ou menor grau. No caso das redes sociais, os perfis pessoais dos comentaristas esportivos se relacionam com os ouvintes nos aspectos da interatividade, da instantaneidade e da personalização. Pode-se dizer que, ao interagir com o profissional e não com a empresa, o ouvinte está obtendo, naquele instante, uma conversação com alguém real, com o profissional a quem o recado deseja ser repassado. A mensagem é direcionada, orientada, geralmente embasada sobre algo dito pelo profissional no microfone da emissora. Por sua arquitetura que prioriza o dinamismo e a instantaneidade, o Twitter é a plataforma preferida pelos ouvintes:

A limitação de caracteres, associada à disposição em ordem cronológica inversa das atualizações, faz com que a ferramenta se torne interessante de ser empregada para coberturas estilo minuto a minuto de eventos e acontecimentos (no caso, frase a frase), o que inclusive pode se dar a partir de dispositivos móveis. Já a eventual superficialidade das atualizações em uma ferramenta com limitação de caracteres pode ser compensada pelo fato de que se pode aprofundar as informações através de hipertextos, a partir da aposição de links que apontem para espaços que complementem a informação. (ZAGO, 2008, f. 09).

Este ambiente é novo, provocado pela fase de convergência e pelas multimodalidades de emissões e recepções. O profissional, por sua vez, com seu perfil pessoal, pode reagir às citações de formas diferentes: estabelecer uma conversação, manifestar nas ondas do rádio a interação ou simplesmente utilizá-la como fonte de consulta. No entanto, em todos os casos em que há a busca por diálogo nas redes sociais, há o risco de haver uma interferência do ouvinte

no conteúdo programado pelo comentarista. Em alguns aspectos, ouvintes são capazes de fazer análises dos jogos e fornecer este material aos comentaristas, gerando um fluxo inverso. Os dados, coletados por fãs de futebol ou por estudiosos do ramo, são repassados nas redes sociais. Os profissionais são marcados por estes ouvintes, gerando um novo movimento, apreendido de fora para dentro e transmitido pelo rádio.

4.2.3 Os dados como fonte de recurso para a opinião

Como já abordado no resgate histórico sobre os comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre, o uso de dados para embasar o profissional na análise sobre o jogo data de meados dos anos 1960. A criação de uma planilha de informações a respeito dos acontecimentos de uma partida deu ao elemento de opinião uma série de noções sobre ocorrências do jogo que ajudavam o profissional na construção do juízo de valor sobre o jogo. Com isso, o que antes era um mero sentido intuitivo ou um parecer pessoal passou a se tornar um componente fundamental para a emissão da opinião. É, também, neste sentido, um recurso de informação para o ouvinte, já que a planilha indica número de faltas, escanteios, defesas e impedimentos, por exemplo. Dalpiaz (2002, f.106-107) indica como era o método de Ostermann para a construção da planilha:

Trata-se de compor, em uma folha simples, uma série de informações sobre a partida de futebol que se desenvolve. De um lado, o comentarista reúne as informações básicas: onde se realiza o jogo, nome do estádio, horário, nome dos dois times e suas escalações, o nome do juiz e seus auxiliares, dos jogadores reservas, deixando um espaço para o score da partida (primeiro e segundo tempos e final) e, outro, para os cartões amarelos. O lado oposto da folha é sempre dividido em duas partes, ou seja, uma parte para cada time. Diante dessa separação, discorre detalhando, primeiramente, os *arremates* do jogo, descrevendo o nome do jogador que chutou em gol ou cabeceou em gol, ou ainda, fez o gol. Para fornecer o resultado de uma soma de chutes e sua natureza, por exemplo, o jornalista criou uma espécie de legenda, descrita da seguinte forma: *Traço*: chute fraco sem importância; *Círculo*: chute com certa pretensão, que exige do goleiro; *Círculo quase preenchido*: chute forte, que exige grande defesa e situação de gol; *Círculo com uma risca transversal*: gol; *Retângulo*: cabeçada sem importância; *Retângulo meio preenchido*: cabeçada importante; *Retângulo com risca lateral*: cabeçada que bateu na trave. Para as *defesas* ocorridas durante a partida, divide pelos goleiros dos dois times: *Retângulo*: intervenções simples; *Círculo*: defesas mais importantes; *Traço*: defesas bem simples; *Círculo meio preenchido*: defesas realmente importantes. Além disso, reserva um espaço para o número de *escanteios* que um time ou outro cederam. As *faltas* cometidas são indicadas com um triângulo. O gol de pênalti sinaliza com um poliedro, em casos de pênaltis desperdiçados, utiliza-se do mesmo sinal gráfico, nesse caso, menor. Todos estes acontecimentos de jogo são, de certa forma, submetidos ao mesmo tratamento. Os gols, no entanto, ficam abaixo destes, e são identificados com um círculo e, no seu interior, fixa-se o minuto em que aconteceu, trazendo ao lado, ainda, uma descrição mínima de como se deu de fato. (DALPIAZ, 2002, f.106-107).

Cada comentarista possui o seu método. No caso apresentado, há uma certa diferenciação do que é uma jogada relevante e do que é uma jogada comum. São aplicados sobre os dados um relativo conhecimento sobre o que é o esporte em si, cabendo ao comentarista uma diferenciação do que importa ou não. Resumidamente, o esquema da planilha obedece uma certa lógica, apresentada em ordem cronológica ou de importância, com incidências naturais ou extraordinárias, com a marcação do tempo de jogo situando o opinador (e o ouvinte) sobre quando tais fatos ocorreram no andamento da partida.

A planilha é utilizada até hoje, evidentemente, atualizada de acordo com padrões atuais. Os analistas produzem, por exemplo, tabelas que são preenchidas previamente, conforme cada jogo. Trata-se de um desdobramento da ideia de Ostermann, adaptada aos moldes atuais. A figura 3 ilustra um modelo de planilha atual, com o exemplo hipotético de um confronto entre Santos Futebol Clube e Sport Club Internacional:

Figura 3: Modelo de planilha utilizado pelo comentarista esportivo (modelo do autor).

Esta atualização prevê determinados procedimentos que fogem ao olho humano. A posse de bola, por exemplo, é um dado fundamental que indica quem dominou a partida. Entretanto, é impossível para o comentarista cronometrar precisamente o quanto de tempo cada equipe portou a bola nos 90 minutos de jogo. É um índice que não era comum ser revelado em outros momentos da trajetória do comentarista esportivo. Trata-se de uma informação possível apenas com a ajuda eletrônica.

A tecnologia auxiliou os analistas para incorporar ao comentário instrumentos que outrora não eram transmitidos. Programas desenvolvidos por computador são ferramentas atuantes na composição da análise. Eles podem ser divididos em aplicativos que contém estatísticas, dados superficiais e panoramas mais abrangentes e entre programas específicos, que desenharam taticamente uma equipe, mostrando o posicionamento de cada atleta. Estas plataformas ligam dois campos diferentes na busca por uma performance mais precisa de quem analisa a partida: num primeiro plano, pode-se entender como uma derivação do jornalismo guiado por dados; em um segundo momento, é uma aproximação ao campo do esporte, com termos, nomenclaturas e propostas inerentes a análises mais específicas do jogo em si.

De acordo com Träsel (2014, p.291-292), o termo Jornalismo Guiado por Dados compreende práticas profissionais, cujo ponto em comum é o uso de dados como principal fonte de informação para a produção de notícias:

O JGD [*Jornalismo Guiado por Dados*] tem por objetivo, justamente, a produção, tratamento e cruzamento de grandes quantidades de dados, de modo a permitir maior eficiência na recuperação de informações, na apuração de reportagens a partir de conjuntos de dados, na circulação em diferentes plataformas (computadores pessoais, smartphones, tablets), na geração de visualizações e infografias. Principalmente, as técnicas de JGD permitem ao jornalista encontrar informação com valor noticioso em bases de dados com milhares ou milhões de registros, dificilmente manejáveis sem a ajuda de computadores. (TRÄSEL, 2014, p.291-292).

O autor (2014, p.293) ainda identifica que um dos motivos pelo qual esta prática é utilizada é o fato de buscar essencialmente introduzir a racionalidade científica nas rotinas de produção jornalística. No caso do futebol, trata-se de pender a narrativa da opinião aos fatos rigorosos que marcam uma partida de futebol, que é um esporte, com regras, determinações e aspectos precisos. Deriva-se do conceito provocado por Meyer (1973), em que o autor busca estreitar as relações entre jornalismo e ciência, dois campos que contêm as “mesmas raízes intelectuais” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.80). Meyer pretendia aplicar métodos científicos de investigação social e psicossocial à prática do jornalismo. O pesquisador pretendia aplicar técnicas que consistiam especialmente em navegação e busca na Internet, utilização de

planilhas de cálculo e bancos de dados, que servem para colher e processar informação. Meyer queria empurrar o jornalismo na direção da ciência com o uso de ferramentas de busca e análise de dados, gerando a possibilidade de uma verdade verificável. “Significa tratar o jornalismo como se fosse uma ciência, adotando método científico, objetividade científica, e ideais científicos no processo inteiro de comunicação de massa” (GEHRKE, 2016, f.5).

Ao encontro do conceito de Meyer, uma característica fundamental do comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre é a abordagem através do embasamento obtido por dados que são gerados através dos acontecimentos do jogo. Com isso, surgem dois elementos que se incorporam aos métodos tradicionais, ganhando relevo e configurando sobremaneira a fase atual: a análise tática e a análise de desempenho, métodos que são gerados através de dados repassados pelos programas especializados e que identificam a **terceira característica fundamental** do comentário esportivo contemporâneo: uma aproximação com o campo do esporte.

4.2.4 O campo do esporte agindo sobre o comentário

Entender o futebol como esporte de alto rendimento é essencial para compreender esta aproximação. De acordo com Braga (2007), o futebol, como esporte coletivo, durante muitos anos utilizou os conhecimentos do atletismo como ferramenta de aprimoramento do componente físico. A concepção de treinamento deste esporte fragmentou-se em setores distintos como treinamento tático, técnico, físico, psicológico dentre outros. Havia um corpo multidisciplinar, mas não uma relação interdisciplinar. Ou seja, hoje o futebol é concebido por estes quatro eixos fundamentais que se conectam. Há uma interdependência dos mesmos, sendo inconcebível preparar uma estratégia de jogo sem que os quatro estejam afinados.

O pesquisador português Júlio Garganta propõe a sigla JDC para designar um jogo desportivo coletivo. Dois conceitos muito usados no futebol são estratégia e tática, embora pareçam dizer a mesma coisa, existem certas diferenças. Em sua dissertação de doutorado, o autor tenta apresentar vários conceitos e entendimentos que diferem estratégia e tática. Entre os apontamentos listados pelo autor (GARGANTA, 1997, p.26), ele sugere que o termo estratégia se associa a um "programa de princípios ou concepção do desenvolvimento do confronto", permitindo inferir que a estratégia é um processo que partindo de um conjunto de dados, define cenários, baliza os meios, os métodos e institui regras de gestão e princípios de ação. Já a tática, sendo um elemento integrante do próprio conteúdo do jogo, se realiza sobretudo quando a situação implica a adoção de passos intermédios (indiretos) para predispor os meios que viabilizem a obtenção do objetivo fundamental preconizado pela estratégia (GARGANTA, 1997, p.38). A

estratégia é o plano para atingir a finalidade. A tática é de que forma se atinge esta finalidade:

Na hierarquia que se pode estabelecer, a estratégia é um a priori da tática, na medida em que a actuação tática é superditada pelo objectivo estratégico. Contudo, há uma zona de confluência onde os resultados das acções táticas podem implicar uma reformulação da estratégia. Nesta zona de confluência não pode haver conflito de competências, porquanto a eficácia dos comportamentos dos jogadores no jogo, depende da harmonia entre a hierarquia responsável pelos mais altos escalões da estratégia e os níveis subordinados da expressão tática. Face a alterações do envolvimento, a decisão estratégica pode ser descrita a partir de seqüências de comportamentos do tipo: "se" ... "então" (Thomas & Thomas, 1994; Sagie et al., 1995). A decisão tática refere-se sobretudo ao "o quê" e ao "como" dos comportamentos face às mudanças produzidas. Isto é, enquanto que a decisão estratégica está mais relacionada com os **fins** da mudança, a decisão tática reporta-se aos **meios** a utilizar. (GARGANTA, 1997, p.41).

Deste modo, a tática não traduz apenas uma organização das variáveis físicas (tempo e espaço) do jogo, mas, sobretudo, em uma organização informacional (GARGANTA, 1997, p.34). Aplicando à análise de um comentarista esportivo, pode-se transferir os conceitos da seguinte forma: a estratégia é atacar pelo lado direito; a tática se refere à intenção do ataque através de triangulações entre lateral, meia e atacante.

Há ainda um terceiro conceito inicial que se reporta à análise moderna de futebol: o modelo de jogo. Para Saldanha (2014), integrante da Universidade do Futebol³⁶, modelo de jogo é **como** a equipe vai jogar. Alguns exemplos dados pelo autor: troca de passes, lançamentos longos, marcação no homem da bola, marcação a partir do meio de campo, jogo baseado em passes ou em cruzamentos etc. Uma vez estabelecido o modelo de jogo, estabelecem-se quatro fases para a partida: organização ofensiva (quando o time está com a posse de bola), transição defensiva (quando o time perde a bola e precisa reorganizar sua marcação), organização defensiva (quando o adversário tem a posse de bola) e transição ofensiva (quando o time recupera a bola e se organiza para atacar).

Os conceitos descritos têm uma fundamentação recente no jornalismo brasileiro. Não eram princípios adotados em outros momentos do comentário esportivo. Antigamente, havia uma preferência por questões técnicas, que eram menos detalhadas e mais fáceis de se decifrar. Lauro Quadros (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.11) afirma que estas questões eram tratadas com mais superficialidade, com mais ênfase nos aspectos individuais e técnicos, ao contrário da atualidade, onde convivem abordagens mais coletivas e táticas sobre o jogo. Trata-

³⁶ A Universidade do Futebol é uma instituição criada em 2003 que estuda, pesquisa, produz, divulga e propõe mudanças nas diferentes áreas e setores relacionados ao universo do futebol, como atividade econômica e importante manifestação de nosso patrimônio cultural, nas dimensões socioeducativas e no alto rendimento, e que conquistou nos últimos anos o reconhecimento e credibilidade da comunidade do futebol.

se de uma demanda produzida pela possibilidade de acessar cursos, junto com a crescente bibliografia que o assunto vem gerando e pelo interesse do público em saber estes detalhes:

A prerrogativa da análise é do analista. Assim como a linguagem. O discurso do técnico e do jornalista, embora baseados nos mesmos conceitos técnicos, têm características próprias, porque não se dirigem ao mesmo público-alvo. Um não invalida o outro, pois falam da mesma coisa com o uso de palavras diferentes. (CECCONI, 2013, p.4-5).

Assim, nota-se uma presença destas análises no conteúdo dos comentaristas contemporâneos. A análise tática é um conceito oriundo da abordagem científica do esporte, ou seja, proveniente do campo da Educação Física, consiste em, entre outros procedimentos, analisar a distribuir a equipe em campo e avaliar os comportamentos individuais e coletivos do time, atribuir resultados às chamadas fases de jogo e verificar qual o sistema tático empregado. A sua aplicação ao jornalismo esportivo feita aqui se baseia em Cecconi (2013, p. 7), que define esta técnica como forma de “compreensão dos movimentos do jogo”. Já a análise de desempenho se estende para informações extremamente detalhadas, como posse de bola, mapa de calor (por onde o jogador circula em campo), velocidade média de cada atleta, funcionamento das fases defensiva e ofensiva no jogo, comportamentos individuais, táticos, físicos e até psicológicos de jogadores e a associação da reprodução de padrões das equipes relacionada aos treinamentos da semana. É utilizada pelos treinadores para “auxiliar o planejamento dos dados” (CECCONI, 2013, p.12). Estudos referenciais para alimentar os comentaristas com estes dados são *A pirâmide invertida*, de Jonathan Wilson (2016), que aborda a história do futebol sob o ponto de vista tático e *Os números do jogo*, de Chris Anderson e David Sally (2013), que enfoca especialmente questões de desempenho e essencialmente de dados. Com isso, novas nomenclaturas surgem a partir do que dizem os comentaristas, a partir da utilização destes aplicativos e plataformas on-line que descrevem os números do jogo e de plataformas na internet que desenham o panorama tático do jogo. Termos como “amplitude”, “profundidade” e a avaliação do “mapa de calor” dos atletas pertencem a este novo campo a ser explorado. A tabela a seguir serve como um glossário, explicando o significado destas novas nomenclaturas:

Quadro 6: Glossário de novos termos utilizados para a análise de futebol. Fonte: autoria própria e Oliveira (In: Revista Época, 2018).

Termo	Significado
Amplitude	Durante o ataque, jogadores se distanciam horizontalmente de forma a aumentar a largura do campo e impedir que a defesa se feche sem dar espaços. Traduz-se por “abrir o jogo”.

Balanço	É quando o time fica atento para uma possível mudança na posse de bola. O balanço defensivo é como alguns jogadores se posicionam caso o time perca a bola quando ataca. Alguns chamam de “basculação”. O balanço ofensivo consiste num posicionamento prévio caso haja recuperação da posse.
Bloco	Quando uma equipe mantém suas linhas próximas de si.
Carrillero	Lateral que, ao invés de buscar o movimento para a linha de fundo, investe em diagonal para o meio.
Construção	Saída de bola.
Compactação defensiva	Capacidade de uma equipe agrupar jogadores de forma a ocupar os espaços por onde o adversário ataca.
Compactação ofensiva	Capacidade de agrupar jogadores em um curto espaço no momento em que atacam.
Direcionamento	Induzir o adversário a se movimentar para regiões que oferecem menos perigo.
Encaixe	Marcação.
Extremos	Ponteiros.
Fases do jogo	São cinco: fase ofensiva (quando o time tem a bola e parte para o ataque), fase defensiva (quando o time não tem a bola e se organiza defensivamente), fase de transição ofensiva (quando o time recupera a bola e começa uma organização em busca de atacar), fase de transição defensiva (quando o time perde a bola e se reorganiza defensivamente) e fase da bola parada (faltas próximas da área e escanteios, principalmente).
Jogo apoiado	Esquema em que o portador sempre conta com, pelo menos, dois companheiros oferecendo opções de passe.
Mapa de calor	O mapa de calor monitora as regiões do campo nas quais os jogadores mais tocaram na bola. E, assim, ele apresenta um diagrama colorido de cada atleta.
Marcação alta/baixa	Sem a bola, as linhas de marcação se movimentam coletivamente em direção ao campo do adversário (alta) ou se postam mais próximas do campo defensivo (baixa).
Penetração	Sinônimo de infiltração: quando um jogador avança, pelo corredor central, em direção ao gol.

Pivote	Termo espanhol para designar o volante.
Profundidade	Oferta de jogadores próximos ao gol do rival, empurrando a linha defensiva para o próprio gol. Quanto mais próximo do gol, mais profundidade.
Saída de três	Quando um terceiro elemento (normalmente um volante) se junta à zaga para iniciar a construção da jogada.
Temporização	Capacidade de fechar espaços para obrigar o adversário com a bola a percorrer um trajeto maior até chegar ao gol. Com isso, retarda o ataque rival.

Além dos termos, os analistas também dão importância maior para os princípios táticos de uma equipe. Garganta e Pinto (1994) definem os princípios táticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos da situação que defrontam. Eles decorrem da construção teórica a propósito da lógica do jogo, operacionalizando-se nos comportamentos tático-técnicos dos jogadores (TEOLDO et al, 2009, p.658). Estas denominações são altamente técnicas e específicas, mas já vêm sendo incorporadas pelos comentaristas. Embora se tenha uma ramificação entre os princípios táticos, uma tarefa importante é explicar ao ouvinte o posicionamento que a equipe tem em campo. A própria tática é um assunto relativamente novo se houver uma comparação com o início do futebol. Wilson (2016, p.25) afirma que o início do futebol era caótico e que a tática só passou a ser discutida antes do final da década de 1920.

Um ponto que gera bastante atenção dos analistas é quanto ao desenho tático de uma equipe. Sistema tático é a distribuição espacial dos jogadores em campo. É um ponto importante que determina onde cada atleta está situado no plano de jogo. Este sistema é ilustrado por números. Abaixo, Silva (2015, p.15) ilustra alguns dos principais sistemas que existem no futebol atual:

- a) 3-4-3 - possui zagueiros (central, esquerdo e direito), volantes (esquerdo e direito), meias (esquerda e direita), atacantes (esquerdo, direito) e centroavante. Também pode utilizar dois pontas no lugar dos atacantes.
- b) 3-5-2 - possui zagueiros (central, esquerdo e direito), volantes (esquerdo e direito), laterais (esquerdo e direito), meia-armador e atacantes (esquerdo e direito). Como variação, no setor de meio-campo, pode-se utilizar três volantes. Uma variação comum no setor ofensivo é utilizar um atacante e um centroavante ao invés de dois atacantes;
- c) 4-3-3 - possui zagueiros (esquerdo e direito), laterais (esquerdo e direito), volante central, meias (esquerda e direita), atacantes (esquerdo, direito) e centroavante. Como variação, pode-se utilizar dois volantes e um meio-campista. Os laterais 14 podem jogar mais recuados, para tornar o jogo mais defensivo ou mais avançando, quando da posse de bola da equipe, para tornar o jogo mais ofensivo;

- d) 4-4-2 - possuir zagueiros (esquerdo e direito), laterais (esquerdo e direito), volantes (esquerdo e direito), meias (esquerda e direita), atacantes (esquerdo e direito). No meio-campo pode-se usar três volantes e um meio-campista ou, ainda, um volante e três meio-campistas. Uma variação comum no setor ofensivo é utilizar um atacante e um centroavante ao invés de dois atacantes;
- e) 4-5-1 – é um sistema tático mais defensivo e com a maioria dos jogadores distribuídos no meio de campo permite maior eficiência na marcação dos jogadores adversários. A sua variação mais comum é com zagueiros (esquerdo e direito), laterais (esquerdo e direito), volantes (esquerdo e direito), meia-armador, pontas (esquerda e direita) e centroavante;
- f) 5-4-1 - este esquema é extremamente defensivo e pode ser usado quando há necessidade de segurar o resultado atual de um jogo difícil. Esta formação geralmente possui zagueiros (central, esquerdo e direito), laterais (esquerdo e direito), volantes (esquerdo, central e direito), meia-armador e atacante.

Atualmente, aplicativos, sites blogs e programas de computador conseguem fazer uma ilustração, por exemplo, dos desenhos táticos das equipes. Além disso, há uma sofisticação que promove o detalhamento de diversas ocorrências da partida. Esta linguagem é sintonizada com os termos que modernamente são utilizados para fazer a análise de futebol. Os dados são apreendidos de alguns sites e aplicativos especializados, dos quais se destacam:

- a) Tacticalpad: utilizado para montar taticamente os desenhos das equipes em campo (fig. 4):

Figura 4: Disposição em campo da equipe do Grêmio conforme modelo apresentado pelo software Tacticalpad.



- b) Footstats: indica estatísticas detalhadas da partida, especialmente relativas ao que fogem do “olho” do comentarista, como dados e ranqueamentos de uma equipe e detalhes individuais dos jogadores, conforme indica a figura 5:

Figura 5: Estatísticas detalhadas das campanhas de Grêmio e Club Atlético Lanús na Copa Libertadores da América de 2017. Fonte: site Footstats.



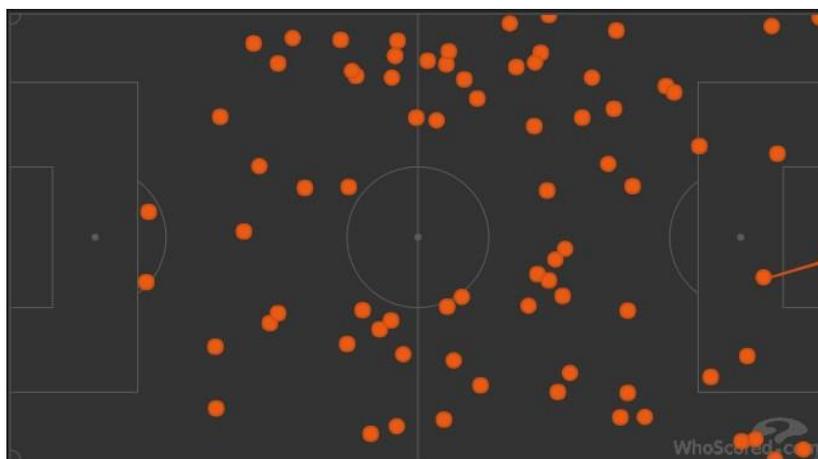
O Footstats também traz uma ferramenta que é bastante utilizada. O mapa de calor consiste em acompanhar por onde cada atleta percorreu em campo, assinalando marcas mais avermelhadas em áreas de maior atuação. A figura 6 ilustra este ponto:

Figura 6: Mapa de calor do jogador Arthur, do Grêmio, no confronto contra o Fluminense, pelo Campeonato Brasileiro de 2017. Fonte: Footstats.



c) Whoscored.com: site britânico que estabelece coeficientes específicos para cada atleta envolvido nas competições e faz, além disto, um mapeamento do posicionamento médio de cada jogador em campo. Outra ferramenta interessante é observar onde cada jogador tocou mais na bola durante a partida, conforme a figura 7:

Figura 7: Mapa de calor do jogador Arthur, do Grêmio, no confronto contra o Fluminense, pelo Campeonato Brasileiro de 2017. Fonte: WhoScored.com



Este portal também realiza uma cotação média de cada atleta, com uma média apontada no final de cada temporada. Leva-se em consideração número de gols marcados, passes corretos, assistências³⁷ e lances de efeito realizados pelo jogador.

d) Meus resultados: outro site de acesso livre que acompanha resultados ao vivo de futebol e outras modalidades por todo o mundo. Porém, o mais interessante estatisticamente são as tabelas de classificação dos torneios, que separam os resultados com desempenho dos clubes no geral, apenas com jogos como mandante e em partidas como visitante. Essa separação nas performances é importante na hora de fazer a análise.

e) Wyscout.com: site que analisa equipes, jogadores e partidas, realiza busca de novos jogadores e produz índices individuais e coletivos.

Além destes sites e aplicativos descritos, é preciso destacar que portais como o globoesporte e o UOL já introduziram em seus acompanhamentos “minuto a minuto” dados semelhantes a estes, como, por exemplo, o índice de posse de bola. A TV Globo, em suas transmissões, adotou a “mesa tática”, dispositivo em que o comentarista analisa, através de um campo de futebol virtual, os movimentos individuais e destaques com conteúdo tático ilustrados eletronicamente. Outros blogs e portais brasileiros já se dedicam exclusivamente às análises tática e de desempenho. O quadro abaixo lista algumas fontes de consulta que podem ser utilizadas por comentaristas, sobre análise tática e de desempenho, além das já citadas:

Quadro 7: Lista de sites, aplicativos e perfis em redes sociais que abordam os assuntos de análise tática, análise de desempenho e dados coletivos e individuais dos atletas (autoria própria):

Nome	Tipo	Endereço
Plano tático	Site de análise tática	planotatico.com
Futebol tático	Site espanhol que hospeda as revistas Fútbol Táctico e Magazine Fútbol Táctico	Futebol-tactico.com
Omnisport	Plataforma mundial sobre análise tática	Omnisport.com
Painel Tático	Blog brasileiro de análise tática. Hospedado na plataforma do globo.com	globoesporte.globo.com/blogs/painel-tatico/

³⁷ O passe decisivo para a marcação de um gol.

Rede do Futebol	Plataforma de pesquisa de jogadores de futebol.	@RededoFutebol (conta no Twitter)
Squawka Football	Notícias, análises táticas e de desempenho. Plataforma mundial.	Squawka.com
Goal impact	Análise individual de jogadores, de acordo com performances e índices	Goalimpact.com
Metrica Sports	Site que utiliza combinações matemáticas e vídeos para analisar desempenhos	Metricsports.com
Scouting Deportivo	Ferramenta para análise de equipes, com material personalizado pelo usuário	@ScoutingDeport (conta no Twitter)
FC Futebol	Perfil no Twitter para conhecimento e formação na área de futebol	@FC_Futebol (conta no Twitter)
Analyse Sport	Blog de análise sobre futebol, do Reino Unido	Analysesport.wordpress.com

As fontes listadas se espalham entre portais, perfis em redes sociais e aplicativos que auxiliam na compreensão do jogo. A novidade também chegou ao formato *podcast*. Projetos como *Linha Alta*, *Footure FC*, *Prancheta Tática*, *Entrelinhas* e *Rádio Tática* são desenvolvidos por jornalistas e fãs de futebol. Já no rádio convencional, esta iniciativa ainda depende muito da atuação do comentarista em si. Não há programas especializados sobre o assunto em Porto Alegre. Ainda que não se tenha este tipo de conteúdo, já é possível exemplificar com um caso a força deste processo. A Rádio Gaúcha contratou Gustavo Fogaça para ir ao encontro disto. Em 18 de janeiro de 2016, Fogaça foi apresentado como novo parceiro digital da emissora (RÁDIO GAÚCHA, 18.jan.2016). Fogaça atua como analista de desempenho, licenciado pela

CBF e seu ramo de atuação é especialmente o ambiente digital da emissora. Ele já comentou algumas partidas pelos 600 do AM e 93,7 do FM³⁸. A inclusão do comentarista no quadro de funcionários da emissora é um indicativo de como esta demanda aumentou nos últimos tempos. O próprio analista acredita que há uma mudança em como o público quer receber os detalhes de uma partida, especialmente após a derrota da Seleção Brasileira para a Alemanha, em 8 de julho de 2014, na semifinal da Copa do Mundo pelo placar de 7 a 1:

O rádio esportivo brasileiro está mudando, não só em Porto Alegre. O fato positivo dos 7 a 1 foi que aquele resultado levou o público a querer se aprofundar sobre o jogo. O mundo mudou nos últimos 15 anos. As estruturas organizacionais passaram a ser horizontais. O jeito de trabalhar o conhecimento mudou. O compartilhamento do conhecimento mudou graças ao que as redes sociais oferecem ao mundo inteiro. [...] Esse acesso tão rápido a todo tipo de informação faz com que o espectador saiba tanto ou mais que você. A audiência exige ferramentas que lhes dão a possibilidade de expansão do próprio conhecimento que eles já têm. (FOGAÇA apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.12).

Assim, quando opta pelas análises tática e de desempenho, o comentarista esportivo coloca um pé no jornalismo interpretativo e, ao usar estas informações, para embasar seus posicionamentos a respeito de um jogador, técnico ou mesmo de uma equipe, põe o outro pé no gênero opinativo. Esta fusão de gêneros é a **quarta característica fundamental** do comentarista esportivo contemporâneo.

4.2.5 A coexistência de gêneros jornalísticos: o opinativo e o interpretativo

O comentário esportivo, como já referido, é ligado historicamente ao gênero opinativo. É um dos pilares deste formato. De fato, a formação de um comentário é algo estritamente vinculado a um juízo de valor sobre um fato. No entanto, Costa (In: MELO; ASSIS, 2010, p.43) sugere que os gêneros são nomenclaturas usadas para facilitar pedagogicamente a assimilação deste conteúdo, classificando-o como uma convenção social (apud HARRO, 2000, p.92). Costa argumenta que há um natural entrecruzamento de gêneros nos modos de emissão, já que, por exemplo, “um texto cujo propósito comunicativo preponderante seja o de “opinar” carrega em si o propósito de “informar” e, por expansão, o de “interpretar”, entre outros.

José Marques de Melo (2003, p.29) coloca na berlinda a autonomia das categorias interpretativa e diversional, classificando as duas funções como correspondentes a expressões já existentes nos gêneros informativo e opinativo. Sobre o gênero interpretativo, ele aponta uma

³⁸ No capítulo reservado à análise de conteúdo, verificar-se-á como se dá a atuação de Fogaça na transmissão radiofônica.

ligação mais relacionada à reportagem do que ao comentário. Seria um “modo de aprofundar a informação”. Já Beltrão (1980, p.47) propõe as seguintes conceituações:

Interpretação jornalística – uma atitude de ofício do agente cultural da informação da atualidade, de que se torna titular o receptor, como decorrência do seu inalienável direito ao conhecimento das ideias, fatos e situações atuantes na vida social.

Jornalismo interpretativo – fatores, características, conceito. O jornalismo como processo industrializado de produção e difusão da mensagem informativa; a extensão da cultura de massa, a atuação dos líderes de opinião e as manifestações da contracultura; o alcance universal dos **media** e a vitória sobre o dirigismo e a discriminação da informação. A ação do jornalista: identificar, investigar, documentar, prognosticar e difundir a informação da ocorrência em toda a sua integridade. **O direito do receptor: interpretar a informação e agir de acordo com seu próprio diagnóstico.**

Ou seja, a premissa da interpretação é do receptor. Beltrão (1980, p.47) ainda argumenta que a análise preliminar de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, e transformá-los em matéria para a divulgação é a interpretação jornalística.

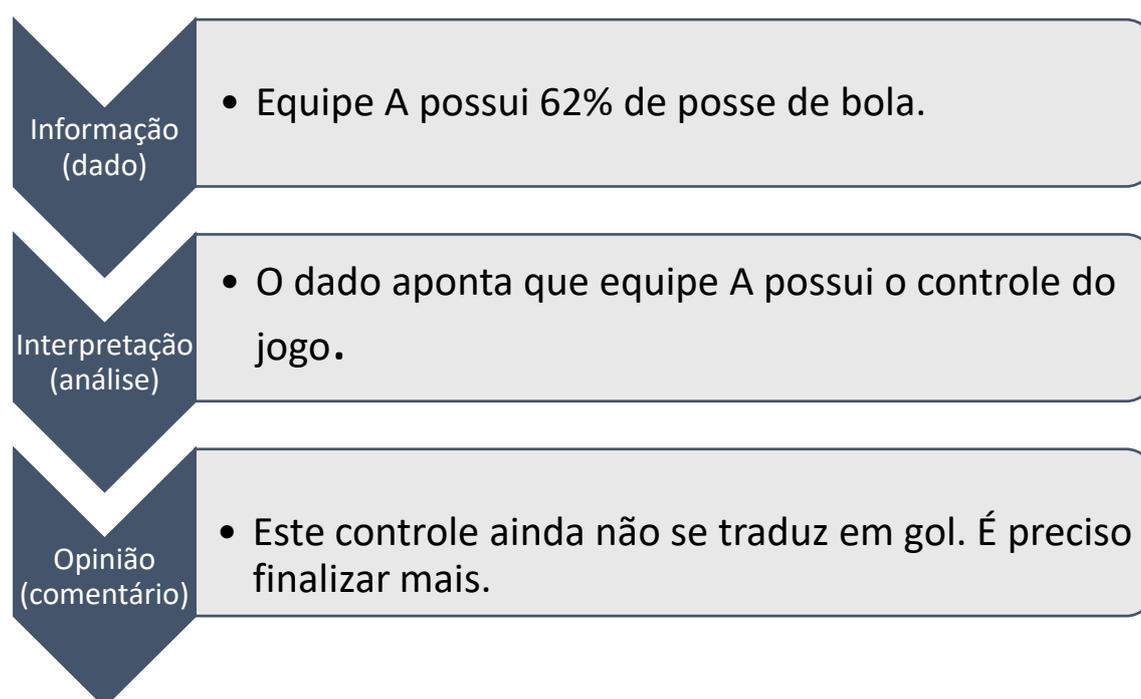
Intepretação é um exercício da inteligência e do discernimento de um agente qualificado, com a excepcional aptidão para apreender toda a significação do fato para a comunidade, dentro de “um critério especial, de um juízo jornalístico que se resume em submeter o interesse particular e transitório para obter a universalidade e considerar, nos fatos, o seu valor permanente. (BELTRÃO, 1980, p.47).

A rigor, este conceito aproxima-se do que Ferraretto (2014, p.96) aponta: o gênero interpretativo representa uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público. Este conjunto de dados existentes e o tratamento dado a ele pode se considerar como a informação que, sem opinar, coloca diante da massa o quadro completo da situação de atualidade (BELTRÃO, 1980, p.50). Com isso, vai-se ao encontro do conceito de análise, que segundo Hidalgo (apud COSTA, 2010, p.67), já é um gênero legitimado. Ele classifica a análise como um “gênero jornalístico autônomo, porque contém características próprias e suficientes para diferenciar-se de outros textos limítrofes, como a crônica, o editorial, o artigo e a coluna”. Adaptando esta lógica para o radiojornalismo, é possível diferenciar a **análise do comentário**, embora, em diversos momentos ambos sejam utilizados como sinônimos. A análise é um conjunto de operações que permitem definir os métodos de resolução de um dado problema (RABÇA; BARBOSA, 1987, p.35). Já o comentário é um profissional participante, que possui opinião própria, mas atua como agente da notícia, realizando uma apreciação valorativa dos fatos (MARQUES DE MELO, 1985, p.85-86). Ou seja, a análise é a **interpretação** de dados apresentados ao profissional. O comentário é a **opinião** sobre estes dados. A análise relaciona-se, portanto, ao **gênero interpretativo**. O comentário é ligado ao gênero interpretativo. Cabe

salientar, entretanto, que a categoria análise não é considerada como um formato a se enquadrar nas categorias propostas para gêneros jornalísticos (MELO; ASSIS, 2010), da mesma forma que não é encaixada em um modo de emissão dos gêneros jornalísticos no rádio (LUCHT In: MELO; ASSIS, 2010). Estas categorias foram atualizadas ao longo do tempo e a proposição utilizada (2010) não conta, por exemplo, com o abastecimento de dados para um comentarista, com este ficando, até então, com o único propósito de opinar sobre os fatos. Como argumenta Costa (2010, p.43-44), a classificação dos gêneros nas modelagens de emissão não é tão estanque assim, ao ponto de considerar a separação entre o “informar” e o “comentar” um movimento que não é fixo: “até que ponto a separação entre notícia e comentário é usada na prática?”.

A transmissão dos dados da partida sempre coube ao repórter. Já a difusão das informações relativas ao campeonato em disputa, os jogos paralelos e os índices das equipes envolvidas no evento eram uma tarefa do plantão esportivo. No entanto, com o acesso a aplicativos que designam informações específicas que geram repercussão no desempenho das equipes envolvidas, esta atribuição passa a ser do comentarista. O esquema traduz o passo a passo a atuação do comentarista contemporâneo no que diz respeito aos gêneros jornalísticos: ele informa (embora não seja sua função principal), interpreta (tarefa que ganha importância neste cenário) e, por fim, opina (repassando o seu pensamento sobre o que foi apresentado).

Gráfico 5: Esboço do esquema de emissão do comentarista contemporâneo e a coexistência dos gêneros jornalísticos.



Este esboço explica como o comentarista contemporâneo atua sob os parâmetros dos gêneros jornalísticos. Trata-se de um desmembramento do que foi abordado embrionariamente por Guimarães e Ferraretto (2016). A partir desta ilustração, tem-se a intenção de juntar as outras características mencionadas no artigo e introduzir o processo de identificação deste profissional. Neste primeiro momento, observou-se o contexto teórico para designar estas características. A identificação destas práticas em seu funcionamento cotidiano será vista a seguir, conforme os procedimentos metodológicos que serão descritos na sequência.

5 IDENTIFICANDO O COMENTARISTA ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO

A ida a campo pretende ampliar a reflexão sobre estes aspectos mencionados sob a perspectiva teórica. Em abordagem preliminar apresentada por Guimarães e Ferraretto (2016), aferiu-se que o comentarista esportivo contemporâneo atende às características fundamentais mencionadas anteriormente: relação entre a “audiência criativa” e o “profissional em ambiente de convergência”, a análise do jogo baseada em dados, a aproximação com o campo do esporte e a utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo na emissão da análise. Este modelo coexiste com outros que operaram em fases distintas, de acordo com a periodização proposta e exposta neste estudo. Caberá afirmar, com a metodologia proposta posteriormente, de que forma estas emissões funcionam, se existe este modelo de forma clara e se este é um padrão hegemônico ou um movimento que começa a ganhar força.

Tradicionalmente, os momentos em que o comentarista aparece na jornada esportiva são os seguintes: (1) comentário inicial, geralmente com um roteiro prévio, na abertura da jornada esportiva; (2) comentários pontuais, que são realizados conforme eventos específicos do jogo; (3) comentários de abordagem geral, que servem para pontuar e situar o ouvinte acerca de um panorama geral da partida; (4) comentário no intervalo, com temas centrais que são, geralmente, provocados pelo apresentador e (5) comentário final, onde se estabelece um resumo da partida. Destes, há três momentos em que a análise é fundamental:

(1) **Comentário inicial:** onde se faz a previsão do que será o jogo, de acontecimentos prováveis, com prognósticos e apontamentos que, em tese, farão parte da partida em si;

(2) **Comentário no intervalo:** apresenta um panorama do que foi o primeiro tempo, respondendo a questionamento do âncora, levantando questões que foram abordadas através dos acontecimentos da etapa inicial, apontando problemas e sugerindo soluções para o período final;

(3) **Comentário final:** um resumo do que foi o jogo, com o objetivo de situar o ouvinte a respeito dos fatos da partida.

Estes três momentos são tradicionais na jornada esportiva. A participação dos comentaristas é obrigatória nos períodos descritos acima. Geralmente, há um tempo necessário para que a emissão do comentário seja efetuada. Esta cronometragem varia conforme as orientações das emissoras e as atrações que a transmissão veicula. Estes três momentos são considerados essenciais para que se identifique de que forma as práticas dos comentaristas se dão na fase de

convergência. Esta identificação será feita de acordo com os procedimentos metodológicos referenciados a seguir.

5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Consideram-se os seguintes métodos para a realização do estudo: pesquisa bibliográfica, pesquisa em mídia sonora, história oral e a análise de conteúdo. Antes da explicação de como cada metodologia foi aplicada ao *corpus* da pesquisa, aborda-se o referencial teórico para as aplicações das mesmas.

5.1.1 Pesquisa bibliográfica

Para a contextualização do objeto, é impossível dissociá-lo dos dados históricos que ocasionaram esta fase com mais ênfase. O aparato no campo teórico será coletado através de pesquisas, publicações, livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e monografias, seguindo a recomendação de Lakatos e Marconi (apud BARROS; DUARTE, 2015, p.54), levantando toda bibliografia já publicada, visando “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” e seguindo a ordem proposta pelos autores: (a) identificação do tema e assuntos; (b) seleção das fontes primárias e secundárias, como bibliografia especializadas, índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogos de editoras; (c) localização e obtenção do material; e (d) leitura e transcrição dos dados. (STUMPF In: BARROS; DUARTE, 2015, p.51-61).

Investiga-se, para tanto, com base nos referenciais teóricos já citados – especialmente na parte histórica –, o material necessário para dar conta da pesquisa.

5.1.2 Pesquisa em mídia sonora

Por se tratar do meio rádio, a pesquisa em caráter documental através de arquivos de áudio é preponderante para a contextualização. O conteúdo dos comentários será basicamente composto pelo formato de áudio (mídia sonora). Em levantamento por Nair Prata (2011), “o crescimento e o interesse em pesquisar o rádio têm aumentado e, como salienta Sônia Virgínia Moreira, o rádio representa, por motivos variados, um dos segmentos mais vivos da mídia, entre os quais se destaca a sua maleabilidade, entendida aqui como a capacidade de se adaptar a momentos e situações distintos (MOREIRA apud PRATA, 2011, f.2). Destaca-se que, de acordo com Moreira, são três fases fundamentais para a pesquisa do rádio brasileiro. Este trabalho posiciona-se na última etapa, com os trabalhos de produção acadêmica, característicos da década de 90 do século passado, para cá,

que nada mais seriam do que o reflexo da percepção social sobre o meio rádio. A percepção social também se dá através das transformações tecnológicas. Com isso, busca-se nos parâmetros do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) os parâmetros para esta pesquisa.

Apropria-se também do que John B. Thompson chama de enfoque tríplice (*tripartite approach*), que envolve a investigação articulada dos seguintes aspectos: a) produção e transmissão ou difusão das formas simbólicas; (b) construção da mensagem; (c) recepção e apropriação das mensagens dos meios. (FONSECA JÚNIOR In: BARROS; DUARTE, 2015, p.408).

5.1.3 História oral

É indispensável o relato de quem transitou pelos diversos períodos e por quem participa do momento atual como protagonista. A fim de criar uma amplitude no espectro da visualização deste contexto, personagens inseridos nele são fontes primárias e cruciais para que se estabeleça uma organização do período e se adquira uma gama de informações que se originam a partir dos relatos pessoais. O processo de entrevistas será fundamentado em capturar as experiências práticas e/ou acadêmicas dos personagens elencados que serão notadamente relevantes através de revelações feitas a partir do primeiro campo a se pesquisar, o teórico. As informações retidas através de depoimentos serão confrontadas com outras fontes, no sentido de uma resolução mais próxima dos fatos em si. Toma-se como base um roteiro construído, conforme a recomendação de Morin: “deixa que a conversa se desenrole bastante livremente, de maneira a que o entrevistado libere toda sua experiência pessoal sobre o problema que lhe é apresentado” (MORIN In: MOLES et al, 1973, p. 119).

Portanto, mesmo com a predefinição de um roteiro a fim de organizar os questionamentos, este servirá mais como um guia de procedimentos do que uma formalidade estrita, à luz de deixar o diálogo menos engessado. O confronto das fontes vai se dar também por pesquisas bibliográficas, para minimizar eventuais confusões ou conflitos causados por lapsos compreensíveis na hora do relato.

O roteiro básico para as entrevistas consiste em: (a) identificar a relevância do personagem acerca do tema a ser abordado; (b) fazer brevemente um registro histórico da sua importância para o tema; (c) atribuir *papel* para o personagem analisado, seja como figura atuante no meio ou como testemunha ocular; (d) levantar dados sobre o contexto histórico de cada período e a sua consequência para as transformações que são descritas; (e) identificar a visão pessoal do personagem, em uma construção já consolidada; (f) evitar dúvidas sobre percepções que porventura possam se distorcer na conversa, a fim de minimizar os lapsos; (g) instigar do

entrevistado a percepção que possui do público e sempre relacionar a prática interna com as repercussões externas; (h) relacionar as experiências práticas; (i) anexar, se possível, materiais que o entrevistado dispuser para análise posterior de inclusão – ou não – na pesquisa e (j) verificar fontes relacionadas ao entrevistado.

5.1.4 Análise de conteúdo

No campo da Comunicação Social, a análise de conteúdo servirá para examinar a aceitação do tema proposto, de acordo com a recomendação de Laurence Bardin (2016), que estruturou seu método de análise de conteúdo em cinco etapas, que serão utilizadas ao longo desta pesquisa: (a) organização da análise; (b) codificação; (c) categorização; (d) inferência; e (e) tratamento informático. Os quatro primeiros processos serão contemplados nesta pesquisa. Para isto, há uma ordem que indica os procedimentos a serem executados.

A organização da análise obedece três pontos essenciais. A *pré-análise* consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise.

[Pré-análise] é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao computador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso. (BARDIN, 2016, p.125).

Esta pré-análise foi contemplada parcialmente no artigo *O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica* (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). A partir destes resultados preliminares, determina-se a constituição do *corpus*, que é a definição do conjunto de documentos a serem submetidos à análise (BARDIN, 2016, p.126). O *corpus* será coletado através da regra da representatividade:

[Regra da representatividade] é aquela na qual a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo. (BARDIN, 2016, p.127).

Após a definição do *corpus*, procede-se à *leitura flutuante*, que de acordo com Bardin (2016, p.126), é o contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. O modo de apreender os documentos se deu através de gravações de jornadas esportivas com os profissionais que representam a hipótese central – de

que há um comentarista esportivo contemporâneo que se caracteriza por práticas que diferenciam o período de outros na linha do tempo do rádio esportivo de Porto Alegre.

Especificamente, a amostra de material foi obtida dos seguintes veículos:

- (1) Atuação dos comentaristas esportivos da Rádio Bandeirantes no período 2016-2017;
- (2) Atuação dos comentaristas esportivos da Rádio Gaúcha no período 2016-2017;
- (3) Atuação dos comentaristas esportivos da Rádio Grenal no período 2016-2017;
- (4) Atuação dos comentaristas esportivos da Rádio Guaíba no período 2016-2017;

A amostra é em nível qualitativo, com a coleta de dados realizadas a partir de determinados jogos que serão listados quando o **esquema da análise** for descrito.

O segundo passo se refere à *exploração do material*, que é a análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. No terceiro ponto, a análise será organizada em torno dos *tratamentos dos resultados obtidos* e interpretação à maneira de serem significativos e válidos. Com isso, alcança-se o segundo processo, que é a *codificação*, que corresponde na transformação dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão (BARDIN, 2016, p.134). Aqui, a escolha feita é por recorte, apresentado a partir do universo escolhido das quatro emissoras que atuam de forma sistemática no jornalismo esportivo radiofônico em Porto Alegre. Como o objetivo do trabalho é analisar as práticas profissionais, reduz-se o recorte para uma avaliação dos procedimentos dos especialistas na função. A interpretação dos dados coletados acontecerá na perspectiva da análise temática, que implica na *categorização* dos dados. Os critérios de categorização, de acordo com Bardin (apud BARROS; DUARTE, 2015, p.298), podem ser semânticos, sintáticos, léxicos e expressivos. Aplica-se ao trabalho presente o caráter semântico, estabelecendo categorias pertinentes a fim de classificar os profissionais que adotam o estilo a ser estudado no comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre.

A categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o *inventário*, que consiste em isolar os elementos, e a *classificação*, que consiste em repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens. (BARDIN, 2016, p.148).

Posteriormente, faz-se uma análise comparativa nos conteúdos gerados pelos comentaristas de acordo com uma descrição detalhada de cada participação em três momentos tradicionais na estrutura da transmissão: *o comentário de pré-jogo, o comentário do intervalo e o comentário final*. Realizar-se-á, a seguir, uma comparação (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998) entre o enfoque dado pelos profissionais e uma categorização do conteúdo, relacionando-o com

as características explicadas da fase analisada.

Realizados estes processos da análise, os resultados obtidos serão apresentados no último momento da pesquisa, a conclusão, onde serão apresentadas as *inferências*, que Bardin (2016, p.169) trata como uma análise de conteúdo sobre uma análise de conteúdo. Ou seja, trata-se do resultado final da pesquisa, a fim de dar significação ao objeto estudado.

A partir destas técnicas metodológicas, traça-se o objetivo central de analisar esta nova configuração no modelo das práticas profissionais dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre. Desta forma, pretende-se dar corpo a esta pesquisa, considerando características do *comentário esportivo contemporâneo*. Assim, busca-se como resultado verificar as semelhanças e diferenças entre as fases, se o objeto pende mais para qual gênero, se há a utilização dos dispositivos e interações explicadas na hipótese e de que forma estas características se manifestam atualmente no radiojornalismo esportivo hertziano de Porto Alegre, a partir de profissionais atuantes nas quatro emissoras analisadas - Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba.

5.2 Aplicação metodológica e esquema da análise

A análise das práticas profissionais dos comentaristas contemporâneos na fase de convergência, através do aporte metodológico descrito acima, proceder-se-á da seguinte maneira:

(1) Análise de conteúdo do material coletado. Serão analisados três momentos da jornada esportiva onde o comentário acontece, a fim de obter uma uniformização e evitar distorções. São eles: comentário inicial, comentário de intervalo e comentário final.

(2) Realização das entrevistas com profissionais em atuação nas quatro rádios que formam o objeto de pesquisa: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba;

(3) Obtenção do *corpus da pesquisa*;

(4) Identificação, após estes procedimentos, se o profissional se utiliza das características mencionadas na abordagem inicial (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016) e já contextualizadas aqui através dos referenciais teóricos. Para isto, tem-se como base os seguintes parâmetros: (a) **relação com a audiência criativa**: análise das redes sociais e de que forma se dá este comportamento (se há interação entre comentarista e audiência) e se há uma interação com o ouvinte na veiculação da opinião pelas ondas sonoras; (b) **análise do jogo baseada em dados**: se o comentarista utiliza aplicativos e ferramentas que auxiliam no comentário; (c) **aproximação com o campo do esporte**: se há apropriação de termos específicos e se a análise transcende o simples campo da observação técnica (como, por exemplo, análise tática da partida); (d) **utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo**, se o comentarista presta algum

tipo de informação ou de elementos interpretativos na emissão do comentário. A pesquisa discorre justamente sobre estes aspectos: a hipótese é que existe um novo modelo de comentário que pratica estas características.

(5) Categorização os profissionais: se eles utilizam ou não práticas profissionais que possam associá-los ao conceito de comentarista contemporâneo;

(6) Realização as inferências necessárias, como, por exemplo, determinar que esse estilo é ou não hegemônico nas rádios analisadas;

A separação do *corpus* será feita da seguinte forma: (a) comentaristas da Rádio Bandeirantes – análise das suas práticas, através do material de coleta do áudio e de entrevistas; (b) comentaristas da Rádio Gaúcha – análise das suas práticas, através do material de coleta do áudio e de entrevistas; (c) comentaristas da Rádio Grenal – análise das suas práticas, através do material de coleta do áudio e de entrevistas, e (d) comentaristas da Rádio Guaíba – análise das suas práticas, através do material de coleta do áudio e de entrevistas.

A escolha deste *corpus* se dá por conta do que já foi referenciado, de que são as quatro rádios hertzianas de Porto Alegre que trabalham com uma cobertura sistemática de esportes, com a veiculação de jornadas esportivas e de uma programação sobre o assunto.

O material analisado foi coletado no formato de áudio, a partir do desenvolvimento de duas jornadas esportivas do ano de 2016. As quatro transmissões foram realizadas pelas rádios Bandeirantes, Gaúcha, Grenal e Guaíba. Os jogos são:

(1) O confronto do Sport Club Internacional com o Cruzeiro Esporte Clube, no dia 27 de novembro de 2016;

(2) O confronto do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense com o Clube Atlético Mineiro, no dia 7 de dezembro de 2016.

Os dois jogos foram escolhidos por conta do caráter decisivo de cada um. O primeiro foi disputado no Estádio Beira-Rio e marcou a última partida da equipe do Internacional no seu estádio antes do rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro daquele ano. Já o segundo marca a final da Copa do Brasil daquela temporada. A partir da gravação destas oito coberturas esportivas, deu-se a separação da análise dos comentaristas em três momentos: o comentário inicial, o comentário de intervalo e o comentário final. Estes pontos foram escolhidos pelo motivo das emissoras estabelecerem como uma norma a participação do comentarista.

Os comentaristas analisados nos jogos serão:

(1) Da **Rádio Bandeirantes**, Luiz Carlos Reche³⁹ e Ribeiro Neto.

(2) Da **Rádio Gaúcha**, Wianey Carlet⁴⁰ e Adroaldo Guerra Filho.

(3) Da **Rádio Grenal**, Alex Bagé⁴¹.

(4) Da **Rádio Guaíba**, Nando Gross

Com isso, o formato da análise de conteúdo será da seguinte forma:

(1) Tabela comparativa: descrição do conteúdo do comentarista nos três momentos escolhidos (comentário inicial, comentário de intervalo e comentário final) e identificação do uso das características do comentário contemporâneo.

(2) Cruzamento de informações obtidas na entrevista com os dados coletados no material veiculado. Para efeitos de pesquisa, foram incorporados depoimentos de outros comentaristas que não participaram dos jogos escolhidos para análise. São eles: Maurício Saraiva, da Rádio Gaúcha, e Cristiano Oliveira, da Rádio Guaíba. Além disso, identifica-se como importante a incorporação de Gustavo Fogaça neste ponto da pesquisa, sendo este o primeiro profissional especializado em análise de desempenho operando no rádio do Rio Grande do Sul⁴²

(3) Análise do profissional em seu campo de ação.

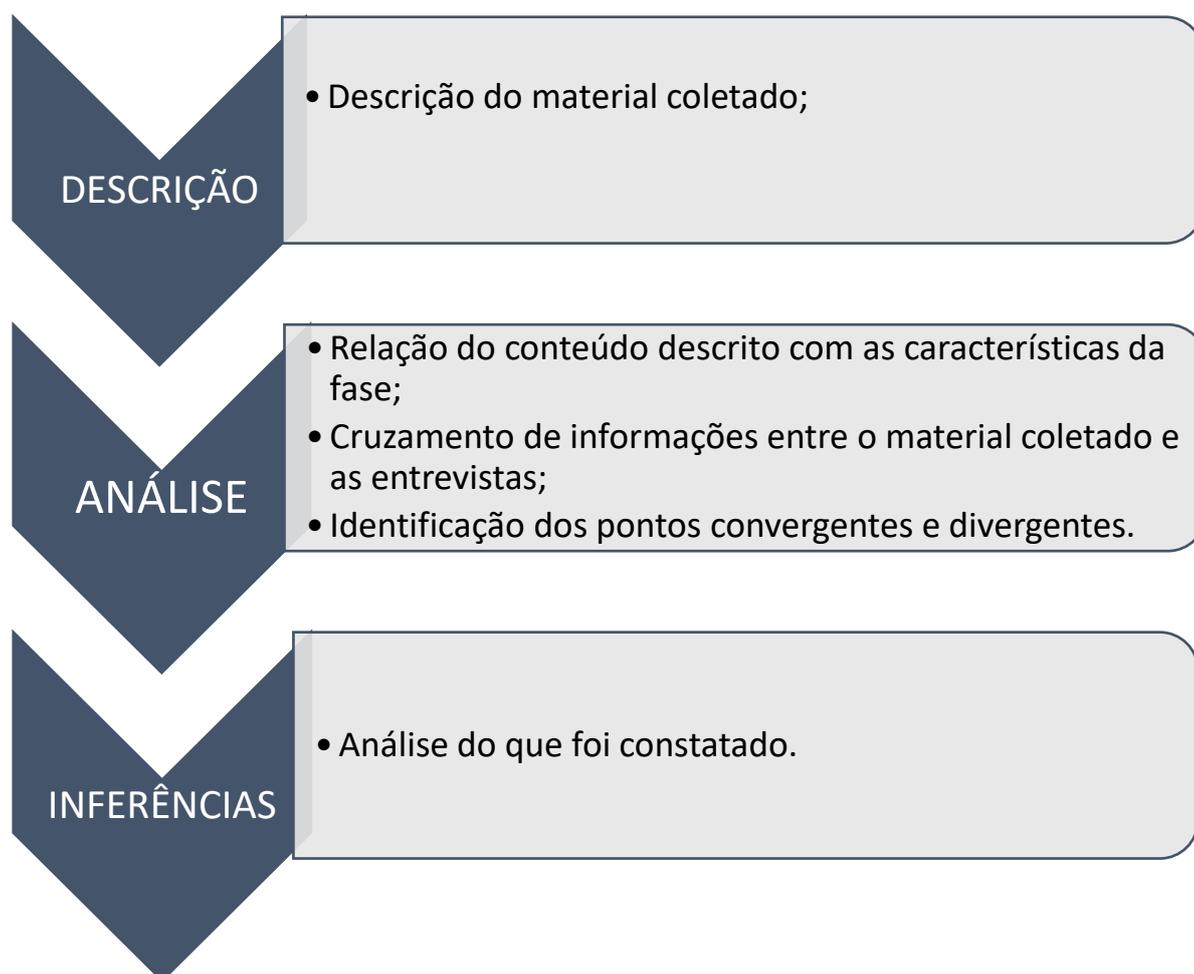
³⁹ Na época da coleta do material, Luiz Carlos Reche era profissional da Rádio Bandeirantes. Posteriormente, transferiu-se para a Rádio Grenal.

⁴⁰ Wianey Carlet faleceu em 29 de setembro de 2017.

⁴¹ Na época da coleta do material, Alex Bagé era profissional da Rádio Grenal. Posteriormente, transferiu-se para a Rádio Bandeirantes.

⁴² A análise de uma partida de futebol comentada por um destes profissionais implicaria em fugir do recorte proposto. Para efeitos metodológicos, os dois jogos escolhidos têm uma representatividade, por conta do caráter decisivo de ambos. Com isso, os elementos trazidos em depoimentos por Maurício Saraiva, Cristiano Oliveira e Gustavo Fogaça têm como objetivo introduzir novos pontos de vista sobre o objeto em si.

Gráfico 6: Esquema resumido da análise.



Esta demonstração será feita através de tabelas que identificarão as inserções pré-determinadas para a análise: comentário inicial, comentário de intervalo e comentário final. Após estes passos, explicados de forma abrangente e resumida, haverá o resultado a partir da base metodológica. Posteriormente, nas Considerações Finais, apresenta-se uma análise mais aprofundada, já com as inferências produzidas a partir da base metodológica e cruzando-as com a base teórica. A divisão da análise será por emissora.

5.2.1 Rádio Bandeirantes

A Rádio Bandeirantes opera na amplitude modulada dos 640 KHz e na frequência modulada dos 94,9 MHz. De acordo com Guimarães e Ferraretto (2017), a média de ocupação diária da programação esportiva na grade diária em fevereiro de 2017 foi de 25%, ou seja, um quarto de sua grade era voltada para um futebol. Este índice se refere à programação de segunda a sexta. Nos domingos, dia em que acontecem os principais jogos de futebol, 50% da grade era

dedicada à cobertura de futebol. Sua equipe de esportes contava, na época da gravação do material que será apresentado a seguir, com dois comentaristas fixos: Luiz Carlos Reche e Ribeiro Neto. Um outro profissional, Filipe Duarte, compartilhava as funções de repórter e comentarista. Nas duas amostras que servirão para a análise do conteúdo, os profissionais presentes nas transmissões são Luiz Carlos Reche e Ribeiro Neto.

5.2.1.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro

Ficha do material

Material coletado em 27 de novembro de 2016

Evento: Internacional x Cruzeiro, jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol

Transmissão da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre

Profissional analisado: Luiz Carlos Reche (comentarista do jogo)

Horário de veiculação: 16 horas

Quadro 8: Análise do comentário de Luiz Carlos Reche, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário inicial	<p>DANIEL OLIVEIRA [<i>narrador</i>]- O que esperar desse jogo Reche?</p> <p>RECHE – Esperar que o Internacional, “mesmo que haja sobreposição de jogadores de perna esquerda: Alex, Seijas, Anderson”. O Anderson pode jogar pela direita sem problema nenhum. O Alex pode jogar centralizado sem problema nenhum. O problema é produção. É ter retrospecto positivo dentro da partida. Render a contento dentro da partida. Não quero saber do histórico de cada um antes. Eles têm que ter rendimento hoje. Eles têm que produzir hoje. Na posição em que foram colocados. Eles são jogadores com qualidade técnica. Podem desempenhar a contento. Desde que recuperem esse futebol. Nem que seja na final. Alex e Anderson deram entrevistas lúcidas. Disseram que ficarão marcados. E ficarão. O Seijas que chegou aqui com fama de diplomata até. Resolveu o problema do Celso Roth, mas era criticado por supostamente ser lento. Busca-se o retrospecto dele e é bom. Nico Lopez</p>	<p>Audiência criativa: não há relação, no material veiculado no rádio, do comentarista com a audiência.</p> <p>Análise baseada em dados: pequeno comentário quando fala sobre o retrospecto de Nico Lopez.</p> <p>Análises tática e de desempenho: há um pequeno comentário sobre tática, quando Reche fala sobre a questão da sobreposição de jogadores de perna esquerda na mesma escalação.</p> <p>Gêneros: interpretativo, quando, a partir da formação levada a campo (informação dos jogadores de perna esquerda), traduz o que isto pode significar para o time; opinativo, quando presta juízo de valor a respeito</p>

	<p>mais se lesionou do que jogou, mas também era perseguido. Hoje é o dia de um bota fora. Eu lembro de um Grenal em que o Inter venceu o Grêmio por 4 a 1 em que o Colorado colocou todos que iriam se mandar. Vamos ver se eu lembro: Leco, Everton Luiz, Ruben Dario, que ficou de cuecas do jogador, por isso foi o Grenal da cueca. Ernesto Guedes era o treinador e colocou todos para jogar. E o Ernesto disse: “ó, é com vocês”. É parecido. Só que agora o Inter ainda pode escapar e pode mesmo. Naquela época era só um Grenal para cumprir carnê. Hoje não é, é um jogo para salvar o Inter da segunda divisão. Se tiver que cair, que caia. Mas se tiver que lutar, pode fazer de tudo. O Lisca pode trocar até o time no primeiro tempo. Ele tem que fazer algo diferente. Se fosse pra fazer igual ao Celso, que se mantivesse o Celso. Não concordo com a permanência do Geferson. O Inter está precisando de atitudes diferentes. O Lisca atende o anseio do torcedor, coloca os dois gringos. Até poderia sacrificar um dos volantes, mas o adversário é o Cruzeiro, enfim. O Inter vai tentar juntar os cavacos e chegar vivo contra o Fluminense.</p>	<p>da escalação colocada e das decisões do treinador.</p> <p>Análise do comentário: neste fragmento, o comentário aproxima-se do formato que marca a fase do jornalismo esportivo, com pequenas incursões à fase do jornalismo esportivo convergente.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário de intervalo	<p>RECHE – Assim como tinha que vencer o Santa Cruz, assim como tinha que vencer a Ponte Preta, mas venceu o Figueirense, o Coritiba e o Flamengo, sei lá Deus como, mas esse último numa partida de superação, o Inter não joga bem, de repetição. O Inter arrancou com vontade e isso não dá para dizer que os jogadores não tenham. O Alex e o Anderson jogam com muita vontade. O Geferson entregou muitas bolas, de graça, mal, já saiu para a entrada do Vitinho. E no auge do desespero, colocaria Ariel ou Aylon. De preferência, colocaria o Ariel, iria para um 4-3-3, com Dourado, Anderson e Seijas na meia cancha e na frente o Nico por um lado, o Vitinho por outro e o Ariel no comando do ataque. O Inter tem 45 minutos para resolver sua existência na primeira divisão. O Inter está com um pé na segunda divisão. Para sair, o Inter tem que fazer um gol e não comar. O lado bom, quando fez cedo contra Santa Cruz e Ponte Preta, perdeu e não adiantou nada. Então, que faça o gol e que não tome.</p>	<p>Audiência criativa: não é presente no material veiculado “no ar”.</p> <p>Análise baseada em dados: presente, quando há uma lista de incidências da partida, referências que foram planilhadas pelo comentarista.</p> <p>Análises tática e de desempenho: presente, quando detalha o que aconteceu com a equipe após uma substituição e quando relaciona esta alteração com um provável esquema tático a ser utilizado na segunda etapa.</p> <p>Gêneros: informativo, quando lista as chances da equipe no primeiro tempo; (retirei o interpretativo, não há aqui); opinativo, quando sugere o que deve ser feito na segunda etapa.</p> <p>Análise do comentário: o comentário do intervalo feito por</p>

	<p>RECHE – Não foi um bom primeiro tempo, começou acidentado, com Geferson errando uma cobrança lateral junto com Alex, perderam a bola e quase foi gol do Cruzeiro. O Cruzeiro está a fim, mas não “<i>afinzaço</i>”. O Internacional não adianta a marcação, não consegue dar sufoco, porque os jogadores têm outras características. Mas mesmo assim, há solidariedade, há presença no campo do adversário. Mas o Inter tentou. Teve uma cobrança de escanteio que o Dourado cabeceou muito bem. Teve um chute no começo que o Daniel chegou a dizer Arrisca Nico Lopez, mas é isso mesmo. Teve um lance em que o Seijas carimbou a zaga, outro em que o Vitinho carimbou a zaga, mas o principal foi um lance em que o Alex cobrou uma falta e o goleiro indo buscar. Então, quantidade o Inter teve. Não teve ainda a necessária qualidade e poderá ainda buscar. Mesmo que seja no desespero, mesmo que seja com Ariel de centroavante, mesmo que seja no <i>upa upa</i>, mesmo que seja de <i>xiripa</i>. Foram muitas vezes em 2014, por exemplo, com Abel no comando e o Inter foi para a Libertadores da América. Que assim seja.</p>	<p>Luiz Carlos Reche é bem mais próximo do comentário contemporâneo, já que ele se utiliza de dados vistos na primeira etapa, faz uma análise tática e baseia sua opinião através das ocorrências de jogo. Além disso, sugere uma consulta a outros profissionais. Entretanto, ainda se sobrepõe o juízo de valor e a relação das incidências da partida, atuando como um relator dos lances.</p>
<p>Inserção</p>	<p>Participação (Fala)</p>	<p>Características identificadas</p>
<p>Comentário final</p>	<p>RECHE – Eu gostaria que o Paulinho [<i>plantão da jornada, Paulo Pires</i>], que ele consultasse os <i>blogueiros</i> e comentaristas do centro do país para também fazer uma avaliação sobre o jogo, porque o Cruzeiro esteve com vontade e isso valorizou a vitória do Internacional. O Lisca falou da escalção do time, que não foi apenas sobre escalar os mais experientes. Falou sobre a sua preparação tática e sobre como ele entende futebol. O Internacional ainda não escapou, mas encontrou uma sobrevida. O Inter vai vivo para o Rio de Janeiro. Se empatasse, iria morto para o Rio de Janeiro. No Maracanã, com o Fluminense desinteressado, o Inter pode ganhar. O Vitória da Bahia pode empatar duas. O Inter precisa de um jogo só, do Sport, e de dois troços do Vitória. A coisa melhorou. O Internacional já sorri. O Inter colocou em campo jogadores que tinha que colocar. O Seijas, o Nico Lopez, o Ariel. O Valdívia tinha que jogar e reencontrar o seu futebol. Porque sabe jogar. Eu vejo no Valdívia um futebol mais vistoso, mais lúcido, mais ousado, mesmo quando erra. O Anderson parecia chutar a bola no adversário para pegar</p>	<p>Audiência criativa: presente, quando solicita opiniões via redes sociais. Análise baseada em dados: apenas análise baseada em comportamentos e não em dados. Análises tática e de desempenho: presente, quando identifica situações táticas que determinaram o resultado final. Gêneros: informativo, quando salienta os acontecimentos do jogo e quando situa o ouvinte a respeito da situação em que o time se encontra (algo que antigamente pertencia somente ao plantão de estúdio); no restante, além de descrição dos acontecimentos do jogo, a predominância é do gênero opinativo. Análise do comentário: o comentário final é descritivo e opinativo, relacionando-se</p>

	<p>a segunda bola. O Dourado estava nervoso, desarticulado, querendo dar bote lá na frente. O William não conseguia dominar bolas fáceis. A serenidade pertenceu a Danilo Fernandes, a Anderson, a Alex, a Ernando, que hoje fez uma boa partida. Em contrapartida, Geferson nervoso, William nervoso, Dourado nervoso, Paulão muito mal, nervoso outra vez. Anselmo foi razoável. Ariel entrou pegando, dando bote, lutando Nico Lopez e Seijas dispersivos. Não foi uma grande vitória do Internacional, mas foi uma vitória heroica por todos estes quesitos. O Cruzeiro mais organizado, perdeu dois gols no fim, um com Robinho chutando para cima e outro com Ábila pegando de bate-pronto, não tinha como não entrar. Hoje, entraram em campo os deuses do futebol para ajudar o Internacional.</p>	<p>mais com a fase do jornalismo esportivo e não tanto com a fase contemporânea. No entanto, quando o comentarista sugere uma compilação de pontos de vista que não pertencem a ele, pretende agregar novas óticas sobre a partida, com tendência para o gênero informativo. Não há análises mais criteriosas de dados que se referem à partida.</p>
--	--	--

5.2.1.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro

Ficha do material

Material coletado em 7 de dezembro de 2016

Evento: Grêmio x Atlético Mineiro, final da Copa do Brasil de 2016

Transmissão da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre

Profissionais analisados: Ribeiro Neto e Luiz Carlos Reche (comentaristas do jogo⁴³)

Horário de veiculação: 21 horas

Quadro 9: Análise do comentário de Ribeiro Neto e Luiz Carlos Reche., no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
----------	---------------------	-------------------------------

⁴³ Nesta partida, a Bandeirantes teve, em sua transmissão, a participação de dois comentaristas.

Comentário inicial

	<p>JOSÉ ALDO PINHEIRO [<i>narrador</i>]– Ribeiro Neto. Luiz Carlos Reche. A dobradinha de comentaristas da Bandeirantes. As equipes já estão definidas, mas paira uma curiosidade. Vai jogar no 4-1-4-1 o Galo, com um volante, porque joga com três à frente da zaga. Vocês acreditam nessa ideia?</p> <p>RIBEIRO NETO – Já suspeitava disso, falava no 4-3-3 com o Reche, mas acho que o Reche visualizou melhor. Um 4-3-2-1, né Reche?</p> <p>LUIZ CARLOS RECHE – Isso.</p> <p>RIBEIRO NETO – Porque, eu imagino que o Atlético não vai sair</p> <p>LUIZ CARLOS RECHE – Você não tá de todo errado, Ribeiro, porque se colocar o Urso como pouquinho mais adiantado e dois mais recuados, dá 4-3-3, porque aí se coloca um aberto por cada lado, o Luan por um lado e o Robinho por outro. Dá para enxergar de diversas formas. Se o Robinho e Luan jogarem ao lado do urso, dá 4-2-3-1. Se eles jogarem ao lado do Pratto, dá 4-3-3.</p> <p>RIBEIRO NETO – Se o Atlético com três volantes marcadores vai esperar um pouco para entrar na área do Grêmio e se o Grêmio der um passo para trás para sossegar o jogo, imagino que teremos um jogo truncado.</p> <p>RECHE – Dá para colocar o Grêmio também no 4-1-4-1. Deixa só o Carioca. O Donizete e o Júnior Urso mais centralizado. O Luan por um lado e o Robinho recuando também e só o prato na frente. O Atlético é móvel. Do Carioca ao Pratto todos sabem jogar.</p> <p>RIBEIRO – Acho que o Grêmio tendo uma postura muito mais cautelosa porque o Renato gota de se preservar, porque tem a vantagem e mesmo jogando na Arena, vai favorecer a mudança que o Grêmio foi obrigado a fazer do Pedro Rocha pelo Everton. É reconhecido que o Pedro Rocha, taticamente, faz o Grêmio jogar. Especialmente pelo Luan e pelo Douglas. O Everton tem uma outra característica. É um jogador mais agudo. Se o Grêmio jogar marcando, a velocidade se faz presente. Quando vier as escalações, veremos como estará o cenário e a motivação do torcedor.</p>	<p>Audiência criativa: ausente.</p> <p>Análise baseada em dados: apenas análise baseada em comportamentos e não em dados.</p> <p>Análises tática e de desempenho: intensamente presente. O comentário inicial é baseado numa previsão tática sobre a partida, com cenários possíveis e identificações de sistemas.</p> <p>Gêneros: não se trabalha o gênero informativo nesta análise. Porém, há uma forte tendência para o uso do gênero interpretativo, quando, com base nas informações táticas que são colocadas (os esquemas táticos treinador pelo Atlético), há uma tradução do que isto pode significar para o andamento da equipe e para a postura do jogo. Também há o uso do gênero opinativo, quando ambos colocam suas opiniões sobre aquilo que o Grêmio deveria fazer na partida.</p> <p>Análise do comentário: a tônica do comentário inicial de Reche e Ribeiro é, em suma, baseada em elementos do comentário esportivo contemporâneo. Há um amplo destaque para a parte tática e para previsão de comportamentos de atletas para o jogo que iria discorrer em breve.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

PAULO PIRES [apresentador do intervalo] – Vamos agora ouvir os comentaristas da Bandeirantes, que vão analisar, trazer pra gente como foi esse primeiro tempo de Grêmio e Atlético Mineiro. Ribeiro Neto e Luiz Carlos Reche.

LUIZ CARLOS RECHE – Olha, Paulinho. Se a gente disser que o jogo está em aberto, a gente vai desconsiderar o jogo de Minas Gerais. O jogo está 3 a 1 para o Grêmio. O jogo sorri para o Grêmio, o jogo está com o Grêmio. Dos quatro tempos de duas partidas de futebol, o Grêmio já passou por três. E o Atlético vai ter que recuperar um só. É perigoso para o Atlético agora colocar, por exemplo, um Maicossuel, um Cazáres, colocar alguém mais para a frente, como Carlos, Hyuri, Clayton, tentar ir para cima do Grêmio e dar um abafa. O Grêmio tem jogadores muito rápidos, como Luan e o Everton. E tem o Douglas, que é um passador nato. Ele pifa, ele passa, ele simplifica. O Douglas parece estar jogando muito parecido com os velhos tempos do Mário Sérgio e eu não estou exagerando não. Ele está merecendo esse destaque. Merece que a gente escancare um pouco o tamanho de sua bola. Até porque ele foi muito sacrificado enquanto teve dificuldades para jogar e agora que ele está sobrando, a gente precisa dizer que ele está sobrando. Ele foi o melhor do primeiro tempo, mereceu todo destaque dado por mim e pelo Ribeiro e o Grêmio poderia estar ganhando. O Grêmio teve 4 boas oportunidades de gol. Não vou dizer quatro chances claríssimas, mas boas para muito boas. Douglas para Luan, Gabriel salvou. Maicon chutando, selando o Erazo, também foi uma situação ruim para o Atlético. Everton, num contra-ataque chutando e o Victor, que é um grande goleiro, é difícil de ser vencido. E o Douglas de calcanhar para o Everton, que perdeu um pouco do senso e disputou com o zagueiro, perdeu essa chance, vai ter que aprimorar esse quesito. O Atlético foi um pouco melhor que o Grêmio. O Atlético foi um pouco melhor do que o próprio Atlético Mineiro. Ainda não está morto, mas está respirando quase que por aparelhos, Ribeiro Neto.

RIBEIRO NETO – Claro que o tempo tá passando, o relógio está passando, o tempo tá correndo e isso favorece o Grêmio. É um jogo bem diferente do jogo de Belo Horizonte. Primeiro, porque acho que o próprio Grêmio mudou sua estratégia. O Grêmio preferiu jogar marcando.

Audiência criativa: ausente.

Análise baseada em dados: dados planilhados, como número de chances na primeira etapa, aparecem na análise. Há também a descrição de dados como posse de bola, volume de jogo e postura de cada equipe, mas sem quantificação.

Análises tática e de desempenho: presente, quando a postura das equipes se torna o aspecto predominante de análise. Também há um detalhamento que diz respeito ao modo de jogar das duas equipes, ao desenho de ambas e ao relato das jogadas preferenciais.

Gêneros: informativo, quando salienta os acontecimentos do jogo; interpretativo, quando se listam as chances de gol (informação) e o que elas significam para o jogo; opinativo, quando sugere o que deve ser feito na segunda etapa e quando se diz se o feito no primeiro tempo foi bom ou ruim.

Análise do comentário: o comentário do intervalo tem fortes elementos que podem ser associados às práticas contemporâneas. Há, ainda, uma presença marcante do estilo de outra fase, como, por exemplo, nos relatos das incidências da partida. No entanto, quando se comenta a respeito das intenções e objetivos supostos dos treinadores, adentra-se mais ao campo do esporte, uma das características fortes do comentário esportivo contemporâneo.

	<p>Claro que o Atlético Mineiro teria que ter uma postura um pouco mais agressiva. Mas o Grêmio só deu espaço mesmo, e deu alguns, fruto de passes errados e da ansiedade, da intermediária defensiva próximo à área mas não na grande área. Ao Atlético faltou profundidade, teve 5 finalizações com relativo perigo. Mas o Grêmio teve seu primeiro chute a gol aos 35 do primeiro tempo e foi tarde, equilibrou o jogo um pouquinho antes. Estava perdendo muito a segunda bola e conseguiu equilibrar. Quando equilibrou, teve mais presença no ataque, nas oportunidades citadas pelo Reche. Mas teve sua grande chance no final do primeiro tempo. E quem me conhece sabe, não posso perdoar o Everton. Ele perdeu um gol na cara do goleiro e em decisão não pode desperdiçar esse tipo de chance. Mas vá lá, a vantagem permanece. O jogo parece emocionalmente controlado. O Atlético está bem melhor do que foi em BH. Agora, a vantagem que já era muito boa, ficou melhor ainda, porque resta um tempo de jogo para chegar ao campeonato. Me lembra muito o jogo contra o Cruzeiro. Joga marcando e explora o erro do adversário.</p> <p>LUIZ CARLOS RECHE – Entrega a bola ao adversário. Não tem pruridos em excesso. Não tem problemas em dizer que foi dominado, que foi sufocado, desde que minimize o espaço para a ação do Atlético Mineiro, que teve sim no lado esquerdo com o Fábio Santos duas oportunidades de cruzamento, que teve sim com o Pratto que com o tamanho do seu corpo teve a chance de complicar a marcação do Grêmio, que teve no circular do Luan a possibilidade de encontra-lo livre em duas ou três oportunidades. O Atlético tem mais posse de bola, tem mais conclusões, mas as do Grêmio foram mais próximas ao gol, em velocidade e com mais terreno para percorrer e com mais possibilidades de chegar ao mano a mano, coisa que o Grêmio não permite ao Galo.</p> <p>PAULO PIRES – Tá certo o Renato em não mexer no time?</p> <p>RIBEIRO NETO– Tá certo sim, mas agora o Atlético precisa mudar. O Atlético precisa ser mais agudo, mais intenso e precisa chegar próximo ao gol do Grêmio. O Grêmio vai tentar ainda mais jogar no erro do adversário.</p>	
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário final	<p>RIBEIRO NETO - O Grêmio é campeão por merecimento, campeão por justiça, porque foi melhor, porque teve mais qualidade, teve mais competência. Depois de 15 anos um título como esse, com merecimento, era o título que todo o torcedor do Grêmio aguardava. O Grêmio foi melhor.</p> <p>LUIZ CARLOS RECHE – A irritação do Atlético mostra o tamanho da frustração, o tamanho da conquista do Grêmio. A dor de cotovelo do Atlético ilustra a dor de cotovelo do Atlético.</p>	<p>Por ter sido uma final de campeonato, o comentário final na amostra coletada foi muito curto. Não houve propriamente uma análise, a não ser uma saudação ao Grêmio ter conquistado o título. Houve, portanto, mais destaque para a festa dos jogadores do que às análises do jogo em si.</p>
-------------------------	---	---

5.2.1.3 Resultados da análise

Das quatro características principais que marcam o comentário esportivo contemporâneo, a que menos aparece com força é o aparecimento de uma audiência que interfira, colabore ou interaja com os comentaristas. Nos seis fragmentos analisados (comentários de início, intervalo e fim de duas partidas importantes transmitidas pela emissora em 2016), o único momento onde há algo próximo com uma interação externa é o momento em que Luiz Carlos Reche, no jogo entre Internacional e Cruzeiro, solicita ao plantão de estúdio Paulo Pires um panorama das opiniões registradas por blogs, redes sociais e comentaristas de outras áreas. No intervalo, não há registro de participação de ouvinte e interação com o comentarista. No entanto, Luiz Carlos Reche, um dos profissionais analisados, não despreza a atuação da audiência no sentido de convergência. Todavia, pondera que, no seu caso, não consegue desenvolver atenção necessária para a audiência durante os jogos:

Em relação aos dados publicados por terceiros, que vão fazendo o acompanhamento que a gente não consegue, porque a gente está vendo o jogo e não tem como se ater a detalhes de quantificação de faltas, escanteios sempre controlei, mas alguma coisa, eu confesso que eu acompanho – especialmente posse de bola. No mais, eu procuro fazer uma observação crítica do que estou vendo, aproveitar sempre o replay, quando a gente tem condições, para falar de uma forma mais precisa, né!? Eu me informo das mais diversas maneiras. Tem muita coisa que escapa da gente, mas posse de bola, conclusões. Às vezes, a gente diz: “ah! Não concluiu a gol”. Quando vê, toma um susto: chutou seis vezes. Mas eu não sou escravo disso. Eu acho que isso aí ajuda, mas não é 100% do que deva ser o comentário. Acho que o comentário deva ser um pouco de cada coisa. (RECHE, 17 jan.2018).

Já Ribeiro Neto afirma que se apropria das redes sociais e do conteúdo por elas gerado. Entretanto, minimiza a participação do ouvinte, colocando que os valores pessoais do comentarista são preponderantes em relação a uma contribuição advinda da audiência:

É claro que é sempre um apoio se valer das redes sociais, da interatividade, tudo que gera conteúdo pode agregar. Mas eu acho que a análise de um evento esportivo, ou, no caso, uma partida de futebol, por parte do comentarista, ela tem uma análise muito pessoal dentro – como eu repito – da forma como o comentarista se comunica e da visão dele de jogo. Eu acho que, às vezes, perigoso isso interferir na forma como tu raciocina, como tu estás vendo. Eu vejo e sinto que há muitos comentaristas que seguem, digamos assim, uma ordem linear do que está sendo feito. E na minha opinião, acaba isso interferindo na forma de pensar. Então, eu acho válido com ressalvas. (RIBEIRO NETO, 27.dez.2017).

A atuação de ambos nas redes sociais também difere. Reche utiliza a rede social como forma de divulgação de seu trabalho, mais do que um canal para interação com o torcedor para um intercâmbio de ideias. Desta forma, não promove a participação efetiva da audiência como elemento de auxílio nos comentários. Ele possui conta no Twitter (@luizcarlosreche) e, no período de um dos jogos analisados, por exemplo, a utilizou mais como divulgar o que acontecia no entorno do que para interagir com a audiência, de acordo com o que mostra a figura abaixo:

Figura 8: Publicação de Luiz Carlos Reche no Twitter.



Já Ribeiro Neto não utiliza a rede social para fins de análise.

O ponto convergente entre ambos e, igualmente, por onde eles mais se assemelham às características do comentarista contemporâneo se refere às análises táticas e de desempenho dos atletas. No material analisado, houve um amplo destaque para estas questões, como no fragmento que ilustra o comentário inicial na final da Copa do Brasil de 2016, entre Grêmio e Atlético Mineiro.

LUIZ CARLOS RECHE – Você não tá de todo errado, Ribeiro, porque se colocar o Urso como pouquinho mais adiantado e dois mais recuados, dá 4-3-3, porque aí se coloca um aberto por cada lado, o Luan por um lado e o Robinho por outro. Dá para enxergar de diversas formas. Se o Robinho e Luan jogarem ao lado do urso, dá 4-2-3-1. Se eles jogarem ao lado do Pratto, dá 4-3-3.

RIBEIRO NETO – Se o Atlético com três volantes marcadores vai esperar um pouco para entrar na área do Grêmio e se o Grêmio der um passo para trás para sossegar o jogo, imagino que teremos um jogo truncado.

RECHE – Dá para colocar o Grêmio também no 4-1-4-1. Deixa só o Carioca. O Donizete e o Júnior Urso mais centralizado. O Luan por um lado e o Robinho recuando também e só o prato na frente. O Atlético é móvel. Do Carioca ao Pratto todos sabem jogar. (RÁDIO BANDEIRANTES, 7.dez.2016).

Este ponto é uma característica fundamental, mas Reche acredita que o conflito deste modelo com outros padrões mostrados anteriormente pelos comentaristas esportivos não seja tão significativo. Ele acredita que cada um tem o seu estilo e que antigamente o comentarista atuava “informando menos, dando menos detalhes técnicos, táticos, mas mantendo ainda a qualidade e que sim, há uma nova tendência hoje, baseada nos números” (RECHE, 17.jan.2018). No entanto, embora admitindo que este modelo, mais atento à parte tática, é novo, confessa-se admirador do estilo antigo:

Eu confesso que eu gostava dos comentaristas antigos. E, como o rádio era muito forte, a gente comia na mão deles. O avanço teve esse título porque hoje, todo mundo tem sua rede social para comentar. O raciocínio e a exigência do ouvinte é um tanto quanto diferenciada, diferente né!? Antes, eram quase semideuses. Hoje, a gente é um somatório. O ouvinte até pode ter os seus preferenciais e tal, mas ele ouve mais de um. Eu trabalho em uma rádio que fala 24 horas de futebol, então, o sujeito, no final do dia, já ouviu vinte opiniões. Mas eu gostava do comentário antigo e como a gente não tinha tanta imagem, era uma necessidade até, quando eles falavam a quantidade de faltas, quantidade de escanteios em grandes jogos.... Me lembro até que a rádio Guaíba contabilizava o tempo corrido, tinha um cronometrista, eu achava muito legal. Mas eu sempre gostei do comentário antigo. Eu era fã de Lauro Quadros, Ruy Carlos Ostermann, Ênio Mello, Lasier Martins, Edgar Schmitt e outros tantos. (RECHE, 17.jan.2018).

O ponto de divergência entre os dois se refere à existência ou não de um novo modelo. Reche acredita que o comentarista esportivo precisa se adaptar ao tempo, mas com ressalvas: “Eu ainda gosto de “entremear”, gosto de contar histórias, gosto de comparar com o passado, gosto de lembrar as coisas, mas não desdenho, não, da análise mais moderna; de posse de bola, de mapa de calor, de marcação dobrada” (RECHE, 17.jan.2018). Já Ribeiro Neto rechaça o rótulo de “novo comentarista:

Eu acredito que não é um novo modelo, eu acredito que existem, hoje, várias formas de se comunicar. Acho que o comentarista esportivo, ele tem que se valer primeiro de uma característica pessoal. Claro que não se pode se desassociar de um novo padrão que pode existir, mas dentro desse padrão considerado mais moderno, eu acredito, simplesmente, em conteúdo, usando os dados que são hoje mais fáceis de serem conquistados, ou não, isso pode definir claramente a forma como tu se comunica. Eu, por exemplo, acho que números qualitativos são de grande valia. Os quantitativos, que são na verdade os que se recebe, eles não decifram claramente aquilo que você recebe. Acho que a forma de se comunicar, ou seja, como se passa a mensagem, é que vai definir o estilo do comentarista, e dentro disso, eu acho que tendo uma linguagem apropriada, se utilizando de números qualitativos, é o ideal. Mas isso não quer dizer que esse é o verdadeiro, é apenas uma característica. (RIBEIRO NETO, 27.dez.2017).

No entanto, ambos não desprezam o uso de dados para a análise de futebol. Consultam dados como posse de bola, mapa de calor e número de finalizações. Com isso, acreditam que, ao repassar para os ouvintes estes dados, estão prestando uma informação. Ribeiro Neto, por exemplo, afirma que se utiliza destas informações como referência para construir sua opinião, considerando que “o comentário, é também muita informação. Porque, para quem está recebendo a mensagem, o comentário nada mais é do que a análise complementar ao fato. Cabe ao ouvinte, ao telespectador, ao leitor, filtrar aquilo que ele está absorvendo”. Com isso, há uma forte pendência para o gênero interpretativo, que pode ser uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos a serem repassados ao público e procurando, deste modo, situar o ouvinte ao contextualizar a narrativa (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.3).

No que concerne às quatro características fundamentais do comentário esportivo contemporâneo (audiência criativa; uso de dados para a análise; aproximação com o campo do esporte e coexistência de gêneros no comentário), é possível se dizer que, de acordo com o material analisado e cruzando com as entrevistas realizadas, três pontos são atendidos. O único aspecto onde há uma defasagem é sobre a audiência criativa. Porém, cabe salientar que ambos começaram suas carreiras em outra fase do jornalismo esportivo. Luiz Carlos Reche começou na Rádio Guaíba em 1985, como auxiliar de plantão de estúdio (VOZES DO RÁDIO,

jun.2015). Já o início de carreira de Ribeiro Neto foi em 1989, ingressando também na Rádio Guaíba (VOZES DO RÁDIO, abr.2012).

Portanto, é possível se dizer que o conteúdo analisado pela Rádio Bandeirantes possui elementos que se relacionam com o comentário esportivo contemporâneo. Entretanto, não é um modelo predominante. Boa parte da narrativa contida na análise e dos depoimentos colhidos se liga com padrões estabelecidos na fase anterior. Entretanto, é possível afirmar que os dois comunicadores agrupam características pontuais e pessoais que vão ao encontro do que se tem como comentário esportivo contemporâneo, embora não incorporem estes recursos com força suficiente para que sejam considerados representantes mais claros deste modelo.

5.2.2 Rádio Gaúcha

A Rádio Gaúcha opera na amplitude modulada dos 600 KHz e na frequência modulada dos 93,7 MHz. De acordo com Guimarães e Ferraretto (2017), a média de ocupação diária da programação esportiva na grade diária em fevereiro de 2017 foi de 35,4%, a partir da colocação do programa *Esporte e Cia* na grade da emissora. Nos domingos, o índice aumenta para um percentual de 56,2%. Os comentaristas da emissora em 2016, época em que o material foi capturado, eram Adroaldo Guerra Filho, Cléber Grabauska, Maurício Saraiva e Wianey Carlet. Eventualmente, desempenhavam a função os repórteres José Alberto Andrade e Luís Henrique Benfica, além do apresentador Rafael Colling. Gustavo Fogaça também atua como comentarista, mas neste caso, há uma especificidade. Ele é o único profissional a realizar a função de analista de desempenho das partidas. Fogaça é ativo mais nas redes sociais do que no rádio. Trata-se, portanto, de um exemplo de convergência no rádio, transbordando seu ramo de atuação para além das ondas hertzianas. Sua atuação junto às redes, assim como jogos comentados por Wianey Carlet e Adroaldo Guerra Filho, são o objeto da análise neste ponto.

5.2.2.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro

Ficha do material

Material coletado em 27 de novembro de 2016.

Evento: Internacional x Cruzeiro, jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol

Transmissão da Rádio Gaúcha de Porto Alegre

Profissional analisado: Adroaldo Guerra Filho

Horário de veiculação: 16 horas.

Quadro 10: Análise do comentário de Adroaldo Guerra Filho, do jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
<p>Comentário inicial</p>	<p>GUERRINHA – A gente vê que o Inter tem alguns jogadores com falta de experiência e alguns que estão completamente abalados. Um deles é o Rodrigo Dourado. Ele é selecionável, está sendo visto, sendo analisado. Na cabeça dele, ele pensa que pode jogar no exterior. Isso tudo pesa. Mas não basta. Além do equilíbrio emocional, o Internacional terá que mostrar mais do que mostrou nos últimos jogos. O Cruzeiro é um clube de camisa pesada. Vem aqui sem a responsabilidade de nada. Se ganhar, perder ou empatar, não faz diferença. Quem tem obrigação de ganhar é o Internacional. O Inter chegou na última rodada sem depender de si. Claro que tem que fazer a sua parte. Mas se o Vitória fizer pelo menos uma vitória, aí “adeus, tia Chica”. Não posso acreditar que na última rodada o Sport vá deixar escapar a Vitória contra o Figueirense, que não tem mais nada para fazer. “Vai motivar, com mala branca? “. Não adianta nada. Se a mala branca ajudasse, o Íbis estaria milionário, está motivado a cada jogo do campeonato pernambucano, mas não joga nada. Então, primeiro passo: o Inter tem que fazer a sua parte. Para fazer sua parte, tem que jogar mais do que tem jogado: taticamente, tecnicamente e emocionalmente. E para isso, precisará de um fator indispensável: seu torcedor. O torcedor não vem hoje com o espírito de quebrar. Ele vem para fazer sua parte, como vem feito sistematicamente. Aí vaia, aí crítica e, além disso, tem uma arma poderosa nas mãos: o voto. O voto, no dia 12, é a arma que vai mais deixar marcas em quem ele quer marcar.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: contextualização do Internacional na tabela de classificação do Campeonato Brasileiro. Análises tática e de desempenho: presença da análise comportamental, quando diz que os jogadores sentem o equilíbrio emocional nestas últimas rodadas. Não há componentes táticos e/ou de desempenho nesta análise. Gêneros: informativo, quando explora a tabela de classificação. Opinativo, quando coloca seu parecer sobre a partida. Análise do comentário: o comentário não tem elementos contemporâneos. Há uma apresentação do jogo e termos que se assemelham à fase da crônica esportiva.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

BENFICA – Zero a zero é o placar, Guerrinha, e na última rodada, o Inter não depende de si.

GUERRINHA – Na última rodada ainda tem uma desvantagem, dos três que lutam contra o rebaixamento, o único que joga fora é o Inter. Então tem essa desvantagem e ficaria muito difícil. Teria que ganhar hoje.

BENFICA – O Inter empata e vem aí o segundo tempo. Vamos ouvir o torcedor, Kelly Matos?

KELLY [repórter de torcida] – Para o segundo tempo, o que precisa melhorar para criar mais chances e efetivamente fazer o gol?

TORCEDOR – O mais importante é marcar em cima e criar pressão no adversário, roubar essa bola em cima e partir para o gol.

KELLY – Partir para cima, o que está faltando?

TORCEDOR – Finalização, é isso que o Inter precisa, finalização, tentar mais o gol.

BENFICA – É isso que o torcedor pede, Guerrinha, finalização e marcar em cima.

GUERRINHA – Olha, Benfica, a presença do Ariel, e eu tenho sérias restrições ao Ariel, acho um jogador tosco, é um jogador que trata mal a bola. Mas se o Inter vai levantar bola na área do Cruzeiro, tem que jogar o Ariel. Não que ele seja um exímio cabeceador. Mas ele é um grandalhão, que pode chocar com o adversário, lutar por uma bola que pode espirrar, e no espirro alguém concluir. Agora, não pode ter, como o Internacional tem tido, jogadores que raramente pisam na área do adversário. Eles se preocupam muito em recompor, jogam pelo lado do campo, para que o Inter tenha a retomada da bola. E aí, quando têm a bola, tem que precorrer uma distância daqui a Quaraí. Não pode. Hoje, o Inter precisa encurtar o campo. Sei que é perigoso, que o Cruzeiro tem qualidade, tem jogadores velozes e que podem surpreender. Bom, mas foi o Inter quem cavocou essa situação. E agora precisa sair dela.⁴⁴

Audiência criativa: presente quando relaciona o conteúdo dito pelo torcedor com uma provável análise do comentarista. Entretanto, a iniciativa não parte do analista, mas do âncora.

Análise baseada em dados: não há uma análise baseada em dados, apenas o contexto da classificação e da tabela.

Análises tática e de desempenho: presente, quando coloca uma situação que deve ser feita para a segunda etapa. Também faz uma análise dos problemas da equipe, como a recomposição e o isolamento dos jogadores, algo que os obriga a percorrer uma grande distância em campo. Porém, não há nenhuma apresentação quantificada destes dados.

Gêneros: informativo, quando contextualiza a tabela; (retirei o interpretativo – aqui não há elementos); opinativo, quando sugere o que deve ser feito na segunda etapa e quando classifica um jogador analisado no fragmento.

Análise do comentário: o comentário do intervalo não tem fortes elementos que podem ser associados às práticas contemporâneas. Há, ainda, uma presença marcante da fase anterior, como, por exemplo, na ênfase à análise técnica. Entretanto, uma das características mais específicas se mostra presente: a participação da audiência propondo, questionando e com o apresentador fazendo o elo entre o que disse o torcedor e aquilo que pode dizer o comentarista.

⁴⁴ O comentário final do jogo Internacional contra Cruzeiro não foi feito por Adroaldo Guerra Filho na jornada esportiva. Suas participações foram realizadas no programa *Balanço Final*. Desta forma, foge do recorte proposto na metodologia, de coletar o material disponível somente nas jornadas esportivas.

5.2.2.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro

Ficha do material

Material coletado em 7 de dezembro de 2016

Evento: Evento: Grêmio x Atlético Mineiro, final da Copa do Brasil de 2016

Transmissão da Rádio Gaúcha de Porto Alegre

Profissional analisado: Wianey Carlet

Horário de veiculação: 16 horas.

Quadro 11: Análise de Wianey Carlet, em Grêmio c Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário inicial	<p>WIANEY CARLET – Vai acontecer porque o Grêmio é melhor, porque o Grêmio se preparou melhor, porque o Grêmio trouxe uma grande vantagem de Belo Horizonte e porque o Grêmio joga na Arena. A Arena nesta noite é o endereço da felicidade, não só um estádio de futebol. As 55 mil pessoas que para cá vieram, não vieram só para ver um jogo. Mas para sentir novamente a alegria que está faltando há 15 anos. Esta é a noite para acabar com a espera. Esta é a noite em que o torcedor do Grêmio terá diante de si a beleza da volta olímpica, a bandeira agitada e a alegria de gritar “é campeão”. Tudo isto está programado para hoje à noite aqui na Arena. A Arena não é um estádio. A Arena é o endereço da felicidade.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: ausente. Análises tática e de desempenho: ausente. Gêneros: não há informação, não há interpretação. Há uma opinião (sobre a preparação do Grêmio) e metáforas (“A Arena é o endereço da felicidade”). Análise do comentário: distancia-se integralmente do comentário esportivo contemporâneo. Não há um recurso a ser apontado que se associe a este formato. Pende, em alguns momentos, para características existentes na fase da crônica esportiva, gênero que era predominante até os anos 1960.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

SÍLVIO BENFICA [apresentador] – Mais do que jogar, o Grêmio precisa administrar, porque toda a vantagem é dele, Wianey?

WIANEY CARLET – O Grêmio foi conservador durante todo o primeiro tempo. Renato mostrou que, além de ser moderno, pode ser conservador. O Grêmio jogou para garantir, para preservar o resultado que trouxe de Minas Gerais, e se continuar assim, não precisa fazer mais nada. Não precisa fazer mais do que já fez. É não permitir que o Atlético jogue. O Robinho não jogou. O Lucas Pratto não conseguiu jogar. A marcação do Grêmio é o ponto forte deste primeiro tempo. Mas volta e meia, ainda tem uma escapada, como essa que aconteceu com o Everton. O Everton tem um problema. Ele tem o Marcos Rocha marcando ele. E o lateral esquerdo do Grêmio, o... Marcelo Oliveira, está preso. O Urso aparece por ali muitas vezes. E ele não pode sair. Então, fica sozinho o garoto lá na frente. E sozinho contra o Marcos Rocha, é uma parada muito complicada.

BENFICA – E esta conclusão do Everton foi o grande momento do Grêmio no primeiro tempo, Wianey?

WIANEY – E o Grêmio teve menos conclusões que o Atlético neste primeiro tempo. Aliás, o Atlético teve até 12 minutos, três oportunidades de gol. Depois, o Grêmio fechou a frente da sua defesa, acertou a marcação, e o Atlético teve apenas mais uma conclusão. Entretanto, foi do Grêmio a situação de gol deste primeiro tempo. A bola do jogo esteve nos pés do Everton. E o goleiro Victor brilhou, pois fez a defesa. O Everton tentou colocar no lado e o Victor com sua experiência, foi onde a bola estava. Mas foi o principal lance do primeiro tempo. Este Grêmio, que mais se preocupou em defender e marcar, também foi o que teve a melhor oportunidade no primeiro tempo.

BENFICA – Qual o destaque positivo do Grêmio neste primeiro tempo?

WIANEY – Acho que foi a disciplina tática e o que o Renato pediu no primeiro tempo. O Renato orientou o Grêmio para marcar, para se defender, para não permitir que o Renato pudesse desfrutar da qualidade técnica que os jogadores têm. E o Grêmio cumpriu isso com muita disciplina. Não significa que o Grêmio jogou retrancado. O Grêmio também saiu para atacar. Mas teve, principalmente, a preocupação de anular, e conseguiu, Robinho e Lucas Pratto. Já tinha conseguido em Belo

Audiência criativa: presente, puxada pelo apresentador Sílvio Benfica e com participação do plantão de estúdio Marcos Bertoncello. Há uma análise feita por um ouvinte e, então, a opinião do comentarista.

Análise baseada em dados: há dados planilhados, como número de chances de gol e finalizações realizadas. Não há a busca em aplicativo de subsídios que possam acrescentar outras informações ao parecer do comentarista.

Análises tática e de desempenho: presente, mas não detalhada. Há uma ênfase na análise técnica e alguns aspectos táticos, como a marcação colocada, a postura da equipe e um apontamento sobre a disciplina tática da equipe, mas sem se aprofundar.

Gêneros: predomínio do gênero opinativo, com alguns momentos interpretativos (“O Atlético teve até 12 minutos, três oportunidades de gol. Depois, o Grêmio fechou a frente da sua defesa, acertou a marcação, e o Atlético teve apenas mais uma conclusão.”) e informativos.

Análise do comentário: poucos elementos podem associar este comentário ao modelo contemporâneo. Há um forte domínio das características utilizadas na fase do jornalismo esportivo. O único ponto que se aproxima do ambiente de convergência é a participação do ouvinte. Entretanto, não é uma iniciativa do comentarista, mas do âncora do intervalo.

	<p>Horizonte e hoje se repetiu. Só quem teve alguma liberdade de movimentação e também por sua qualidade, foram o Urso e o Luan, do Atlético. Esses dois deram algum trabalho. Mas foi só. A marcação do Grêmio, sem dúvida alguma, foi o ponto forte do primeiro tempo.</p> <p>BENFICA – Marcos Bertoncello, o recado do ouvinte pelo Whatsapp ou Facebook.</p> <p>BERTONCELLO [plantão de estúdio] - Pelo Facebook, o Marcos Andrei, de Caxias, diz que o meio de campo do Grêmio está desatento e dá muito espaço para o Atlético Mineiro. Pelo menos, não sofremos gols. Recado do Marcos Andrei, de Caxias do Sul.</p> <p>BENFICA – Mas o Grêmio a partir de determinado momento começou a controlar isso aí, Wloney?</p> <p>WIANEY – Isso aconteceu até uns 12, 15 minutos do primeiro tempo. O Grêmio realmente ficou um pouco aberto e realmente o Atlético conseguiu aquelas conclusões, mas nenhuma de dentro da área, todas de fora da área. Realmente teve esse problema, mas ele foi superado depois. Não dá para marcar o Luan e o Urso como são marcados o Pratto e o Robinho. Aí fica uma marcação homem a homem e não tem jogo. O Grêmio se organizou bem defensivamente e foi assim que aconteceu o empate.</p>	
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário final	<p>WIANEY – Já estava anunciado esse título desde o jogo lá em Belo Horizonte. Já estava programado. Já estava escrito que o Grêmio seria pentacampeão porque é melhor time que o Atlético, porque tem essa história, tem essa biografia de ganhador de Copas. E está se confirmando aquilo que já se previa. Esta vitória não acontece por acaso. Ela é consequência de uma série de coisas, de providências, de atitudes provocadas pelo Grêmio e que culminaram no título. Foi altamente justificável pela melhor campanha, melhor equipe da competição. O Grêmio se preparou, até exagerou em alguns momentos, mas porque estava fortemente decidido a conquistar esse título. Um dia tinha que acabar o jejum, não poderia continuar. Eram 15 anos sem a torcida ver um título desta expressão e hoje, a alegria está aqui na Arena.</p>	<p>Audiência criativa: ausente.</p> <p>Análise baseada em dados: ausente.</p> <p>Análises tática e de desempenho: ausente.</p> <p>Gêneros: meramente opinativo. Não há uma sustentação informativa para as opiniões. Não há interpretação. Há, somente, a opinião do comentarista.</p> <p>Análise do comentário: não há um elemento a se aproximar do comentário esportivo contemporâneo. O modelo aqui apresentado mais representa uma transição entre a fase da crônica esportiva e do jornalismo esportivo.</p>

5.2.2.4 Resultados da análise

O primeiro resultado alcançado a partir dos dois jogos que foram analisados é que Wianey Carlet e Adroaldo Guerra Filho não se encaixam no que se classifica como comentarista contemporâneo. Os elementos encontrados nos dois comentários se assemelham a outras fases do comentário, com predomínio para a fase do jornalismo esportivo. O conteúdo veiculado pela Rádio Gaúcha e analisado no recorte proposto é muito mais relacionado com a parte de opinião, pura e simples, do que por ser um material que incorpora novos termos.

O motivo desta postura mais conservadora talvez seja a idade dos participantes. Wianey Carlet e Adroaldo Guerra Filho começaram a trabalhar em rádio ainda na fase do jornalismo esportivo. O primeiro deles, como repórter nos anos 1970. O segundo deles, também como repórter de jornal, a partir do mesmo período. Com isso, há de se considerar que ambos carregavam, quando da análise, modelos antigos, apreendidos em boa parte do tempo que militaram na crônica. Adroaldo Guerra Filho, apelidado de Guerrinha, admite a existência de um novo modelo, mais atento a questões táticas. Entretanto, acredita que a análise de futebol precisa ser menos complicada do que entrar em um terreno tão técnico e específico:

Eu acho que existe sim, novo tipo de comentarista: esse que se prende a questões táticas. Mas eu me pergunto: tu ganhas futebol porque taticamente tu és perfeito? Tu és imperfeito e perde? Não. Tu ganhas futebol porque tu tens que ter qualidade e tu perdes futebol porque tu não tens a qualidade. E outra pergunta que me faço sobre a questão tática: ela só aparece antes de a bola rolar? Depois que ela começa a andar pelo gramado, desaparece tudo isso. Tanto é verdade que, no desespero, até o goleiro adversário, até o goleiro do próprio time vai para a área adversária. Então, eu não sou de me prender, apesar de respeitar quem vai para esse lado da questão tática. Eu gosto muito mais da questão técnica. (GUERRA FILHO, 26.jan.2018).

Embora não seja adepto a este tipo de conteúdo, Guerrinha não se atém a aplicativos, sites e blogs que realizam análise de desempenho, análise tática, mapa de calor, índices e números. O comentarista afirma que respeita este estilo, mas que o ouvinte “gosta de saber, na verdade, do comentarista, o que vai acontecer com o seu time: “Vai ganhar? Vai perder? Vai sair dessa encrenca? Está com o jogo dominado?” Isso é que ele gosta e eu acho que isso está faltando para muita gente da imprensa” (GUERRA FILHO, 26.jan.2018). Ele afirma que a grande diferença do modelo atual em relação ao modelo antigo, além da atenção à parte tática, é a coragem: “mas nós precisamos opinar. Quem está ligado, quem está vendo, e quer saber a

nossa opinião, seja, para ao final do jogo, ele dizer “pô, esse cara acertou”, ou “esse cara é um babaca, esse cara não sabe nada”, mas tem que ter opinião”.

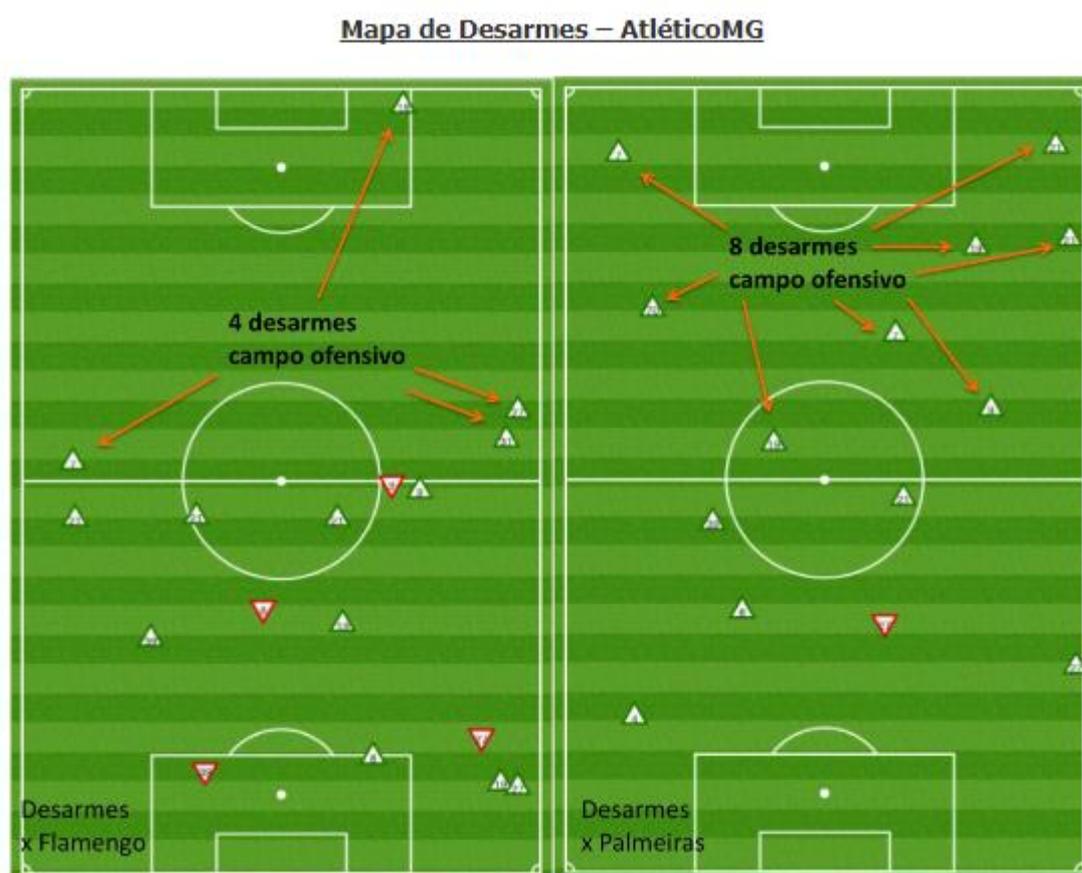
O conteúdo da amostra do comentário de Wianey Carlet também não se apega a estas novidades. Entretanto, no material coletado da Rádio Gaúcha, paradoxalmente, é onde a audiência criativa, uma das características do comentário esportivo contemporâneo, mais se manifesta. Ainda que por iniciativa do âncora Sílvio Benfica, houve interação dos ouvintes e torcedores via redes sociais e presentes no estádio com os comentaristas. Ao contrário de outras análises, a Gaúcha, no sentido de convergência, foi a única que levou estas manifestações para o rádio, saindo do ambiente das redes sociais. Cabe destacar que é uma iniciativa da programação, conforme mudança de foco propagada pela emissora, tratando-se de uma transformação não apenas nas formas de entrega dos conteúdos aos consumidores, mas principalmente nas práticas dentro da própria redação (MARTINS apud QUADROS, 2013, f.169).

Diante deste cenário, a emissora contratou o profissional Gustavo Fogaça para a função de analista de desempenho. Embora também comente partidas, a atuação de Fogaça é essencialmente nas redes sociais, com o objetivo de fornecer ao público dados analíticos que entregam ao público situações de jogo específicas baseadas em dados, no rádio e nas plataformas digitais (FOGAÇA apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, f.11). O jornalista destaca as ferramentas para embasar as análises:

Entendo que o novo modelo de comentarista está mais ligado nos fatores que condicionam o jogo, e não tanto em uma percepção empírica da partida (modelo antigo). Então, não que ele esteja mais atento apenas às questões táticas, ele está atento a todas as dimensões do futebol e tentando entender o esporte como algo sistêmico e coletivo. Assim, é impossível não trabalhar com as redes sociais e aplicativos. No caso das redes, usuários e veículos, tudo soma a partir do momento em que você já sabe qual é a sua linha editorial. A partir daí, vai fazendo uma seleção e entendendo a percepção das pessoas sobre o trabalho, assimilando ou excluindo - inclusive melhorando - conceitos, expressões, ideias e conclusões. O processo da comunicação hoje é horizontal, de compartilhamento do conhecimento. Impossível trabalhar sem as métricas, aplicativos e scouts. Eles trazem as confirmações que as nossas percepções apenas sentiram, dando a elas valor e significado. Eu simplesmente não consigo mais assistir futebol sem essas ferramentas. [...] O desafio é que seja uma informação qualitativa, que some na leitura do jogo e eleve o nível de conhecimento e participação (e paixão) do ouvinte/espectador/leitor. (FOGAÇA, 8.jan.2018).

Em um dos jogos analisados, Grêmio e Atlético Mineiro, final da Copa do Brasil, Gustavo Fogaça fez uma prévia do evento em seu blog, chamado de *Esquemão*⁴⁵. Na plataforma digital, considerou diversos aspectos do jogo, como análises detalhadas da equipe que seria adversária do Grêmio no encontro decisivo. A figura abaixo ilustra o “mapa de desarmes” da equipe mineira. Com base em números e índices, aponta quais setores de campo são os preferenciais pelos marcadores do time.

Figura 9: Mapa de desarmes do time do Atlético Mineiro publicado no blog *Esquemão* (2016).



Observa-se, portanto, que a atenção aos novos caminhos do comentário ainda não é algo hegemônico no conteúdo hertziano, mas existente no ambiente digital. Em sua conta no Twitter, Fogaça também busca contato com a audiência criativa, provocando debates, interações e intercâmbio de ideias, além de também realizar suas interpretações, conforme a figura abaixo demonstra:

⁴⁵ Blog hospedado no site de GaúchaZH, descrito como “Esquemão é análise de desempenho. É o esporte na essência, sem achismos. É opinião baseada em fatos, scouts, táticas e estatísticas, mas acessível pra todos. É conhecimento para alimentar ainda mais uma paixão: o futebol”.

Figura 10: Publicação do analista Gustavo Fogaça no Twitter.



É possível concluir, portanto, que Fogaça presta informação (os números do jogo), interpretação desses números (decodificação dos dados) e a sua opinião baseada nos fatos (time criou, mas não converteu). É neste ambiente que a Gaúcha atua, com este profissional, no sentido mais claro de comentário contemporâneo. Todas as características estão presentes. O que muda é apenas o ambiente. A figura abaixo ilustra um contato de Fogaça com a audiência, no ambiente de interação:

Figura 11: Interação do analista Gustavo Fogaça com a audiência pelo Twitter.



Gustavo Fogaça também atua em programas na rádio em si, como o *Balanço Final* e o *Sala de Domingo*. Contrasta perfeitamente com o modelo empregado por Adroaldo Guerra Filho, o que pode gerar determinados conflitos de conceitos, mas ampla convivência na mesma emissora. Fogaça, inclusive, coloca sobre outros modelos de comentário:

Os antigos são excelentes comunicadores, carismáticos, donos de incríveis chavões, frases feitas e expressões que viraram verbetes no idioma popular. Talvez isso, sejam mais comunicadores do que propriamente comentaristas do esporte. No geral, eles têm uma leitura superficial do que acontece em campo. Não conseguem entender o porquê as coisas aconteceram, ou se o fazem, é sempre de uma perspectiva individual e não sistêmica. Mas conseguem imprimir essa opinião com excelente capacidade narrativa e idiomática, fecundando a mente do receptor com uma ideia (geralmente errada) do jogo e que termina virando verdade. Os novos possuem extrema habilidade de leitura de jogo, de percepção das dinâmicas e decisões coletivas, entendendo o esporte como ele realmente é. Mas pecam, geralmente, na parte da comunicação. Não apenas por usar termos novos, estrangeirismos ou palavras técnicas, mas principalmente por não conseguirem aliar uma narrativa mais simpática e simples aos conceitos extremamente complexos que acontecem em uma partida de futebol. Falta didática! Vivemos um momento de transição, de choque cultural e renovação de linguagens. O receptor hoje tem acesso a mais informação e conhecimento que o comentarista. Ele não quer uma relação vertical. Mas também ainda espera o bom humor, a polêmica e a frase feita. O futuro nos trará esse Comentarista 3.0, que consiga construir uma narrativa que entenda e comunique a complexidade do jogo através de uma linguagem acessível. (FOGAÇA, 8.jan.2018).

Guerrinha, que adota outro estilo, acredita que a tarefa é facilitar o ouvinte:

O esquema de jogo, ele é notado antes de a bola rolar. Eu não creio e não acredito que, tirando os profissionais, que até pouco se referem a isso, levem muito em consideração. “Ah, o adversário joga no 4-2- 3-1, no 4-4- 2, no 4-1-4-1”. Isso talvez seja conversa lá dentro do vestiário, de bastidor, “nós temos que arrumar desse jeito”, “prender desse jeito”. Eu não acho que isso seja tão importante. Volto a dizer: estou do lado do Luxemburgo [treinador de futebol Vanderlei Luxemburgo]. Quando a bola começa a rolar, análise tática, o esquema tático, vai tudo para o ralo. O torcedor não está dando bola [para] quem é que está atacando, ele quer que ocupe espaços, não importa o esquema tático. Se ali *tá* vazio, que alguém apareça ali. Se aqui *tá* ocupado, que alguém saia daqui para a coisa fluir melhor. Isso é o que eu enxergo no futebol. (GUERRA FILHO, 26.jan.2018).

Outro comentarista da Rádio Gaúcha, Maurício Saraiva, adota um meio-termo. Militante desde a época em que o modelo quase que único era o do jornalista esportivo, ele dá boas vindas às novidades, sempre ponderando:

Gosto do modelo novo, não desprezo o anterior. Vale somá-los. O que mais gosto no modelo novo é a liberdade de agregar expressões antes estranhas ao mundo do futebol, desde que facilitem a comunicação com o público. Se for preciso abrir vírgula para explicar a expressão nova, nenhum problema. É preciso valer a pena, não a novidade pela novidade na linguagem. Há diferença, sim. Na linha de pensamento de quem nunca antes se preocupou com funções táticas ou características de jogadores, valem mais os fatores humanos do que os técnico-táticos, tipo "o time está mais motivado do que o outro", o jogador tal "está emocionalmente desequilibrado". Há os que desconsideram estes itens mais subjetivos e lidam só com estratégia coletiva e atuações individuais centradas em quesitos "passe, desarme, assistência, cabeceio, conclusão, drible". Gosto da ideia de misturar estes quesitos. Perde-se e ganha-se no futebol pela soma das qualidades ou defeitos do conjunto de elementos de um time. Pode-se priorizar uma linha à outra, mas não recomendaria desconsiderar uma ou outra. (SARAIVA, 12.jan.2018).

É possível aferir, portanto, que a Rádio Gaúcha adota um modelo plural. No conteúdo *on air*, o predomínio ainda é dos comentaristas com modelo mais antigo, com algumas incursões pelo comentário contemporâneo. No conteúdo *on-line*, a presença de Gustavo Fogaça evidencia um cenário único de convergência entre as rádios analisadas. Ele é o único especialista em análise de desempenho. Seu conteúdo também é colocado em áudio, via ondas hertzianas, mas o ambiente onde ele mais atua é realmente a plataforma digital. Além disso, é a emissora que mais promove a integração entre a interatividade e o comentarista. É preciso dizer, entretanto, que outras emissoras já fazem esta ligação, inclusive com profissionais contratados especialmente para viabilizar esta relação. Entretanto, no que diz respeito às práticas dos comentaristas, o modelo hegemônico constatado dá conta de que a figura do comentarista contemporâneo é vista em totalidade na figura de Gustavo Fogaça e, em alguns momentos, de acordo com o que foi mencionado, em Maurício Saraiva.

5.2.3 *Rádio Grenal*

A Rádio Grenal opera na frequência modulada dos 95,7 MHz. É a única emissora herztiana de Porto Alegre que possui uma programação 100% esportiva. Todo o seu conteúdo é voltado para a cobertura de futebol, com ênfase na Dupla Grenal. No período do recorte proposto (2016-2017), os comentaristas da emissora eram Alex Bagé, Darci Filho, Kalwyn Corrêa, Rafael Serra e Roberto Moure. O conteúdo de Alex Bagé será analisado pela pesquisa.

5.2.3.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro

Ficha do material

Material coletado em 27 de novembro de 2016.

Evento: Internacional x Cruzeiro, jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol

Transmissão da Rádio Grenal de Porto Alegre

Profissional analisado: Alex Bagé

Horário de veiculação: 16 horas.

Quadro 12: Análise de Alex Bagé, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2017.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
----------	---------------------	-------------------------------

Comentário inicial	<p>BAGÉ - Um jogo que tem muita história, que tem grandes torcidas, que tem camisas pesadas, que tem uma história muito bonita de títulos, mas que mostra realidades muito diferentes. O Cruzeiro que vem jogar em Porto Alegre é um Cruzeiro que joga pela dignidade de final de campeonato, porque é um Cruzeiro que não tem chance de ser rebaixado e também não tem condições de disputar uma vaga para a Libertadores da América. Do outro lado, para o Internacional, é mais um daqueles clichês que temos utilizados nas últimas rodadas: é mais uma final de campeonato mundial para o Internacional. O Inter pode depender de secar adversários, pode depender de resultado paralelo, mas precisa vencer, para depois pensar nesse resultado paralelo. Estou curioso para ver o Internacional dentro de campo. É um Inter que o Lisca projeta com Seijas, com Anderson, com Nico e Alex, todos do mesmo time. Do meio para a frente, são todos jogadores canhotos. De que maneira ele vai conseguir colocar Alex e Seijas no mesmo time, sendo que eles ocupam a mesma faixa de campo? Essa é a curiosidade que fica, para o momento em que a bola rolar. O Inter começa sem um centroavante de referência, mas com Seijas e Nico, que são dois jogadores de velocidade.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: ausente. Análises tática e de desempenho: pequena incursão pela análise tática, quando projeta a formação do Internacional para a partida. Gêneros: informativo, quando contextualiza a situação do Internacional no campeonato. Interpretativo, quando, ao esboçar uma escalação, situa como que esses jogadores se posicionarão. Opinativo, pois faz sua análise com juízo de valor. Análise do comentário: aproxima-se do comentário contemporâneo por conta dos aspectos táticos colocados no conteúdo. Todavia, ainda há elementos que se aproximam do tradicional comentário da fase do jornalismo esportivo, como, por exemplo, apresentar um contexto amplo do jogo.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

BAGÉ - Quando se diz que, ainda durante o primeiro tempo, não sendo por lesão, o treinador mexe no time, diz-se que ele escalou errado. Eu já acho diferente. É porque ele conseguiu identificar o erro e tentou ajustar. Sendo lesão ou não, o Lisca quando tira Geferson e coloca o Alex, não é porque ele quer fortalecer o lado esquerdo, até porque o Mano Menezes, inteligentemente, automaticamente ao ver o Alex ali, deslocou o Sóbis para esta função. O Sóbis tem mais velocidade que o Alex. E justamente neste lado esquerdo defensivo do time do Internacional é por onde joga mais o time do Cruzeiro. Ali tem um jogador-chave, que é o Robinho. O Haroldo narra o nome do Robinho o time todo. Neste setor, o Cruzeiro joga mais. Ele recompõe, marca lateral, vai buscar a bola, tenta fazer a transição, quando tem bola parada é ele que cruza. O Robinho atua pelo lado direito de ataque. O Internacional, com a entrada do Vitinho, ganha um jogador para que o Nico Lopez possa construir algum tipo de jogada. Depois que o Vitinho entrou, o Nico passou a ter liberdade. Você dar liberdade para jogadores não guardarem posição funciona quando o momento é bom. Quando há um momento ruim, isso pode virar uma desorganização. E o time do Inter neste primeiro tempo em alguns momentos foi assim. Ate pode se confundir a marcação, botando o Seijas pela direita, deslocando-o para a esquerda, trocando a posição do Anderson, ele fazendo a jogada da infiltração, dando mais liberdade para o Rodrigo Dourado e isso é muito bom de se fazer e acho que é saudável para esse jogo, da maneira que ele se apresenta. Porém, o Inter peca quando força a bola aérea. Não há ninguém para fazer o cabeceio. Talvez tenha a partir do segundo tempo, estou achando que em determinado momento será colocado no time o Ariel. Mas enquanto não tiver o Ariel, não adianta alçar bola na defesa. O forte dessa dupla de zagueiros, que para mim é média, é a bola aérea, pela estatura e pela impulsão. Então, tem que jogar por baixo. É o que o Cruzeiro faz quando enfrenta o Paulão, não adianta forçar, pegar o lado fraco do Paulão. O Cruzeiro teve volume maior de jogo, teve mais posse de bola. Mas o Cruzeiro não fez jogadas mais objetivas. Teve finalização do Robinho, teve finalização do Ariel Cabral, do Rafael Sóbis. Mas nenhuma foi com perigo. O Inter chegou com mais perigo ao gol do Cruzeiro. Uma bola parada do Alex, uma tentativa

Audiência criativa: ausente.

Análise baseada em dados: dados planilhados, como número de chances na primeira etapa, aparecem na análise. Há também a descrição de dados como posse de bola, volume de jogo e postura de cada equipe, mas sem quantificação.

Análises tática e de desempenho: presente, quando a postura das equipes se torna o aspecto predominante de análise. Também há um detalhamento que diz respeito ao modo de jogar das duas equipes, ao desenho de ambas e ao relato das jogadas preferenciais.

Gêneros: informativo, quando salienta os acontecimentos do jogo; interpretativo, quando situa ao ouvinte o posicionamento das equipes em campo; opinativo, quando sugere o que deve ser feito na segunda etapa e quando se diz se o feito no primeiro tempo foi bom ou ruim.

Análise do comentário: embora o formato do comentário seja mais adequado a outras fases, como por exemplo, a duração dele, há diversos elementos do comentário contemporâneo neste material. Ele é basicamente um relato dos acontecimentos da partida sempre contextualizados a fim de embasar a opinião. Estes acontecimentos foram planilhados, anotados e desenvolvidos. Há também, uma interpretação que se refere à sugestão para solucionar determinados problemas vistos.

	de cabeceio do Paulão, um chute de longa distância do Seijas. O Inter chegou mais perto do gol do Cruzeiro. Mas o Cruzeiro teve mais organização. Acredito que para a volta imediata, o Lisca não vai mexer. Acho que ele vai botar o Ariel no jogo, mas nos primeiros minutos da volta para o segundo tempo. O Inter tem que ter cuidado com o Robinho, que é o articulador, a referência técnica. Também tem que dar menos espaço ao Sóbis, que joga nas costas do Alex. É um Cruzeiro perigoso. O Inter precisa concretizar as chances, já que teve duas oportunidades de gol. Porque este resultado não serve. O Inter tem que vencer o Cruzeiro hoje.	
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário final	BAGÉ O Internacional venceu pela insistência. O Lisca tentou mexer no time, com a entrada do Vitinho no lugar do Geferson, mas não conseguiu estabilizar o meio de campo da equipe. Tanto que quem puder assistir à repetição do gol do Valdívia, vai entender o que estou dizendo. O Valdívia pega a bola, abre os braços e ninguém abre, ninguém aparece. Como ninguém abriu, ele decidiu chutar e fez o gol. Até na hora do gol, o Internacional teve uma indefinição. O futebol não foi o suficiente. Mas como o campeonato não é por merecimento, é por bola na rede, o Internacional respira um pouco mais.	Poucos elementos no comentário final que possam servir como subsídios para uma análise mais aprofundada.

5.2.3.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro

<p>Ficha do material</p> <p>Material coletado em 7 de dezembro de 2016</p> <p>Evento: Evento: Grêmio x Atlético Mineiro, final da Copa do Brasil de 2016</p> <p>Transmissão da Rádio Grenal de Porto Alegre</p> <p>Profissional analisado: Alex Bagé</p> <p>Horário de veiculação: 16 horas</p>
--

Quadro 13: Análise de Alex Bagé, no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
-----------------	----------------------------	--------------------------------------

Comentário inicial	<p>BAGÉ - Essa final da Copa do Brasil aponta mais uma vez um jogo difícil. Não é fácil ganhar do Atlético Mineiro. O Grêmio joga em casa, tem uma grande torcida e tem uma grande vantagem. Mas o Grêmio tem, especialmente, um time encaixado. O Grêmio tem um bom time de futebol. O Grêmio vai fazer valer essa vantagem que obteve na primeira partida fazendo o Galo se preocupar e não o Grêmio, jogando com o Everton. Por outro lado, o Atlético responde com uma tentativa de antídoto, escalando o jogador que eu esperava: o Luan, que é um extremo pelo lado direito, vai normalmente levar um pouco mais de perigo ao lado esquerdo do Grêmio, com o Marcelo Oliveira. O Grêmio é melhor time. Só precisa levar a campo tudo aquilo que a gente espera do time do Renato.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: apenas situa o contexto do confronto. Análises tática e de desempenho: presente, quando prevê duelo tático e posicionamento dos atletas das duas equipes. Gêneros: neste caso, ausenta-se o gênero informativo. Coloca o gênero interpretativo com força, quando descreve, para embasar sua opinião, posicionamentos que as equipes terão. Por fim, estabelece sua opinião sobre quem é o favorito para o confronto. Análise do comentário: funciona mais como uma introdução, apresentando o espetáculo, do que propriamente um comentário. Oferece, porém, um resumo sobre questões táticas e técnicas que possivelmente se desenvolverão no jogo.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

BAGÉ - Os primeiros 45 minutos desta final mostraram o Grêmio um pouco mais cauteloso. Talvez seja um amadurecimento do Renato Portaluppi. O Grêmio talvez tenha que erguer mais suas linhas de marcação para que o Grêmio possa tentar marcar o Atlético no campo defensivo do Atlético. O Grêmio foi um pouco mais recuado, mais cauteloso, e isso proporcionou que o Atlético tivesse um volume maior de jogo. O Renato notou que o Atlético vem num esquema um pouco mais ofensivo porque o Atlético precisa mudar o placar. Esse primeiro tempo não interessa ao Atlético. Mesmo que o Grêmio não marque gols, se não sofrer, é o campeão. Acho que o Renato poderia soltar mais o time, mas o Renato deve se preocupar com a surpresa do Atlético. Quais são as surpresas? O Rafael Carioca dá uma liberdade maior para a saída do Junior Urso. Aquele volante que tem a qualidade de marcar e consegue se liberar da marcação para ser alternativa com a posse de bola. O Luan que joga pelo lado direito do Galo, espeta no Marcelo Oliveira, que não consegue sair e no lado oposto tem a experiência do Robinho que evita que o Grêmio tenha a maior profundidade com o Edilson. O Renato pode propor ao grêmio um sistema de marcação em que o grêmio tenha um pouquinho mais de atenção. O Junior Urso aparece como jogador surpresa pela movimentação do Luan. O Pratto finalizou duas vezes em direção ao gol. E BH ele teve mais espera. Aqui ele faz diferente, faz o pivô, recebe a bola e se movimenta para ter a jogada, para ter uma alternativa de dinâmica no ataque. O Robinho sem a bola faz a diagonal e carrega junto ao Edilson. O Robinho faz a movimentação, faz o facão, trouxe a marcação do Edilson e a jogada ficou livre para o Fábio Santos. O Renato, em determinado momento do jogo, em uma cobrança de tiro de meta, chamou o Everton para conversar e disse ao Everton que ele fosse para dentro da zaga do Atlético, não para fazer um giro, isso fica com Douglas e Luan. O Douglas é o termômetro do grêmio, qualidade de passe incrível, foi impecável, uma bola no meio de campo ele deu um toque de letra sem espaço e deu o passe ao Everton. Victor evitou o gol do Grêmio. O Grêmio precisa ter um cuidado. Acho que o Renato vai soltar mais o time. Acho madura a decisão do Renato em soltar aos poucos o time. Se ele se

Audiência criativa: ausente.

Análise baseada em dados: dados planilhados, como número de chances na primeira etapa, aparecem na análise. Há também a descrição de dados como posse de bola, volume de jogo e finalizações.

Análises tática e de desempenho: intensamente presente, com descrição sobre povoamento dos jogadores em campo e situações de jogadas. Detalha o plano de jogo das duas equipes e realiza opiniões sobre os desempenhos individuais e coletivos da primeira etapa.

Gêneros: informativo, quando lista os acontecimentos do jogo; interpretativo, quando se dedica a falar das intenções dos treinadores; opinativo, quando sugere o que deve ser feito na segunda etapa e quando se diz se o feito no primeiro tempo foi bom ou ruim, além de classificar o nível das atuações em campo.

Análise do comentário: o comentário do intervalo agrega características do comentário contemporâneo, como análise tática, análise técnica e forte coexistência de gêneros jornalísticos, mesclando a informação das incidências de jogo, a interpretação de tentar explicar a intenção dos treinadores e, por fim, a opinião, com seus apontamentos a respeito da qualidade da partida. Há, ainda, uma presença marcante do estilo antigo, como, por exemplo, nos relatos das incidências da partida. Também há o espaço para gírias, como por exemplo, “refrestelar”, algo que remete à primeira fase do comentário, com um leve toque de gênero diversional.

	<p>“refrestelar”, como dizia minha vó, vai tomar essa bola nas costas pela velocidade das extremidades do Atlético Mineiro. O Robinho não <i>tá</i> funcionando tanto, o Luan não <i>tá</i> funcionando tanto e atrás do Luan o Marcos Rocha que é agudo e o Fábio Santos atrás do Robinho que também é agudo. Prato <i>tá</i> fugindo da marcação do Kannemann, procura o Geromel, que tem vitória pessoal antecipando ao adversário. O Kannemann marca pressão o Prato. O Prato vai para o Geromel, o Robinho arrasta o Edilson e abre esse lado esquerdo por onde passa o Fábio Santos. O Grêmio teve a mesma quantidade de situações do Atlético Mineiro, mas em situações esporádicas. O Atlético marca a saída do Wallace e do Maicon. O Diogo Giacomini, que é o técnico do Galo, observou o que faltou ao Galo no jogo de BH e faz aqui na Arena. Mas o jogo tem o jogo na mão, o Grêmio não foi uma calamidade, foi apenas mais cauteloso e teve alguma falhas de marcação por causa dessas movimentações de ataque. Luan muda de posição, Prato faz o pivô, Robinho cai da esquerda para a direita e o Júnior Urso acaba aparecendo. De perigo, a primeira jogada do Atlético, com o Júnior Urso aos 4 minutos, seria complicado tomar um gol cedo. Penso que o Renato não precise mexer, mas vai ter que ajustar essa marcação. O jogo do Grêmio é pegar essa bola e jogar no Douglas. O Luan tem que aproximar, o Everton dá a velocidade, mas o termômetro é o Douglas, e ele precisa receber mais essa bola.</p>	
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

<h2 style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentário final</h2>	<p>BAGÉ - Foi justo o título. Grêmio não passou apenas por times menores. Grêmio derrubou o Atlético Paranaense, Grêmio derrubou o Palmeiras, que é campeão brasileiro. O Grêmio pegou o Cruzeiro e passou o carro. O Grêmio não perdeu para os mineiros. Grêmio hoje soube jogar com maturidade, foi atacado, já se esperava isso do Atlético Mineiro, que foi ofensivo, jogando com jogadores rápidos pelo lado de campo e possibilitou algumas chances ao Atlético. As principais chances de gol foram do Grêmio. O Everton perdeu um gol no primeiro tempo e o Miller Bolaños, quando entrou, eu chamei atenção: quando entrar, vai ter um sangue novo e agora vai entregar ao torcedor tudo aquilo que ele aposta. O Grêmio foi melhor que todos na Copa do Brasil. Eu avisava que o Grêmio era o favorito. E o Grêmio, quando chegou à fase final, era o favorito. O Grêmio foi o legítimo campeão da Copa do Brasil, foi o melhor ritmo da competição e totais méritos ao Renato. Não dá para esquecer do Roger. O Renato não esquece do Roger. O Renato quando chegou manteve a base, acertou só o que tinha que acertar, mexeu só no que precisava ser ajustado e transformou o Grêmio em um time com mais competitividade, que era o que faltava.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: presente, com listagem dos principais acontecimentos de acordo com sua planilha. Análises tática e de desempenho: neste caso, ausente. Gêneros: predominância para o gênero opinativo, com um parecer sobre a campanha do Grêmio na competição e o trabalho do treinador. Análise do comentário: a análise do comentário final nesta amostra ilustra uma pendência maior para o gênero opinativo. Por ter sido a conquista de um título, informações e interpretações do jogo em si ficaram em segundo plano. Houve, ainda, uma demonstração de comentar a campanha da equipe em toda a competição, não focando somente no jogo. Esta análise tem predomínio de outras fases, de acordo com a periodização do comentário esportivo já mencionada nesta pesquisa.</p>
---	---	---

5.2.3.3 Resultados da análise

Os dois jogos decisivos foram comentados por Alex Bagé, na Rádio Grenal. A dinâmica de comentários do profissional estabelece uma lógica. Há uma coerência que encadeia uma linha de raciocínio, dando à sua análise um padrão. Nos dois casos, Bagé mescla conteúdos que contêm características essenciais das fases do jornalismo esportivo e do jornalismo esportivo convergente, que é onde se situa o comentarista contemporâneo. Nos casos, há uma forte intenção em explicar a parte tática, algo que é perfeitamente atingido.

Gosto dos dados de posse de bola e desenhos táticos dos times, pois dizem muito sobre as características de cada equipe. Municiado de todos os dados, consigo projetar e entender o porquê de determinadas alterações ao longo dos jogos. Mas, deixo claro que uso e entendo os materiais de apoio como suportes e não como definidores do meu trabalho. É preciso saber entender os dados e usar o melhor em cada situação. (BAGÉ, 19.jan.2018).

O comentário de Alex Bagé ainda possui, especialmente no intervalo, um formato mais antigo, tendo uma ocupação que abrange praticamente todo o período. Mesmo assim, utiliza-se da planilha para registrar os acontecimentos do jogo e não abre mão de determinadas informações, já que o comunicador acredita que “um dos papéis dos comentaristas seja de informar. Usar uma forma de expressão pedagógica e fácil para atingir o consumidor de seu trabalho”. (BAGÉ, 19.jan.2018).

Não houve, nos registros apresentados, uma interação que pudesse caracterizar a presença de uma audiência criativa. Porém, Alex Bagé tem intensa participação nas redes sociais. Além de interagir com ouvintes, ele utiliza a rede para consultas:

Hoje as redes sociais têm muita importância na minha preparação para os jogos. Consigo não apenas aumentar minha capacidade de informação, como também tirar dúvidas e assim evitar equívocos. As mesmas redes, fazem com que eu me comunique com os seguidores e estabeleça um fórum de discussão. Consigo medir o grau de impacto que minhas análises produzem nas pessoas que consomem meu trabalho. Além de servir como medição dos meus seguidores, consigo atingir uma quantidade muito maior de pessoas e também ter acesso à núcleos de pesquisas inesgotáveis e sempre atualizados. (BAGÉ, 19.jan.2018).

É possível verificar a interação do comentarista com os torcedores, via redes sociais, através das figuras abaixo, que apresenta a utilização de sua conta (@alexbagereal) no Twitter:

Figura 12: Publicação de Alex Bagé no Twitter.



É possível dizer, logo, que a interação de Alex Bagé com a audiência se dá no meio da rede social, onde, além de consultar e buscar informações, também interage com a audiência.

Além disso, considerando que o profissional entende que informar também é um papel atribuído ao comentarista, verificou-se no material analisado que há uma coexistência de gêneros que marcam seu conteúdo, já que houve manifestações de informação, interpretação e opinião.

Bagé começou sua carreira nos anos 2000 e, como comentarista, na década de 2010, portanto, já inserido na fase do jornalismo esportivo convergente. O profissional acredita que há diferença entre estilos de comentaristas nas fases diferentes e sublinha a existência de um novo modelo, onde justamente os pontos que caracterizam o comentário esportivo contemporâneo são colocados por ele:

Algumas diferenças existem com certeza. Eu tento sempre mesclar as duas leituras. Gosto do rádio antigo e suas "tiradas", mas não abro mão das bases de dados e suportes técnicos atuais. As novas fontes de informação acabam facilitando de certa forma a função dos profissionais atuais. Eis um ponto fundamental que merece atenção e discussão: Será que os novos comentaristas não estão se deixando levar pelos dados/suportes e não dando tanta atenção para o "jogo"? A diferença está justamente no conhecimento que cada profissional se permite usar em seu próprio desenvolvimento. Existe um novo modelo com certeza. Um modelo que precisa interagir muito mais com seu público. Precisa estar atualizado sobre a maior quantidade possível de assuntos e informações. Continuamos sendo formadores de opinião, mas com um alcance que superou as antenas de rádio e TV. Dados e suportes servem para auxílio. A forma de utilização deste tipo de auxílio, é a chave da questão. O novo modelo de comentaristas, exige mais dedicação e técnica. Não apenas entender, mas saber repassar todo o conteúdo adquirido. (BAGÉ, 19.jan.2018).

Trata-se, portanto, de um profissional que adota as características do comentário esportivo contemporâneo. Embora se tenha – conforme foi demonstrado na análise – influência de características das fases anteriores, é possível dizer que Alex Bagé tem, predominantemente, seu conteúdo sintonizado com as novas tendências do comentário atual. Logo, como resultado da amostra e do cruzamento com as entrevistas, tem-se nele um exemplar de comentarista esportivo contemporâneo com novas práticas profissionais incorporadas ao seu cotidiano.

5.2.4 *Rádio Guaíba*

A Rádio Guaíba opera na amplitude modulada dos 720 KHz e na frequência modulada dos 101,3 MHz. De segunda a sexta, dedica 22,5% da programação ao esporte (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2017). Já nos domingos, o índice sobe para 52%. Os comentaristas da emissora são Carlos Guimarães, Cristiano Oliveira e Nando Gross. Nas amostras, a análise será do conteúdo de Nando Gross nos jogos escolhidos para a realização da pesquisa.

5.2.4.1 Primeira amostra: Internacional x Cruzeiro

Ficha do material

Material coletado em 27 de novembro de 2016

Evento: Internacional x Cruzeiro, jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol

Transmissão da Rádio Guaíba de Porto Alegre

Profissional analisado: Nando Gross

Horário de veiculação: 16 horas.

Quadro 14: Análise de Nando Gross, no jogo Internacional x Cruzeiro, em 27 de novembro de 2026.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário inicial	NANDO - O fato é que o Inter precisa ganhar. É a única possibilidade do Inter realmente conseguir escapar da segunda divisão. O Lisca promove mudanças que já deveria ter feito contra o Corinthians. Não coloca o Vitinho, mas não sei se ele está totalmente focado, já que, parece, ele está de saída. Mas não sinto o Vitinho tão importante nos últimos jogos, quando o Inter venceu. Vejo ele reclamando, individualista, mais isso do que um jogador útil para o time. Claro que a responsabilidade não é dele, a responsabilidade é de uma desorganização coletiva que é o time do Internacional. A base do time do Lisca é o time do Roth. O que muda é o Seijas no time e o Nico Lopez, que recebe uma oportunidade no time. Acho que agrega. O Lisca disse que faria uma alteração tática durante a semana, mas não disse qual. Veremos, portanto, qual a alteração tática que o treinador falou.	<p>Audiência criativa: ausente.</p> <p>Análise baseada em dados: ausente</p> <p>Análises tática e de desempenho: presente, mas não com força, quando menciona que haverá alteração tática na equipe.</p> <p>Gêneros: predominância para o gênero opinativo, com presença do interpretativo, quando fala sobre a organização do time do Internacional.</p> <p>Análise do comentário: serve como uma apresentação do evento, colocando histórico, salientando a importância do evento e emitindo diversas opiniões sobre o momento do Internacional no campeonato.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

Comentário de intervalo

NANDO - – O que atrapalha é o controle emocional. Quando o Geferson começou a ter erros em sequência, foram três erros e o Lisca tirou ele do time. Ali o Inter passou a ter tranquilidade. O melhor lance do Cruzeiro foi do Rafael Sóbis, a 22 minutos, chutou na rede pelo lado de fora. Está longe de ser uma chance clara de gol. O Internacional tem pelo menos oito finalizações, sete que passam perto do gol e uma finalização, que é aquela do Alex, na qual ele bate falta e o Rafael faz grande defesa. Mas já a seis minutos, tem o Alex roubando bola e passando para o Nico Lopez, é uma chance de gol. O Seijas chutando de fora da área, a bola desvia e vai para a linha de fundo. O Dourado cabeceando, na risca da pequena área, também é uma chance, poderia ter feito gol, mas tocou para fora. O Vitinho, em cruzamento do William pela direita, a bola passou perto do gol. Depois, tem a falta que referi do Alex, e depois o Paulão de cabeça tocando para fora. Internacional foi melhor que o Cruzeiro. Tem 59% da posse de bola, contra 41% do Cruzeiro. E o que atrapalha realmente é a ansiedade. Falta uma figura que chegue, chame os jogadores, reúna, peça para acalmar, não se vê isso. Os jogadores ficam se olhando, não tem essa referência. O time é esse, vai ter que lutar desta forma, é esse o grupo. Acho que o Lisca agiu corretamente a retirar o Geferson. Acho que o Geferson não deveria ter começado esse jogo. Já vi o Geferson fazer boas partidas, mas não consegue mais repetir isso. Ele está completamente nervoso. Passes com jogadores ao lado dele e ele não conseguia dar o passe corretamente. Ele é um jogador que está fora do controle emocional que se pede para uma partida como o jogo de hoje. Mas o Lisca agiu corretamente retirando o jogador. Colocou o Alex na lateral e o Vitinho na frente, não tão adiantado, mas vindo de trás, com o Nico Lopez na frente. O Nico faz o pivô e ajuda o sistema ofensivo. O William está muito longe daquele jogador que a gente viu, perdeu a confiança. Rodrigo Dourado está longe de ser aquele jogador que foi referência, não consegue repetir aquelas atuações. O Inter tem que fazer o gol, chutar mais de fora da área, é importante o Inter ir para o tudo ou nada. O Cruzeiro aposta no tudo ou nada. Essa função do Anselmo é importante. Que ele fique ali e proteja esses lances de contra-ataque. O Inter

Audiência criativa: ausente.

Análise baseada em dados: presente, com listagem dos principais acontecimentos de acordo com sua planilha e com a quantificação do índice de posse de bola. Também enumera as chances de gol produzidas pela equipe.

Análises tática e de desempenho: forte presença, quando diagnostica a alteração feita pelo treinador e os efeitos que esta alteração produziram no desempenho da equipe.

Gêneros: os três gêneros coexistem harmoniosamente neste comentário: há a informação (lista dos lances da partida), a interpretação (intenções do treinador com a alteração realizada) e a opinião, apontando uma classificação para o nível da atuação do time.

Análise do comentário: há diversos elementos contemporâneos nesta análise. A principal, com dado retirado de aplicativo, se refere à porcentagem da posse de bola de cada equipe. Há uma detalhada análise tática e adoção de termos modernos, como “marcação alta” e a análise comportamental dos atletas.

	não tem alternativa, precisa adiantar seu time, precisa fazer marcação alta. O lance do Alex, em que ele rouba a bola e toca para o Nico Lopez, é uma marcação adiantada. Roubar a bola na frente é bom, pois já se tem uma situação imediata de gol. O jogo é tenso, até de certa forma lento, não é um jogo de muitas emoções bonito. É um jogo, acima de tudo nervoso, mas no que diz respeito a volume de jogo, o Internacional foi superior ao seu adversário.	
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
Comentário final	NANDO - Um pouco antes do gol, dava a impressão de que o Inter tinha murchado. Na corrida do Valdívia, ele percorreu 64 metros com a posse de bola para fazer o gol. Foi um momento em que o estádio já estava conformado, e foi um momento em que o Valdívia acendeu o estádio. Era um momento em que o Cruzeiro era melhor, esse gol salvou o Inter. Isso dá uma sobrevida ao Inter, que segue lutando. Agora, para ficar, o Inter vai ter que ganhar do Fluminense. Mas terá que depender de resultados paralelos para se manter na primeira divisão.	Foi feito um resumo da partida, onde não existe a presença considerável de elementos que possam determinar uma análise mais profunda. Entretanto, cabe ressaltar que há elementos informativos, como a contextualização da equipe na tabela e um embasamento feito sobre um dado, que é a distância percorrida pelo jogador na hora de marcar o gol. Esta informação só foi possível com a ajuda de um aplicativo específico. Logo, é possível se dizer que também há elementos contemporâneos na análise final de Nando Gross nesta partida.

5.2.4.2 Segunda amostra: Grêmio x Atlético Mineiro

Ficha do material

Material coletado em 7 de dezembro de 2016.

Evento: Evento: Grêmio x Atlético Mineiro, final da Copa do Brasil de 2016.

Transmissão da Rádio Guaíba de Porto Alegre

Profissional analisado: Nando Gross (comentarista do jogo)

Horário de veiculação: 16 horas.

Quadro 15: Análise de Nando Gross, no jogo Grêmio x Atlético Mineiro, em 7 de dezembro de 2016.

Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas
-----------------	----------------------------	--------------------------------------

<h2 style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentário inicial</h2>	<p>NANDO - Daqui a pouco a bola rola. Se a gente pegar a quantidade de gremistas em Belo Horizonte, tem menos torcedores do Galo aqui na Arena. O Grêmio tem a vantagem. Não tem como retirar o favoritismo do Grêmio. O favoritismo é um componente que o próprio Grêmio pegou para si no último jogo. Já tinha sido assim no jogo semifinal contra o Cruzeiro. O Grêmio soube administrar. O risco é quando um time administra correndo riscos, recuando a equipe. Não é essa administração que o Grêmio precisa fazer. O Grêmio precisa fazer um jogo sem pressa. O Atlético tem a pressa. O Grêmio precisa quebrar o ritmo do jogo, tirar a intensidade da partida. Tenho esta curiosidade, saber se o Grêmio fará o que costuma aqui na Arena: marcação alta, pressão no homem da bola, valorizar a posse de bola. Grêmio pode deixar o Atlético sair para o jogo, mas há de se entender que o Grêmio pode administrar sem correr risco. O medo da administração de resultado é quando corre riscos e recua o time. O Atlético é o time que tem o melhor ataque da competição. São componentes do jogo. Não tenho dúvidas que a torcida apoia. O Grêmio calou o Mineirão, foi lá e fez o jogo. A vantagem é do Grêmio. O Atlético terá que criar um fato novo, terá que se reinventar. Já começa na escalação. A postura com três volantes é para evitar a organização do time do Grêmio. O Maicon teve ótima atuação em Belo Horizonte. Possivelmente, entre com um tripé de volantes, com Robinho, Luan e Lucas Pratto como os três homens ofensivos. A partir desta escalação, pode tentar superar o Grêmio. O objetivo do Galo pode ser tentar povoar o meio de campo e tentar explorar a velocidade destes atacantes. Veremos em campo como será esta formação tática. É um time perigoso. O Grêmio está ajustado e é coletivamente um time muito perigoso. É um grande jogo, estávamos com saudades de uma decisão e pode ser o primeiro grande título da Arena. A partir de nove e quarenta e cinco, veremos quem merece, quem estará melhor. Daqui a pouco, tire as crianças da sala, porque é decisão.</p>	<p>Audiência criativa: ausente.</p> <p>Análise baseada em dados: presente, com contextualização do que ocorreu na partida de ida.</p> <p>Análises tática e de desempenho: intensamente presente, inclusive com a adoção de termos que são contemporâneos, como “marcação alta”, “pressão no homem da bola” e “valorização da posse de bola”.</p> <p>Gêneros: coexistência de gêneros. Há a informação, como o contexto provocado pelo jogo de ida, a interpretação, sobre como prevê, com os dados servindo como embasamento da sua opinião, a atuação coletiva das equipes e, por fim, a opinião, que é um parecer sobre como a equipe deve atuar no jogo de volta.</p> <p>Análise do comentário: absorve por completo os elementos que caracterizam o comentário contemporâneo, com a adoção de termos que ilustram a análise, conteúdo que remete às análises tática e de desempenho e coexistência dos gêneros.</p>
	Inserção	Participação (Fala)

<h1 style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentário de intervalo</h1>	<p>NANDO - Era mais ou menos do jeito que eu imaginava. Tomei como base o jogo contra o Cruzeiro. O Grêmio sem pressa, lento na retomada do jogo, as coisas são demoradas. Minha dúvida era se o Grêmio tentaria tomar conta do jogo ou se esperaria o Atlético. Eu imaginava que o Grêmio fosse fazer de deixar a iniciativa para o Atlético. Veremos até que ponto o Atlético terá força. O Atlético finalizou mais que o Grêmio, mas quem teve chance para marcar foi o Grêmio, com o Everton. O Grêmio deu a posse de bola ao Atlético, que teve 65% de posse de bola. E o Atlético não mostrou capacidade ofensiva para resolver. A ideia dos três volantes deixou o Atlético aparentemente mais organizado do que em Belo Horizonte. A postura do Grêmio é outra. Faz uma compactação defensiva e o Atlético não consegue trabalhar entre as linhas do Grêmio. O Atlético não fez jogadas pelo lado. Robinho e Luan vão para dentro e os laterais fazem as jogadas de fundo. O Atlético tem mais a bola, mas o Grêmio não corre riscos. Houve algumas chances, mas nenhuma efetiva, quem teve a chance foi o Grêmio, na ideia de roubar a bola e tentar jogar com o espaço deixado pelo Atlético. Dentro do que o Grêmio tem, que é um resultado favorável de dois gols a favor, a estratégia foi correta. Quem terá que mudar o panorama é o Atlético, que precisa de uma postura mais ofensiva. O Atlético precisa mudar e tem pelo menos 45 minutos para fazer isto, fazer dois gols. Terá que mexer no time, em troca de jogadores e troca tática. Tirar volantes e talvez colocar um atacante, pois ao Grêmio serve este resultado.</p>	<p>Audiência criativa: ausente. Análise baseada em dados: presente, com índice de posse de bola detalhado, número de chances de gols e finalizações e incidências gerais do jogo. Detalha o número de finalizações e de chances de gol. Análises tática e de desempenho: presente com intensidade, qualificando as ocorrências do jogo, repassando ao ouvinte o posicionamento e o funcionamento das jogadas das duas equipes, mapeando os objetivos do confronto e detalhando desempenhos ofensivos e defensivos. Gêneros: coexistência de gêneros: informa (Atlético finalizou mais que o Grêmio), interpreta (descreve a postura do Grêmio para embasar que esta é a mais defensiva) e opina (diz que a estratégia foi correta). Análise do comentário: é uma ilustração perfeita de como funciona o comentário contemporâneo. Além de detalhar nos pontos já descritos, incorpora os termos modernos (como, por exemplo, “compactação defensiva”) e tem, como base, dados retirados de aplicativos. Dá ênfase à tática e às estratégias idealizadas pelos treinadores.</p>
Inserção	Participação (Fala)	Características identificadas

<h2 style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentário final</h2>	<p>NANDO - O Grêmio entrou com uma proposta de ceder a bola para o Atlético Mineiro, com a tentativa de administrar o jogo. Tinha a vantagem, depois do estupendo jogo de ida em Belo Horizonte. O Atlético entrou com uma proposta de anular o meio de campo do Grêmio, colocando uma formação mais cautelosa, com três volantes. Fez justamente o contrário do que tinha acontecido no jogo de ida, até porque na semana passada foi o setor onde o time sentiu mais dificuldades. O Grêmio teve liberdade para sair jogando com seus volantes, o Atlético liberou espaço e esta tentativa foi, em princípio, neutralizada pelo Atlético. Entretanto, faltou força ofensiva para que este volume se tornasse chances de gol. Depois, o Grêmio voltou a tentar realizar seu jogo habitual, de posse de bola, marcação alta, ocupação de espaço no campo do adversário. O desempenho cresceu e chegou ao gol através do Miller Bolaños. A partir dali o Atlético ficou engessado, com dificuldades, abalado. O Grêmio teve o controle total da decisão. Até o número de finalizações foi equilibrado. O Atlético chutou 15 vezes e o Grêmio 13. Com 26 bolas alçadas à área, o Galo tentou através do jogo aéreo definir as situações. Taticamente, o Grêmio é um time mais consistente. Atua com a bola no chão, troca de passe e esta é a administração correta para uma equipe que tem vantagem. O título do Grêmio, portanto, torna-se merecido. Um time que tem um modelo de jogo, um estilo próprio, uma maturidade e que sabe se arranjar bem nestas situações. O título foi merecido e o Grêmio está de parabéns pela campanha, que premiou, sobretudo, um estilo, uma marca, uma característica e um futebol que foi melhor jogado do que o do Atlético, nas duas partidas desta final.</p>	<p>Audiência criativa: ausente.</p> <p>Análise baseada em dados: presente, com números totais das chances criadas, das finalizações realizadas e das bolas alçadas à área.</p> <p>Análises tática e de desempenho: aprofunda-se na questão tática, qualificando este item. Realiza índices de desempenho retirados de aplicativos, quantificando-os e qualificando-os. Faz um resumo do desempenho coletivo da equipe no jogo e no campeonato.</p> <p>Gêneros: presentes os três gêneros: o informativo (número de finalizações), o interpretativo (desenhos táticos da equipe preponderantes para determinar o panorama da partida) e opinativo (quando fiz que o título do Grêmio foi merecido).</p> <p>Análise do comentário: há, neste fragmento, uma síntese do comentário esportivo contemporâneo, com todos os elementos presentes. A preferência pela compreensão do jogo, a força da parte tática e o detalhamento dos lances através de aplicativos vão ao encontro das características demarcadas pelo período. Não há, entretanto, a presença da audiência criativa.</p>
---	--	---

5.4.2.3 Resultados da análise

Gerente de jornalismo da Rádio Guaíba e um dos principais comentaristas de rádio em Porto Alegre, Nando Gross começou como jornalista esportivo em 1985, na Rádio Difusora. Percorreu as funções de repórter e produtor, até chegar aos comentários em 2004. Os dois jogos escolhidos como recorte na pesquisa foram comentados por ele na Rádio Guaíba. É o principal

comentarista esportivo da emissora e um dos primeiros, no rádio de Porto Alegre, a ter atenção sobre o conteúdo tático das partidas:

Não se falava, há um tempo atrás, em sistemas táticos, não se falava em posse de bola, não se falava em muitas coisas, nem finalizações. Tinha aquela planilha z que se fazia e tal, mas não era uma coisa tão detalhada como é hoje. Então, na medida em que há uma exigência maior do consumidor, quem está lá na frente, quem está passando a informação, tem que caprichar mais. Isso acontece no mundo como um todo. Se pegar hoje, o vendedor de uma loja que vende produtos eletrônicos, coisa assim, quem vai comprar já foi no Google, já se atualizou, já pesquisou o que ele quer, quanto custa, qual o melhor modelo. Então, tu não vais chegar lá, pegar um consumidor despreparado e enrolar o cara completamente. Isso acontece com o ouvinte hoje; tu não vais enrolar o cara completamente. Hoje tu precisas realmente, ter conhecimento. Então, esse é o novo modelo, cada vez mais conhecimento. (GROSS, 23.out.2017).

No material analisado, Gross preenche quase por completo os requisitos que caracterizam o comentarista contemporâneo. Detém-se, especialmente, na parte tática, fazendo o uso de aplicativos que compõem a base para que possa dar opinião. Transita pelos três níveis de gêneros, conforme ilustração já mencionada neste trabalho: informa, interpreta e opina:

Uso sim aplicativos de análise tática, mapa de calor, posse de bola. Desenho tático não porque eu prefiro ver no jogo, mas os aplicativos de análise tática sim. Eu acho que são fundamentais porque o visual, as vezes, engana muito. Às vezes tu olhas um time que parece estar tomando conta da posse de bola e não é verdade não está, então é importante ver. Isso é importante contanto que tu saibas fazer uma análise em cima disso, ficar despejando números em cima do teu ouvinte não significa absolutamente nada, porque esses aplicativos estão aí a disposição de qualquer pessoa. Então, o comentarista tem que saber traduzir isso e transformar em uma mensagem que possibilite o melhor entendimento do seu ouvinte. (GROSS, 23.out.2017).

Também atuante na rádio Guaíba, o comentarista Cristiano Oliveira representa o profissional que surgiu a partir da fase de convergência. Na emissora desde 2016, começou a comentar em 2013. Oliveira tem o mesmo ponto de vista que Gross neste sentido:

Eu acredito que há uma transformação que pode ser encarada como evolução para muitos, na análise do futebol, portanto, no comentário esportivo. Acredito que uma análise ou comentário mais empírico, cada vez perde mais espaço para análise e para observações técnicas do jogo, usando números do jogo e aspectos táticos para explicar aquilo que acontece, porque, a partir do momento em que o ouvinte, o público em geral, ele tem acesso a ferramentas que ajudam ele a entender o jogo, o comentarista não pode abrir mão disso. Portanto, o comentário, automaticamente, se transforma, o que pode ser considerado para muitos, inclusive para mim, como uma evolução, no aspecto da compreensão e da explicação do jogo. Acredito nisso. Acredito que o papel do comentarista é fazer a leitura tática do jogo, as questões táticas e técnicas do jogo, e transformar esses dados em algo, de fato, jornalístico, ou seja, se

comunicar com o ouvinte, deixar esses dados menos técnicos, com menos expressões específicas, e usar uma linguagem mais abrangente, mas para explicar aquilo que está acontecendo no jogo, usando esses dados técnicos para isso. (OLIVEIRA, 15.jan.2017).

Os dois comentaristas introduziram a consulta em aplicativos e redes sociais, utilizando-os como subsídios para a análise. Ambos também acreditam que, além de opinar, o comentarista presta uma informação para o ouvinte. Além disso, acreditam, especialmente, que uma função básica é interpretar o acontecimento, algo que Gross (23.out.2017) define como “traduzir o jogo para quem não está assistindo o jogo, ou para quem está assistindo e não está entendendo o que está acontecendo. Ele tem que primeiro dizer o que está acontecendo, depois é a opinião dele”. Oliveira também ressalta que o desafio é realmente informar, ou seja, ter conhecimento para decifrar os dados, saber quem está ouvindo, saber decodifica-los e que isso é um trabalho informativo.

Ambos possuem redes sociais bastante ativas e trabalham com a audiência criativa, propondo debates, enquetes e trocando informações com os ouvintes, conforme as ilustrações abaixo mostram:

Figura 13: Publicação de Nando Gross no Twitter.

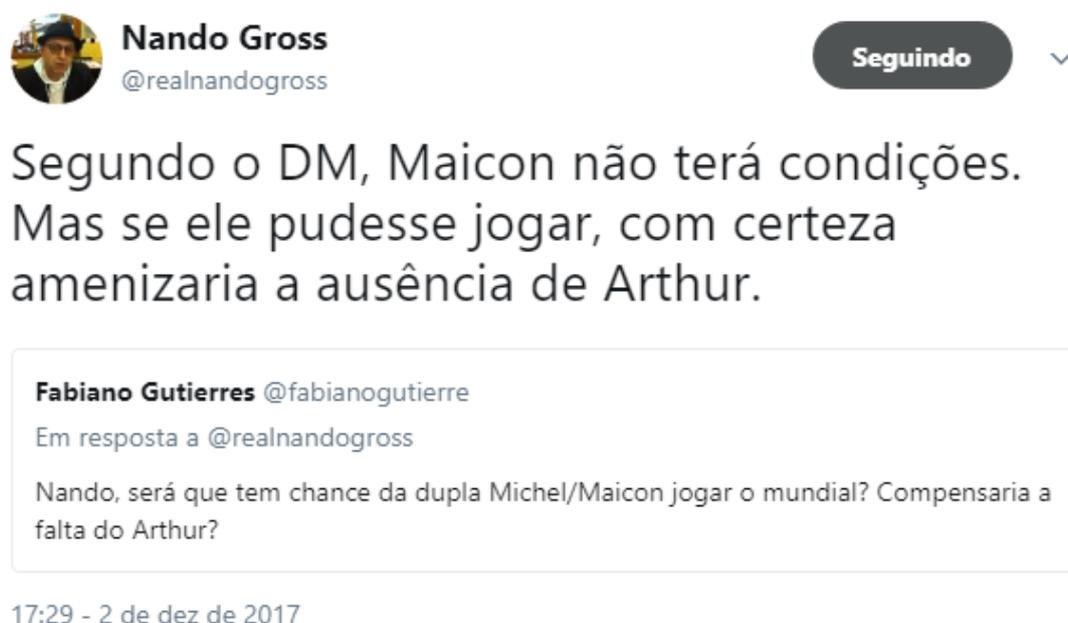
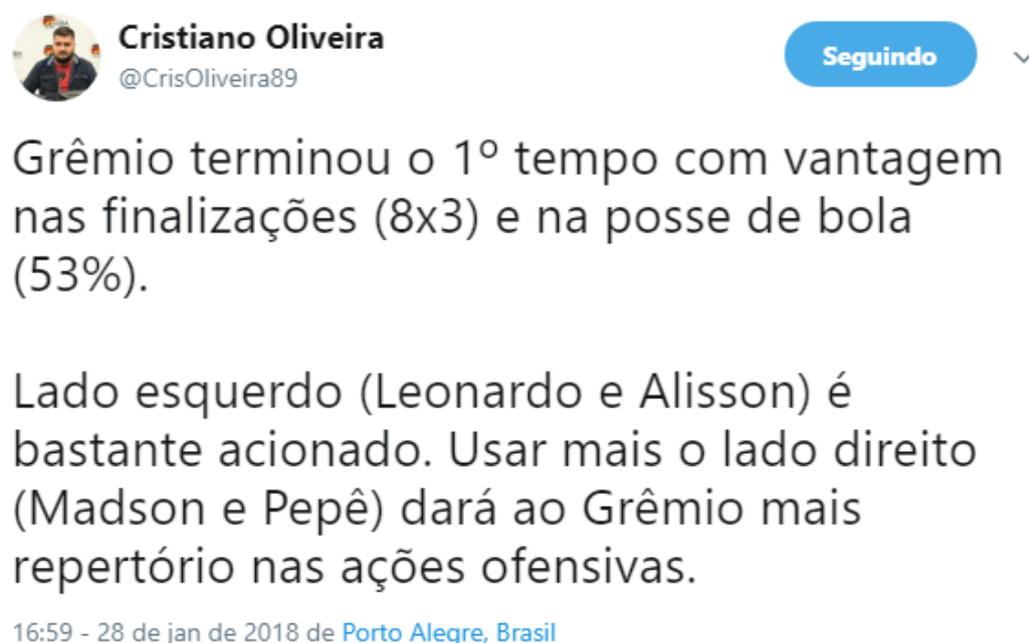


Figura 14: Publicação de Cristiano Oliveira no Twitter.



As figuras ilustraram dois momentos em que os comentaristas participam das redes sociais. Na primeira, Nando Gross interage com um seguidor. Na segunda, Cristiano Oliveira coloca dados que são característicos do comentarista esportivo contemporâneo.

Com isso, é possível dizer que, de acordo com o material coletado e com as entrevistas realizadas, Nando Gross e Cristiano Oliveira acreditam na existência de um novo modelo de comentário esportivo. Além disso, eles seguem esta tendência. Entretanto, admitem uso de práticas consagradas na profissão, estabelecendo que o momento é mais de evolução ou adaptação do que de uma ruptura propriamente dita. Para Gross (23.out.2017), por exemplo, é muito mais uma transformação de linguagem e que “há um novo modelo, mas também não acho que isso decreta que os atuais comentaristas saibam mais de futebol do que os comentaristas de um tempo atrás”. Oliveira (15.jan.2018) também acredita no novo momento, mas pondera:

Esse novo modelo é de transformação, por conta dos modos com que você se prepara para a transmissão de um jogo, para os comentários de um jogo e aquilo que você vai falar. Acredito que a nova geração, por assim dizer, que são chamados, muitas vezes, “os comentaristas de videogame”, eles, por vezes, se perdem um pouco no seguinte sentido: de achar que o futebol se explica, puramente, pela condição tática, que tudo é o 4-4-2, tudo se resume a transição ofensiva, tudo se resume ao pivote, ao *trequartista* e por aí vai, e na verdade não é assim. Também não é como muitos antigos diziam, que “escalação com três volantes não pode ganhar de ninguém”, “3-6-1 não vai ganhar de ninguém”, “futebol bom mesmo é o 4-4-2”. Também não é por aí. Eu acho que nem tanto ao céu, nem tanto ao inferno. O aspecto tático, ele não pode ser desconsiderado jamais, ele é importantíssimo no futebol, mas o futebol não se

explica só por ele, há outras condições. Futebol não é só isso. Ele é isso também. E quando você lê esses dados, você não pode jogar a informação para o ouvinte como se todo mundo fosse entender aquilo que você está dizendo. O papel do comentarista é se comunicar com o público, observar o que está acontecendo no jogo e desenhar isso para o seu público. (OLIVEIRA, 15.jan.2018).

Portanto, pode-se dizer que os dois comentaristas da Rádio Guaíba, Nando Gross e Cristiano Oliveira, incorporam diversos elementos do comentário esportivo contemporâneo, posicionando-se como representantes da fase. Todavia, como já colocado, ambos não consideram que esta seja uma ruptura e nem qualificam este momento como melhor ou pior. Apenas consideram que é uma transformação natural causada por, entre outras coisas, os diversos âmbitos da convergência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por sua facilidade de compreensão e prática, além de sua assimilação junto ao público, o futebol se tornou o esporte mais popular do Brasil. É o mais praticado e o mais assistido. Multidões se concentram para assistir a uma partida e torcer por um clube de coração. Por conta deste apelo, tornou-se um esporte midiático. Em geral, os eventos mais assistidos em nível global são relacionados ao esporte. No Brasil, a principal competição nacional é financiada pela televisão. Em 2018, por exemplo, o Campeonato Brasileiro recebeu da TV Globo R\$ 1,34 bilhão (ZIRPOLI, 2017). Essa quantia é dividida pelos clubes para que eles possam fazer, por exemplo, contratação de jogadores. Ao mesmo tempo, futebol é paixão. O primeiro contato com o esporte se dá como brincadeira de criança. Ou seja, trata-se de uma atividade técnica, com um alto grau de rigor científico, que demanda treinamentos e estudos, mas também é uma modalidade lúdica, associada à brincadeira e ao jogo. É, ainda, um esporte que movimenta paixões e conta com um aspecto social considerável. Por fim, também significa um grande negócio. Com tantos elementos que compõem a compreensão do esporte, ele foi absorvido pela mídia como um produto. Hoje, as principais competições do mundo possuem televisoramento ao vivo. Há o interesse da audiência em acompanhar as partidas.

Considerando estes quatro itens aparentemente distintos – negócio, o jogo lúdico, a paixão do torcedor e a ciência do esporte -, o enfoque da mídia na cobertura esportiva leva em conta o torcedor apaixonado como seu público-alvo. Por este sentido, as análises realizadas pelos comentaristas tradicionalmente eram voltadas para a compreensão do torcedor. O vocabulário utilizado era de fácil compreensão e não havia uma demanda do público para que se abordassem questões mais específicas sobre o jogo em si. Com uma profunda carga passional, o futebol era debatido na mídia como uma extensão das conversas dos torcedores, com questões que são amplamente entendidas por quem acompanha o esporte. Para os comentaristas, a análise era sintetizada em dois aspectos: movimentar com o imaginário do torcedor, algo bastante difundido no início do comentário esportivo, quando não havia o televisoramento dos jogos ao vivo e tampouco internet, e a análise meramente técnica, algo perfeitamente assimilado pelo espectador. Mesmo depois de haver um tratamento jornalístico para a cobertura esportiva, estes pontos eram mais abordados, justamente por haver neles uma fácil compreensão da audiência.

A partir do surgimento da convergência, que é, a rigor, o efeito causador para este novo momento, houve novos desafios para os comentaristas. O principal é a proliferação de meios para que se consulte sobre o seu assunto de interesse – no caso, o futebol. Com esta oferta multiplicada, obteve-se, então, a possibilidade de observar o esporte por diversas perspectivas. Parte da audiência passou a ter outros interesses. Além da tradicional análise de futebol, onde

há, de fato, muita opinião e juízo de valor sobre o tema, outros recursos foram incorporados aos comentários. Um deles, observando esta demanda do público, é a introdução de elementos táticos ao jogo. O desafio era como traduzir para a grande audiência princípios complexos, de utilização altamente técnicas, com uma linguagem específica e distante do público e com uma alta rigidez científica.

A revista *Época* (jan.2018) em sua primeira edição de 2018 publica uma reportagem chamada *Pimba na Gorduchinha datou*. Nela, o repórter Rafael Oliveira, que também é comentarista de futebol com ênfase em análise de desempenho e análise tática, atuando no ambiente televisivo, publica em quatro páginas uma reportagem sobre o crescimento de interesse dos comentaristas em traduzir questões mais específicas do jogo, utilizando estatísticas e termos técnicos para traduzir a complexidade do evento. O futebol, enquanto técnica de desporto, é um jogo complexo, porque, entre outras coisas, tem a imprevisibilidade como característica dominante (GARGANTA, 1997). São diversas produções de movimentos, tomadas de decisão, sentido coletivo, iniciativa individual, postura do adversário que gera uma reação, integração dos sentidos técnicos, táticos, físicos e psicológicos, entre outros fatores. Ou seja, é um esporte multidisciplinar, repleto de possibilidades e interações.

A Rede Globo de Televisão introduziu em 2013 a mesa tática (REDE GLOBO, 2015), sistematizando-a em suas transmissões na Copa do Mundo de 2014. Trata-se de um dispositivo eletrônico que posiciona as equipes em campo, simulando os sistemas que serão utilizados na prática. Também são realizadas simulações de jogadas e reproduções virtuais dos movimentos dos jogadores em campo. A contratação de ex-jogadores para os comentários também auxiliou na utilização da mesa tática, algo que a Globo define como “uma espécie de cenário virtual para analisar as jogadas de uma partida” (REDE GLOBO, 2015). Ou seja, a emissora de televisão com maior audiência no país já aborda esta temática desde 2013.

O rádio brasileiro passa por seu período de convergência (FERRARETTO, 2012), em um momento em que ocorre um aumento na quantidade de agentes, que provocam maior concorrência para o meio, como por exemplo, a incursão da internet e das redes sociais. Com isso, recorre-se ao que Fidler (1998) chama de *midiamorfose*, verificando-se que os meios não surgem por geração espontânea, mas as transformações também são influenciadas por mudanças em outros meios. Observando que a televisão hegemônica no país já considera estes parâmetros táticos algo real, que as televisões a cabo possuem, já há algum tempo, conteúdos que vão ao encontro desta temática e que esta demanda é algo que também parte do público, chegou-se à hipótese de que estas novas práticas profissionais chegaram ao rádio.

Através da perspectiva da economia política da comunicação, com ênfase na mudança

social e na transformação histórica (MOSCO, 1996), é possível dizer que o rádio se adapta às tendências temporais. Neste caso específico, significa que, se há demanda da audiência, ela é transferida para o cotidiano das emissoras. A própria história do comentário esportivo é baseada neste argumento. É o que foi feito no estudo que propôs uma periodização para o comentário esportivo no rádio de Porto Alegre (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). O recorte escolhido – a capital do estado do Rio Grande do Sul – incide sobre as quatro emissoras que operam na cidade com uma cobertura esportiva sistemática: Bandeirantes, Gaúcha, Grenal e Guaíba. As quatro, inclusive, têm um modo de conformação semelhantes e atuam através de derivações produzidas pela própria história da cobertura esportiva em Porto Alegre. Este modelo de periodização separou os períodos do comentário em três fases: (1) fase da crônica esportiva; (2) fase do jornalismo esportivo e (3) fase do jornalismo esportivo convergente. O campo histórico é necessário para contextualizar o período atual, objeto do que foi analisado neste trabalho.

Além do contexto histórico, contemplado pelo artigo já mencionado, houve a necessidade de situar na pesquisa a importância do futebol no âmbito social (DAMATTA, 1982) e como o esporte atua como evento midiático na contemporaneidade. Pelo recorte proposto, verificou-se a necessidade de descrever a conjuntura da formação da rivalidade *Grenal*, nome do principal jogo de futebol da cidade. A divisão do campo teórico em dois – o campo do esporte e o campo do jornalismo – derivou o campo do jornalismo esportivo, algo que Alcoba López (2005) descreve como “uma editoria de comunicação especializada”. Ou seja, parte-se do princípio que o futebol, por ter o apelo popular e pela intensificação do *marketing* esportivo, por ser um grande negócio, deve merecer um tratamento jornalístico, embora passe, no cotidiano das redações e na própria natureza do esporte, que é lúdica, pelas tensões entre o jornalístico e o entretenimento. O mesmo acontece com o rádio, que é um meio que estimula o imaginário do ouvinte. Entretanto, assumindo o rádio como um elemento da indústria cultural e observando a trajetória do rádio esportivo, é possível dizer que estes dois polos (o imaginário e o jornalístico) ainda existem. Observam-se, em uma transmissão esportiva, elementos lúdicos, ficcionais e autenticantes. É, também, possível dizer que cada função na transmissão esportiva atua com mais ou menos força para cada um destes lados.

O próprio comentário esportivo obedeceu a tendências lúdicas e ficcionais (fase da crônica esportiva) e autenticantes (fase do jornalismo esportivo). Os elementos que constituem uma opinião, no entanto, em seu âmbito contemporâneo, se relacionam com a atividade jornalística. Na fase atual, a construção de uma análise é gerada a partir de acontecimentos que ocorrem no campo de jogo. Estes acontecimentos obedecem a situações que são relacionadas com

os valores-notícia (TRAQUINA, 2005). Nos padrões contemporâneos, portanto, houve a necessidade de introduzir um novo conceito sobre o que é o comentário esportivo, a rigor, um desdobramento a partir do referencial teórico abordado no trabalho (BARBEIRO E RANGEL, 2015; BELTRÃO, 1980; FERRARETTO, 2014; GUIMARÃES E FERRARETTO, 2016; MARQUES DE MELO, 2003): ele é o responsável pela tradução dos acontecimentos do jogo por diferentes aspectos, com filtro jornalístico que serve como base para sua análise, levando em conta, por fim, seus juízos de valores pessoais (sua opinião).

Lançada a hipótese de que há um novo modelo, justificada pela presença de novos elementos que foram incorporados ao comentário esportivo, chegou-se ao problema fundamental da pesquisa: como este novo modelo opera no rádio esportivo de Porto Alegre? Um primeiro ponto é descrever como funciona este modelo. Guimarães e Ferraretto (2016) observaram que este padrão, que é uma consequência do sentido de convergência, obedece a quatro características fundamentais: (1) o surgimento de uma audiência criativa, com parcela do público informado, colaborativo e participativo; (2) utilização de aplicativos de análises tática, de desempenho e números para embasar as análises, como uma derivação do jornalismo guiado por dados; (3) a análise científica, com conteúdo e expressões que se aproximam do campo do esporte; e (4) o aparecimento dos gêneros informativo e interpretativo no comentário, que sempre esteve vinculado predominantemente ao gênero opinativo. Estes quatro parâmetros foram adotados na pesquisa para identificar se há ou não este modelo e de que forma estas novas práticas são vistas no cotidiano dos comentaristas esportivos do rádio de Porto Alegre.

Para esta análise, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, com a intenção de contextualizar o momento atual através da história do rádio esportivo de Porto Alegre; a pesquisa em mídia sonora, com material em áudio coletado junto às quatro emissoras que cobrem futebol sistematicamente na cidade. A história oral, com entrevistas realizadas com os profissionais, com o objetivo de cruzar, através destes depoimentos, com os dados aferidos pela pesquisa em áudio; e a análise de conteúdo, feita sobre o material coletado e, posteriormente, com o cruzamento entre dados obtidos e os depoimentos coletados. Profissionais das quatro emissoras foram analisados, com participação em dois jogos fundamentais da temporada de 2016: a partida entre Grêmio e Atlético Mineiro, decisão da Copa do Brasil, e o jogo entre Internacional e Cruzeiro, jogo importante para a equipe gaúcha buscar escapar do descenso à segunda divisão do futebol nacional. Ao *corpus* de pesquisa (os comentaristas Luiz Carlos Reche e Ribeiro Neto, da Bandeirantes; Adroaldo Guerra Filho e Wianey Carlet, da Gaúcha; Alex Bagé, da Grenal; e Nando Gross, da Guaíba, profissionais que atuaram nas duas partidas mencionadas), foram acrescentados outros nomes que incorporaram

novos elementos para a análise. Após a descrição feita, alguns pontos foram considerados com esta análise.

Através dos depoimentos e do material coletado, é possível dizer que este novo modelo, o do comentarista contemporâneo, existe. Ele obedece às características propostas, com ênfase em dados e números, destaque para as análises tática e de desempenho, com participação da audiência, “no ar” e nas redes sociais e com a identificação de outros gêneros existentes além do opinativo – o informativo e o interpretativo. A análise, porém, também identificou algumas particularidades:

(1) O comentário contemporâneo existe, mas não é adotado por todos os profissionais. Cabe dizer, portanto, que não é um modelo ainda hegemônico;

(2) Há tensões entre as fases. De um lado, profissionais mais antigos, como Adroaldo Guerra Filho, acreditam que este modelo pode afastar ouvintes, por considerar o futebol um esporte popular e exigir uma linguagem de fácil assimilação ao público. De outro, Gustavo Fogaça representa todas as características deste padrão. Este profissional afirma que é uma tendência irreversível, provocada justamente pela convergência e com as características bem impregnadas.

(3) Alguns comentaristas vêm incorporando o estilo. Embora surgidos na fase do jornalismo esportivo, foi possível, com mais ou menos força, identificar estes novos padrões em diversos profissionais que já militam há algum tempo no jornalismo esportivo. Um dos pioneiros a trazer estas especificidades para o rádio de Porto Alegre foi Nando Gross, ao, por exemplo, relatar os índices de posse de bola de uma partida. Outros nomes, como Luiz Carlos Reche e Maurício Saraiva, também, em seus comentários, já adotam estas práticas.

(4) Nomes que surgiram com a fase atual em vigência, como Alex Bagé e Cristiano Oliveira, encontram-se plenamente adaptados com os tempos atuais.

(5) A iniciativa dos comentaristas ainda é tomada por decisões pessoais. Ou seja, não há orientação editorial para que eles possam realizar seus comentários.

(6) De todos os pontos analisados, a audiência criativa ainda tem pouco espaço nas tomadas de decisão dos comentaristas. Por isso, ela é tida mais como uma referência do que como uma prática. Em alguns casos, como na Rádio Gaúcha, ela é uma política institucional. Cabe salientar que após a realização da coleta do material (nov.-dez.2016), as outras emissoras vêm fortalecendo este aspecto, com participação de ouvintes e amplo material disponibilizado nas redes sociais. Todavia, ainda é uma premissa do profissional interagir ou não com a audiência.

(7) Além do conflito proporcionado entre as duas fases distintas, há ainda um desafio aos comentaristas: decodificar termos técnicos e uma linguagem altamente específica para o

grande público, ainda desacostumado com tais nomenclaturas. Desta forma, o comentário contemporâneo ainda se vale da fase anterior para descrever a análise do jogo. Há a necessidade de explicar o que é, por exemplo, o jogo apoiado ou a amplitude. Esta é a principal ressalva, inclusive, dos comentaristas que adotam o estilo contemporâneo. Há uma linguagem técnica que se sobressai na nova análise, mas ela ainda não é compreendida pelo grande público. Reside aí, logo o desafio: servir como uma espécie de mediador entre a linguagem científica e a linguagem popular para atingir os ouvintes.

Com isso, teve-se como resultado central a existência de um novo modelo que é incorporado às práticas profissionais dos comentaristas esportivos no rádio de Porto Alegre. Este modelo é recente e passou a ser introduzido através de demandas produzidas pela audiência e como consequência da fase de convergência. As características deste modelo são relacionadas ao conceito de convergência em si e à integração ao campo do esporte, com o comentarista guiado pelos dados apresentados com base neste campo. A consequência final do modelo é um novo comentarista, que, além de informar, também oferece dados para interpretação pelo ouvinte ou para o embasamento mais científico das opiniões dele, o profissional, e atua sob paradigmas, da mesma forma, do gênero interpretativo.

Assim, o comentarista esportivo contemporâneo não é mais apenas um relator dos acontecimentos ou das suas opiniões. Ele atua sustentado por uma base, causada pelo período atual e que gera diferentes direcionamentos para a análise. Ele apresenta o dado, traduz o dado e emite uma opinião com base neste dado. Não há mais a simples emissão da opinião sobre um único ponto de vista, como por exemplo, o técnico. O profissional contemporâneo atua com informação, embasamento e diferentes conceitos buscando o aprofundamento sobre o jogo de futebol. A ciência do esporte é o fio condutor, responsável por alimentar o comentarista com informações para que, no último instante, ele possa emitir seu parecer pessoal a respeito do jogo.

Este processo, todavia, é dinâmico. A maioria dos profissionais analisados ainda preserva características da fase do jornalismo esportivo. No material coletado, houve, inclusive, presença de elementos da fase da crônica esportiva. É um momento novo, ainda não hegemônico, que gradativamente, como aconteceu nas transformações de uma fase para outra, vai tomando forma como algo predominante nas práticas profissionais. Há, logo, uma coexistência de estilos relacionados com os períodos propostos. Por isso, a geração de conflitos e tensões. Por isso, ainda é um modelo que aos poucos está sendo lapidado, conformado e evoluído. A tendência, conforme salientou Gustavo Fogaça (8.jan.2018), é de, paulatinamente, surgir um comentarista 3.0, que seria a total conformação deste modelo analisado: buscar uma narrativa

que entenda e comunique o jogo através de uma linguagem acessível. Desta forma, abre-se campo para uma futura pesquisa, que dê continuidade na análise deste processo, que, como a própria história do rádio esportivo, encontra-se em transformação.

7 REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **El periodismo deportivo en la sociedad moderna**. Madrid: Ed. Augusto Pila Teleña, 2005.
- AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- ANDERSON, Chris; SALLY, David. **Os números do jogo**: porque tudo o que você sabe sobre futebol está errado. São Paulo: Editora Paralela, 2013.
- ASPIS, Abrão. **Futebol brasileiro**: do início amador à paixão popular. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- BAGÉ, Alex. Entrevista realizada em 19.jan.2018
- BARBANTI, Valdir José. O que é esporte? **Revista brasileira de atividade física e saúde**, v.2, 2006, p.54-58.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, Monique Cristine Garcez; FELIZOLA, Matheus Pereira Matos; SEGUNDO, Wilson Teles Barbosa; VIEIRA, Eloy Santos. **As redes sociais e o novo consumidor de notícias**. Trabalho apresentado no II 5 – Comunicação Multimídia do XII Congresso de 99 Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- _____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.
- BEMBEM, Angela Halen Claro; SANTOS, Plácida Leopoldina V. Amorim da Costa Santos. Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.4, p.139-151, out./dez. 2013
- BLOG DO NOBLAT. **México 70**. Crônica de Armando Nogueira. Rio de Janeiro: mar.2010. Disponível em: < <http://noblat.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2010/03/mexico-70-279080.html> >
- BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.
- _____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81
- _____. **O poder simbólico**. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- _____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRITTOS, Valério Cruz. **O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta**. Verso & Reverso, São Leopoldo: Editora da Unisinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Lo radio em la convergência multimídia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

CECCONI, Eduardo. **Análise tática de futebol no jornalismo esportivo**. [s.l.]: [s.e], 2013. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/157490286/Analise-tatica-de-futebol-no-jornalismo-esportivo>>.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

COIMBRA, David; NORONHA, Nico. **A história dos Grenais**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1994.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Relatório dos Jogos Rio 2016**. Zurique, 2016. Disponível em <<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/IOC-Marketing-Media-Guide-Rio-2016.pdf>>. Acesso em 03.set.2017.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CORREIO DO POVO. Edição de 10 de novembro de 2010.

_____. Edição de 15 de setembro de 2008. Há 100 anos.

_____. Edição de 6 de abril de 1909.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Porto Alegre, 2002. 187f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

FEDERATION INTERNATIONAL FOOTBALL ASSOCIATION. **2014 FIFA World Cup Report: television audience report**. Zurique, 2015. Disponível em: <<http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2015/m=12/news=2014-fifa-world-cuptm-reached-3-2-billion-viewers-one-billion-watched--2745519.html>>. Acesso em: 3 set 2017.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. A autenticação da realidade pelo radiojornalismo: pistas para compreensão do papel do âncora, do comentarista e do repórter no século XXI. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do; SILVA, Alexandre Rocha da (Org.). **Pesquisa, comunicação informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 147-163.

_____. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

_____. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40):** dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

_____. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

_____. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal do Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012.

_____.; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19,2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010. CD-ROM.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis.** Comprender los nuevos medios. Buenos Aires: S.A. Ediciones Granica, 1998.

FIGUEIREDO, Rubens; CERVellini, Sílvia. Contribuições para o conceito de opinião pública. In: **Opinião Pública.** Campinas, vol. III, nº 3, Dezembro, 1995, p.171-185

FILHO, Adroaldo Guerra. Entrevista realizada em 26.jan.2018.

FOGAÇA, Gustavo. Entrevista realizada em 8.jan.2018.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola:** ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GARGANTA, Júlio. **Modelação táctica do jogo de futebol:** estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Porto: Universidade do Porto, 1997.

_____.; PINTO, Jorge. O ensino do futebol. In: A. Graça e J. Oliveira (Org.). **O ensino dos jogos desportivos Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.** Rainho & Neves Lda, v.1, 1994, p.95- 136.

GEHRKE, Marília. O uso de dados na perspectiva do jornalismo como forma de conhecimento: a experiência do Diário Gaúcho. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

GOMES, Flávio Alcaraz. **Diário de um repórter: 50 anos sem medo.** 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GÖTZ, Ciro. **Narradores de futebol, dos desbravadores aos contemporâneos:** Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015). Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GOULART, Paulo Cezar Alves. **Pontapé inicial para o futebol no Brasil:** o bate-bolão e os esportes no Colégio São Luís: 1880–2014. Vargem Grande Paulista: A9 Editora, 2014.

GRABAUSKA, Cleber; MAICÁ, Júnior. **Sala de Redação aos 45 do primeiro tempo:** a história do programa que mudou o rádio gaúcho. Porto Alegre: Bairrista, 2016.

GROSS, Nando. Entrevista realizada em 23.out.2018.

GRUPO RBS. **Gustavo Fogaça é o novo parceiro digital da Rádio Gaúcha.** Porto Alegre, jan.2016. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2016/01/18/gustavo-fogaca-e-o-novo-parceiro-digital-da-radio-gaucha/>> . Acesso em 21.jan.2018.

GUEDES, Bruno Otto. **Palavra fácil**: história e análise da função de comentarista de futebol. Monografia. Faculdade de Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta**: a importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol. 1.ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 92p.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. A programação do rádio esportivo em Porto Alegre: uma análise das grades da Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 15, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

_____. Lauro Quadros: “É isso aí e mais meio quilo de farofa”. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 11, 2017, São Paulo.. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

_____. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

HAASE FILHO, Pedro (Coord.). **Brasil nas copas**: em destaque, a participação dos gaúchos. Porto Alegre: ZH Publicações, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Relatório de audiência**. Disponível em < <https://www.kantari-bopemedia.com/mais-de-63-milhoes-de-pessoas-assistiram-a-olimpiada-2016-pela-tv/>>. Acesso em 03.set.2017.

KEITH, Michael C. **The radio station**: broadcast, satellite and internet. 8.ed. Burlington (Massachusetts): Focal Press, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social – Mapeando novas práticas interacionais sonoras. In: Encontro anual da Compós. 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPPMANN, Walter. **The Public Opinion**. Blacksburg, Virginia: Wilder Publications, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010.

MACHADO, Vinícius Sant’Ana. **As vozes e os silêncios sobre a torcida Geral do Grêmio nas páginas de um jornal**. Monografia. ESEF/UFRGS. Porto Alegre, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

- MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 2014.
- MARTINS, Carlos Henrique da Motta. **O desenvolvimento do rádio esportivo em Porto Alegre**. Monografia. Faculdade de Comunicação/UNISINOS. São Leopoldo, 1991. 71p.
- MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. In: **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, jan-dez. 2005. n.19-20, p.61-70.
- MASCARENHAS, G. **O futebol no Brasil**: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85.
- MATELLART, Armand; MATELLART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (Orgs.). **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul**: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- _____. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MEYER, Philip. **The new precision journalism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- MOREIRA, Sonia Virginia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed, 1991.
- MOSCO, Vincent. **The political economy of communications: rethinking and renewal**. Londres: Sage, 1996.
- NETO, Ribeiro. Entrevista realizada em 27.dez.2018.
- OLIVEIRA, Cristiano. Entrevista realizada em 15.jan.2018.
- OLIVEIRA, Rafael. “Pimba na gorducinha datou”. In: **Revista Época**, Rio de Janeiro, 29.jan.2018.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. In: **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez.-fev. 2002-2003
- OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia**: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Curso de Pós Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- PÉRICO, Luciano. **Gol! O plantão esportivo como meio complexo de informação**. Monografia. FABICO/UFRGS. Porto Alegre, 1999.
- PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

QUADROS, Mirian Redin de. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias adotadas pelas Rádios Gaúcha e CBN.** Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2013

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Ática, 1987.

RÁDIO BANDEIRANTES FM. **Transmissão de Grêmio e Cruzeiro pela Copa do Brasil de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

_____. **Transmissão de Internacional e Atlético Mineiro pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

RÁDIO GAÚCHA FM. **Transmissão de Grêmio e Cruzeiro pela Copa do Brasil de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

_____. **Transmissão de Internacional e Atlético Mineiro pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

_____. **Transmissão da final do Campeonato Gaúcho de 1999.** Porto Alegre, 1999. CD.

RÁDIO GRENAL FM. **Transmissão de Grêmio e Cruzeiro pela Copa do Brasil de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

_____. **Transmissão de Internacional e Atlético Mineiro pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

RÁDIO GUAÍBA FM. **Transmissão de Grêmio e Cruzeiro pela Copa do Brasil de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

_____. **Transmissão de Internacional e Atlético Mineiro pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2016.** Porto Alegre, 2016. Arquivo de áudio.

RANGEL, Patrícia. A mídia e a construção do herói esportivo: análise da Revista Placar com Neymar crucificado. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

RECHE, Luiz Carlos. Entrevista realizada em 17.jan.2018.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **O triunfo da televisão:** publicação da direção geral de negócios. Disponível em: <<http://negocios8.redeglobo.com.br/BIP/Lists/BIP%20PDF%20Instance/bip608.pdf>>. Acesso em 2.fev.2018.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo:** histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado:** convergência de meios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol90, 2008.

SARAIVA, Maurício. Entrevista realizada em 12.jan.2018.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a los estudios de la Comunicación. In.: JENSEN, K.B.; JANKOWSKI, N.W.(Org). **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas.** Barcelona: Bosch, 1993. p. 211-228.

SILVA, Alexandre Tadeu Rossini da. **Análise de conceitos por meio de simulação computacional.** Dissertação de mestrado. UFRJ/COPPE/Programa de Engenharia de Sistemas e Computação, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento.** O que é imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

- SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.
- TELEVISION AUDIENCE REPORT. **2014 FIFA World Cup Report**. [s.e.], 2015.
- TEOLDO, Israel et al. Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 657- 668, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Volume II**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2013.
- TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**. Estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese de doutorado. Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2014.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.
- TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993. p.74-90.
- UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **Os princípios operacionais do jogo e a leitura tática**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: < <https://universidadedofutebol.com.br/os-principios-operacionais-do-jogo-e-a-leitura-tatica/>>. Acesso em 12.out.2017.
- UOL. **Super Bowl LI teve audiência de 111,3 milhões de pessoas nos EUA**. São Paulo, 2017. Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/669054_super-bowl-li-teve-audiencia-de-1113-milhoes-de-pessoas-nos-eua-2-maior-marca-da-historia>. Acesso em 03.set.2017.
- VOZES DO RÁDIO. **Cláudio Cabral**. Porto Alegre, abr.2002. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-19/>>. Acesso em 26.set.2017.
- _____. **Darci Filho**. Porto Alegre, mai.2016. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/darci-filho/>>. Acesso em 11.nov.2017.
- _____. **Lauro Quadros**. Porto Alegre, mai.2016. Disponível em: <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/lauro-quadros/>. Acesso em 4.set.2017.
- VOZES DO RÁDIO. **Luiz Carlos Reche**. Porto Alegre, jun.2015. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/apresentacao-72/>>. Acesso em 22.jan.2018.
- _____. **Ruy Carlos Osterman**. Porto Alegre, set.2015. Disponível em: < <http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/apresentacao-54/>>. Acesso em 5.set.2017.
- WILSON, Jonathan. **A Pirâmide Invertida: a história da tática no futebol**. Campinas: Editora Grande Área, 2016.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 3ª Ed. 2008.
- ZAGO, Gabriela. O Twitter como Suporte para Produção e Difusão de Conteúdos Jornalísticos. In: 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, **Anais...** São Bernardo do Campo, SP, SBPJor, 2008.
- ZALLO, Ramón. **Economía de la comunicación y la cultura**. Madri: Akal, 1988.

8 APÊNDICES

8.1. Entrevista: Luiz Carlos Reche

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

LUIZ CARLOS RECHE - O comentarista esportivo, ele tem que se adaptar ao tempo, *né?* Já se foi aquele período em que o cara ficava meia hora comentando o pós-jogo sem parar um minuto, e ainda se irritava se houvesse alguma informação no meio porque o comentário era tido como o gênio da lâmpada. Eu ainda gosto de “entremear”, gosto de contar histórias, gosto de comparar com o passado, gosto de lembrar as coisas, mas não desdenho, não, da análise mais moderna; de posse de bola, de mapa de calor, de marcação dobrada. Eu até gosto, dentro de uma certa dosagem, para não ficar muito chato, *né?* Porque uma coisa é na internet, que o cara fica acompanhando, lendo. No rádio, se você quiser passar todas as informações ao mesmo tempo, acaba não passando coisa nenhuma. Então eu admito que tenha que se modernizar, mas tem que cuidar.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

LUIZ CARLOS RECHE - Em relação aos dados publicados por terceiros, que vão fazendo o acompanhamento que a gente não consegue, porque a gente está vendo o jogo e não tem como se ater a detalhes de quantificação de faltas, escanteios sempre controlei, mas alguma coisa, eu confesso que eu acompanho – especialmente posse de bola. No mais, eu procuro fazer uma observação crítica do que estou vendo, aproveitar sempre o replay, quando a gente tem condições, para falar de uma forma mais precisa, *né!?* Eu me informo das mais diversas maneiras. Tem muita coisa que escapa da gente, mas posse de bola, conclusões... Às vezes, a gente diz: “ah! Não concluiu a gol”. Quando vê, toma um susto: chutou seis vezes. Mas eu não sou escravo disso. Eu acho que isso aí ajuda, mas não é 100% do que deva ser o comentário. Acho que o comentário deva ser um pouco de cada coisa.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

LUIZ CARLOS RECHE -Eu me atento, mas não muito. Não sou escravo dessa situação. Inclusive, por vezes eu até apresento um índice de posse de bola e reforço a quantidade de escanteios

e tudo mais nas publicações. Mas como eu disse, por entremear com muita observação e com muita opinião, muita atenção, porque se o cara não olha para o jogo, a leitura fica de terceiros, né? Então eu prefiro não ficar escravo disso. E confesso que o mapa de calor, não utilizo nos comentários. Até olho depois, mas não utilizo tanto.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

LUIZ CARLOS RECHE - As duas coisas, né?! Na verdade, não chega a ser opinião. Se o cara faz a leitura correta, é mais informação do que opinião. Às vezes, ele tem a informação prévia de que é um 4-2- 3-1, e quando o time entra em campo não consegue executar isso; ou o meia volta muito, ou um atacante recua demais, ou o meio avança demais, ou o técnico toma um susto no começo e resolve povoar a meia cancha... Tem que ter atenção permanente ao jogo porque senão fica muito decoreba. A questão é se é opinião ou informação, são as duas coisas.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

LUIZ CARLOS RECHE - Eu confesso que eu gostava dos comentaristas antigos. E, como o rádio era muito forte, a gente comia na mão deles. O avanço teve esse título porque hoje, todo mundo tem sua rede social para comentar. O raciocínio e a exigência do ouvinte é um tanto quanto diferenciada, diferente né!? Antes, eram quase semideuses. Hoje, a gente é um somatório. O ouvinte até pode ter os seus preferenciais e tal, mas ele ouve mais de um. Eu trabalho em uma rádio que fala 24 horas de futebol, então, o sujeito, no final do dia, já ouviu vinte opiniões. Mas eu gostava do comentário antigo e como a gente não tinha tanta imagem, era uma necessidade até, quando eles falavam a quantidade de faltas, quantidade de escanteios em grandes jogos.... Me lembro até que a rádio Guaíba contabilizava o tempo corrido, tinha um cronometrista, eu achava muito legal. Mas eu sempre gostei do comentário antigo. Eu era fã de Lauro Quadros, Ruy Carlos Ostermann, Ênio Mello, Lasier Martins, Edgar Schmitt e outros tantos.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

LUIZ CARLOS RECHE - Eu vejo que cada um ainda continua com o seu estilo, né? O novo modelo, na verdade o que há é uma liberdade, hoje, maior. Tem alguns que são mais atentos a

parte tática, a estatística, outros mais a opinião baseada no que ele está vendo. Não vejo nisso um empirismo, né!? Mas, informando menos, dando menos detalhes técnicos, táticos, mas mantendo ainda a qualidade. Então eu respeito qualquer dos estilos, mas vejo sim uma nova tendência hoje, até baseado nos números, muita gente que não teria a menor condição de segurar dez, vinte, quinze minutos, e segura só com os números. Pode encher a linguíça que quiser.

8.2. Entrevista: Ribeiro Neto

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

RIBEIRO NETO - Eu acredito que não é um novo modelo, eu acredito que existem, hoje, várias formas de se comunicar. Acho que o comentarista esportivo, ele tem que se valer primeiro de uma característica pessoal. Claro que não se pode se desassociar de um novo padrão que pode existir, mas dentro desse padrão considerado mais moderno, eu acredito, simplesmente, em conteúdo, usando os dados que são hoje mais fáceis de serem conquistados, ou não, isso pode definir claramente a forma como tu se comunica. Eu, por exemplo, acho que números qualitativos são de grande valia. Os quantitativos, que são na verdade os que se recebe, eles não decifram claramente aquilo que você recebe. Acho que a forma de se comunicar, ou seja, como se passa a mensagem, é que vai definir o estilo do comentarista, e dentro disso, eu acho que tendo uma linguagem apropriada, se utilizando de números qualitativos, é o ideal. Mas isso não quer dizer que esse é o verdadeiro, é apenas uma característica.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

RIBEIRO NETO - É claro que é sempre um apoio se valer das redes sociais, da interatividade, tudo que gera conteúdo pode agregar. Mas eu acho que a análise de um evento esportivo, ou, no caso, uma partida de futebol, por parte do comentarista, ela tem uma análise muito pessoal dentro – como eu repito – da forma como o comentarista se comunica e da visão dele de jogo. Eu acho que, às vezes, perigoso isso interferir na forma como tu raciocina, como tu estás vendo. Eu vejo e sinto que há muitos comentaristas que seguem, digamos assim, uma ordem linear do que está sendo feito. E na minha opinião, acaba isso interferindo na forma de pensar. Então, eu acho válido com ressalvas.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

RIBEIRO NETO - Sim. Me vale das informações, mas apenas como referência. Como eu disse, mapa de calor. Vou dar um exemplo: eu acho que mapa de calor é uma ferramenta altamente subjetiva. Ela determina onde está o jogador e desempenhou suas funções em campo, mas não qualifica que tipo de função e o que ele estava fazendo. Então, é uma referência, mas muito pequena. Vou dar um outro exemplo: você pega um aplicativo que faz número de chutes a gol. Se você pegar o *Footstats*, por exemplo, se um jogador perde o gol na cara do goleiro, mas ele chuta em direção ao gol e o goleiro pega, é dado como um chute certo. Portanto, na minha opinião, não tem validade. Vale como referência, mas o que é importante, na minha opinião, é a análise pontual feita pelos olhos de quem está comentando.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

RIBEIRO NETO - Sim, eu tenho convicção de que a análise, ou o comentário, é também muita informação. Porque, especialmente, para quem está recebendo a mensagem, o comentário nada mais é do que a análise complementar ao fato. É isso aí é, também, muita informação. Cabe ao ouvinte, ao telespectador, ao leitor, filtrar aquilo que ele está absorvendo, mas não deixa de ser informação com certeza.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

RIBEIRO NETO - Sim, com certeza vejo bastante diferença. Os ditos antigos, vejam bem, nós podemos falar de linguagem ou de forma de se expressar através de conteúdo. Antigamente, o comentarista esportivo tinha que segurar, basicamente, uma análise por determinado tempo. Um exemplo claro era o intervalo da partida. Antigamente, o narrador simplesmente passava a bola e ele tinha que ter dados de dez a doze minutos para segurar. Isso fez com que aparecessem várias formas de comentário: comentário literário, onde aqueles que tinham a cultura melhor conseguiam desenvolver com palavras bonitas, às vezes um pouco pedantes, mas que preenchiam o espaço floreado. Outros não, iam direto mais ao ponto, mas se tornavam um pouco repetitivos, porque, evidentemente, faltava objetividade. Eu acredito que hoje, até porque a forma de jornadas esportivas alterou muito a sua forma, ela torna e há necessidade de você ser

mais objetivo, mais pontual. Isso deu mais dinamismo e fez com que os profissionais de análise se adequassem a isso.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

RIBEIRO NETO - Eu não acredito em novo modelo. Por exemplo: há alguns anos, e existem até alguns comentaristas que se tornaram verdadeiros plantões esportivos, que fizeram do seu comentário dados biográficos, históricos para melhorar ou qualificar o seu conteúdo – Paulo Vinícius Coelho (PVC) da ESPN, por exemplo, é quase um plantão esportivo. Não é um modelo que me agrada, aquele que eu apelidei de *tatiquês*, que se vale apenas de números, também não me agrada, porque ele é robotizado. Como falei, os números são muito subjetivos na maioria das vezes, isso, na minha opinião, atrapalha a realidade do conteúdo que é exposto. Na verdade, nem oito nem oitenta, o quarenta sempre... o meio talvez seja o mais apropriado. Qualificar os números que você recebe, mas sem deixar atrapalhar o conteúdo daquilo que você vê, daquilo que você observa, para dar a sua opinião.

8.3. Entrevista: Maurício Saraiva

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

MAURÍCIO SARAIVA - Sim, existe este modelo de comentarista que prioriza o tático e fala com palavras até pouco tempo pouco presentes no vocabulário do futebol. O segredo, se é esta a palavra certa, é dosar o novo com o já conhecido e fazer esta transição sem precipitação. Não se pode correr o risco de perder comunicação com o público abandonando radicalmente o que ele sempre ouviu, também não se deve atrasar o processo. Vai da sensatez de cada um.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

MAURÍCIO SARAIVA - Não me abasteço, no caso pessoal, de informações das redes sociais no pré-jogo. Busca o contexto do jogo noutra fonte. Das redes, vejo a amostragem da repercussão do que digo na transmissão, mas só depois da partida. O que é argumentado, mesmo que se vier com crítica severa, considero. O que é só xingamento, vai para o lixo.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

MAURÍCIO SARAIVA - Não tenho nada contra as ferramentas, mas levo para mim que nada é mais importante, no momento em que estou comentando o jogo, do que minha visão particular do que o campo me apresenta. A matemática da partida só faz sentido se me ajudar a tornar mais clara a ideia que faço do jogo. Número de escanteios, por exemplo, é um indicativo muito relativo. Número de conclusões é relevante. Mapa de calor, redundante. Número de passes trocados, importante. Não ponho tudo na conta de indispensável ou de supérfluo. Caso a caso.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

MAURÍCIO SARAIVA - Creio, sim, que o comentarista soma opinião e informação, nesta ordem, quando abre o microfone. Digo nesta ordem porque ao repórter cabe o papel prioritário de informar. O comentarista deve, ou melhor, serve para mim: o comentarista deve aliar a informação como apoio à opinião. Há informações que são do opinador: o jogador xi já jogou no time tal nesta mesma função entre o ano tal e tal, foi bem ou foi mal, tinha como companheiros este e aquele. Ou: o jogador xi já atuou nos times tal, tal e tal, nunca jogou nesta função que agora desenvolve. É preciso ter cuidado para que o comentarista não vire um rival do repórter no quesito informação. Se não houver equilíbrio, o repórter pode começar a rivalizar com o comentarista em opinião e análise, o ouvinte passa a ficar confuso com a função de cada um. Não soma para a jornada.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

MAURÍCIO SARAIVA - Há diferença, sim. Na linha de pensamento de quem nunca antes se preocupou com funções táticas ou características de jogadores, valem mais os fatores humanos do que os técnico-táticos, tipo "o time está mais motivado do que o outro", o jogador tal "está emocionalmente desequilibrado". Há os que desconsideram estes itens mais subjetivos e lidam só com estratégia coletiva e atuações individuais centradas em quesitos "passe, desarme, assistência, cabeceio, conclusão, drible". Gosto da ideia de misturar estes quesitos. Perde-se e ganha-se no futebol pela soma das qualidades ou defeitos do conjunto de elementos de um time. Pode-se priorizar uma linha à outra, mas não recomendaria desconsiderar uma ou outra.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

MAURÍCIO SARAIVA - Gosto do modelo novo, não desprezo o anterior. Como disse na resposta anterior, vale somá-los. O que mais gosto no modelo novo é a liberdade de agregar expressões antes estranhas ao mundo do futebol, desde que facilitem a comunicação com o público. Se for preciso abrir vírgula para explicar a expressão nova, nenhum problema. É preciso valer a pena, não a novidade pela novidade na linguagem.

8.4. Entrevista: Adroaldo Guerra Filho (Guerrinha)

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

GUERRINHA - Eu acho que existe sim, novo tipo de comentarista: esse que se prende a questões táticas. Mas eu me pergunto: tu ganhas futebol porque taticamente tu és perfeito? Tués imperfeito e perde? Não. Tu ganhas futebol porque tu tens que ter qualidade e tu perdes futebol porque tu não tens a qualidade. E outra pergunta que me faço sobre a questão tática: ela só aparece antes de a bola rolar? Depois que ela começa a andar pelo gramado, desaparece tudo isso. Tanto é verdade que, no desespero, até o goleiro adversário, até o goleiro do próprio time vai para a área adversária. Então, eu não sou de me prender, apesar de respeitar quem vai para esse lado da questão tática. Eu gosto muito mais da questão técnica.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

GUERRINHA - Toda e qualquer informação é sempre bem-vinda. Agora, a gente precisa filtrar de onde ela procede. Muitas e muitas vezes, nós trabalhamos com redes sociais e não sabemos de onde as mensagens chegam, as informações aparecem, e os mais apressados acabam cometendo equívoco que mais à frente são cobrados: “Te lembra daquela barriga? ”, “essa coisa que tu disseste, essa bobagem? ”. Por quê? Porque são apressados. Eu acho que as fontes são sempre maravilhosas e as redes sociais, não dá para abrir mão, hoje é a grande ferramenta que também nós temos. Mas temos que saber que filtrar. Ela não influi no nosso trabalho, mas ela pode ajudar sim.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

GUERRINHA - Eu não sou do tipo que me prendo, como respondi lá na primeira questão, a análises táticas, mapas de calor, ocupação de espaços, não... Não, não. Às vezes, as coisas até ficam muito claras para quem está vendo um jogo de futebol de uma situação, de um local tão privilegiado, como nós assistimos, comentaristas, e aí fica muito tranquilo para todo mundo ver. Fica tão aberto, tão óbvio, que a gente, às vezes, nem precisa falar. O próprio ouvinte, o próprio telespectador, ele já observa e consegue decifrar essa coisa aí. Mas eu volto a dizer: eu respeito tudo isso que se faz. O cronista esportivo para tentar ser diferente. Só que essa diferença, muitas e muitas vezes, ela não é considerada por aquele que nos ouve, por aquele que nos vê. Ele gosta de saber, na verdade, do comentarista, o que vai acontecer com o seu time: “Vai ganhar? Vai perder? Vai sair dessa encrenca? Está com o jogo dominado?” Isso é que ele gosta e eu acho que isso está faltando para muita gente da imprensa.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

GUERRINHA - Volto a dizer: o esquema de jogo, ele é notado antes de a bola rolar. Eu não creio e não acredito que, tirando os profissionais, que até pouco se referem a isso, levem muito em consideração. “Ah, o adversário joga no 4-2- 3-1, no 4-4- 2, no 4-1- 4-1”. Isso talvez seja conversa lá dentro do vestiário, de bastidor, “nós temos que arrumar desse jeito”, “prender desse jeito”. Eu não acho que isso seja tão importante. Volto a dizer: estou do lado do Luxemburgo [treinador de futebol Vanderlei Luxemburgo]. Quando a bola começa a rolar, análise tática, o esquema tático, vai tudo para o ralo. O torcedor não está dando bola [para] quem é que está atacando, ele quer que ocupe espaços, não importa o esquema tático. Se ali *tá* vazio, que alguém apareça ali. Se aqui *tá* ocupado, que alguém saia daqui para a coisa fluir melhor. Isso é o que eu enxergo no futebol.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

GUERRINHA - Eu acho que os comentaristas são muito parecidos, tanto os antigos como os atuais. O que difere um do outro? A coragem. A gente vai errar, como o jogador erra um pênalti, como o treinador erra uma substituição, mas nós precisamos opinar. Quem está ligado, quem está vendo, e quer saber a nossa opinião, seja, para ao final do jogo, ele dizer “pô, esse cara acertou”, ou “esse cara é um babaca, esse cara não sabe nada”, mas tem que ter opinião. Eu acho que muitos dos nossos comentaristas acabam ficando em cima do muro e isso não é legal.

“Ah! Não vou me queimar, não vou dizer nada disso porque pode acontecer o contrário”. Meu amigo, quem te ouve quer te ouvir e quer ouvir o que tu pensas, mesmo que seja para criticar.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

GUERRINHA - Eu acho que não existe novo modelo não, acho que a coisa é muito óbvia e tu, toda vez que for pela obviedade, tu vais errar menos, tu vais acertar mais e vai ter credibilidade maior com quem te escuta e com quem te vê.

8.5. Entrevista: Gustavo Fogaça

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

GUSTAVO FOGAÇA - Concordo. Entendo que o novo modelo de comentarista está mais ligado nos fatores que condicionam o jogo, e não tanto em uma percepção empírica da partida (modelo antigo). Então, não que ele esteja mais atento apenas às questões táticas, ele está atento a todas as dimensões do futebol e tentando entender o esporte como algo sistêmico e coletivo.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

GUSTAVO FOGAÇA - Impossível não trabalhar com as redes sociais e aplicativos. No caso das redes, usuários e veículos, tudo soma a partir do momento em que você já sabe qual é a sua linha editorial. A partir daí, vai fazendo uma seleção e entendendo a percepção das pessoas sobre o trabalho, assimilando ou excluindo - inclusive melhorando - conceitos, expressões, ideias e conclusões. O processo da comunicação hoje é horizontal, de compartilhamento do conhecimento.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

GUSTAVO FOGAÇA - Sim!! Todos os possíveis, antes, durante e depois das partidas. Impossível trabalhar sem as métricas, aplicativos e *scouts*⁴⁶. Eles trazem as confirmações que as nossas percepções apenas sentiram, dando a elas valor e significado. Eu simplesmente não consigo mais assistir futebol sem essas ferramentas.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

GUSTAVO FOGAÇA - Tem informação quantitativa e qualitativa. Uma coisa é dizer a escalação inicial, outra é embasar aqueles 11 nomes com suas devidas características individuais e o que elas causam no jogo coletivo a partir das ideias do treinador. Com o devido fundamento e não apenas indo a lugares comuns. O comentarista está SEMPRE informando. O desafio é que seja uma informação qualitativa, que some na leitura do jogo e eleve o nível de conhecimento e participação (e paixão) do ouvinte/espectador/leitor.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

GUSTAVO FOGAÇA - Os antigos são excelentes comunicadores, carismáticos, donos de incríveis chavões, frases feitas e expressões que viraram verbetes no idioma popular. Talvez isso, sejam mais comunicadores do que propriamente comentaristas do esporte. No geral, eles têm uma leitura superficial do que acontece em campo. Não conseguem entender o porquê as coisas aconteceram, ou se o fazem, é sempre de uma perspectiva individual e não sistêmica. Mas conseguem imprimir essa opinião com excelente capacidade narrativa e idiomática, fecundando a mente do receptor com uma ideia (geralmente errada) do jogo e que termina virando verdade. Os novos possuem extrema habilidade de leitura de jogo, de percepção das dinâmicas e decisões coletivas, entendendo o esporte como ele realmente é. Mas pecam, geralmente, na parte da comunicação. Não apenas por usar termos novos, estrangeirismos ou palavras técnicas, mas principalmente por não conseguirem aliar uma narrativa mais simpática e simples aos conceitos extremamente complexos que acontecem em uma partida de futebol. Falta didática! Vivemos um momento de transição, de choque cultural e renovação de linguagens. O receptor hoje tem acesso a mais informação e conhecimento que o comentarista. Ele não quer uma relação vertical. Mas também ainda espera o bom humor, a polêmica e a frase feita. O futuro nos trará esse

⁴⁶ Scoute, em tradução literal, refere-se a contagem. Neste sentido, diz respeito ao número de cruzamentos.

Comentarista 3.0, que consiga construir uma narrativa que entenda e comunique a complexidade do jogo através de uma linguagem acessível.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

GUSTAVO FOGAÇA- Particularmente, eu sempre me interesso por o que é inovador, por tudo o que contesta o status quo e propõe quebras de paradigmas. Mesmo não concordando com posicionamentos mais "xiitas" de novos comentaristas, eu entendo que isto é parte do processo histórico que vivemos. Sempre que alguém vem com uma contracultura, os primeiros representantes são sempre os mais radicais e sofrem maior resistência. Na medida que aquelas ideias sejam absorvidas pela sociedade, o radicalismo (de quem faz e quem consome) vai amolecendo e sendo acessado por uma quantidade cada vez maior de pessoas. Essa é a tendência. E ela é irreversível.

8.6. Entrevista: Alex Bagé

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

ALEX BAGÉ - Eu acredito que exista sim uma nova maneira de se analisar futebol. Temos que considerar, é claro, que a internet nos facilita aproximação com as mais variadas plataformas de informações, algo que não acontecia antigamente. Eu, particularmente tomo cuidado para não ficar "dependente" apenas dos dados que tenho acesso. Busco assistir treinos e jogos, mesmo quando não estou escalado na emissora que trabalho. Comentário de futebol antigamente era muito mais baseado em frases de efeito e na popularidade dos profissionais que desempenhavam tal função. Hoje em dia, as metodologias de trabalho e as formações táticas, ganharam papel de municiamento de informações para os comentaristas. Considero também uma lástima o fato de alguns comentaristas serem resistentes aos tais dados. Alguns colegas não gostam e fazem apologia contrária aos dados técnicos.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

ALEX BAGÉ - Hoje as redes sociais têm muita importância na minha preparação para os jogos. Consigo não apenas aumentar minha capacidade de informação, como também tirar dúvidas e assim evitar equívocos. As mesmas redes, fazem com que eu me comunique com os seguidores

e estabeleça um fórum de discussão. Consigo medir o grau de impacto que minhas análises produzem nas pessoas que consomem meu trabalho. Além de servir como medição dos meus seguidores, consigo atingir uma quantidade muito maior de pessoas e também ter acesso à núcleos de pesquisas inesgotáveis e sempre atualizados.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

ALEX BAGÉ - Gosto dos dados de posse de bola e desenhos táticos dos times, pois dizem muito sobre as características de cada equipe. Municiado de todos os dados, consigo projetar e entender o porquê de determinadas alterações ao longo dos jogos. Mas, deixo claro que uso e entendo os materiais de apoio como suportes e não como definidores do meu trabalho. É preciso saber entender os dados e usar o melhor em cada situação.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

ALEX BAGÉ - Eu acredito que um dos papéis dos comentaristas seja de informar. Usar uma forma de expressão pedagógica e fácil para atingir o consumidor de seu trabalho. Porém, caso o comentarista identifique de forma errada uma formação tática, acabará por passar uma leitura sem validade. Esquema tático por exemplo quando define desenhos geométricos, pode confundir tanto o comentarista, quanto quem está recebendo a informação.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

ALEX BAGÉ - Algumas diferenças existem com certeza. Eu tento sempre mesclar as duas leituras. Gosto do rádio antigo e suas "tiradas", mas não abro mão das bases de dados e suportes técnicos atuais. As novas fontes de informação acabam facilitando de certa forma a função dos profissionais atuais. Eis um ponto fundamental que merece atenção e discussão: Será que os novos comentaristas não estão se deixando levar pelos dados/suportes e não dando tanta atenção para o "jogo"? A diferença está justamente no conhecimento que cada profissional se permite usar em seu próprio desenvolvimento.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

ALEX BAGÉ - Existe um novo modelo com certeza. Um modelo que precisa interagir muito mais com seu público. Precisa estar atualizado sobre a maior quantidade possível de assuntos e informações. Continuamos sendo formadores de opinião, mas com um alcance que superou as antenas de rádio e tv. Dados e suportes servem para auxílio. A forma de utilização deste tipo de auxílio, é a chave da questão. O novo modelo de comentaristas, exige mais dedicação e técnica. Não apenas entender, mas saber repassar todo o conteúdo adquirido.

8.7. Entrevista: Nando Gross

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

NANDO GROSS - Acho que há um novo modelo que comentarista esportivo, mais atento às questões táticas e tudo isso, mas também acho que isso significa que os novos comentaristas conheçam questões táticas e conheçam uma nova linguagem, há muito deslumbramento entorno disso. Então, há muita gente copiando, pegam linguagens que são de livros, ou linguagens que são de treinadores, de analistas de desempenho, e não necessariamente são linguagens jornalísticas, muito menos linguagens de rádio, e utilizam naturalmente, sem dar a mínima se têm pessoas entendendo ou não. Muitos deles, que estão utilizando, nem eles próprios entendem. Acho que, às vezes, valorizam demais algumas questões que no futebol não são “assim” que se resolvem, como se definir questão de sistema tático. Vamos pegar: o time joga em um 4-1- 4-1, joga num 4-2- 3-1, tem pessoas que botam isso como se tivesse mudado o time, mudasse o modelo de jogo. “Ah! Fulano chegou e mudou a característica do time tal, porque ele saiu do 4-2- 3-1 e foi para o 4-1- 4-1”. Ora, convenhamos, né? Mudar característica não é isso. Mudar característica é forma de jogar, é estrutura, é modelo de jogo. É se um time joga com mais posse de bola, joga com bola longa, com toque curto, joga com futebol de aproximação, joga com marcação alta, ou se é um time que joga no erro do adversário, propondo mais os contra-ataques, se é um time que aposta mais em bola aérea pelos flancos, se é um time que cruza muitas bolas ou se é um time que, ao contrário disso, busca mais a infiltração, se joga com volantes mais adiantados ou se joga com volante fixo, enfim. Característica não tem a ver com sistema tático. Tem muito comentarista que trabalha como se o cara tivesse revolucionado porque saiu do 4-3- 2-1, foi para o 4-1- 4-1, ou foi para o 3-5- 2, isso não necessariamente vai mudar um time. Pode alterar, mas não necessariamente. Então acho sim que há um novo modelo, mas também

não acho que isso decreta que os atuais comentaristas saibam mais de futebol do que os comentaristas de um tempo atrás.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

NANDO GROSS - Te confesso que em meio a um jogo, eu não utilizo rede social. Não fico vendo Twitter, não vejo Facebook, não vejo nada. O que eu uso são aplicativos de análise. Agora, ficar analisando o que outros seguidores de Twitter estão dizendo, o que outros veículos estão falando, a não ser em lances polêmicos. Por exemplo: lances de arbitragem. Pênalti ou não? Eu tenho uma opinião, eu gosto de saber o que os outros estão pensando também para ver se há uma unanimidade, ou se há uma enorme divergência em relação aquilo. Aí sim, aí eu utilizo. Eu vou na rede social e tento entender, mas não é uma coisa de praxe. Para análise de jogo, eu não dou muita bola, inclusive eu não utilizo Twitter em meio a jogo. Acho que se eu estou no rádio fazendo um comentário e eu ficar escrevendo no Twitter, eu sinalizo que eu não estou 100% envolvido com a transmissão de rádio, e eu não gosto de fazer isso.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

NANDO GROSS - Uso sim aplicativos de análise tática, mapa de calor, posse de bola. Desenho tático não porque eu prefiro ver no jogo, mas os aplicativos de análise tática sim. Eu acho que são fundamentais porque o visual, às vezes, engana muito. Às vezes tu olhas um time que parece estar tomando conta da posse de bola e não é verdade não está, então é importante ver. Isso é importante contanto que tu saibas fazer uma análise em cima disso, ficar despejando números em cima do teu ouvinte não significa absolutamente nada, porque esses aplicativos estão aí a disposição de qualquer pessoa. Então, o comentarista tem que saber traduzir isso e transformar em uma mensagem que possibilite o melhor entendimento do seu ouvinte.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

NANDO GROSS - Isso é uma tese que eu defendo há muito tempo. Acho que antes da opinião do comentarista, ele tem que traduzir o jogo para quem não está assistindo ao jogo, ou para quem está assistindo e não está entendendo o que está acontecendo. Ele tem que primeiro dizer

o que está acontecendo, depois é a opinião dele. Se um treinador, às vezes, vai fazer uma alteração de jogador por jogador, primeiro tem que dar a intenção do treinador. “Olha, o que ele pretende é isso. O que vai mudar no jogo é isso”. Agora, “o que eu preferia, ao invés desse jogador, eu preferia botar aquele outro jogador” é em um segundo momento. Mas é importante tu sempre traduzir o jogo. Acho que traduzir o jogo, dizer o que está acontecendo é fundamental. Depois disso vem a tua opinião porque se não fica um egocentrismo muito grande; “Eu acho”, “eu acredito”. Não pode ser assim. A primeira coisa é tu traduzir o jogo, dizer o que está acontecendo, passar a informação, a partir disso tu vais colocando ingredientes de opinião.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

NANDO GROSS - Sobre os comentaristas antigos e os atuais, é claro que há muita diferença. Tinha muita simplificação nos comentários antigos e até não tinha muito preparo na maioria dos comentaristas. Alguns sempre foram comentaristas. Se pegar o Ruy Carlos Ostermann, sempre foi comentarista, foi um cara de análise. Mas há muitos que eram repórteres e depois deixaram de ser repórter, achavam que estavam muito velhos, como eles diziam, para ficar correndo atrás de jogador, e foram para cabina ser comentarista. E muitos não são comentaristas, não sabe o que está acontecendo, então é aquela simplificação: “fulano não joga nada”, “tal time tem que jogar pelas pontas”, “tem que adiantar a marcação”. Coisas assim que tu ouves desde que o mundo é mundo, mas não significa que eles saibam o que está acontecendo. Não é o tempo de ver jogo de futebol que faz alguém entender. O brasileiro, todo mundo vê futebol, vê jogo direto, e uma coisa que sempre é importante que se entenda é que o futebol, como qualquer outro esporte, ele vive em transformação e tem que estar sempre se atualizando para a entender o que está acontecendo. Agora, fundamental para quem é comentarista esportivo e faz análise em meio de comunicação, é entender que ele tem que passar uma mensagem, entender que a figura lá do outro lado tem que entender o que ele está dizendo. Isso é o mais importante. Ficar só se exibindo, emitindo conceitos, mostrando conhecimento – muitas vezes, simplesmente repetindo coisas de outras pessoas, que leram em livros, ou que leram em jornais, ou que ouviram alguém dizer. Simplesmente, ficar repetindo conceitos não significa nada. Fica um “eu me amo” o tempo todo. O importante é tu passar informação com opinião e fazer com que a pessoa lá do outro lado entenda o que tu estás dizendo. Então, há sim, o comentarista antigo e o comentarista atual, uma enorme diferença, mas há comentaristas de lá de trás – como eu cito o Ruy Carlos Ostermann, que sempre trabalharam com análise, que sempre trabalharam

nesse sentido. Claro, com conceitos diferentes, com linguagens diferentes, mas que sempre priorizaram a análise.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

NANDO GROSS - Existe um novo modelo? Acho que sim porque existe um novo ouvinte, por existe um novo receptor. Hoje existe muito mais informação. Hoje se fala em sistema tático com uma naturalidade muito maior. Não se falava, há um tempo atrás, em sistemas táticos, não se falava em posse de bola, não se falava em muitas coisas, nem finalizações. Tinha aquela planilha z que se fazia e tal, mas não era uma coisa tão detalhada como é hoje. Então, na medida em que há uma exigência maior do consumidor, quem está lá na frente, quem está passando a informação, tem que caprichar mais. Isso acontece no mundo como um todo. Se pegar hoje, o vendedor de uma loja que vende produtos eletrônicos, coisa assim, quem vai comprar já foi no Google, já se atualizou, já pesquisou o que ele quer, quanto custa, qual o melhor modelo. Então, tu não vais chegar lá, pegar um consumidor despreparado e enrolar o cara completamente. Isso acontece com o ouvinte hoje; tu não vais enrolar o cara completamente. Hoje tu precisas, realmente, ter conhecimento. Então, esse é o novo modelo, cada vez mais conhecimento. O que eu acho que tem que ter é cada vez mais comentaristas que estudem, que se atualizem, mas não só em futebol, se atualizem também em comunicação. Porque simplesmente, passar um monte de dados, um monte de opinião para o teu ouvinte, e ele não entender nada, não fechou. Uma mensagem precisa ser assimilada por quem recebeu. Achar “ah! O ouvinte não entendeu porque é um imbecil” não. Comunicação é o que o outro entende, não o que tu dizes. Então tu tens que fazer a pessoa entender. Esse, para mim, é o novo modelo. Um comentarista mais estudioso, atualizado sobre o que está acontecendo, com respeito pelos atletas e profissionais – porque aquele negócio do comentarista que diz “esse cara não joga nada, tem que fazer concurso do Banco do Brasil”, “esse treinar é um idiota, não sabe nada”, esse tipo de comentarista não sobe mais. Hoje, tem que respeitar o profissional. É isso que se espera de alguém que tem a responsabilidade de dar opinião. Então acho que é isso que hoje transforma o novo modelo: comentarista mais identificado, mais atualizado, identificado com a linguagem do futebol, que saiba entender o que o treinador fale, que não fique simplesmente debochando quando o cara usa uma linguagem de “futebolês”. Que ele saiba traduzir. Isso é muito bom. Há de se mostrar uma evolução.

8.8. Entrevista: Cristiano Oliveira

PERGUNTA - Você acredita na hipótese de que há um novo modelo de comentarista esportivo a partir da fase de convergência do rádio?

CRISTIANO OLIVEIRA - Eu acredito que há uma transformação que pode ser encarada como evolução para muitos, na análise do futebol, portanto, no comentário Esportivo. Acredito que uma análise ou comentário mais empírico, cada vez perde mais espaço para análise e para observações técnicas do jogo, usando números do jogo e aspectos táticos para explicar aquilo que acontece, porque, a partir do momento em que o ouvinte, o público em geral, ele tem acesso a ferramentas que ajudam ele a entender o jogo, o comentarista não pode abrir mão disso. Portanto, o comentário, automaticamente, se transforma, o que pode ser considerado para muitos, inclusive para mim, como uma evolução, no aspecto da compreensão e da explicação do jogo. Acredito nisso. Acredito que o papel do comentarista é fazer a leitura tática do jogo, as questões táticas e técnicas do jogo, e transformar esses dados em algo, de fato, jornalístico, ou seja, se comunicar com o ouvinte, deixar esses dados menos técnicos, com menos expressões específicas, e usar uma linguagem mais abrangente, mas para explicar aquilo que está acontecendo no jogo, usando esses dados técnicos para isso.

PERGUNTA - Qual a importância que as redes sociais têm no seu trabalho, no sentido de fornecer informações sobre a partida em si?

CRISTIANO OLIVEIRA - As redes sociais, elas têm uma importância a partir do momento em que o rádio, hoje, ele também está nas redes sociais. Uma emissora de rádio como a Guaíba, ela tem um perfil no Twitter que faz o acompanhamento do jogo, ela tem um perfil no Facebook que transmite, não o jogo, mas a jornada em si, com a narração, os comentários, a reportagem, o plantão, e a gente não pode se furtar de usar esses elementos para agregar, e, em alguns casos, até para trazer mais ouvintes, trazer mais público para a gente. Tem aquele cara que não tem o hábito de ouvir o rádio, mas que consome conteúdo pela internet o dia inteiro, e é importante que a rádio e o próprio profissional tragam esse cara, se não para o AM e FM, para as redes sociais, para ele ser mais um: que segue, que acompanha, que curte e que compartilha os conteúdos das páginas. Acredito que a análise do jogo escrita, ela é diferente da análise falada - embora até possa ser colocada, muitas vezes, para um público bem parecido.

PERGUNTA - Você utiliza aplicativos de análise tática, mapa de calor, dado de posse de bola, desenho tático das equipes etc.?

CRISTIANO OLIVEIRA - Acredito que nesse novo comentário Esportivo, ou nesse comentário que se transforma, que evolui, é absolutamente necessário, eu diria indispensável, utilizar aspectos de análise tática, mapa de calor algumas vezes, embora a leitura que tenha que ser feita sobre ele, é uma leitura, às vezes, mais técnica, não basta apenas olhar o mapa de calor e achar que ele vai explicar o jogo, não. Posse de bola, o desenho tático, número de finalizações, conclusões, cruzamentos. Tudo isso faz parte da análise do jogo. Porque o jogo pode parecer lógico muitas vezes, mas em algumas ocasiões, a gente pode se enganar por alguns momentos específicos. Você pode ter a impressão de que um “time A” joga mais pela esquerda, aí você olha o mapa de calor e você vê que na verdade não, vê que ele jogou mais pelo centro ou mais pela direita. Você pode achar que o “jogador X” ele é o motor do time, aquele que mais toca na bola, e na verdade você vai olhar os dados do jogo e vai perceber que não é bem assim. Então o mapa de calor, os dados específicos de posicionamento, de posse de bola, de conclusões, eles estão em alguns momentos para ajudar, e em alguns momentos até para mudar de ideia aquilo que vem previamente concebido. Você pode achar que o “time A” faz mais gols de bola aérea, portanto esse time cruza mais, e na verdade não, ele cruza menos, ele só tem um aproveitamento maior. E esses dados você consegue ter na palma da mão, muitas vezes no celular, com aplicativos específicos de análise tática, de observações técnicas, e acho que isso é indispensável para que se possa, hoje, analisar o jogo de futebol.

PERGUNTA - Você acredita que, além da opinião, o comentarista fornece também informações para o ouvinte, além da opinião?

CRISTIANO OLIVEIRA - Acredito que o papel do comentarista é mostrar, para o ouvinte, o jogo. E, no rádio, isso é muito difícil porque não tem a imagem, então você precisa desenhar no imaginário do torcedor aquilo que está acontecendo no campo. Ao mesmo tempo que você fala para o torcedor que não está vendo o jogo, apenas ouvindo, você também fala para aquele que está assistindo no estádio, mas que prefere ouvir no rádio, e para aquele que, eventualmente, está em casa vendo na televisão, mas que prefere a transmissão do rádio. Então é muito difícil, e em paralelo a isso, você fala para um cara que sabe tudo dos aspectos táticos, o cara que é especialista, e, ao mesmo tempo, você fala para um senhor, para uma criança, ou até para quem não é muito ligado, e não faz a menor ideia do que é um 4-4-2, por exemplo. Essa é uma dificuldade, mas o comentarista, ele precisa entender esse papel, entender que ele não é um analista de desempenho – isso é muito importante. O comentarista de futebol ele é um jornalista, o

comentarista de rádio é um jornalista, que trabalha, portanto, com comunicação. Então não adianta, muitas vezes, você, no rádio, falar em “*box to box*”, você falar em transição ofensiva, falar em amplitude, sem explicar, previamente, o que isso significa. Em um canal de TV a cabo, por exemplo, com uma audiência mais segmentada, tudo bem. No rádio, como ele é muito amplo e fala para muita gente, de várias idades, de várias classes, vários interesses, você não pode ser tão específico nas análises. Mas é trabalho do comentarista, sim, informar. Porque desenhar o jogo para quem está ouvindo também trabalha com informação. Você precisa pegar os dados que você está vendo e entender que quem está te ouvindo, na verdade, não necessariamente, tem o recurso da imagem, então precisa ilustrar. E isso é um trabalho de informação também. Trabalhar onde é que está o volante, o que o meia faz quando o time não tem a bola, por que a bola não chega no centroavante, o zagueiro está mal por quê? Por que ele é mau jogador ou por que ele está exposto? O centroavante está pouco participativo por que ele é relapso ou por que a bola não está chegando? Se a bola não está chegando, como fazer para a bola chegar? O meia tem que participar mais? O adversário está marcando bem? Lateral-direito não cruza? Lateral-esquerdo está fora do lugar? O volante está fora de posição? Tudo isso você acaba opinando, mas, ao mesmo tempo, informando aquilo que está se apresentando no campo. Então, é trabalho do comentarista sim, trazer essa informação, desenhar, muitas vezes, o que está acontecendo de uma forma didática, entendendo que você está falando para o sujeito que sabe tudo de análise tática, muitas vezes, até mais do que você mesmo, do que o próprio comentarista, mas também está falando para o senhorzinho e para a senhorinha que não sabem nada de tática, e nem querem saber o que representa um 4-4-2, por exemplo.

PERGUNTA - Você enxerga alguma diferença entre os comentaristas “antigos” e os “atuais” nos pontos apresentados pelas perguntas anteriores?

CRISTIANO OLIVEIRA - Observo diferenças de linguagens. Eu acho que a atualização, ela faz parte. Tem comentaristas de outras épocas que se atualizaram, outros nem tanto, e tem gente da nova safra que prefere uma linguagem antiga. Então eu acredito em uma divisão de linguagem. Acho que essa divisão não é necessariamente feita por idade. Você pega um cara como Lauro Quadros, por exemplo – vou usar o exemplo de um já aposentado. O Lauro Quadros se entrar para comentar um jogo de futebol hoje, ele não vai usar um aplicativo, um software que apresente movimentos em tempo real, ou que faça o *scoute* de cruzamentos e “coisa”, mas ele vai ter uma análise profunda do jogo, vai usar um português mais adequado do que muitos da nova geração usam, mas não vai ter, necessariamente, a mesma profundidade da análise do

jogo. É uma questão de geração. Outros, mais jovens, optam por esse modelo mais atualizado, jogando dados, outros nem tanto. Acredito que a diferença entre antigos e atuais se dá muito mais por linguagem. Não acho que um esteja certo e o outro esteja errado. Acho que é uma transformação permanente, uma mudança, encarada, repito, por alguns como evolução, para outros não é tão evolução assim, mas acredito em uma mudança de linguagem, a forma de se expressar mudou. Alguns se atualizaram, outros não.

PERGUNTA - Se existe um novo modelo, qual sua opinião sobre ele?

CRISTIANO OLIVEIRA - Esse novo modelo é de transformação, por conta dos modos com que você se prepara para a transmissão de um jogo, para os comentários de um jogo e aquilo que você vai falar. Acredito que a nova geração, por assim dizer, que são chamados, muitas vezes, “os comentaristas de videogame”, eles, por vezes, se perdem um pouco no seguinte sentido: de achar que o futebol se explica, puramente, pela condição tática, que tudo é o 4-4-2, tudo se resume a transição ofensiva, tudo se resume ao pivote, ao *trequartista* e por aí vai, e na verdade não é assim. Também não é como muitos antigos diziam, que “escalação com três volantes não pode ganhar de ninguém”, “3-6-1 não vai ganhar de ninguém”, “futebol bom mesmo é o 4-4-2”. Também não é por aí. Eu acho que nem tanto ao céu, nem tanto ao inferno. O aspecto tático, ele não pode ser desconsiderado jamais, ele é importantíssimo no futebol, mas o futebol não se explica só por ele, há outras condições. O futebol se divide, basicamente, em forma de análise, no aspecto tático, o aspecto físico, o aspecto técnico e o aspecto anímico. Não pode desconsiderar um desses quatro quando faz uma análise mais aprofundada. Eu acho que o erro de muita gente da nova geração é acreditar que o futebol se resume ao 4-4-2, se resume ao *stopper*, se resume à amplitude, desconsiderando o aspecto físico, desconsiderando um estádio lotado, desconsiderando o aspecto da emoção. O futebol não se explica, por si só, com uma tela de computador, um software que vá te mostrando os desenhos do campo e mapa de calor. Futebol não é só isso. Ele é isso também. E quando você lê esses dados, você não pode jogar a informação para o ouvinte como se todo mundo fosse entender aquilo que você tá dizendo. O papel do comentarista é se comunicar com o público, observar o que tá acontecendo no jogo e desenhar isso para o seu público. O comentarista, ele não pode ser um analista de desempenho, ele não pode falar para um público muito segmentado porque o rádio é muito amplo. Acredito que o erro da nova geração, por assim dizer, é esse: achar que o futebol se resume a expressões difíceis, que um vocabulário moderno vai elevar você a um aspecto de

destaque ou não. Nada disso. O futebol, ele tem o 4-4-2 sim, ele tem a transição, tem a amplitude, mas também tem o improviso, a falha do zagueiro, falha do atacante, falhar é humano e, portanto, é do futebol também, e muita gente da nova geração, que observa o futebol apenas pelo mapa de calor, não entende isso. Acha que se o zagueiro errou é porque a transição do adversário fez isso, é porque o treinador tal joga de tal forma e o “pivote” fez “não sei o quê”, e nem sempre é assim. Às vezes o zagueiro vai dar um passe de três metros e erra. Futebol também tem essa simplicidade, que muita gente da nova geração não está sabendo observar.